
SANGUE NO
OUTONO
MONS KALLENTOFT
Benvirá

SANGUE NO OUTONO

MONS KALLENTOFT

Tradução do sueco por
JAIME BERNARDES

Bertrand

PRÓLOGO

Östergötland, outubro

O garoto no filme está com medo? Aquele que corre, fugindo da câmera, para entrar em um mundo sem céu.

O medo é aquilo que sentimos quando estamos a ponto de perder alguma coisa importante para as nossas vidas?

Ou foi medo o que eu senti ao fugir? Quando eles me caçaram no pátio da escola, atirando bolinhas de ferro em brasa contra mim, além de palavrões obscenos?

Eu estava com medo da raiva, dos murros que me atingiam sem saber a razão.

Os murros eram mesmo para mim? Por que eu despertava tanta raiva?

Do que mais sinto medo, no entanto, é da solidão. Aquela solidão que existe para além dos murros, das palavras de escárnio. Contudo, sempre vivi sozinho, quase toda a minha vida. É como se eu estivesse parado, em pé, no meio de um campo deserto, debaixo

de uma chuva intensa, esperando que alguém, de quem sinto falta, se aproxime de mim.
O céu abriu todas as comportas neste outono.

A chuva tem castigado a cidade e os campos, as florestas e as pessoas. Tem chovido de todas as maneiras, conforme as formações das nuvens.

Às vezes, os esgotos ficam cheios. Os bueiros não conseguem engolir tanta água, soltam baratas mortas e ratos afogados que flutuam pelas ruas de Linköping. As ratazanas, grandes como gatos, com as barrigas brancas, inchadas, são o horror de todos os habitantes. As serpentes, à procura de ar para respirar, querem trocar de pele, pelo menos uma vez, antes de desaparecer nas águas pluviais. Querem viver como cobras antes que a vida das cobras termine.

Quem sabe o que mais poderá vir a flutuar e a sair do subterrâneo da cidade?

Nós, seres humanos, somos como os cachorros. Podemos viver sozinhos na maior parte do tempo, mesmo quando estamos juntos. Mas temos mais medo do que os cachorros, já que sabemos que a dor tem uma história. Conseguimos senti-la sempre que ela se aproxima de nós.

As serpentes existem no meu sangue e recusam-se a parar de choramingar. Recusam-se a me deixar em paz.

As pequenas cobras sibilam. E cospem. Suas línguas vibram por dentro da minha pele.

O mundo lá fora está mais negro do que as imagens, aqui, esta noite.

Os pingos da chuva são como sonhos pesados que batem contra os vidros das janelas. O que devo fazer?

Só quero ter de volta uma parte daquilo que é meu.

Lembro-me de meu pai.

Mas do que me lembro melhor é do meu medo. De quando ele vinha, a qualquer momento, e me dava uma surra, atingindo o meu corpo com o punho fechado.

Meu pai costumava ficar com a câmera em uma das mãos, bem junto do olho direito, e agitar a mão livre no ar na tentativa de me dirigir para aqui e para ali, na sua incansável tentativa de alterar a realidade, de fazê-la situar-se onde queria, de ela ser como queria.

Mas alguma coisa sempre se perde. E não conseguimos recuperá-la.

Eu sei agora o que é o medo. A sensação de que isso é tudo o que me resta. A sensação do que foi. E do que jamais se alterou.

As imagens na tela suspensa na sala de estar. Imagens de Super-8, as cores já pálidas, quase em preto e branco. Eu, garoto, silencioso e encolhido, de maneira que a câmera de um olho só poderia apreender as minhas preocupações.

Vi a minha vida transformada em imagens. Vejo que a mesma coisa acontece agora.

Pés nus e gelados que pisam a grama encharcada e as pedras frias, uma bola chutada voando bem alto, um corpo encurvado que se desequilibra e quase cai na caixa de areia.

A amargura ressurge. A vergonha. Os ombros pendentes dos vencidos da vida permanecem como um estigma pelos anos afora. A verdadeira postura de uma pessoa que acaba por se transformar em herança genética.

Em algumas ocasiões, quis avançar e atacar o coração da maldade. Fiquei perto de sua casa, sob as árvores, na espera.

O que quer o garoto, que sou eu, e que aparece nas imagens? O que ele acha de seu eterno presente?

Será que acredita que o risco faça parte da vida? A perseguição?

É a mãe quem agora segura a câmera. Eu estou nos braços do meu pai que cheiram a tabaco e estão cobertos de uma lã cinzenta. Ao fundo, há uma árvore de Natal em preto e branco. Eu choro. Todo o meu rosto de criança de dois anos reflete angústia e desespero. Estou reduzido talvez a três sensações: de tristeza, de pânico e do maldito medo.

Em que pensa aquele garoto? Aquele, de bochechas vermelhas e inchadas?

Recebo um beijo na testa.

O meu pai tinha barba, como era costume na época. Minha mãe usava saia curta, o que até parecia estranho. Mas, no momento, fiquei alegre. Por alguns curtos segundos era só alegria.

Tudo é possível na floresta. Retalhada pela chuva cortante e fria e pelo vento envenenado. Uma oportunidade de me recompor, de ser a pessoa a que tenho direito de ser, aquela cuja vida é um friso de imagens mutantes, bonitas, mas terríveis, inclusas em um envelope branco, bem perfumado.

O projetor geme às minhas costas, soluça, os meus ombros e a minha cabeça aparecem como sombras nas imagens projetadas, como se eu quisesse entrar nelas, ser aquele garoto de novo. Recompor-me e ser aquele que poderia ter sido.

Afinal, onde foi parar o amor? O cheiro de tabaco. Eu me dirigi a você, meu pai, apesar de suas surras. Eu me dirigi a você, porque era tudo o que eu conhecia.

Deve ser possível cair no aconchego macio de outra pessoa. Deve ser possível.

Meu pai e eu em um parque. Ele se afasta no momento em que eu escorrego e caio. Minha mãe vira a câmera para o lado, afasta a objetiva de mim e focaliza o rosto dele, que faz uma careta. Ou será que ele é realmente assim?

Não existe nenhum amor nesse rosto.

Apenas desprezo.

E, então, o filme chega ao fim.

Restam apenas imagens em preto e branco, branco e preto, desliga, desliga.

Lembro-me de novo do rapaz nas imagens.

Sei do que ele seria capaz de alcançar.

Sei o que aquela noite trazia no seu ventre purulento. Sei que as serpentes têm de sair, estão obrigadas a sair. E que os seus rostos horríveis tendem a desaparecer.

Posso reconquistar a minha personalidade pela violência.

PARTE 1

O AMOR QUE FICOU

1

Quinta-feira, 23 de outubro

Lenta, lentamente, pela noite adentro.

Acelerar um pouco, mas de maneira que nada aconteça.

As mãos tremem ao volante. Está escuro como breu. Do lado de fora das janelas do carro, a chuva é intensa, um verdadeiro temporal, a água soprada pelo vento bate no para-brisa na horizontal, as grandes gotas se misturam com as microscópicas, e não há limpador que consiga retirar toda a água do vidro.

Malin Fors sente o coração batendo forte, consegue imaginá-lo na sua frente, tão escuro e exaltado, vivo e combativo quanto a noite lá fora. Ela continua dirigindo por uma estrada no meio da floresta, com alguns galhos desfolhados das árvores quase tocando o carro, como se fossem os tentáculos agressivos de algum animal pré-histórico.

Malin solta uma das mãos do volante, reduz a velocidade, enxuga as lágrimas dos olhos, tenta se convencer de que são apenas gotas da chuva no rosto.

Nada mais do que isso.

Inspira o ar aquecido do carro fechado e se sente mal.

Ouve batidas secas no teto do Volvo da polícia. São bolinhas brancas de gelo que caem do céu. Granizo. O barulho das batidas

aumenta, sinalizando que as pedras de gelo devem ser do tamanho de punhos fechados. Esse barulho consegue ser mais alto do que o do motor e parece gritar para Malin: “Agora já fez a sua escolha, não tem mais como recuar, já desistiu, Malin Fors!”.

Seu corpo treme.

O rosto de Janne dança diante do para-brisa. O de Tove também.

O rosto de Tove, a filha de 15 anos, apresenta uma palidez que chega a assustar. Os contornos e as formas aparecem e desaparecem na escuridão da noite outonal. E, sempre que Tove quer dizer alguma coisa, o som da sua voz se confunde e some entre as batidas fortes do granizo no teto do carro.

De repente, quase silêncio.

Agora Malin escuta apenas o barulho do motor do veículo e das gotas de chuva batendo no vidro da frente, agora menores, menos agressivas, logo afastadas pelos limpadores.

A roupa de Malin está úmida e grudada ao corpo.

As luzes da cidade de Linköping, para onde ela segue, já podem ser vistas ao longe. São como faróis vibrantes no meio da noite, cada vez mais próximos. Malin aumenta a velocidade. Pensa: “Quero que se lixe, quero chegar o mais rápido possível”. Acelerando, vê novamente o rosto de Janne a sua frente. Ele não está zangado nem triste, apenas cansado. E é isso que a preocupa. Era uma ideia bonita, a de os três — ela, Janne e Tove — estarem definitivamente ligados entre si e poderem voltar a viver juntos, aceitando a situação como um presente.

Ela e Tove voltaram, então, a viver com Janne, na casa perto do bairro Malmslätt, desde o final do verão. Mais de dez anos após o divórcio. Fariam uma nova tentativa, a que se sentiam praticamente obrigados, depois do verão quentíssimo e infernal que quase custou

a vida de Tove, ao ser sequestrada por uma assassina que Malin caçava.

Um dia, em setembro, Malin estava no jardim da casa, onde eles tinham vivido juntos havia muitos anos. Ela olhou para Tove e Janne no momento em que os dois arrancavam as ervas daninhas e varriam as folhas secas do gramado. Olhou-os e achou que, de fato, poderiam recomeçar a viver juntos, recriar um novo mundo no qual existissem apenas a boa vontade e a estabilidade.

De início, levaram a brincadeira a sério. Não trabalhar demais, fazer comida juntos, comer, comer, comer, amar, amar, amar, tentar manter conversas sérias, coisas com conteúdo, que, realmente, significassem alguma coisa.

Depois, chegou o verdadeiro outono.

Foram juntos com Tove ao psicólogo, no Instituto de Psicologia do hospital da Universidade. Tove recusara-se a falar com a psicóloga, disse que não havia nada sobre o que conversar e acrescentou: “Mamãe, eu não estou com medo. Consegui me salvar. Tudo correu bem. E a culpa não foi sua!”.

— Não foi culpa de ninguém.

Mas Malin sabia que a culpa era dela. Tove fora atraída para o caso que aconteceu no verão anterior. E, se isso não fosse culpa dela, de quem seria? Se não fosse o seu trabalho de detetive da polícia, nada teria acontecido.

— As pessoas fazem coisas esquisitas, mamãe.

Malin gostaria muitas vezes de ser tão racional e pragmática quanto a filha, de ter a mesma facilidade em enfrentar as situações. Tove, ao que parecia, era imperturbável.

Um carro velho no gramado. Tubos de pasta de dente sem tampa. As caixas de leite abertas da maneira errada. Palavras lançadas

reverberam de volta sem respostas, sem sequer serem escutadas. Telhas que precisam ser mudadas. Alimentos que precisam ser comprados, de carro, em supermercados repugnantes. Culpas e arrependimentos que devem ser absorvidos nos trabalhos e um desejo vaidoso de ter ficado mais inteligente com o passar dos anos. Ela já sentira a irritação que surgiu furtivamente no início de novembro: um aperto na alma, uma facada, o desprezo suave, mas cruel pelo amor e, nos sonhos, a volta daquele garoto. Ela chegou a desejar falar com Janne a respeito do rapaz, desejava saber de onde ele viera, quem ele era. Nesse momento, estava deitada na cama, ao lado de Janne. Sabia que ele estava acordado, mas nenhuma palavra saiu da sua boca paralisada.

O apartamento de Malin no centro da cidade estava alugado para estudantes. Ela ficava trabalhando no departamento da polícia até altas horas da noite. Janne sempre conseguia trabalhar no quartel dos bombeiros nas folgas de Malin. Logo notou essa coincidência, entendeu a situação e não podia culpá-lo.

Malin começou a investigar os meandros do caso de Maria Murvall. Queria resolver o mistério, encontrar a solução para o caso: o que aconteceu com aquela jovem, encontrada estuprada, cambaleando numa estrada, junto das florestas de Hultsjön e que, agora, estava num quarto do hospital de Vadstena, inacessível.

A paciência de Janne diante da sua raiva.

Isso fazia com que ela ficasse ainda mais irritada.

— Faça o que quiser, Malin. O que deve fazer.

— Afinal, devia ter também uma opinião a respeito do que eu faço.

— Talvez devesse se desligar do trabalho quando está em casa, não?

— Janne! Nunca, nunca me diga o que eu devo fazer!

Então, chegou a noite de Natal. Falavam algo que tinha a ver com o presunto natalino, se devia ser temperado com mostarda doce ou forte antes de ir ao forno. Janne escolheu a forte depois de ouvir a resposta que ela lhe deu — “qualquer uma” — que fora dada sem prestar atenção à pergunta. Na sequência, como ela ficou irritadíssima só porque “ele nem sequer sabia uma coisa tão simples como a de que o presunto natalino sempre se tempera com mostarda doce”.

Janne gritou com Malin.

Disse-lhe que devia se conter, tentar ser um pouco mais agradável e normal. Caso contrário, era melhor que pegasse seus trapos e fosse morar no maldito apartamento na cidade. Chegou mesmo a gritar que fosse para o inferno, que tudo não passara de uma ideia idiota desde o início. Que recebera uma convocação da Cruz Vermelha para o Sudão, logo depois do Ano-Novo. E que ia aceitar, sim, só para se livrar de seu maldito vício e do mau humor constante de Malin.

— Porra, Malin, você está doente! Será que não entende isso?

Foi nesse momento que ela atirou o copo de tequila e Coca-Cola em Janne.

— Pelo menos, não sou assim tão demente a ponto de estragar o presunto de Natal!

Tove estava a alguns metros de distância, à mesa da cozinha, com as mãos apoiadas sobre a toalha vermelha de algodão, ao lado de um espetinho de presunto recém-preparado que estava num prato de porcelana vermelha, comprada na loja Åhléns.

Janne parou, ficou em silêncio.

Malin ia gritar novamente com Janne, mas olhou para Tove e também se calou.

Os olhos da filha estavam esbugalhados, espantados, pareciam perguntar aos pais:

“Essa é a maneira de amar alguém?

“Nesse caso, que Deus me salve desse amor.”

Malin nota que o céu clareia à medida que se aproxima da cidade.

O trânsito é pouco.

Pensa se tem alguma roupa seca para trocar no apartamento, mas no fundo sabe que não. Talvez exista alguma coisa em alguma gaveta no sótão do prédio, mas todas as roupas agora estavam na casa de Janne.

Um carro preto passa por ela. Impossível ver qual era a marca do veículo no meio de tanto nevoeiro. Mas deu para notar que o motorista estava com pressa, rodando com quase o dobro da velocidade do carro dela.

Voltou a chover. E com as águas do céu caíam também mais folhas secas, amareladas, das árvores, dançando ao sabor do vento antes de chegar ao chão, em frente ao carro. Pareciam moscas gigantes, em brasa, expelidas diretamente da fogueira do próprio diabo. Um enxame que sussurrava e fazia conjuras malditas a partir da cidade e da paisagem à sua volta: “Avancem agora, seres malignos, diabólicos, saiam dos seus buracos frios e atolados, mostrem como se comporta um mundo sem amor”.

As malditas desculpas de Janne ressoam acima dos ruídos ao redor e percorrem o interior do seu corpo.

“Nunca mais quero passar um Natal como aquele.” Foi uma promessa que ela fez a si mesma.

— Tenho de viajar.

Os dois voltaram a tocar no assunto no Natal. Malin estava embriagada e sem condições de contradizê-lo. Ficou apenas

zangada e triste por ver que tudo, mais uma vez, iria ser como sempre foi.

— Estão precisando de mim por lá. Não vou conseguir conviver comigo mesmo se recusar essa missão. Eles necessitam da minha experiência para, rapidamente, colocar as latrinas no lugar, no campo de refugiados. Se isso não for feito, milhares de pessoas vão morrer como se fossem moscas. Já viu crianças morrerem de cólera, Malin? Já viu?

Ela tentou bater na boca de Janne, para que se calasse.

Fizeram amor uma última vez antes de ele partir.

Amor feito com força, quase violência, mas sem calor, o que a levou a pensar no sexo que fazia de vez em quando com o jornalista Daniel Högfeldt. Até chegou a arranhar as costas de Janne, a morder os seus peitos, quase sentindo o gosto metálico do seu sangue. Ele deixou que tudo isso acontecesse, parecendo até que estava gostando de ser torturado pela raivosa Malin.

Nessa noite, ela sentiu uma penetração mais forte. Ele estava totalmente excitado.

Janne voltara numa época em que ela estava profundamente absorvida com o trabalho de desvendar o caso de Maria Murvall. Acabara de interrogar os colegas da polícia da cidade de Motala, que também trabalharam no caso.

Tove passou a existir à margem das suas atividades. Teve de ser assim.

— Já reparou? Ela nunca está em casa — perguntou Janne uma noite, em abril, em que os dois estavam de folga e Tove foi ao cinema, na cidade.

Malin não reparava em nada. Como é que podia ter reparado nisso, se ela própria quase nunca estava em casa?

Chegaram a conversar sobre a hipótese de consultar um terapeuta.

Seria uma tentativa de terapia familiar. E, por várias vezes, Malin chegou a pegar no telefone a fim de contatar a psicanalista Viveka Crafoord, que se ofereceu para ajudá-la gratuitamente por algumas sessões.

Mas a boca de Malin, mais uma vez, ficou paralisada.

Na primavera, Malin viu os dois, pai e filha, trabalhando juntos no jardim da casa. Estava fisicamente presente, mas com os pensamentos focados num complicado caso de assassinato:

— Como é que um pai pôde deixar que o filho matasse a filha? Janne, pode me explicar isso?

— Não, mas, esta noite, acho que você não deve beber mais tequila.

— Odeio quando tenta mandar em mim. Soa como se eu lhe pertencesse, como se fosse o meu dono.

A cidade de Linköping está sob um temporal gelado.

Na realidade, o que é uma cidade senão uma crisálida para os sonhos das pessoas? Lado a lado, os habitantes da quinta cidade da Suécia trabalham duro para avançar na vida. Olham uns para os outros. Sonham uns com os outros. Tentam se amar uns aos outros, pondo de lado os preconceitos. “Os habitantes de Linköping são do bem”, pensa Malin. Mas, quando a vida das pessoas é dominada pela permanente preocupação de manter o emprego e de fazer o salário durar até o fim do mês enquanto outros vivem na abundância, a solidariedade não perdura. Os habitantes da cidade vivem lado a lado com apenas finas linhas geográficas separando-os. Pode-se gritar às áreas protegidas por programas de

investimentos milionários a partir das cercas bonitas das suas casas ou a partir das varandas de apartamentos gastas com o tempo.

“O outono na Suécia é a época do apodrecimento”, pensa Malin. “O mundo fica podre esperando que o frio do inverno o venha abraçar. Ao mesmo tempo, as cores das árvores no outono são também as do fogo, mas é um fogo frígido e colorido que apenas os animais de sangue frio podem amar e apreciar. Na beleza do outono, nas chamas coloridas das folhagens das árvores, existe apenas a promessa de que tudo vai ficar pior.”

As mãos já não tremem tanto ao volante.

Resta apenas o frio úmido que envolve todo o seu corpo magro. “Magro, mas forte”, pensa ela. “Posso ter negligenciado quase tudo, menos o treinamento físico. Sou forte, muitíssimo forte. Sou Malin Fors.”

De carro, ela passa em frente ao velho cemitério, o Gamla Kyrkogården.

Vê a ponta da torre da catedral espelhada no vidro do carro. Isso lhe dá a impressão de que vê a sua frente a lança de um cavaleiro medieval, em riste, pronta para atravessar o seu corpo.

“O que aconteceu esta noite?

“Quais foram as palavras usadas?

“Qual foi a sobrancelha levantada, qual o tom de voz que os levou a recomeçar?”

Ela não faz a menor ideia. Bebeu. Não muito, mas certamente além do permitido, para estar agora conduzindo o carro.

“Estou bêbada? Será que a adrenalina suplantou a bebedeira? Completamente sóbria é que não estou. Mas, com certeza, não deve haver nenhum colega pelo caminho numa noite como esta.

“Seu porco! Seu porco preguiçoso! Seu covarde!

“Calma, Malin, se comporte, não beba mais, pelo amor de Deus, não beba mais.

“Pode ir embora. Mas será que bati nele? Como foi? Bati em você na cozinha, Janne? Ou fiquei apenas com o punho levantado, no ar, cheia de raiva por causa de suas palavras não ditas?

“Eu bati no ar, lembro-me, agora, ao estacionar o carro diante do portão da rua Ågatan.”

O relógio da igreja de St. Lars, envolto por um nevoeiro intermitente, marca quinze para as onze. No céu, veem-se ainda as imagens fracas de alguns corvos voando.

“As ruas estão desertas, e não quero mais pensar nessa noite.”

Junto às paredes de pedra da igreja, em cima do gramado encharcado, amontoam-se as folhas caídas das árvores. Na escuridão da noite parecem descoloridas, perdem as suas cores bonitas e são engolidas por larvas que fogem do chão encharcado.

“Você escapou do meu tapa, Janne, inclinando as costas para trás, pois aprendeu a evitar golpes muito piores do que aquele com que tentei atingir você. E foi então que eu gritei: ‘Vou-me embora, vou-me embora, sim, e nunca mais voltarei!’.

“‘Você não pode dirigir o carro, Malin, nessas condições.’ Foi o que disse. E tentou tirar as chaves de mim. Tove estava ali, no sofá. Adormecera diante da televisão. Ela também gritava: ‘Mamãe, entenda que não pode dirigir nesse estado!’.

“‘Fique calma, Malin. Venha cá, deixe-me abraçá-la.’ E eu tentei bater nele novamente. E de novo, e de novo. Mas havia apenas a atmosfera do lugar onde eu pensava que estava.

“Perguntei-lhe se queria vir comigo, Tove, mas você balançou a cabeça negativamente.

“E você, Janne, não tente me impedir.

“Você apenas olhou para o relógio.

“Então, eu corri para o carro.

“Conduzi o carro através do pior e mais escuro dos tempos outonais. E cheguei. Parei. Abri a porta do carro. Vi tentáculos negros atravessando o céu, abrindo espaços e buracos de medo onde a luz das estrelas deveria brilhar.

“Sinto meus sapatos avançando pelo asfalto molhado.

“Tenho 35 anos.

“Onde eu fui parar?”

2

Quinta-feira, 23 – sexta-feira, 24 de outubro

A chave na fechadura.

Malin está tateando. As mãos não lhe obedecem, apesar de terem parado de tremer há algum tempo.

Falha.

Acerto.

Nova falha.

Como tudo na vida.

O apartamento ficou livre na semana anterior. Para Janne, disse que o tinha alugado de novo para estudantes da Igreja Livre. A explosão nessa noite foi inevitável, desejada, adiada ao limite.

Malin entra no apartamento, tira as gotas de chuva da sua franja loura. Os odores de mofo e de incenso de limão estão misturados no ambiente. Malin sente que o outono entrou pelas frestas das molduras das janelas e escorreu pelas paredes e pelo chão e talvez tenha passado para o teto do andar de baixo.

Ela estremece.

Tem de ligar o aquecimento central.

A sensação é estranha.

De solidão. Mas há também a sensação de um novo começo. Não é verdade?

Os móveis estão nos seus devidos lugares.

O relógio comprado na Ikea continua parado, com o ponteiro dos segundos caído na base interior.

Malin encontra-se no meio da sala de estar, quer acender a luz, mas não consegue apertar o interruptor. Decide sentar-se no sofá, descansar, numa penumbra relativamente convidativa. Uma penumbra bem ao seu estilo de vida.

Tove.

Quinze anos.

Continua louca por livros. É a melhor aluna da classe. Mas tudo isso passou a ter outro significado para ela, como se o que era brincadeira passasse a ser coisa séria. E o tempo começasse a passar, dando a sensação de irrecuperável.

“Ainda está muito nova para isso, Tove.”

Alguns namorados chegaram e partiram durante o ano que passou.

“‘Olá, Peter’. ‘Olá, Viggo.’

“Será que tenho coragem em deixá-la partir? Não posso castigá-la com a minha sensação de culpa. Tove parece estar bem.”

Malin consegue perceber isso em sua filha através do brilho de seus olhos e pela mudança de adolescente para adulta. A esperança de Malin deixou de ser expressa por palavras. Ficou apenas no pensamento:

“Cuide-se bem, Tove, não queira ser mãe cedo demais.

“Dedique-se aos estudos.

“A propósito, não é que tenho de fazer em breve uma palestra numa escola?”

Malin, de repente, pensa nisso. Só a ideia de falar diante de estudantes cansados e desinteressados provoca-lhe a sensação de ser afrontada. Por isso, logo afasta a lembrança.

Acaba deitando-se no sofá.

Sente as roupas ainda úmidas no corpo.

A tequila agora sai pelos poros.

Sente-se também um pouco indisposta. É como se a aparente religiosidade dos estudantes da Igreja Livre ainda permanecesse no apartamento.

Janne. Ela gostaria de lhe pedir desculpas, mas ainda não sabe por onde começar. “E, em relação à Tove, como posso explicar? Será que ela vai entender?

“Na realidade, o que eu sei a respeito da sua vida, Tove? De fato, não faço a menor ideia de como ela seja, a não ser em relação a este apartamento que é, realmente, o seu lar. Terá de se mudar para cá, morar comigo. Não há outra escolha.

“Os seus livros estão na casa de Janne.

“Já tentei me sentar ao seu lado mais de mil vezes este ano, no sofá, na cama, e perguntar como se sente, mas as únicas palavras que ouvi de você foram: ‘Eu estou bem, obrigada’. Depois, apenas silêncio. E um sussurro: ‘Por favor, mamãe, me deixe em paz!’.

“Afinal, o que eu quero de você, Tove?

“A sua compreensão? A confirmação de que está bem?

“Poderá algum dia ficar bem, depois do que aconteceu? Quando a assassina a pressionou contra o chão, com as mãos ensanguentadas em volta do seu pescoço, pronta para lhe tirar a vida.

“Fui eu a responsável por tudo isso.”

Pode chover de muitas maneiras. Os pingos de chuva podem ter as mais variadas cores, mesmo à noite. Podem ficar nas folhas das árvores e adquirir a cor acobreada do outono. A chuva pode provocar faíscas ao entrar em contato com os postes das ruas, faíscas que se parecem com baratas voadoras.

Malin acabou se deitando no chão da sala.

Vê baratas vermelhas, alaranjadas e amarelas voando pelo cômodo. Escuta o movimento das suas antenas. Malin as afasta da sua visão, caça-as com um ferro em brasa e chega a sentir o cheiro de barata queimada.

Resta apenas a realidade do presente. A verdade da época.

As nuvens.

Semanas e semanas, as nuvens sobre as cabeças, nem um pedaço de céu azul à vista. Novo recorde de chuvas, segundo os meteorologistas da televisão que chegam a falar em dilúvio.

Malin acabou encontrando a garrafa bem no fundo do armário da cozinha, acima do micro-ondas. Sabia que aqueles caras da Igreja Livre nem sequer se atreveriam a cheirar o líquido. Por isso, ela a deixou lá, inconsciente ou conscientemente, para usar quando necessário.

Ela bebe direto da garrafa.

Não faz a menor diferença se ficar de ressaca no dia seguinte. Tem sido um outono calmo, até o momento em que ela prendeu o pai e o filho, muçulmanos, que juntos planejaram e executaram filha e irmã. Ela tinha um namorado sueco. Foi razão suficiente.

Vômitos.

“Pode ser até bom ficar de ressaca. Amanhã, terei de limpar tudo e buscar as coisas na casa de Janne. Acho que ele estará de

plantão. Assim, evito encontrá-lo. Trago também as coisas de Tove. E falo para ela voltar para o apartamento.

“Estou completamente bêbada”, pensa Malin. “Que bom!”

3

Mãe.

“Fica tão zangada”, pensa Tove, ao mesmo tempo em que esconde a cabeça com o cobertor e escuta a chuva caindo forte sobre o telhado da casa. Forte e freneticamente, como se lá em cima existisse um Deus impaciente, a tamborilar com milhões de longos dedos sobre o telhado.

O quarto cheira a campo. Ela acabou de ver os tapetes de trapos enrolados como cobras dispostas no chão com um padrão bonito de imagens em preto e branco que ninguém jamais vai conseguir decifrar e interpretar.

“Eu sei, mamãe”, pensa Tove, “que você se culpa por aquilo que aconteceu no verão passado e acha que eu ainda estou traumatizada. Mas não quero falar com nenhum psicólogo nem ficar sentada diante de uma senhora, falando baboseiras. Em vez disso, tenho entrado na internet e conversado em inglês com outras pessoas no *site* trauma.com. É como se tudo ficasse mais fácil quando vejo apenas as minhas próprias palavras desajeitadas no monitor, descrevendo o que aconteceu e o medo que senti. Essas palavras fazem desaparecer os medos, mamãe. As imagens vão ficar comigo, mas elas não podem me dominar.

“Você terá de seguir em frente, mamãe. Acha que eu não a vi beber? Que eu não sei onde esconde as garrafas na casa e que não consigo detectar no seu hálito o cheiro do álcool, mesmo depois de você ter mascado chiclete? Por acaso, acha que sou idiota?”

Ela e Janne ficaram à mesa da cozinha quando Malin resolveu desaparecer com toda a sua raiva. Então, Janne disse:

— Espero que ela não se mate dirigindo por aí. Será que devo telefonar para a polícia? Ou tentar segui-la? O que acha, Tove?

Ela não soube o que dizer. O que gostaria mesmo é que Malin voltasse, entrasse na cozinha o mais alegre possível. Mas isso só acontece nos livros e filmes de pior qualidade.

— Não sei — disse ela. — Não faço a menor ideia.

Tove sentiu dor de estômago, bem em cima, quase no peito. Uma pressão que não queria parar. Janne fez uns sanduíches e disse-lhe que tudo acabaria bem, assim que a mãe se acalmasse.

— Não seria melhor ir atrás dela?

Janne olhou-a e apenas balançou a cabeça negativamente. E, nesse momento, as dores subiram para o coração, para a cabeça e para os olhos, e Tove teve de segurar as lágrimas.

— Pode chorar — disse Janne, sentando-se ao seu lado e abraçando-a. — É lamentável. Lamentável, sim, porque ninguém quer que isso aconteça. — Pode chorar — disse ele novamente. — Acho que eu também vou chorar.

“Como eu posso ajudá-la, mamãe? Não importa o que eu diga, você não escuta, não quer escutar. É como se se encontrasse no meio de uma corrente de água de chuvas de outono, cheia de sujeiras, e decidisse flutuar nela e entrar no escuro.

“Vejo você na cozinha, a caminho do trabalho, todas as manhãs. No sofá, diante da televisão. Ou lendo todas as suas anotações a

respeito dela, Maria.

“Gostaria de perguntar como se sente, pois vejo que está mal, no entanto, ao mesmo tempo, tenho medo de que, em vez de responder, você fique brava. Está totalmente isolada, fechada em si, mamãe. E eu não sei como tirá-la dessa situação.

“Além disso, tenho muitas outras coisas para pensar: a escola, os livros, todos os colegas e amigos, tudo o que é engraçado e agradável e que só agora percebo. Os rapazes.”

Tove empurra o cobertor para baixo. O quarto volta a aparecer.

As dores de estômago e do coração permanecem. “Mas para mim já é normal ver que vocês, você e meu pai, não conseguem viver juntos. Sempre acabam discutindo. E discutirão ainda mais, pois não creio que voltará a morar aqui e não sei se vou querer morar com você.”

De repente, um corvo pousa no parapeito da janela. A ave olha para Tove. Chega a bicar o vidro, mas logo voa e desaparece no meio da noite.

O quarto está escuro.

“Vou conseguir resolver o meu caso”, pensa Tove. “É claro que vou.”

Janne está deitado na cama, com o abajur do criado-mudo aceso. Lê um artigo produzido pelas forças armadas da Grã-Bretanha. Trata-se de um manual sobre como construir latrinas, e isso o leva a recordar os tempos que passou na Bósnia, em Ruanda e no Sudão, onde ele construiu as latrinas em campos de refugiados. Ao recordar os tempos de serviço na Cruz Vermelha, Janne desvia os pensamentos do que aconteceu naquela noite. Do que aconteceu e do que ainda acontecerá.

Mas as imagens em preto e branco na sua memória, de seres humanos passando pelas maiores dificuldades e pelas piores necessidades, nas mais distantes partes do planeta, são logo afastadas, inevitavelmente, pela imagem do rosto de Malin com as faces avermelhadas pelo álcool.

Por várias vezes, resolveu enfrentá-la. E ela se esgueirava. Acusava-o de jogar na pia da cozinha a bebida das garrafas que escondia. Gritava que isso não resolvia nada, visto que ela tinha outras dez garrafas escondidas que ele jamais encontraria.

Janne pediu a Malin que falasse com alguém, um psicólogo, um terapeuta, fosse quem fosse. Até mesmo chegou a falar com o chefe dela, Sven Sjöman, contando-lhe que Malin estava bebendo cada vez mais e que talvez isso ainda não tivesse sido notado no trabalho. Pediu-lhe para interferir, fazer alguma coisa. Recebeu a promessa de ajuda. Tinham conversado em agosto, mas até o momento nada havia mudado.

A raiva de Malin era contra si mesma. Com certeza por causa do que acontecera com Tove. Ela se recusava a entender que a culpa não era dela, que a maldade sempre existiu, por toda parte. E qualquer pessoa pode cair em sua armadilha.

É como se a sua teimosia se dirigisse para o lado errado. E ela estivesse decidida, definitivamente, a ir ao fundo.

E, naquela noite, aconteceu o inevitável. Coisa que Malin nunca fizera antes.

Escavar bem fundo.

Fiscalização regular. Verificar condições sanitárias. Existência de bactérias.

Janne atira o folheto sobre latrinas para longe. Apaga a luz.

“Foi, de fato, uma grande idiotice”, refletiu ele. “Pensar que um acontecimento extremamente desagradável pudesse juntá-los de novo, torná-los uma família de verdade. Como se a maldade pudesse ser catalisadora do bem. Porra nenhuma. Antes o contrário.”

Janne olha para o lado, para o lugar na cama onde Malin devia estar deitada. Estende o braço, a mão, e não encontra ninguém.

4

Amanhecer sem sono.

Axel Fågelsjö irá se levantar em breve da sua poltrona de couro, mas antes vai esfregar os dedos nas superfícies desgastadas e desbotadas dos apoios de braço do assento e apagar o cigarro no cinzeiro, colocado na mesinha lateral, também revestida de couro. Depois, deixa que as pernas suportem seu corpo forte, ainda cheio de vitalidade, apesar dos 70 anos. Encolhe a barriga, sente-se cheio de força, como se, atrás da porta, houvesse um inimigo que ele precisa derrotar, com uma das armas de caça que estão guardadas no armário do quarto principal do andar.

Axel Fågelsjö fica em pé no meio do salão. Pela janela, vê Linköping acordar, imagina os habitantes ainda na cama, todos os seres humanos com diferentes pretensões. Aqueles que afirmam não haver diferença entre um ser humano e outro não sabem o que estão dizendo.

No parque da Associação de Jardinagem, as árvores balançam ao sabor do vento. Chove, mas a chuva cai tranquilamente. Nada de temporal, com as águas invadindo e empoçando as ruas, obrigando os ratos a sair dos esgotos e dos bueiros. Isso já aconteceu várias vezes neste outono. A formosa classe média da cidade ficou

horrorizada diante das bestas que vivem e se alimentam nos subterrâneos de Linköping. Como se recusassem a aceitar que existem ratazanas morando abaixo dos seus pés bem tratados e calçados. Ratazanas com rabos sem pelos e com dentes afiados, ratazanas que vão viver muito além da existência dos seres humanos.

Há muito tempo que ele não dormia uma noite inteira. Sempre tinha de se levantar três vezes para ir ao banheiro e, a cada vez, o problema era fazer pressão durante cinco minutos, até que saíssem algumas gotas de urina.

Mas não reclama. Existem outros com problemas muito piores do que os dele.

Sente falta de Bettina ao acordar durante a noite. Hoje, existe apenas uma cama branca e vazia, onde sempre houve contornos, calor e respiração forte. Por sorte, ela se foi há algum tempo, antes da catástrofe, antes de Skogså escapar de suas mãos.

Numa manhã como essa, o castelo está muito bonito.

Ele pode vê-lo, como se estivesse do lado de fora, diante dele, na beira da floresta.

Os muros de pedra são do século XVII, têm cor de areia e parecem se erguer no meio do nevoeiro, com mais vivacidade do que a própria natureza.

O castelo de Skogså. Construído e modificado ao longo dos anos, segundo os caprichos excêntricos dos seus ancestrais.

O telhado de chapa de cobre brilha até mesmo quando o céu está coberto de nuvens. Para não falar de todos os incontáveis olhos espalhados pela construção, das fendas e das janelas recentemente gradeadas. Axel sempre teve a sensação de que as fendas olham para ele, examinando-o de um lugar distante na história,

comparando-o com os outros donos do castelo que ali viveram. Por sua vez, as novas janelas são cegas, como se procurassem por alguma coisa que se perdeu.

Até onde se lembra, desse ponto ele não pode ver a capela, mas ela existe. Bettina não foi enterrada lá. Ela quis que as suas cinzas fossem espalhadas pela floresta, do lado norte da propriedade.

Ele pode ouvi-los.

Os peixes que se movimentam, irrequietos, nas águas escuras do fosso, talvez mordiscando os cadáveres dos soldados russos, fantasmas esfomeados e emparedados.

Conde Erik Fågelsjö.

Um conde desonesto durante a Guerra dos Trinta Anos. O favorito do rei Gustavo Adolfo II, da Suécia, o guerreiro mais cruel entre todos. Dele, chegou-se a dizer ter mutilado 20 homens num só dia no massacre após a batalha de Lützen. “Sempre senti”, dizia o conde Axel Fågelsjö, “o sangue daquele homem correndo em minhas veias.”

Na juventude, quis entrar para a tropa das Nações Unidas, mas seu pai não permitira. O pai era amigo da Alemanha, um coronel que percorreu toda a Prússia na década de 1930 e torceu pelos uniformizados de fardas negras. Dono de um castelo que, na primeira metade da década de 1940, acreditou na vitória dos alemães.

E agora?

As consequências.

O conde Erik Fågelsjö deve estar rodeado pela vergonha no seu túmulo familiar, na capela de Skogså. Talvez seu cadáver tenha se levantado da cova e esteja lá, nu, gritando de raiva.

Mas ainda existe uma chance. Se não fosse por esse maldito malandro, esse jovem arrogante que veio rastejando de Estocolmo como se fosse um jacaré sem pernas.

Axel Fågelsjö passa novamente o olhar pelo parque. Às vezes, durante aquele outono, teve a sensação de que havia um homem andando entre as árvores e de que ele olhava para a sua janela.

Às vezes, chegou a pensar que era Bettina.

Axel Fågelsjö fazia questão de falar com ela todos os dias. Fazia isso desde que morrera, três anos antes. Às vezes, passeava pela floresta por onde espalhou as suas cinzas, pisava em volta, independentemente da época do ano. Nos últimos tempos, ouve o barulho das folhas amareladas no chão, vê os cogumelos crescendo e solta a voz grave como um eco entre as árvores que parecem dançar à sua volta.

Bettina.

“Está aí? Nunca imaginei que você fosse primeiro. Sinto sua falta, sabe muito bem. Acho que ninguém, nem mesmo as crianças, sabem o quanto eu a amei e ainda amo.

“E você responde. Posso ouvi-la dizendo para mim que devo ser forte, que não devo mostrar o que sinto. ‘Axel, você sabe o que acontece quando cede’... sussurra o vento. E o vento é a sua voz, o seu hálito tocando o meu pescoço.

“Bettina.

“A minha bonita dinamarquesa. Polida e indelicada ao mesmo tempo. Eu a vi pela primeira vez no verão de 1958, na época em que trabalhava como capataz nas terras de Madsborg, na ilha da Jutlândia, na Dinamarca, a fim de conseguir experiência na agricultura.

“Você trabalhava na cozinha, durante o verão. Uma jovem absolutamente normal. E nós dois tomamos banho no lago. Já até esqueci o nome daquele lago, mas lembro-me de que ele ficava no centro da propriedade. Depois do verão, na volta para casa, eu a trouxe comigo e a apresentei aos meus pais. Lembro-me de como inicialmente eles hesitaram. Mas, depois, se renderam aos seus encantos. E foi então que a sua alegria de viver tomou conta de Skogså.

“E você, Bettina, como pôde? Como pôde desistir de lutar contra o câncer? Estava triste só porque os nossos rendimentos não eram suficientes para manter o castelo em boas condições? Para isso, teríamos gastado nosso capital, todos os milhões necessários.

“Embora não queira, acho que sinto culpa, a culpa que alguém pode sentir quando faz mal à pessoa que mais ama.

“As dores. Você aprendeu tudo a respeito das dores. E me disse que não ganhara nada com esse aprendizado.

“As pinturas, aqui, nas paredes. Você escolheu. Ancher, Kirkeby. E o retrato do meu ancestral Erik e de todos os outros loucos maravilhosos que me antecederam.

“Você morreu no castelo, Bettina. Odiava ter de deixá-lo. E chego a sentir vergonha, agora, perante o seu espírito. Lembro-me de como era suave e delicada e de como podia ser tenaz e forte na defesa de suas ideias.

“Preocupava-se mais com o rapaz.

“Como últimas palavras, disse: ‘Tome conta de Fredrik. Defenda-o. Ele não vai conseguir viver sozinho’.

“Às vezes, me pergunto se ele não estava escutando do lado de fora do quarto.

“Não tenho certeza. Talvez seja melhor nem saber. Eu, como todos, amo minha filha e ele, meu filho. Mas, mesmo não querendo, sempre percebi as fraquezas do garoto. Esfregava os olhos, não queria ver. Apenas queria notar o seu lado bom, mas isso era impossível. Vejo o meu filho e noto exclusivamente as suas falhas. Chego a me odiar por isso. Ainda por cima, de vez em quando, ele bebe sem controle.”

O relógio no escritório dá seis badaladas, enquanto Axel Fågelsjö continua em pé, na janela do salão. De repente, lá fora, alguém sai do escuro e atravessa o parque. Uma pessoa vestida de preto. Será o mesmo homem que ele pensou ter visto antes?

Axel Fågelsjö afasta o pensamento.

“Eu sabia que era um erro”, pensou depois. “No entanto, me senti obrigado a fazê-lo: deixar que Fredrik, o meu primogênito, próximo conde Fågelsjö, assumisse os negócios da família, autorizando o seu acesso ao capital assim que a minha alma escureceu e o seu câncer venceu. Ele nunca quis se ligar ao castelo, não queria tomar conta de uma pequena produção agrícola e de uma, ainda menor, exploração florestal no momento em que era mais rentável receber subsídios da União Europeia por terrenos inexplorados ou, ainda, arrendá-los.

“Não queria. Não sabia. Mas iria conseguir o dinheiro.

“Ele é formado em Economia e recebeu tudo, menos rédeas soltas.

“Mas todas as pessoas têm o seu lado bom e mau. Cometem erros e acertos. Têm os seus defeitos”, pensa Axel.

“Mas nem todos têm a mesma sensibilidade, a mesma força, tão necessárias no mundo de hoje”, pensa Fredrik. “Meu pai tentou me obrigar a reconhecer a responsabilidade que acompanha o

privilégio. Como nós devemos assumir as lideranças dentro das comunidades. Mas, de certa forma, o meu pai pertencia a um tempo passado. É claro que eu comecei a dirigir os trabalhos em Skogså, acompanhei com o maior respeito a vida social da comunidade. Mas ser líder? Não. Meu pai tentou fazer com que eu e Katarina entendêssemos pelo menos o valor dos privilégios para que não aceitássemos como dado aquilo que recebíamos. Não sei se ele conseguiu."

"Bettina, me diga como posso fazer a Katarina feliz? Mas não me venha com aquela velha história. Você sabe que tínhamos ideias diferentes a esse respeito.

"Silêncio, Bettina.

"Silêncio.

"Deixe que eu faça a seguinte pergunta: Houve corrupção na sua árvore genealógica, Bettina?"

Ele pensou nisso, às vezes, ao ver Fredrik e, talvez também, ao ver Katarina.

O mantô verde Barbour já está meio apertado na cintura de Axel Fågelsjö, mas ele já o usa há mais de 25 anos e não quer comprar outro só porque os quilos teimam em grudar no seu corpo com mais facilidade do que antes.

"As coisas devem seguir o curso normal", pensa Axel ao andar no meio do mercado.

"Nós, os Fågelsjö, temos vivido mais ou menos da mesma maneira nos últimos 500 anos. Fomos nós que moldamos esta região, esta cidade."

Às vezes, chega a pensar que as pessoas da região tentam copiar a vida que ele e a sua família sempre tiveram. O primeiro banheiro com vaso sanitário na província de Östergötland foi construído em

Skogså. Seu bisavô foi o primeiro a usar calças, casaco e colete. Eles desempenharam o papel de orientadores e isso a sociedade e o poder político local sempre entenderam, embora essa consideração, agora, já faça parte do passado.

Não chegou nenhum convite este ano para o banquete do governo da província.

Durante todos os anos em que os chefes do governo local ofereceram um jantar para as pessoas mais proeminentes da região, sempre houve um Fågelsjö entre os convidados. Mas não naquele ano.

Ele olhou para a imagem do castelo de Linköping no jornal *Östgöta Correspondenten*. O conde Douglas estava lá. O historiador Dick Harrison. Os diretores da Saab, fabricante de carros e aviões. O chefe de comunicação da Volvo. Um ministro de Estado oriundo da cidade. Os diretores dos hospitais. O chefe de redação do jornal *Corren*. O presidente da Federação Nacional de Atletismo, barão Adelstål.

Ninguém da família Fågelsjö.

Ele caminha com suas rudes botas de borracha.

“Estou chegando, Bettina.”

As luvas de pele. De pele de vitela!

Axel Fågelsjö acha que tudo acaba por se arranjar. E escuta a voz de Bettina: “Cuide do nosso rapaz”.

“Eu cuidei bem dele, de Fredrik. Fiz o que foi necessário, embora o banco teoricamente pudesse ser responsabilizado.”

A memória do rosto de Bettina empalidece.

“Talvez eu devesse deixar que tudo fosse para o inferno, por conta do nosso rapaz”, pensa Axel Fågelsjö, antes de pressionar o botão frio do elevador para descer e sair para um solitário amanhecer.

5

O barulho do motor do Range Rover é como nenhum outro: elegante e ao mesmo tempo cheio de força. O carro responde bem assim que Jerry Petersson pisa no acelerador. Talvez os cavalos de antigamente respondessem da mesma forma, quando os condes, há muito mortos e desaparecidos, pressionavam as esporas contra a barriga dos seus suados animais.

Não há mais cavalos nas ruas.

Nem condes.

Mas há sempre uma possibilidade de se conseguir cavalos se ele encontrar pela frente uma mulher que goste deles. As mulheres tendem a gostar de cavalos. Exatamente como o hábito nos ensina. Mas nesse caso, como em muitos outros, o chavão corresponde à realidade.

Jerry Petersson vê a névoa se estendendo ao longo dos prados e fica descansando em um canto, na beirada da floresta, a leste. O cachorro está sentado ao seu lado, no banco do passageiro. Deixa que o seu corpo bem formado se movimente ao sabor do balanço do carro, enquanto os olhos procuram na natureza algum ser vivo no qual prender a atenção. Pronto para caçar. Ajudar a matar. Jerry Petersson passa uma das mãos nos pelos ásperos e úmidos do

animal. Cheiram mal, a cachorro, mas é um cheiro que tem a ver com a paisagem, com a sua pureza crua, penetrante. É um *beagle*, um macho, a que deu o nome de Howie, tal como fez Howard Hughes, o louco de Hollywood que na década de 1930 parece ter criado a moderna indústria da aviação e que, segundo a mitologia, com o tempo se transformou num eremita dependente de transfusões de sangue, num palácio, em Las Vegas.

Jerry Petersson leu a biografia de Howard Hughes e pensou: “Se um dia eu tiver um cachorro, vou batizá-lo com o nome de alguém mais louco que eu ou de alguém que eu conheça”.

As narinas do cachorro se contraem, se fecham e se abrem, e as pupilas parecem querer comer as terras em torno de Skogså.

As propriedades como Skogså são mais bonitas sempre pela manhã, quando o amanhecer mistura as terras e as pedras numa coisa só. A chuva continua caindo sobre o teto e os vidros do carro. Ele para na beira da estrada. Vê alguns pássaros pulando no terreno de cor de concha de ostra à procura de minhocas na vegetação apodrecida e nas poças de água cada vez maiores, a cada dia que passa. As folhas caídas juntam-se aos montes, e ele acha que elas parecem velhos cobertores esfarrapados, com o desenho maravilhoso de alguma pintura a óleo já esquecida. Por baixo desses “cobertores”, a vida continua a sua marcha natural. As larvas se multiplicam. Os besouros travam suas batalhas letais. Os ratos podem nadar nas correntezas formadas pela chuva, atingindo destinos tão longínquos que nem sequer sonhavam existir.

O cachorro fica inquieto, rosna, quer sair, mas Jerry Petersson acalma-o.

— Calma, calma, daqui a pouco você sai.

Uma bonita paisagem.

“Será este o meu destino?”

Às vezes, quando fica rodando pelos terrenos em volta, Jerry Petersson imagina ver todas as figuras que entraram e saíram da sua vida. As figuras flutuam entre as árvores, as pedras e as casas.

Era inevitável que acabasse naquele lugar.

“Não é verdade?”

A neve que caiu na véspera do Ano-Novo foi tanta em comparação com a névoa desta manhã que lembrava a transparência de um copo que acabou de ser lavado.

Jerry Peterson cresceu a apenas poucos quilômetros deste lugar.

Num apartamento alugado pelos seus pais em Berga.

Vê a própria figura no espelho retrovisor. Gira a chave, liga o motor novamente e segue o seu caminho.

Mais duas curvas e para o carro de novo. Desta vez, o cachorro fica ainda mais inquieto. Jerry Petersson abre a porta, deixa-o sair primeiro, antes mesmo de se levantar. O cachorro corre rápido pelo campo aberto. Deve ter percebido a presença de algum veado ou alce. Ou ainda de alguma lebre ou raposa.

Jerry Petersson olha o campo a sua frente antes de sair do carro e pisar no chão encharcado. Começa a andar e a chapinhar no caminho enquanto olha para seu cachorro que continua a correr, desesperadamente, na entrada da floresta e que desaparece dentro de um dique, de onde reaparece em seguida para enfiar o focinho num monte de folhas de diversas cores, em tons pálidos de amarelo e ocre que contrastam com outras já mais escuras e apodrecidas.

Além do cachorro, Jerry Petersson está sozinho no campo. Mesmo assim, ele se sente muito bem, muito satisfeito. Um lugar onde tudo pode morrer, mas também renascer, uma fronteira na vida de qualquer pessoa, um rosário de oportunidades.

Passa a mão pelos cabelos meio louros, pensa em como eles combinam com o nariz pontiagudo e os olhos azul-escuros. Rugas na testa. São as preocupações com os negócios. Bem recompensadas.

Ao longe, a floresta.

Os abetos e os pinheiros, arbustos, mato. Muita caça este ano. Os seus arrendatários, que alugam os terrenos em volta, vão chegar mais tarde. Vão tentar apanhar algum alce ainda jovem ou talvez um par de veados. É preciso matá-los.

A família Fågelsjö.

"O que eles não pagariam para poder caçar de novo nestas florestas?"

Jerry Petersson olha para os braços, para a sua gabardine amarela da Prada, a chuva batendo forte no seu capuz.

— Howie — chama ele. — Howie, está na hora de voltar!

Duro. Inflexível. Uma máquina fria. Um homem para marchar sobre cadáveres.

Era assim que se falava dele no mundo dos negócios em que trabalhava em Estocolmo. Uma sombra para a maioria. Um mito. Um assunto nas conversas, alguém que, não raramente, provocava admiração num ambiente em que o requisito fundamental é ter sucesso, sendo possível manter um *low profile* em vez de ser obrigado a passar pelos sofás dos estúdios de televisão, a fim de conquistar mais clientes.

Jerry Petersson?

"Brilhante, ouvi dizer. Advogado competente. Não foi ele que ficou rico depois daquele negócio especial de IT, Internet Tecnology? Não foi ele que saiu na hora certa? E, além do mais, ele atrai de maneira excepcional mulheres sensuais."

Mas também:

“Cuidado com ele.

“Não é ele que tem sociedade com Jochen Goldman? Não têm uma firma juntos?”

— Howie!

Mas o cachorro não voltava, não queria voltar. E Jerry sabe que tem de deixá-lo, deixar que volte para casa quando e como quiser, pela floresta, até o castelo. Sempre volta, depois de algumas horas de diversão. Mas, por algum motivo, decidiu insistir em chamá-lo, tentar chegar a um acordo antes de se separarem.

— Howie!

O animal deve ter percebido a insistência na voz do dono e logo apareceu, correndo pelo prado até chegar diante de Jerry Petersson.

Howie salta e pula em volta do dono, que se abaixa e fica com o joelho no chão, sente a umidade penetrar através do tecido das calças, mas quer abraçar e o abraça, pois sabe que é disso que Howie gosta.

— O que quer fazer, amigo? Voltar para casa correndo sozinho ou voltar de carro comigo? Precisa decidir. Talvez voltar sozinho, mas não se sabe o que pode acontecer. Talvez eu acabe atolando na lama da estrada e afunde no dique.

O cachorro lambe o rosto de Jerry antes de se virar e começar a correr novamente pelo campo afora, se escondendo depois atrás de um monte de folhas mortas e desaparecer por completo, atrás das portas abertas da floresta negra.

Jerry Petersson senta-se no Range Rover novamente, gira a chave de ignição, escuta o barulho do motor, deixa que o carro

deslize ao longo do caminho, em direção à floresta coberta pela névoa.

Ele não havia fechado o portão do castelo ao sair para a sua volta matinal, espontânea, na propriedade. Acordara bem cedo e não conseguira voltar a dormir. “Quem poderia chegar a essa hora? Quem ousaria visitá-lo a essa hora? Uma pequena expectativa.”

“Eles, certamente, gostariam de chegar.

“Fredrik Fågelsjö. O velho Axel.

“Katarina.

“Ela sempre se manteve longe.

“A filha da casa.

“A minha casa, agora.”

Ele os rondou durante muito tempo.

Um corvo voa em frente ao carro, bate as asas com força, uma delas parece ferida, talvez partida.

O castelo é grande. Precisava arranjar uma mulher com quem dividir o espaço. “Com o tempo, vou acabar encontrando alguém”, pensa ele. Sempre pensou nisso, nas moradias cada vez maiores. Precisava arranjar uma mulher. Mas ficava apenas no pensamento, uma ideia com que ele gostava de brincar. Porque, se quisesse e realmente precisasse conquistar uma mulher, para ele, seria fácil. Bastava ir até o bar da esquina ou telefonar. E o amor viria, servido de bandeja. Ou uma dona de casa, bem enxuta, só para conversar. Uma coisa ou outra. Mulheres com quem pudesse conviver. Mulheres sem compromissos, anteriores e posteriores. Mulheres necessitando serem acalmadas. Ninguém de quem se envergonhasse. Apenas isso.

Escutou rumores de que Skogså estava à venda.

Sessenta e cinco milhões de coroas. Um pouco mais de seis milhões de euros.

Era a corretora de imóveis Wrede, em Estocolmo, que agenciava o negócio. Nada de anúncios. Apenas o boato de que havia um castelo à venda, com um enorme terreno em volta, na região de Linköping. Talvez ele estivesse interessado?

Skogså.

Interessado?

Sessenta e cinco milhões de coroas na escritura. Mas não foi muito. Ele recebeu mais do que um castelo. Setenta e cinco hectares de florestas de primeira qualidade, quase a mesma área em terras para agricultura. E, ainda, a abandonada capela que ele poderia demolir e construir algo no lugar.

E, agora, naquela escura, mas bonita manhã de outono, com neblina e chuva contínuas, lá estava ele, com a sensação plena de leveza no corpo e de estar em casa. Sabe que o seu dinheiro foi bem investido. Afinal, para que serve o dinheiro senão para nos dar boas sensações?

Queria ter encontrado Fågelsjö em Estocolmo, na avenida Karlavägen, para fechar o negócio. Queria olhar para ele e ter um sorriso de escárnio, fazer com que o velho percebesse o mau negócio que estava fazendo e falar sobre os novos tempos que estavam por vir na propriedade, agora sua.

Mas Axel Fågelsjö não apareceu na reunião em Estocolmo.

Veio uma jovem advogada com procuração, de Linköping. Uma jovem de cabelos escuros, com bochechas grandes e lábios finos. Depois do contrato assinado, ele a convidou para almoçar no famoso restaurante Prinsen. E, em seguida, levou-a ao seu escritório. Pressionou-a contra a vidraça da janela, puxou-lhe a saia

para cima da cintura, fez um buraco na sua meia-calça preta entre as pernas e penetrou-a até atingir o orgasmo, mas sem grande entusiasmo. Antes, ficou olhando pela janela, quase distraído, vendo ônibus e táxis e pessoas passando numa ordem prevista, lá embaixo, na rua do rei, a Kungsgatan, a principal e mais sofisticada da capital sueca. Chegou mesmo a notar o barulho dos cortadores de grama, ao lado, na grande praça e jardim do rei, o Kungsträdgården.

Deve haver fantasmas no castelo.

A alma penada do conde Erik, de quem se contava que matara o próprio filho por este ser fraco de espírito. E dos russos, mortos e emparedados no fosso.

Jerry Petersson nunca viu nenhum fantasma. Apenas ouviu estalidos e chiados nas madeiras e pedras durante a noite. E sentiu o frio incrustado durante séculos na velha construção do castelo.

Fantasmas.

Almas penadas.

O castelo e as construções anexas foram todas reparadas ou reconstruídas. Sentiu-se um verdadeiro construtor civil no ano anterior.

Viu algumas vezes um automóvel preto circulando pelas estradas da propriedade. Achou que devia ser alguém da família Fågelsjö fazendo um passeio nostálgico. “Deixe-os matar a saudade”, pensou ele. Embora não tivesse a certeza de que fosse um dos Fågelsjö. Podia ser, de fato, qualquer outra pessoa. Sem dúvida, existem sempre pessoas passando, querendo matar a curiosidade.

Foram publicados seus retrato e perfil no *Corren* quando se tornou público que o Skogså tinha um novo dono. Deixou-se entrevistar. Confessou, humildemente, uma mentira: a de que era o sonho de

uma vida que se concre-
tizara. Mas de que servira isso?

O jornalista, Daniel Högfeldt, puxou a reportagem para o lado escuso do advogado e escreveu que Jerry Petersson obrigara a família Fågelsjö a sair do que fora seu lar durante quase 500 anos.

Choro.

Parem de chorar. Nenhum privilégio de nascimento dá direito a uma prerrogativa pela vida inteira.

Ainda hoje, esse artigo publicado o deixa irritado e ele se lamenta por ter concedido a entrevista por vaidade, por vontade de passar para a comunidade a mensagem de que estava de volta. Para restaurar uma ordem que nunca existiu. Convenceu-se de que era isso que queria fazer.

Até onde a família Fågelsjö infringiu sofrimentos às pessoas da região? Quantos não foram os lavradores, os arrendatários e os trabalhadores escravizados que sentiram as dores das chicotadas impostas pelos Fågelsjö? Quantos não foram aqueles que se sentiram humilhados diante da ideia imposta pelos Fågelsjö de que eram superiores aos outros?

Jerry Petersson não contratou ninguém. Admitiu apenas diaristas para fazer todos os trabalhos domésticos. Pagava bem, tratava todos de maneira respeitosa.

O fosso em volta do castelo fora cavado no início do século XIX, muito depois de ter desaparecido neste país a necessidade de construir um fosso. Um dos condes queria porque queria ter um em volta do castelo e para isso requisitou prisioneiros de guerra, russos, que tinham trabalhado na construção do canal von Platen. Os russos foram obrigados a cavar até chegarem à exaustão e morrerem. Conta-se que os mortos foram emparedados nas laterais

do fosso. E assim as suas almas russas ficaram fechadas para sempre numa vala construída sem necessidade.

Mas, por vezes, permanecia um vazio dentro do castelo. E, pela primeira vez, ele sentiu a necessidade de ter um amigo. A segurança de ter outro ser vivo à sua volta, que não tomasse partido, que o avisasse quando algum perigo se aproximasse. E era preciso ter um cachorro para que, também, servisse para caçar.

Tem alguma coisa se mexendo lá na frente, na estrada? Howie? Voltou tão rápido. Impossível. Completamente impossível.

Um cervo?

Um veado.

Não.

A chuva cai torrencialmente, mas dentro do Range Rover o aquecimento com leve cheiro a diesel torna o mundo mais agradável.

Então, surge a imagem do castelo no meio da neblina. Os três andares da construção de pedra parecem espetar o solo, os muros parecem querer subir para o céu cinzento, como se quisessem decidir o que acontece lá em cima. E a luz que se espalha das luminárias verdes que mandou colocar ao longo do fosso. Ele adora essa luz.

Alguém está na escada que dá para o castelo?

Os camponeses arrendatários com quem ele vai caçar só devem chegar mais tarde. Até hoje nunca chegaram na hora combinada.

Acelera.

Coloca a mão ao seu lado, à procura do cachorro, mas o corpo peludo e quente não está lá.

Ah, claro.

Jerry Petersson quer chegar rapidamente, escuta como as rodas do carro rolam pela estrada de brita que leva ao portão do castelo. É claro que há alguém lá na escada.

O contorno de uma pessoa? Impossível visualizar por causa da neblina. Pode ser um animal, não?

Os fantasmas do castelo?

As almas vingativas dos soldados russos?

O conde Erik veio visitá-lo com a foice, a capa e o capuz?

Jerry Petersson está agora a menos de dez metros da figura negra.

Quem será? Uma mulher? Você?

Será que é de novo a mesma pessoa? Com certeza, persistente.

Ele para o carro.

Buzina.

A figura negra, na escada, começa a descer. Sem fazer barulho, vem em sua direção.

6

Cinzenta.

A luz da manhã é cinzenta, mas, de qualquer maneira, penetra direto nos olhos de Malin. Essa luz é também suave como uma faca de cozinha não afiada que podemos encontrar no fundo da gaveta do armário de um parente falecido. Malin olha pela janela da sala de estar. As nuvens estão em camadas, escondendo o Sol por completo. No momento, sente que a pele está protuberante sobre a carne inchada. Tenta olhar em volta, mas tem necessidade de fechar os olhos para dar ao cérebro contrariado um pouco de descanso, amenizando o aborrecimento que foi a luta contra a escuridão.

Ela deita-se no chão de tacos de madeira. O aquecedor, perto da sua cabeça, está mais quente hoje do que ontem à noite, e ela pode ouvir o borbulhar da água quente, aquecida no porão do prédio, passando pelas tubulações de ferro.

Ao seu lado há uma garrafa de tequila quase vazia, a rolha fechada pela metade. Malin olha todo o apartamento.

Cinzento.

“Todo o meu mundo está cinzento”, pensa Malin. As várias tonalidades são mais do que o seu cérebro pode distinguir, desde o

cinzento quase negro da obscuridade por baixo do sofá até o cinza branco da parede suja e empoeirada.

“Quem está espreitando pela janela, de quem são os rostos que aparecem através da neblina? Os contornos da consciência pesada. O mal-estar. Afinal, como devo me comportar? Há uma mão que bate.

“Devo estar cheirando mal. Prefiro desviar a cara a ter de me ver no espelho.

“Porra, o que devo fazer para conseguir me levantar daqui?

“Quero telefonar para Janne e Tove, mas afinal o que vou lhes dizer?

“Que eu os amo?

“Que está chovendo?

“Que eu me arrependo?”

— Zacharias! Zacharias!

Gunilla, a mulher de Zeke, chama-o, grita da cozinha com a sua voz esganiçada. “O que ela quer?”

— Martin fez dois gols ontem à noite — diz ela.

Outras mulheres têm uma voz diferente.

Zacharias, “Zeke” Martinsson, detetive da polícia de Linköping, se vira na cama. Levanta-se, sente como a umidade no quarto fez com que o corpo ficasse anormalmente rígido. Não é muita a luz que penetra pelos cantos da persiana. Por isso, ele sabe que o tempo lá fora continua ruim. É um dia perfeito para ficar dentro de casa e consertar aquelas pequenas coisas que precisam ser feitas dentro de uma residência.

Martin.

Ele conseguiu o contrato como jogador de hóquei sobre gelo na NHL, a liga nacional de hóquei dos Estados Unidos e Canadá. Ao

fazer sucesso no campeonato mundial em Moscou, os norte-americanos jogaram dinheiro nele por meio de seu agente. Há seis meses ele se mudou para Vancouver.

Ficou rico.

E famoso.

— Quer dinheiro, pai, para passar férias ou para uma nova *stuga*, uma nova casa de campo feita de troncos de madeira, ou ainda para viajar para cá e me visitar? É só dizer. Linus está crescendo, vocês não querem vê-lo?

Doze mil coroas.

É quanto custam as passagens aéreas mais baratas para Vancouver.

Por pessoa.

Uma despesa enorme para quem vive do salário de detetive na Suécia.

“Ele está agora com oito meses, o rapaz, o meu neto. Gostaria de vê-lo. Mas viajar com o dinheiro de Martin?

“Nunca.”

Todos aqueles milhões que o filho ganha em troca de um pouco de diversão para aquelas almas cansadas de tanto trabalhar, sem muita educação. Isso é uma coisa que, por vezes, aflige o pai, Zeke. Para não falar daquele machismo programado do hóquei. Como eles, os jogadores e os treinadores se acham durões ao se envolver em brigas no ringue. Acham que são durões? Machões? Mas o que sabem da verdadeira dureza? Do verdadeiro perigo? Do que é preciso fazer quando se tem que enfrentá-lo? Será que algum desses príncipes do gelo, com as suas bermudas superdimensionadas e bem protegidas, consegue imaginar o que é preciso fazer quando o perigo, de fato, surge?

— Zeke, eles estão mostrando agora os gols no canal 4. Desça, venha ver.

Gunilla teve de assumir todo o interesse pelo hóquei, conhecer todas as regras do jogo, assim que Zeke desistiu de vencer a sua indiferença, quase ódio, pelo esporte do filho. E, em vez disso, passou a dedicar todo o seu tempo disponível à música e ao coral Da Capo.

Zeke está de ceroulas, sente como estão justas nas coxas e no escroto. Em pé, no meio do quarto, passa a mão pela cabeça raspada. Os pelos de dois dias já arranham a palma da mão, mas ainda não precisa raspá-la novamente. Pelo menos, não hoje.

“Gol.

“Meu filho.”

E, neste momento, Zeke sorri contra sua vontade. O garoto consegue enganar bem os adversários. Mas apressar a descida para a sala para ver o gol?

Nunca.

“Ela não dorme ao meu lado. Esta cama é um mar de ilusões perdidas.”

O chefe do departamento de polícia, Karim Akbar, gostaria de passar o braço pelos ombros da sua esposa, mas ela não está no seu lado da cama. Foi rejeitado. Talvez seja melhor assim? Nos últimos anos, não ousou se aproximar dela, com medo de se queimar com as suas rejeições.

Ela estava sempre cansada.

Trabalhava dois turnos como assistente social, pois metade de seus colegas fugiu para a Noruega para trabalhar pelo dobro do salário e dois terços do horário de trabalho.

“Tem alguma coisa que eu não consigo ver”, pensava muitas vezes Karim. “Mas o quê?” Resolveu deixar o problema de lado, em vez de enfrentá-lo e tentar entender o que significava, quais as consequências que poderiam advir daí. Chegou a pensar em como duas pessoas poderiam viver lado a lado uma vida inteira sem se compreender. Havia uma sensação de vazio de matar qualquer um e, ao mesmo tempo, a vida decorria de uma maneira muito parecida com aquela que o seu pai viveu; quando chegou à Suécia como engenheiro, não conseguiu trabalho nem um lugar na sociedade. Seu pai acabou pendurado por um laço, feito com uma gravata de náilon, num apartamento na cidade de Sundsvall.

Às vezes, Karim Akbar chegava a pensar que ela queria ir embora, se divorciar. Mas, nesse caso, por que não dizia isso? Afinal, ele era um homem muito bem esclarecido para não reclamar qualquer direito de posse.

No entanto, ele acabou não aguentando mais pensar no assunto, nem quis também colocá-la contra a parede.

De repente, ela foi embora. Levou o filho deles de nove anos e se mudou para a casa de um colega, assistente em Malmö.

Ela teve o atrevimento. Karim sabia que ela estava com medo. Talvez ainda esteja.

“Mas não precisa ter medo, não.

“Eu jamais faria o mesmo que os meus compatriotas. Seu irmão e seu pai vieram conversar comigo há cerca de um mês. Eu me senti mal.”

Divórcio.

Uma palavra técnica para definir solidão e confusão. Ele tentou fugir, dedicando-se ao trabalho de escrever seu novo livro, aquele sobre problemas de integração, de uma perspectiva totalmente

nova, porém está escrevendo lentamente. Em contrapartida, procurou outras atividades para divertir seu filho sempre que se encontravam.

A cada três fins de semana, o filho passava com o pai. A mãe quis a guarda do filho. Ele cedeu. Seria difícil conciliar o seu esquema de trabalho com os compromissos de pai solteiro. Seria também geograficamente impossível.

O filho, Bajran, ficou com a mãe, mas passava os fins de semana com o pai.

Ao comemorar mais um aniversário, em setembro, ambos foram para Estocolmo. Karim e o filho entraram na loja Götrich onde escolheram ternos novos. Ele deixou até que Bajran escolhesse duas gravatas.

Os ternos eram de lã boa, muito macia. *Cashmere*. Uma extravagância que um recém-nomeado chefe da polícia de Linköping, como ele, podia bancar. Essa extravagância e outra, a de um carro novo, um Mercedes.

Karim puxa o cobertor, escuta a chuva batendo no parapeito da janela, pensa que está na hora de se mudar para um apartamento na cidade, perto de tudo. Já estava cansado de Nacksta e de Sundsvall, passando por Lambohov.

Sua situação podia ser pior. E, neste momento, Karim olha para o rosto de Börje Svärd, bem a sua frente, o bigode mais longo e retorcido de todos os detetives. Está de licença. Anna, sua mulher, sofre de esclerose múltipla e necessita de assistência 24 horas por dia, até parar de respirar. A doença alcançou os nervos que controlam os pulmões.

— Ela deve aguentar mais meio ano — disse Börje, ao pedir licença da polícia e se tornar enfermeiro da esposa.

— Cuide de sua mulher o tempo que for necessário — disse Karim. — Sempre será bem-vindo.

"E Malin Fors. Está a ponto de explodir", pensa Karim. "Será que eu posso fazer alguma coisa? Bebe demais, mas só Deus sabe como ela é necessária no departamento."

Sven Sjöman, comissário e chefe de investigação do departamento criminal da polícia de Linköping, gosta de trabalhar com madeira. Consegue extrair de uma árvore o mais entranhado segredo, a sua beleza, a sua funcionalidade e as formas mais belas que existem nela.

Claro que esta é uma descrição romântica, mas se um homem que tem a marcenaria como passatempo preferido não é romântico, quem poderá sê-lo?

A serra mecânica ruge. A serragem bate em sua camiseta azul, na qual está impresso no peito o logotipo da madeireira Bergs Brädgård.

É a oficina de Sven Sjöman, montada no porão, à prova de som, de sua casa no bairro de Valla, onde cheira sempre a lascas novas de madeira, a tinta, a verniz e a suor.

As horas finais da madrugada são as melhores para se trabalhar na oficina, mas também, para ele, as mais solitárias.

Ele nunca gostou da solidão.

Prefere estar com as pessoas.

Com a esposa, por exemplo. Mesmo que não conversem mais do que o necessário depois de tantos anos de casados.

Os colegas.

Karim.

E Malin. "Como é que você está, Malin? Coitada, ela não teve um ano muito bom", pensa Sven ao mesmo tempo em que retira do

torno mais uma bonita concha de madeira. Em seguida, desliga a máquina e passa a desfrutar do silêncio que, rapidamente, toma conta da sala.

“Não foi uma boa ideia voltar a morar com Janne. Na realidade, foi uma péssima ideia. Entretanto, eu jamais poderia lhe dizer uma coisa dessas. Quem tem que resolver a sua vida é você, Fors. No trabalho, como policial, pode até ser que eu ajude de vez em quando. Mas cada vez menos, cada vez mais raramente.

“Mas chega cheirando a bebida. Está pálida, com ar de cansaço, triste.

“Está mal.

“Só não pode ficar pior. Janne, seu marido ou, melhor, ex-marido, com quem foi morar de novo, telefonou para mim, queria que eu fizesse alguma coisa. Falou do seu hábito de beber, o que eu já havia notado, em algumas ocasiões. E eu lhe fiz uma promessa. Que promessa? De falar com você? Você ficará zangada, vai querer subir pelas paredes. Dar-lhe uma suspensão? Ainda não houve razão para isso. Mandá-la para algum especialista? Recusaria, teimosa como é.

“Uma bebida ou outra, admite-se.

“Por toda a porcaria que vemos, precisamos aliviar a pressão.”

Ele apertou o cinto. Quatro buracos a menos, 12 quilos perdidos. Os exames de sangue estão melhores. Mas as refeições... “Oh, as refeições são cada vez mais tristes.”

— Vista a capa. Agora. Não vou dizer isso mais uma vez.

O detetive Johan Jakobsson está no hall de entrada da sua casa geminada, em Linghem. A filha de cinco anos continua fazendo bolas de chiclete e está cantando. As palavras do pai não entram nem passam perto do seu mundo.

Por que concordaram em visitar os sogros neste feriado, quando, finalmente, ele teve uma sexta-feira livre? A última coisa de que eles precisam no momento é de uma manhã de pânico, em que as palavras agressivas e desnecessárias atravessam a atmosfera como balas perdidas.

— Você toma conta de Hugo, e eu tomo conta de Emma. Tudo bem?

Sua esposa concordou e se abaixou para apanhar a capa azul do garoto.

— Não quero dizer a mesma coisa mais uma vez.

— Precisa ficar assim, tão irritado? — pergunta a esposa.

E a discussão continua.

— A minha ideia não era partir para Nässjö tão cedo.

— Papai faz aniversário hoje.

— Isso mesmo, 63 anos. E, portanto, já está na idade de poder resolver seus problemas.

A esposa contrai os lábios. Não pretende reagir ao que ele diz. Para Johan, não há razão para responder. Foi uma grande idiotice. Resolve então pegar a filha pelos braços finos, mas fortes, e puxá-la para o colo.

— Vista a capa.

— Mas ela não precisa de capa dentro do carro.

Ele então solta a filha e puxa a esposa pelo braço.

Fecha os olhos.

Gostaria de ter ficado de plantão neste feriado. Poderia dizer, então, que havia acontecido alguma coisa ou podia ser até que alguma coisa acontecesse.

As crianças. Os olhos estão fechados, mas ele ouve as vozes, ficam até mais nítidas para ele. São alegres, cheias de confiança

diante da vida, apesar do mau humor reinante. Johan pensa em milhares de abraços e de beijos, centenas de milhares de elogios, um milhão de sorrisos e de promessas. Afinal, ele é o maior. E é assim que todas as brincadeiras de amor funcionam. É possível criar seres humanos felizes. É simples e vale a pena.

— Johan — chama a esposa. — Fique calmo. Podemos ficar calmos, se você quiser.

Na parede branca, cheia de manchas a sua frente, estão quatro ganchos de roupa. Um deles, no meio, está prestes a soltar-se e a cair.

Waldemar Ekenberg abre a porta da varanda e dá uma tragada em seu cigarro. Na varanda, há uma proteção contra o vento, caso contrário não seria possível estar ali. E ele teria de ficar na cozinha, embaixo do ventilador.

Olha para o céu. Para o teto de nuvens compactas que cobrem todo mundo.

Quanto ao cigarro, é o primeiro do dia. Dose matinal.

Não há nada melhor. Ainda que sua mulher reclame que ele cheira a tabaco quando volta para a cama.

Waldemar não hesitou nem um segundo quando surgiu um cargo para delegado temporário em Linköping. Gostou da sua estada anterior na cidade, ao ajudar na investigação de um caso horrível de assassinato de jovens adolescentes.

Eles não o querem, isso ele já sabe, mas com os seus méritos não poderão recusá-lo. Todos os outros candidatos mal saíram da escola da polícia.

Fors. Sjöman. Jakobsson. Akbar. Martinsson.

“Não são pouca coisa como um time de policiais, detetives e investigadores criminalistas.

“Fors.

“Maníaca. Dizem que ficou ainda pior depois do que aconteceu com a filha e de voltar para a casa do bombeiro, seu ex-marido.

“Mas ela é uma investigadora de mão cheia. E fácil irritá-la como pouca gente.

“Com ela, poderá se divertir muito.

“Ela tem dificuldade em controlar a bebida. Com o passar dos anos, são muitos os colegas que acabam por sucumbir à garrafa. Nunca pôde fazer nada a respeito. Quando se entregam à bebida não existe mais retorno.

“Jakobsson.

“Tem muito trabalho com suas crianças.”

Waldemar e sua velha, que está ainda na cama, nunca tiveram filhos. O que, pelo menos para ele, não fez diferença alguma.

Atualmente, os dois cuidam de si mesmos. Viajaram para a Tailândia no inverno passado. Só os dois. E puderam gozar de toda a calma, ao contrário de alguns pais que estavam no hotel com os seus rebentos.

O amor das crianças. E o amor a dar às crianças.

Ninguém pode sentir falta de uma coisa que nunca teve, acha Waldemar, ao dar a última tragada do cigarro matinal.

Ou será que pode?

Malin está passando pelo caixa do supermercado Seven Eleven da rua Ågatan.

O cabelo, molhado pela chuva, a calcinha começa a cortá-la entre as coxas, o que lhe dá uma sensação tão ruim quanto o tempo lá fora. Encontrou apenas duas calças jeans, embora lavadas, e uma camisola rosa, bem no fundo do guarda-roupa, no quarto do apartamento. As calças já deviam ter dez anos de uso, mas tinham

de servir. A loja de roupas H&M ainda não estava aberta e ela iria buscar as suas coisas, lá em Malmslätt, se tivesse tempo. É isso que ela faria: buscaria as suas coisas e Tove. Retomaria a vida que tinha antes de ter mudado para casa de Janne e tentado voltar a ter uma família. Estava na hora de retomar a vida de divorciada que tinha antes de colocar a vida de Tove em perigo.

Uma escova dental, desodorante, pasta de dente e café estão dispersos no balcão do caixa, na sua frente. O homem parece sonolento e coloca os produtos na sacola.

— Jogou fora? — pergunta ele.

Jogou fora. “Será que o clube de hóquei sobre gelo de Linköping jogou fora ontem?”

Então, Malin entende do que ele está falando. De início, ela quer calar a boca do homem de maneira violenta, mas depois resolve apenas balançar a cabeça.

— Não saiu de casa, não? Mas ficou acordada até tarde, não foi? Quando fico como você, eu não saio da cama.

— Olhe aqui, pare de falar, pegue o dinheiro e me dê o troco.

O homem do caixa abre os braços:

— Tentei apenas fazer uma graça. Costuma dar certo. Desculpe.

Malin apanha o troco e caminha mais uns cem metros na chuva, até chegar ao seu apartamento.

Logo entra no banheiro e toma uma ducha.

A água mais fria do que a da chuva cai forte sobre a sua cabeça.

Afasta os maus pensamentos.

Deixa que congelem.

“Não pense no que aconteceu ontem”, diz ela a si mesma. “Beba o café que está na caneca, em cima da saboneteira. Finja que os dois

comprimidos de analgésico que encontrou no armário dos remédios já começaram a fazer efeito contra a dor de cabeça."

As batidas no crânio são fortes.

"Tove vai ter de se mudar para cá durante a semana. Talvez hoje à noite."

"Vou trabalhar. Mas nada conseguirá me fazer esquecer esta horrível dor de cabeça. Ou será que vai acontecer alguma coisa?"

7

Göte Lindman, que acabou de fazer 52 anos, passa a mão pela cabeça totalmente raspada. Esteve no castelo de Skogså apenas uma vez.

Aos oito anos, ao lado do seu pai, entrou nos aposentos de Axel Fågelsjö e escutou-o dar ordens para o trabalho durante o verão e nos meses seguintes. Para isso alugariam uma antiga casa para soldados no canto sudoeste da propriedade.

— Quando eu chamar, você vem.

Göte Lindman acha que ainda consegue escutar a voz do conde, com toda a dureza e violência que as suas palavras escondiam, agora, quando ele e Ingmar Johansson, alguns anos mais velho, percorrem os corredores do primeiro andar, olhando para as paredes de pedra que, a cada cinco metros, exibem quadros com pinturas estranhas.

— Ele tem um cachorro — diz Göte Lindman. — Porém o cachorro não está no momento, senão já teríamos notado a sua presença.

— É um *beagle* que gosta de latir — sussurra Ingmar Johansson.

Já se passaram 40 anos desde que Göte Lindman esteve aqui com seu pai.

Os seus próprios contatos com os Fågelsjö eram feitos por um ecritório de advogados na cidade. E agora, felizmente, ele apenas arrenda terrenos e conseguiu comprar uma pequena propriedade perto de Bankekind.

Na época, foi informado pelo advogado de que a venda de Skogså era um fato. E que o seu arrendamento continuaria em vigor.

Eles andam de sala em sala.

Olham para dentro, seguem em frente, andando sobre os assoalhos de tábuas, que rangem, e de pedras, um metro quadrado atrás do outro, de superfície inutilizada. Chegaram ao castelo no carro de Lindman, um Saab preto, que agora está ao lado do Range Rover de Jerry Petersson na entrada do castelo. Os portões não estavam fechados, e o sinal de alarme estava verde. Hesitaram antes de entrar, não queriam importunar o novo senhor do castelo.

Um dia, Jerry Petersson apareceu na entrada da propriedade de Göte Lindman ao volante do seu Range Rover, com um sorriso aberto e usando uma ridícula capa amarela. O vento havia bagunçado seus cabelos claros, e Göte Lindman logo imaginou que a visita poderia trazer algum problema.

— Você sabe quem sou eu? — perguntou Petersson.

E Göte Lindman respondeu com um aceno.

— Vai me convidar para tomar café?

Novo aceno afirmativo.

Os dois se sentaram à mesa da cozinha, comeram os bolos de Svetlana e beberam café novo. Petersson confirmou que o arrendamento podia continuar como estava, mas que ele gostaria de fazer uma exigência: quando ele os chamasse para caçar, eles iriam, mesmo que o tempo estivesse muito ruim e fossem quais fossem as circunstâncias do momento.

— Quando eu chamar, você vem. Entendido?

Ingmar Johansson olha para dentro da cozinha do castelo.

As caçarolas de cobre brilham em longas fileiras nas barras de madeira penduradas do teto. Até mesmo à luz fraca da manhã, o brilho dos utensílios acobreados é intenso. Toda a cozinha foi restaurada e renovada, com mármores brancos nas paredes e no chão. Há máquinas revestidas de aço e um fogão de dois metros de largura, com dez bocas de gás.

Mas não há ninguém ali.

Nada de Jerry Petersson. O dono dos terrenos que ele, assim como Lindman, arrendou não está por lá, não está em lugar nenhum.

Tiveram uma conversa na noite de quinta-feira.

— Eu preciso de você aqui, amanhã de manhã, às oito horas. Vamos caçar veados. Estão se reproduzindo muito.

“Imagine, muitos veados em Skogså. Antes fosse. Talvez sejam de menos, mas a voz de Petersson não deixava brecha para qualquer oposição. E ele foi bem claro ao firmar o acordo do arrendamento.”

— Foi às oito horas em ponto que marcamos, não? — pergunta Ingmar Johansson, para confirmar.

— Em ponto! — responde Göte Lindman.

Johansson e Lindman se falaram por telefone, logo depois da visita de Petersson. Constataram que poderia ter sido muito pior. Ele podia querer transformar e preparar todos os terrenos do castelo para a produção agrícola. Jerry Petersson não respondeu à pergunta direta de Ingmar Johansson quando este quis saber quais eram os seus planos de exploração das terras. Apenas confirmou que os contratos de arrendamento continuariam em vigor com a condição de ele estar disponível para caçar.

— Cheguem na hora.

A voz firme de Petersson ao telefone.

E agora ambos estão no local combinado.

Mas nada de Jerry Petersson aparecer.

A escada é alta e escorregadia, perigosa para galochas úmidas. Por isso, tomam todo o cuidado ao subir até o segundo andar. Gritam o nome de Petersson, mas não se ouve nada a não ser o eco refletido das paredes frias. Por cima deles, no topo da escadaria, com uns 20 metros de altura, vê-se um candelabro que aparenta vários séculos de existência, ornamentado com mais de cem velas usadas pela metade, em longas fileiras circulares, sobrepostas. Em uma das paredes da entrada, está pendurada uma grande pintura de um homem passando protetor solar nas costas de uma mulher.

Quase sem fôlego, chegam ao segundo andar.

— Ele devia instalar um elevador — diz Ingmar Johansson.

— É muito caro — reage Göte Lindman.

— Ele tem dinheiro pra isso.

— Não será melhor começarmos a procurá-lo no porão?

— Esqueça. Com certeza, lá embaixo, existe apenas uma câmara de torturas. Você sabe, muitos ferros e uma única cadeira no meio de uma sala.

— Que maluquice! Nunca pensei que fantasiasse tanto — reage Göte Lindman.

Os dois circulam pelas salas.

— É neste andar que ele deve dormir — diz Ingmar Johansson.

— Que quadros esquisitos... — sussurra Göte Lindman, ao entrar com o amigo numa sala com várias fotografias enormes da figura de Jesus Cristo manchadas com jatos de um líquido amarelo.

— Você acha que é urina? — pergunta Ingmar Johansson.

— Sei lá!

Há também uma escultura de uma rosa e um urso de plástico, com dentes de sabre, cobertos com pedras preciosas, e diamantes no lugar dos olhos que, a partir de um canto, estão fixados nos dois visitantes.

Uma pintura que mostra um prisioneiro cambojano parece querer expulsá-los da sala.

Há móveis que parecem ser criados para uma espaçonave: com linhas retas, uma mistura de cores pretas e brancas, formas que Göte Lindman lembra de ter visto em revistas de decoração que ele costuma folhear quando vai ao barbeiro.

— Com os diabos, cada coisa em que uma pessoa gasta o seu dinheiro suado... — diz Ingmar Johansson.

— Petersson! Petersson! Estamos aqui!

— Vamos caçar! Está na hora de apanhar os veados!

Eles param, olham um para o outro. Nada. Silêncio total.

— Onde ele pode estar? — pergunta Göte Lindman ao mesmo tempo em que abre os botões da sua jaqueta de caça e enxuga o suor da testa.

— Não faço ideia. Talvez esteja caminhando pela propriedade. Aqui no castelo é que ele não está. Já teria nos escutado.

— O carro está lá fora. E a porta, aberta.

— Maldita situação!

— Olhe, não gostaria de ter uma dessas?

Os dois olham para um varal com camisas de algodão, penduradas e engomadas, de todas as cores imagináveis.

— O que acha dele? — pergunta Ingmar Johansson.

— Petersson?

— Não, estou falando de Deus... Claro que é de Petersson.

Ingmar Johansson olha para Göte Lindman. Para as rugas em torno dos seus olhos e da boca, para as grandes entradas na testa.

Ingmar Johansson sabe que Lindman viveu sozinho, na sua fazenda, desde que a mulher o abandonou, 15 anos atrás. A sua esposa fora a uma conferência em Estocolmo e voltou de lá completamente doida, dizendo que não aguentava mais viver isolada numa fazenda.

Alguém a levou para a cama em Estocolmo e acabou com todo o seu bom senso.

Mas depois ele acabou encontrando uma russa.

— O que eu acho dele? — pergunta Göte Lindman, falando pausadamente. — Ele parece não querer mexer nos arrendamentos. Isso é certo. Mas veio com essa história de querer companhia para as caçadas, que nós estejamos à sua disposição sempre que quiser. Muito bem, o que se pode dizer sobre isso?

Ingmar Johansson concorda. Não dá para achar nada.

— Você o conhecia antes? — pergunta Göte Lindman.

Ingmar Johansson balança a cabeça negativamente.

— Ao que se sabe, ele cresceu em Berga. Sobre seus negócios, nunca li nada. Também não costumo ligar para essas coisas.

Ingmar Johansson olha para os olhos de um urso gigante, vê como eles brilham. Será que esses olhos são mesmo feitos de diamantes verdadeiros?

— E, então, ele compra este enorme castelo.

— Deve ter sido doloroso para o conde.

— Sim, mas foi bem feito.

Agora estão em outra sala.

Olham um para o outro.

— Está escutando? — pergunta Ingmar Johansson.

Göte Lindman diz que sim.

Do lado de fora do castelo, ouve-se um cachorro latindo.

Angustiado.

— Ele está preocupado com alguma coisa — diz Göte Lindman. — Certeza.

Ficam quietos durante alguns momentos, até que resolvem olhar pela janela da sala.

Uma nuvem baixa se transforma em neblina ao passar lentamente diante do vidro da janela, deixando algumas gotas de umidade para trás, penduradas, descansando na superfície envidraçada.

Um ao lado do outro esperam que a nuvem ou a neblina desapareça. Continuam a escutar os latidos do cachorro, os latidos angustiados.

Então, conseguem ver os detalhes.

A floresta, os pinheiros, os prados. A neblina ainda esconde o fosso.

— É bonito — diz Johansson. — Já viu o cachorro?

— Não.

— É. Dá para entender por que o conde amava estas terras.

— Ele não deve se sentir bem na cidade.

Ingmar Johansson sorri e abaixa seu olhar para o local onde ainda estavam o Range Rover e o carro em que chegaram.

Nesse momento, a neblina sai de cima do fosso. E lá está o cachorro, que alonga o corpo para cima todas as vezes que aponta o focinho para o céu e ladra.

— Posição de expectativa — diz Göte Lindman. — É talvez um veado que caiu na água.

A água do fosso é escura, tranquila. As luzes verdes em volta produzem uma iluminação fraca.

“Tem alguma coisa errada. Algo que não devia estar lá boiando na água. Não é um veado”, pensa Göte Lindman.

O cachorro olha para baixo. Depois, volta a latir.

Alguma coisa amarela flutua na água escura, parece uma coisa redonda à sua visão cada vez mais fraca com o passar dos anos.

— Johansson, o que está flutuando lá embaixo, no fosso? Aquela coisa para a qual o cachorro late?

Ingmar Johansson olha para baixo, para a água escura do fosso.

“Uma cobra negra por trás de uma antiga parede de pedra. Será mesmo verdade essa história de soldados russos emparedados?”, pensa ele.

Cerca de uns 50 metros adiante, no fosso, vê-se em movimento lento, de um lado para o outro, uma mancha amarela, um contorno escuro, uma figura na água, uma forma que ele reconhece, instintivamente. E, logo, sente vontade de virar o rosto.

Uma cabeça.

Um corpo meio escondido e, no entanto, bem aparente na água.

Cabelos louros.

Um rosto de perfil.

Uma boca.

Acha que consegue ver ainda alguns peixes reluzentes, pequenos, nadando para dentro dessa boca que há muito tempo deixou de aspirar ar.

— Porra!

— Que merda!

— Porra! — diz Ingmar Johansson, de novo, não sabendo o que sentir ou fazer em seguida. Acha apenas que deve fazer com que o cachorro pare de latir. No entanto, o cachorro continua ladrando nos seus sonhos pelo resto da sua vida, até o fim dos tempos.

8

Há alguma coisa que não se mexe mais.

Uma coisa que parou para sempre. Em contrapartida, tudo se mexe à minha volta. Não preciso respirar para viver aqui, exatamente como acontecia em tempos que passaram, quando tudo começou e eu flutuava e me mexia dentro de você, minha querida mãe. Tudo era quente, escuro e feliz, exceto os sons altos e as batidas raivosas que abalavam a consciência, a pequena consciência que eu tinha nessa época.

Aqui, nada está morno.

Mas também não está frio.

Escuto o cachorro latindo. Howie. Deve ser você, estou reconhecendo os latidos, embora pareçam vir de longe, de muito longe.

Parece inquieto, quase com medo, mas o que sabe um cachorro como você a respeito de medo?

Mamãe, você me ensinou tudo sobre o medo que existe na dor. Será que estou agora mais próximo da senhora? Sinto que sim.

A água deve estar muito fria, tão fria quanto o granizo que tem caído do céu neste outono.

Tento me virar para que meu rosto fique para cima, mas o corpo não existe mais. Tento me lembrar de como cheguei aqui. Mas tudo de que me lembro é de você, mamãe, de como eu balançava no ritmo do seu corpo, exatamente como agora, no balanço da água do fosso.

Por quanto tempo vou ficar aqui?

Sinto uma grande crueldade aqui. Eu vejo a minha figura refletida nessa crueldade. Esse é o meu rosto, os meus traços são firmes e puros, além das narinas cuja compleição chega a amedrontar as pessoas, sejam quais forem.

Arrogância.

Sou mesmo arrogante?

Essa foi uma época que já passou, não?

Agora, tudo ficou em silêncio.

Posso flutuar aqui, na água fria, durante mil anos e ser o senhor destas terras. E está tudo bem.

Os veados devem ser abatidos.

As lebres devem ser retiradas das suas tocas.

As pessoas devem abandonar as suas águas, quentes e seguras.

Novos dias vão nascer.

E eu estarei aqui todos os dias.

Dono de todos eles.

Vou ficar aqui deitado, vendo a minha própria imagem de garoto que era.

E ficarei assim, ainda que esteja com medo. Posso confessar isso agora. Estou com medo dos olhos do garoto, da maneira como a luz abre o mundo para ele, aos poucos, intermitentemente, como no caso do cachorro abandonado e seus latidos desesperados.

9

Linköping e arredores, verão de 1969

O mundo só existe com os olhos abertos, pois, se os fechamos, as imagens desaparecem. O menino tinha quatro anos quando aprendeu a conhecer os próprios olhos, enormes, de um azul acentuado, colocados a uma distância perfeita entre si, num crânio também perfeitamente formado. Jerry sabe o que pode fazer com os olhos, como conseguir que faísquem, de maneira que façam os mais estranhos prodígios e, o melhor de tudo, que façam com que as assistentes da creche lhe deem o que deseja.

A sua realidade ainda é direta. O que ele sabe a respeito do que ainda hoje acontece, ao serem lançadas toneladas de agente laranja e *napalm* sobre as florestas tropicais, onde as pessoas com medo pressionam o corpo em buracos profundos, à espera que uma geleia ardente penetre na terra e os destrua?

Para ele, o calor é apenas calor, frio é frio, e o dreno de cobre, pintado de preto, pendente de uma interminável superfície de madeira tosca e vermelha, está tão quente que até queima seus dedos. Não de forma perigosa, mas é agradável, e faz com ele se sinta a um tempo seguro e com medo. Medo porque o calor lhe traz uma sensação de que tudo vai terminar.

Muita coisa acontece nesta vida.

Os carros rodam. Os trens passam. Os barcos apitam na lagoa Stångån.

Jerry está estendido na grama do jardim da casa do avô, sente o forte odor da clorofila encher seus pulmões e vê a grama esverdear os joelhos e o corpo. À noite, quando os mosquitos atacam, seu pai coloca uma grande banheira amarela no gramado com água aquecida, que envolve seu corpo, enquanto o ar em volta continua frio. Em seguida, ele corre ao lado do monstro que cheira a grama cortada, que o pai empurra, suando. As lâminas cortam a grama atrás dos pés do garoto, e o monstro cospe as réstias verdes por um buraco negro. Não se trata de nenhuma brincadeira. O pai vê o olhar expressivo do filho e não se deixa intimidar. Vira o monstro e caça o garoto pelo jardim, gritando: “Vou cortar os seus pés! É agora que vou cortar os seus pés!”. E o menino foge em direção à floresta e está disposto a correr até deixar de ouvir o ruído do motor do cortador de grama.

Na cozinha da casa, com a mãe e o avô, Jerry olha tudo e chega à conclusão de que é melhor comer os bolos bem cedo, antes de o bolor ter tempo de atacar e dar ao pão de trigo um gosto pútrido.

O pai chega à casa depois do trabalho.

Com sacolas que tilintam. A mãe prefere ficar sentada à espera. Sente-se melhor quando o pai chega com as sacolas. O avô, também. Eles ficam alegres, mas não alegres de verdade.

O sol desaparece, e o calor nas placas de cobre, pintadas de preto, transforma-se num odor metálico pairando na escada já fria. Na caixa de areia, rolam bolas de vidro de cores variadas que caem num buraco. Mas alguém aparece no caminho, outro garoto.

“Saia. Você não deve ficar aí.” E a mão de Jerry voa e acerta o que quer: bem no nariz. E, então, começa a sair sangue, e o garoto grita. Ele próprio também grita: “Um curativo!”. E acrescenta: “Ele me bateu!”. E essa mentira ele guardará para a vida toda.

Na realidade, foi encontrado o cadáver de um gato numa lata de lixo perto do balanço do parque. É que, uma vez, ele deu a esse gato creme de leite.

Existem sentimentos que flutuam no apartamento de sala e quarto. Há questões que lhe são postas. “Sabe que nós moramos em Berga?” “Que o pai trabalha na fábrica da Saab, ajuda a colocar parafusos nos aviões que voam mais rápido do que as palavras ao vento?” E ele reconhece as gargalhadas. Falta-lhes calor. E ficam sentados no sofá de bolinhas amarelas e castanhas, o mesmo que é transformado em cama para ele se deitar à noite, bebendo direto de garrafas trazidas em sacolas. Depois, ficam falando em voz alta, a atmosfera fica adocicada e desagradável, enquanto eles olham para uma tela em preto e branco onde passa muita gente. A mãe chega a se levantar do sofá de uma maneira que, normalmente, não conseguiria, e fica dançando no meio da sala. É isso que ela costuma fazer quando ingere alguma bebida alcoólica. E ele gosta de ver a mãe dançar. Então, o pai volta a caçá-lo, como fez com o cortador de grama. E tenta segurá-lo e bater nas pernas e nos braços dele. E o garoto tem apenas quatro anos e foge por uma porta aberta do apartamento, sai pelo mundo afora, um mundo cheio de vida pronto para ser conquistado. Há um gato que precisa ser sepultado. Um balanço que deve subir até o céu, carros e trens que precisam ser guiados, pessoas que não devem ficar deitadas em cima dos seus vômitos, cheias de dores. E não devem caçá-lo, de jeito nenhum.

Então, ele grita.

Quebra objetos.

Risca as paredes com giz.

Pega fósforos e coloca fogo no mundo, vê como o seu barco de madeira arde na areia e, nas labaredas, ardem sentimentos que não sabe nomear, sentimentos que talvez nem sequer tenham nome. E o pequeno casco do barco acaba ficando no deserto da areia, com os remos ainda em volta.

A resignação do pai. Como o corpo do garoto acaba encostado ao aquecimento por baixo da janela da sala quando o pai, bêbado, cai sobre ele. Diante do olhar cansado da mãe.

A dor que ainda parece ser nova.

Nada é firme, consolidado.

Nada persiste em sua forma.

Talvez por isso nada também seja possível.

O garoto deita-se na cama, mas não dorme. Está acordado. É uma noite de agosto já marcada pelo frio do outono que se avizinha.

Ele sabe que existe outro mundo, mas não pensa nele. Ainda está ocupado em viver dentro da sua atual realidade.

Não existem motivos secretos, por trás dos seus sonhos, quando ainda acordado, no escuro, pensa em matar o pai. Pensa em matá-lo com os raios que saem dos seus olhos. Jerry vai conseguir silenciar o cortador de grama.

As facas do cortador nunca mais vão encostar em seus calcanhares.

10

O olho, tão negro como a água, parece piscar na direção de Malin Fors à medida que a cabeça balança ao sabor das ondas pequenas, quase imperceptíveis.

A capa de chuva amarela chega quase a iluminar o ambiente.

As batidas continuam a incomodar seu crânio.

O cachorro também continua a latir já dentro do carro estacionado na entrada da floresta. O som parece o disparo de um canhão ao longe, como se fosse emitido do interior de uma panela de pressão.

O cachorro estava à beira do fosso quando eles chegaram. Latia como se estivesse possuído, mas não ficou zangado quando o conduziram para o carro. Apenas continuou a latir.

Bang, bang.

“O que aquele olho está vendo, agora, na água? Qual foi a última coisa que viu?”

O movimento da cabeça, os pequenos peixes, quase cobras, em volta dela, fazem doer ainda mais a cabeça de Malin. São duas coisas que vão dar a este dia uma estrutura e uma lógica completamente própria e louca.

O castelo de Skogså. Malin já passou várias vezes por ele na estrada, mas nunca viu a construção antes. Nunca teve motivo para

entrar naquela floresta e ir ao imóvel. Já vira fotos dele num livro sobre castelos suecos e seus donos no apartamento de seus pais, no Infektionsparken. Uma enorme caixa de pedra, cheia de presunção e arrogância, embora seja possível encontrar um toque de sobriedade na construção. As linhas são retas, a decoração quase inexistente, uma humildade diante dos dramas testemunhados aqui ao longo dos anos.

Malin está agachada à beira do fosso. A margem é inclinada em direção à água. Construída com pedras enormes, extraídas de uma montanha próxima. As luzes verdes das luminárias refletem-se na superfície do fosso. Embaixo, os peixes, às centenas, são muito pequenos, mais escuros do que a água. O cardume dá voltas no corpo.

Malin aperta o cinto preto da jaqueta almofadada à prova d'água. Usa um capuz bem largo, e, mesmo com três camisetas, está com frio, sentindo as gotas da chuva penetrando pelo tecido da jaqueta, que supostamente não molharia. Zeke tinha uma jaqueta no carro e fez um comentário negativo a respeito da sua blusa velha e desbotada quando foi buscá-la. Chegou a perguntar se havia comprado num brechó. Ao ver o jeans que ela vestia, deu uma risada: a moda do Leste Europeu é agora o grande *it*, com certeza.

Mas ele não comentou nada sobre o fato de ir buscá-la no apartamento, embora estivesse se perguntando o que Malin estava fazendo ali.

O frio clareia os pensamentos.

Faz com que o olhar se fixe no cadáver, que flutua na superfície da água, nos cabelos louros, no olho que está virado para eles.

Zeke está ao seu lado.

Bem acordado e atento. Questionando-se.

— Como é que vamos tirar o corpo daí?

— Vamos ter de chamar os mergulhadores do corpo de bombeiros.

A ligação telefônica sobre o cadáver chegou ao departamento da polícia de Linköping às 8h15. Malin escutou o telefone tocar ao sair do banheiro, depois de tomar uma ducha. O toque tinha uma tonalidade inequívoca de urgência e importância. Era como se o telefone tivesse consciência e poder de mudar o sinal conforme as exigências do momento.

A voz de Zeke:

— Alguns camponeses telefonaram e disseram que encontraram um homem assassinado no castelo de Skogså.

Ela vestiu uma roupa qualquer, esperou Zeke chegar e seguiram, depois, em direção ao sul a caminho do castelo. Ele comentou o mau hálito dela e disse-lhe que seu aspecto era péssimo. Perguntou se tinha bebido, mas ela respondeu que apenas tomara um pequeno cálice de tequila à noite. Chegou a brincar, dizendo que ele devia ter um olfato muito apurado.

Os dois foram os primeiros a chegar ao local. Estacionaram o carro, os grandes portões do castelo se abriram e de lá saíram os dois homens. Malin sabia que deviam ser os arrendatários, Ingmar Johansson e Göte Lindman.

Eles esperaram no lugar que lhes foi indicado, enquanto ela e Zeke entravam em cena e providenciavam a retirada do cachorro, com todo o cuidado, de modo a modificar o menos possível o local do crime. Johansson e Lindman explicaram que haviam combinado com Jerry Petersson ir caçar veado. No entanto, ele não apareceu no horário combinado e, só depois, eles o encontraram, ou encontraram um corpo que pensaram que fosse o dele, no fosso.

— Não se consegue ver com precisão — disse Ingmar Johansson.

— Mas é ele — completou Göte Lindman. — Sei que aquela capa de chuva é dele.

O cadáver na água.

Jerry Petersson.

Advogado brilhante e famoso. Homem de negócios. Jurista meio corrupto que conseguiu fazer fortuna em Estocolmo e se mudou para a terra natal quando teve a oportunidade de comprar o castelo de Skogså. Malin leu tudo isso no perfil publicado no *Corren*.

Se, de fato, for ele...

As dores de cabeça. Os latidos do cachorro. Mais além, à beira da floresta, chegam duas viaturas da polícia. Movimentação geral quando há suspeita de crime.

Jerry Petersson.

Mas quem seria senão ele? Malin fecha os olhos, continua com dor de cabeça. Presta atenção à chuva que cai, escuta as gotas batendo na capa que envolve o corpo parcialmente coberto. Escuta algumas palavras sussurradas que Malin não consegue entender, palavras que querem tornar o mundo compreensível, fácil de abraçar e de dominar, mas que desaparecem antes que ela entenda seu conteúdo.

Os mergulhadores aparecem meia hora mais tarde. O furgão vermelho dos bombeiros já está ao lado do carro de Zeke, do Mercedes azul de Karin Johannison, da perícia, e do Volvo vermelho de Sven Sjöman. Os veículos estão estacionados do outro lado do fosso, longe do Range Rover de Jerry Petersson e do Saab dos arrendatários. Os carros de reportagem também já chegam, um atrás do outro. Os jornalistas amontoam-se, formando uma pequena multidão, com as câmeras grandes e pequenas, com os *flashes*

disparando como se fossem relâmpagos numa tempestade. Os jornalistas chamam os policiais, mas são totalmente ignorados. Por enquanto.

Os jornalistas já sabem que estão diante de uma grande história. Já imaginam as manchetes, as primeiras páginas de jornais e capas de revistas. A história será um sucesso de vendas. Tem tudo para chamar a atenção das pessoas para que assistam e convivam, a uma distância confortável, com a morte e a violência.

"Exatamente como em qualquer romance policial ruim", pensa Malin. "A realidade imita a ficção."

Nenhum dos policiais ou dos bombeiros ultrapassa a entrada do castelo.

Ninguém quer prejudicar as eventuais marcas de rodas de carros, marcas de sapatos ou botas no terreno. Enfim, destruir o que pudesse vir a ajudar Karin Johannison na investigação. Malin vê Karin dar uma volta em torno do Range Rover, fotografar, balançar a cabeça, passar a mão na testa, enxugando as gotas da chuva que continuava a cair. Até mesmo com uma capa de chuva amarela nos ombros, ela não consegue deixar de ser glamourosa.

Karin acenou para Zeke ao chegar, e ele abraçou a sua capa azul-escura contra o corpo.

"Foi um aceno bem longo", pensa Malin. Ela entende o que isso significa, mas não quer se meter. Uma verdade desvendada dessa maneira. Só mesmo uma bebedeira poderá dar outra interpretação aos fatos.

Depois da indiferença vem a empatia.

"Mas, afinal, o que eu sei a respeito do comportamento dos dois? Talvez esteja apenas imaginando coisas."

Entre os bombeiros e os mergulhadores, ela não conhece ninguém.

Ainda bem. Mas eles sabem, com certeza, quem ela é. Sabem também tudo o que acontece entre ela e o colega Janne.

Não está na hora de pensar no que aconteceu ontem.

Está na hora, sim, de agradecer a Deus por este caso ter surgido. É preciso pensar na vítima que está no fosso. Quem é ele? Como foi parar ali? Malin observa como os mergulhadores, com a roupa escura de borracha e a máscara, se preparam para descer da ponte por cima do fosso até a superfície da água, com a ajuda de cordas. Em seguida, vê como os corpos desaparecem, lentamente, na água escura.

Karin está ao lado de Malin e Zeke.

A chuva é levada pelo vento, desce quase na horizontal, entra nos olhos das pessoas. Porém, ao longe, no pasto, a uns 200 metros de distância, a neblina continua espessa.

— Cuidado! — grita Karin Johannison quando os mergulhadores se aproximam do corpo. — Tomem todo o cuidado possível. — Eles passam uma corda de segurança em volta do cadáver e fazem sinal com o dedo para um terceiro colega içar o corpo com a ajuda de um guindaste. Logo se ouve o barulho de uma rotação e o corpo começa a sair da água, cuidadosamente guiado por um dos mergulhadores.

— Que manhã horrível! — comenta Zeke.

Sven Sjöman, com uma capa de chuva verde, também veio acompanhar a subida do cadáver ao lado deles.

— O que vocês acham?

— É praticamente impossível que ele tenha saltado no fosso por vontade própria — diz Malin. — Ou caído. Adultos raramente caem

na água, a não ser que estejam realmente bêbados ou que tenham um ataque de coração ou qualquer outro problema do gênero.

— Se for Petersson, ele devia ter em torno de 45 anos. Nessa idade, a probabilidade de se ter ataque de coração não é muito alta.

— Não. Ele deve ter tido ajuda para chegar até lá.

— É o mais provável. Vamos saber com certeza assim que Karin examinar o corpo.

Malin acena, concordando.

— Se for Petersson e ele tiver sido assassinado, esses jornalistas aí vão ter um prato cheio.

— Cuidado — repete Karin no momento em que o corpo começa a rodar sobre si mesmo, na subida, com os pés para baixo, e a água a pingar da capa de chuva, das calças de tecido castanho e das botas de couro de cano alto.

As gotas de água caem com uma coloração vermelha. A capa amarela está perfurada por uma grande quantidade de buracos e, em alguns buracos maiores, Malin consegue ver o corpo ferido onde o sangue se mistura com a água do fosso e escorre por finos fios de dezenas de feridas provocadas por objeto cortante. O sangue se mistura com a chuva. “Está chovendo sangue”, pensa Malin. “E, com certeza, você não caiu no fosso por estar embriagado.”

“Sanguessugas”, pensa Malin.

Um olho negro que olha fixamente em frente, na chuva e na neblina que baixou sobre o fosso. O outro olho do cadáver está fechado.

“Parece ter uma expressão de surpresa”, pensa Malin. “Mas você estava de fato surpreso?”

Se estou surpreso?

Nem tanto.

A água já não está à minha volta.

Estou parando de pensar em você, querida mãe, para, em vez disso, ficar aqui pendurado, olhando para a água. E lá, mais acima, para o castelo e para pessoas que eu não conheço.

Escuto e vejo Howie, como ele late com mais força. Será que ele vê os buracos no meu corpo? Sei que são muitos, mas não sinto nenhuma dor, sei que o vento passa por mim.

Quem são essas pessoas?

O que elas querem de mim?

São os soldados russos de que a história conta?

Estou subindo devagar em direção a um som rotativo. E eu rodo, também, em volta de mim mesmo, mas não fico tonto. Ah, estão puxando o meu corpo para cima da ponte. Um par de braços fortes me seguram e, lentamente, colocam no chão o meu corpo ensanguentado.

Há o som de uma batida quando meu corpo atinge o chão.

Estou deitado de costas.

Há um plástico preto por baixo do meu corpo. Como é que sei que é um plástico se estou de costas? Não sinto nem vejo nada.

Mas agora é assim, não é?

Todas essas pessoas que estão na beirada da ponte olham para mim. Quem são elas?

Tenho as minhas suspeitas, mas não quero acreditar nisso, acredito que isso, finalmente, aconteceu. Recuso-me aceitar isso. No entanto, não adianta espernear. Se aconteceu, então, existem muitos enigmas a descobrir.

E o barulho dos cortadores de grama não existe por aqui.

Vejo o rosto de uma garota. Ela é bonita.

E agora mais outra mulher.

Que poderia ter sido bonita, mas está com cara de quem precisa dormir uns seis meses. Os olhos estão vazios, sem vontade de viver.

E como elas falam. Realmente, não quero escutar o que dizem. Ainda não.

— É mesmo Petersson — diz Karin no momento em que se abaixa, junto com Malin, para observar melhor o cadáver que está deitado em cima da ponte sobre o fosso. — Posso reconhecer a vítima pela imagem que vi no *Corren* e nas revistas de negócios do meu marido, Kalle.

— Podemos pedir a um dos arrendatários para identificá-lo — diz Malin. — Mas eu também o reconheço, de modo que a identificação, na realidade, não será necessária.

Ingmar Johansson e Göte Lindman aguardam em uma das viaturas. Vão ser ouvidos assim que os detetives terminarem as primeiras verificações.

— Além dos ferimentos, ele tem uma grande nódoa negra no pescoço — diz Karin. — Com toda a certeza, as feridas no corpo são de facadas. Tudo indica que houve um ataque externo, com um tipo de violência raramente visto. As facadas foram dadas com raiva. Desde já, podem descartar a hipótese de que os ferimentos tenham sido feitos por ele próprio. De concreto, não posso dizer muito mais do que isso antes de levá-lo para o necrotério da cidade, analisar o corpo e chegar a novas conclusões. O solo aqui não vale a pena ser pesquisado. É impossível. A chuva já apagou todas as pistas. Talvez possa encontrar alguns restos de sangue na brita, mas duvido muito.

A ambulância acaba de chegar.

Conduzida por Stiglund, um antigo colega de trabalho de Janne. Stiglund cumprimenta Malin e pergunta se Janne estava bem. Malin disse que sim.

Ela olha mais uma vez para o cadáver.

O olho azul, quase mágico, parece querer sair da sua órbita. Isso faz com que Malin sinta um mal-estar. Ela quer se levantar, mas prefere virar o rosto e olhar para Zeke.

— O que acha?

— Alguém o atacou cheio de raiva com uma faca, bateu com alguma coisa na nuca dele e jogou-o no fosso. A sequência pode estar errada.

— A partir de agora, trata-se de uma investigação de homicídio — diz Sven Sjöman.

"Raiva", pensa Malin. "A minha mão levantada contra Janne. Porra, como eu estava zangada com ele. Imagine se eu estivesse com uma faca na mão. Nem pensar, nem pensar. Fale logo outra coisa."

— Vamos ter de averiguar o carro, o terreno em volta, o castelo inteiro, além dos outros imóveis, para ver se encontramos alguma coisa. Qualquer coisa que indique ter havido luta ou qualquer outra pista. E vamos ver se encontramos a arma do crime. Quase certo, uma faca. E uma pedra ou coisa parecida.

— Façam isso — diz Sven. — Vamos ter de juntar nossas forças, fazer uma reunião inicial antes de começar as investigações. Vamos ouvir aqueles dois que encontraram o cadáver. Telefonar para o restante da equipe. Karin, por favor, libere logo uma das salas do castelo para nos reunirmos, ok?

Karin concorda.

Outro carro chega e para à beira da mata.

É um dos carros de reportagem azuis e brancos do *Corren*.

“Tudo a seu tempo”, pensa Malin, ao sentir um nó no estômago, uma grande vontade de vomitar.

Malin avança pelo portão do castelo e pensa nas centenas de pessoas que fizeram o mesmo caminho que ela durante vários séculos. Com medo ou com orgulho, cansadas ou com a satisfação que só uma propriedade dessa importância pode dar.

Essas pessoas estão ancoradas na paisagem como fantasmas que se recusam a deixar o solo e começar a flutuar.

Malin acabou por fechar o olho aberto de Jerry Petersson.

Queria que ele ficasse em paz, parasse de observar o mundo com o seu olhar frio e morto. “Já chega nós, seres vivos, que temos de observar o mundo com essa mesma impertinência”, pensou ela. O rosto fechado de Jerry, os ferimentos abertos no seu torso, bastante exercitado. “Quem era você? Como é que alguém deve ser para vir parar num lugar como este? Como é que tudo isso se tornou seu? Quem é que ficou com tanta raiva e tão violento para fazer o que fez? Como é que ele, ou ela, pôde esfaqueá-lo tantas vezes?”

Malin deu uma volta no castelo. Encontrou uma pequena capela nos fundos, mas a porta estava fechada. Ela espiou o seu interior por um buraco e viu que no meio da construção octogonal havia uma elevação em pedra que, em sua opinião, devia ser o túmulo da família Fågelsjö. Das paredes, uns 20 ícones olhavam para ela. O ouro que envolvia a figura de Cristo parecia tentar enfrentar o passar dos séculos e dizer: “A beleza é possível”.

Do outro lado do castelo, estavam estacionados dois tratores vermelhos, próprios para cortar a grama, da marca Stiga. Em silêncio, como se tivessem sido usados pela última vez ou talvez tivessem sido retiradas as suas facas de corte.

Malin sobe a escada interna do castelo, respirando fundo o ar da manhã para manter o fôlego.

Apesar do mal-estar, está satisfeita e bem impressionada.

Envergonha-se dessa sensação. Pensa: “Afinal, todas as sensações provocam vergonha. Foram elas que lhe tiraram sua vida, Jerry Petersson? Do que você sentia vergonha? Se é que você sentia alguma coisa. Talvez seja necessário estar livre de qualquer tipo de vergonha para ser dono e morar num castelo como este, não?”

Na entrada do castelo, está pendurado o gigantesco candelabro, estranhamente isolado lá no alto. “Como se esperasse autorização para espalhar a luz”, pensa Malin. E, ainda, a grande pintura na parede. Um homem, uma mulher. “Um pouco de protetor solar, amor?” Talvez. Violência contida. Definitivamente.

“Esse quadro deve valer uma fortuna”, pensa Malin.

Murmúrios.

Perguntas.

Não pensem que vou responder.

Alguma coisa vocês vão ter de fazer para justificar o salário que recebem, não é?

Ouvi o barulho de uma câmera trabalhando.

A minha eternidade se amplia. Virei imortal.

Não posso me mexer. Mas mesmo assim posso ver Malin Fors examinando a minha coleção de ícones.

Posso talvez me divertir um pouco com toda esta situação. Brincar com a justiça como tantas vezes fiz.

Mas como é que eu vou poder fazer isso? Meu corpo está cheio de buracos. Alguma coisa está errada. Alguma coisa está errada.

Socorro.

Ajudem-me.

Malin Fors.

Não reconheço mais o meu medo. É um medo totalmente novo.

Só você pode me tirar daqui, Malin! Não é verdade?

Só você poderá anestesiar o medo do qual eu, tão desesperadamente, tento fugir. Do qual também você tenta fugir. Não é verdade?

11

Uma fotografia em preto e branco, com silhuetas de pessoas deitadas em uma rede, está pendurada na parede mais longa da sala da biblioteca. É como se as pessoas tivessem fugido da imagem e deixado apenas as suas sombras no lugar.

Malin não faz a menor ideia de quem é o artista da obra, mas parece uma coisa cara. Cheira a arte fina.

A sala deve ter uns dez metros de pé-direito.

Karin Johannison e dois colegas recém-chegados pesquisaram todos os recantos da sala, mas não encontraram nada que pudesse interessar. E a sala, agora, está disponível para a reunião.

As paredes estão cobertas de painéis de madeira escura e prateleiras de livros, agora vazias, que antes deviam estar cheias de obras francesas. De quais autores? Rousseau? Com certeza, não. Shakespeare? Com certeza, sim. Sven Sjöman senta-se em uma das poltronas arqueadas, cobertas de um tecido branco, no meio da sala. “Ele parece cansado e está mais magro”, pensa Malin, “mas se Sven parece cansado, como é que eu devo estar?”

Zeke senta-se em uma cadeira moderna, quadrada, do outro lado da estreita mesa metálica. Tira a capa, porém, na sua cabeça raspada, ainda há algumas gotas de chuva. Até Waldemar Ekenberg

se senta no sofá onde se espera que Malin também se sente. Waldemar é fumante, cheira a cigarro. Seus olhos escuros na penumbra da biblioteca. Suas pernas longas e magras quase desaparecem entre o tecido de gabardine de suas calças demasiado largas.

— Sente-se, Malin — diz Sven Sjöman, apontando para um lugar ao lado de Waldemar. — Mas tire essa capa molhada.

Ela tira a capa. “Será que ele pensa que eu tenho cinco anos?”

— É claro que eu vou tirar a capa — diz Malin. Sven, porém, fica surpreso. Não contava com a irritação dela. E diz:

— Malin, não foi essa a minha intenção.

De qualquer forma, ela tira a capa e se senta ao lado de Waldemar. O cheiro de cigarro a faz se sentir pior, com a indisposição atingindo níveis elevados.

— Jerry Petersson — diz Sven. — Assassinado violentamente. Podemos partir daí até sabermos qual foi, exatamente, a causa da morte, segundo o relatório da Karin. Esta é a nossa primeira reunião sobre o caso, ainda que convocada às pressas. A equipe das investigações preliminares do caso Jerry Petersson está formada.

Os policiais presentes continuam em silêncio.

Reconhecem que o momento é sério, de alta concentração, com toda a atenção focalizada no início de cada investigação. Têm a sensação de que é preciso andar depressa, chegar com rapidez a conclusões, pois sabem que a cada dia que passa diminuem as possibilidades de um esclarecimento pleno do caso.

Sven continua:

— Mandei o pessoal da secretaria fazer um levantamento rápido. Jerry Petersson nasceu em 1965 e, segundo o que se pôde apurar até o momento, só tem um parente próximo: o pai, que está

internado na clínica de Åleryd. Já estão a caminho um padre e um assistente social para informá-lo sobre a morte do filho. Teremos tempo para ouvir o que ele tem a dizer. É uma pessoa bastante idosa. Göte Lindman e Ingmar Johansson identificaram o corpo de Jerry Petersson na ponte sobre o fosso. A identificação foi feita sem qualquer hesitação e ambos se comportaram com muita calma.

Ao terminar, Sven Sjöman ainda perguntou:

— Alguém tem alguma ideia a respeito de por onde devemos começar?

A tonalidade da voz de Sven revelava sincero interesse em receber ideias, mas Malin sabia que logo ele iria continuar falando:

— Ok — diz Sven. — O que mais sabemos sobre Jerry Petersson?

— Advogado, originário desta região — diz Zeke. — Estudou no sul, em Lund, e trabalhou em Estocolmo. Fez fortuna e mudou-se para cá depois de comprar o castelo de Skogså da família Fågelsjö. Num artigo publicado no *Corren*, está escrito que os Fågelsjö decretaram falência e foram obrigados a vender este castelo. O autor do artigo insinuou, também, que Jerry Petersson havia feito antes alguns negócios duvidosos.

— Eu li esse artigo também — diz Malin, lembrando que foi Daniel Högfeldt que escreveu a matéria. — Ele devia ter uma boa fortuna para poder comprar isto aqui. Posso imaginar como os Fågelsjö devem ter ficado amargurados na hora de passar adiante a propriedade que estava nas mãos da família havia quase 500 anos.

“Fågelsjö”, pensa ela. “Uma das famílias nobres mais conhecidas desta província. Uma dessas famílias de que todo mundo sabe um pouco. Sem realmente saber o por quê.”

— Precisamos ouvir o que os Fågelsjö têm a dizer sobre o assunto e, principalmente, sobre as circunstâncias em que a venda foi feita — disse Sven Sjöman. — Procurem saber quem é que na família teve maior participação na compra e venda.

— A família é composta de um patriarca e seus dois descendentes, um filho e uma filha, acho eu — informa Zeke.

— Como é que você sabe isso? — pergunta Malin.

— Também estava mencionado no *Corren*. Num desses retratos de aniversariantes, quando o velho fez 70 anos.

— Quais os nomes dos descendentes?

— Não faço ideia.

— Mas isso deve ser fácil descobrir — intervém Waldemar.

— Vocês devem dividir entre si os interrogatórios — diz Sven Sjöman. — Façam isso o mais rápido possível. Eu vou ver se consigo realizar uma investigação de porta em porta pelos arredores do castelo e tratar de mandar um comunicado para a mídia, pedindo para que as pessoas que, porventura, tenham visto alguma coisa de estranho na área nas últimas 24 horas, nos procurem.

— Se ele era assim tão rico — diz Malin —, será que não foi um latrocínio? Alguém que ouviu falar do novo ricaço no castelo e resolveu atacar.

— Pode ser que sim — comenta Sven. — O portão do castelo estava aberto. Mas, pelo que pudemos ver, não falta nada aqui dentro. E Karin encontrou a carteira de Jerry Petersson na capa amarela. Além disso, as facadas na barriga indicam raiva não muito comum em casos de roubo.

— Não. Também tenho a sensação de que não foi roubo ou invasão com intenção de roubar. Deve ter sido outro motivo — completa Malin.

— E os relacionamentos de Petersson nos negócios? — indaga Zeke. — Se ele era, como dizem, um pouco sórdido na sua maneira de negociar, pode ser que existam centenas de pessoas que lhe queiram mal, que estejam com raiva dele.

— Essa é, atualmente, a nossa hipótese principal — diz Sven. — Vamos ter de procurar por documentos e relatórios sobre negócios aqui no castelo que possam indicar algum caminho a seguir. Em que tipo de negócios escusos ele esteve metido? Antigos colegas? A sua firma de advocacia? Será que ele tinha negócios em andamento e que estavam indo mal? Vamos ter de fazer uma boa investigação sobre o seu passado. Deve haver muita coisa escrita. Waldemar, você e Jakobsson podem fazer isso. Comecem procurando todos os papéis aqui no castelo, assim que o departamento técnico de Karin terminar o trabalho. Vamos ter de saber, também, se ele deixou algum testamento. Quem é que vai herdar tudo isto aqui? É uma questão interessante, para dizer o mínimo.

— Jakobsson está de licença — informa Waldemar.

— Telefone para ele e convoque-o — diz Sven Sjöman. — E vocês, Malin e Zeke, interroguem os dois homens que o encontraram.

Falam primeiro com Ingmar Johansson.

O camponês arrendatário beberica café sentado à mesa da cozinha do castelo, ajeita o cabelo louro, com a mão, com relativa frequência e conta como ficou preocupado, de início, ao ver que o castelo tinha um novo dono, mas a “calma” voltou assim que falou com Petersson.

— Ele não iria mudar os contratos de arrendamento.

— Nenhuma mudança? — pergunta Zeke.

— Não. Ou quase nenhuma.

— Quase?

— Sim. Ele queria apenas que nós o ajudássemos nas caçadas quando lhe fosse conveniente.

— E, nesse caso, você não tinha nada contra, não é?

— Claro que não. Por que deveria ter? Também não é bom para mim ter muitos animais selvagens circulando pelos terrenos arrendados.

— Quando é que vocês teriam de ir caçar? — pergunta Malin.

— Quando ele telefonasse.

— Com qual frequência?

— Isso ele não disse. Ontem foi a primeira vez que ele telefonou.

— E não viu nada de estranho quando chegou aqui? — questiona Malin, apesar de ter perguntado a mesma coisa quando chegou ao castelo. Quis extrair a verdade de Ingmar Johansson com a força da repetição.

— Não, eu cheguei de carro com Göte Lindman. O Range Rover estava na subida para a entrada do castelo. Achei que Petersson ainda estava dentro e que sairia ao escutar que havíamos chegado. Mas, como não saiu, nós resolvemos entrar e procurar por ele.

— No caminho até aqui, vocês não viram nenhum carro andando em sentido contrário?

— Não.

— O portão do castelo estava aberto?

— Isso vocês já perguntaram. Sim. Caso contrário, não poderíamos ter entrado. Esses portões não são fáceis de arrombar.

— Você não esteve aqui antes, hoje? — questiona Zeke. — Ou durante a madrugada?

— Não. Por quê?

O rosto de Ingmar Johansson parece ter encolhido, os lábios cerraram-se, e os seus olhos se fixaram, desconfiados, nos dois detetives.

— Podem perguntar à minha esposa lá em casa, se não acreditam em mim. Vimos televisão à noite e, depois, fomos para a cama. Foi ela que fez hoje o café da manhã.

— Você sabe alguma coisa a respeito de Jerry Petersson que possa nos interessar? — pergunta Malin.

— Nada. Absolutamente nada.

— Alguma coisa a respeito dos negócios dele?

— Nada.

— Ele vivia sozinho aqui?

— Acho que sim. Não tinha empregados. Pelo que se dizia, contratava os serviços quando precisava.

Ingmar Johansson respondeu a esta pergunta com uma expressão no rosto de quem já estava farto de tantas insinuações:

— Já disse tudo o que tinha a dizer.

— Você pode ir embora agora — diz Malin, cansada. — Mas esteja à nossa disposição para outras perguntas, se for necessário.

— Pode ficar com o número do meu celular — diz Ingmar Johansson enquanto se levantava.

“Göte Lindman mora sozinho”, pensa Malin, ao ver o seu rosto em contraste com os azulejos brancos da parede da cozinha.

Um camponês isolado que, certamente, se diverte mais na solidão do assento da sua colhedeira ou com os seus animais, se é que tem alguns. A mulher a quem ele se referiu, Svetlana, foi mencionada mais como se fosse um móvel do que uma companhia.

Göte Lindman contou exatamente a mesma história de Ingmar Johansson. De como eles foram chamados para caçar, como isso

entrou como ponto informal no contrato de arrendamento com o novo dono do castelo e que isso não fazia diferença nenhuma para ele, visto que caçar era uma prática normal no outono, uma época em que pouco ou nada havia a se fazer nas plantações.

— Petersson me pareceu ser uma boa pessoa.

Göte Lindman diz essas palavras com ênfase, antes de continuar:

— Foi horrível encontrá-lo no fosso daquela maneira. Acho que o nosso relacionamento começou bem e podia ter ficado ainda melhor. Fågelsjö era um tipo desagradável.

— Qual deles? — pergunta Zeke.

— Eu sempre tratei com o velho, Axel.

— Como desagradável? — pergunta Malin.

— Muito mal-humorado. É. Ele sempre dava a entender quem era que tinha poder, se é que se pode dizer assim.

Göte Lindman fica em silêncio, balança a cabeça e deixa transparecer nos olhos uma expressão de medo.

— Como é que isso acontecia? — pergunta Malin.

— Pelos grandes aumentos do aluguel, por exemplo — diz Lindman, rapidamente.

Malin faz um aceno de compreensão.

Os modernos donos de castelos. Os mesmos homens poderosos de sempre, pressionando os camponeses e lavradores como sempre, exigindo a mesma subserviência de sempre. No entanto, ao mesmo tempo, certas pessoas também possuem a capacidade de sempre odiar todas as autoridades.

— Você sabe alguma coisa a respeito de Petersson?

— Não muito, a não ser que foi criado na cidade e era o ricaço da comunidade.

— Você sabe de onde ele tirava o dinheiro? — pergunta Zeke.

Lindman balança a cabeça, negativamente.

— Nem imagino.

— Ele morava aqui sozinho?

— Só com o cachorro, pelo que sei. Aliás, o que aconteceu com ele?

— Vamos tomar conta dele — responde Malin, embora reconheça que não faz a mínima ideia do que acontecerá com o cão, que continua a latir dentro do carro.

Então, mais algumas perguntas: se tinham visto algo de estranho no caminho, algum carro em sentido contrário, se o Range Rover estava mesmo na subida para a entrada do castelo ao chegarem, se ele fazia alguma ideia de quem poderia ter cometido aquele ato, e o que ele próprio fez na noite anterior e na madrugada daquele dia.

— Não faço a menor ideia de quem possa ter cometido esse crime. Fiquei o tempo todo em casa. Perguntem a Svetlana. Vocês não estão pensando que fui eu quem fez isso, não é? Senão, eu não teria telefonado para vocês, certo?

— Achamos que não — responde Malin. — Não há razões para considerar que você esteja envolvido no eventual assassinato de Jerry Petersson. Mas temos de perguntar, considerar todas as hipóteses, manter abertas todas as portas possíveis e, ao mesmo tempo, fechar algumas outras.

Malin e Zeke ficam sozinhos na cozinha.

As paredes de azulejos brancos fazem com que Malin se lembre de matadouros e de cemitérios. Pensa ainda na neblina que paira lá fora, na floresta e no campo. A neblina que poderia ser a fumaça com cheiro de pólvora, a pairar sobre o campo de uma batalha no século XVII.

Sangue e gritos.

Membros cortados.

Podridão e lodo embaixo dos pés.

Pessoas sem braços que gritam no meio da fumaça produzida pela palha que arde. Figuras sem pernas, crianças de orelhas cortadas.

Exatamente como Janne viu em Ruanda, não faz muito tempo.

— O portão estava aberto, por quê? — pergunta Malin. — Afinal, as obras de arte, aqui, devem valer milhões, não acha?

— Talvez ele estivesse aqui dentro quando viu alguém chegar. E, então, saiu e não fechou o portão. É uma explicação lógica.

— Ou, então, foi dar uma volta, saiu com o carro e se esqueceu de fechar o portão.

— Ou — diz Zeke — talvez ele nem pensasse no perigo e, simplesmente, não se preocupou em fechar o portão.

— Ou talvez não morasse sozinho. Talvez alguém tivesse ficado no castelo quando ele saiu.

— Uma mulher?

— Talvez. É muito estranho, não acha? O fato de ele viver aqui, nesta monstruosidade de castelo, sozinho, solitariamente, no meio do nada.

— Mas todos dizem que ele vivia aqui sozinho. Talvez gostasse da solidão. Pode ser...

— Está ouvindo o cachorro? — pergunta Zeke.

— Não, mas temos de lhe dar água.

Zeke concorda.

— E o que vamos fazer com ele? — pergunta Malin.

— Vamos levá-lo para um canil em Slaka.

— Ou para a casa de Börje Svärd. Ele tem um canil em casa.

— Acha que ele vai aguentar?

A mulher dele, Anna, está no respirador artificial. Na casa mais bonita e elegantemente decorada que Malin já viu. Uma boa pessoa num corpo amaldiçoado.

Malin pensa em seu próprio apartamento. Só esta cozinha é três vezes maior.

— Temos de saber mais sobre Jerry Petersson — diz Malin. E pensa: “Estamos às cegas no meio desta neblina outonal. Mas uma coisa é certa, Petersson conseguiu aquilo que eu ainda não consegui, sair de Linköping, uma cidade maldita. Por quê? Por que ele fez questão de voltar? Qual foi a voz interior que o atraiu de volta para cá?”.

— Quem acha que ele foi? — pergunta Malin.

Zeke encolhe os ombros, enquanto Malin imagina que tipo de sonhos e de desejos um homem como Jerry Petersson podia ter. “Quais seriam suas alegrias e dores?”

12

O que quer saber de mim, Malin Fors?

Eu posso contar tudo. Apenas terá de ouvir com muita atenção. Eu sei que é boa em escutar as vozes que não se ouvem, os murmúrios insondáveis que alimentam a sabedoria e talvez até a verdade.

Eu não sou uma pessoa rigorosa.

Nunca fui, mas, ainda assim, sempre acreditei no rigor, considerando tudo o que ele me deu. É certo que esse rigor me tornou uma pessoa sozinha, mas escolhi acreditar que a minha solidão era determinada apenas por mim.

Não preciso de ninguém. Não posso viver com ninguém. Não tenho medo da solidão.

Convenci-me disso.

Uma porta de carro se fecha.

Ainda há pouco, fecharam o zíper por cima da minha cabeça e, por um segundo, tudo ficou negro. Depois, o mundo voltou a se abrir diante dos meus olhos. Simples e bonito, de uma maneira única. De repente, a crença no rigor pareceu um erro.

Eu errei, pensei. Você errou, Jerry Petersson.

E, agora, estamos andando, a ambulância e eu. Amaldiçoei a minha situação. O meu corpo jaz dentro de um saco plástico, numa espécie de beliche, e balanço de um lado para o outro à medida que o veículo roda na brita de uma estrada que entra na floresta.

Estou aqui dentro.

Neste saco preto e frio.

Estou aqui em cima.

Aqui em cima, no céu, e vejo lá embaixo Skogså, além de Malin Fors e Zacharias Martinsson, que estão descendo a entrada do castelo, lado a lado, a caminho do carro de Malin, no qual Howie parou de latir e está com a língua de fora, com sede.

Vejo também o maldito velho Fågelsjö no seu apartamento.

Para onde vão todas essas pessoas? E a seguir? O que acontece?

Isso eu posso ver se quiser.

Mas prefiro deslizar para outros espaços, ver a mim próprio, ver como sou transportado, tal como acontece neste momento. Embora transportado de uma maneira infinitamente diferente, um corpo dentro de um caixão, com uma dor que, realmente, não sinto.

13

Linköping, Berga, 1972 em diante

O rapaz fica angustiado cada vez que sente dor. Isso acontece no momento em que a ambulância chega. A sua tíbia partida bate no canto da maca, e ele se dá conta de que tem lembranças e nem sempre elas são boas. Nesse momento, a dor é maior do que qualquer outra jamais sentida, e ele tem consciência disso, também. É como se essa nova dor fosse a soma de todas as dores que já sentiu. E, imediatamente, passa a entender sua mãe, mas o pai permanece oculto, é a dor espiritual, impossível de abrandar.

Nem a mãe nem o pai podem seguir na ambulância. Então, ele pode ver a sua própria preocupação refletida no homem que está sentado ao seu lado, homem delicado e amigo que passa a mão pelos cabelos e diz que tudo vai ficar bem. Neste dia de junho começa a Conferência Internacional para o Meio Ambiente, a primeira, enquanto as bombas continuam a cair no Sudeste Asiático.

Não existe elevador no prédio em Berga. O apartamento deles fica no segundo andar e o rapaz sabe que a mãe tem dificuldade em subir as escadas, que ela sente dores, as dores de sempre. O que ele não sabe é que as articulações dos joelhos da mãe foram tomadas pelo reumatismo e que ela pediu aos médicos do hospital

regional para aumentar a dose de cortisona. Mas eles se recusam a fazer isso: “Tem de aguentar”, dizem eles, “não podemos fazer nada”.

Por causa do cansaço, ela nada pode fazer pelo filho do momento em que a avó o traz da escola até a chegada do pai, quando este sai do turno na linha de montagem da fábrica.

O rapaz fica andando, se equilibrando, em cima do parapeito da varanda. O canteiro de rosas, cinco metros abaixo, parece até macio, com todas as suas flores, amarelas e vermelhas, que enfeitam as fachadas dos prédios construídos na década de 1950. Os gramados em frente, bastante maltratados, costumam servir de cama para os trabalhadores do parque, antes do meio-dia, na hora da sua cerveja matinal, que passa de mão em mão e de boca em boca.

Ele não está com medo.

Se tiver medo, cairá.

A mãe grita da cozinha, chama por ele, cansada demais para se levantar da cadeira que ela aproximou do fogão, no qual prepara uma sopa de ervilhas ou um prato de carne com couve-flor, temperado com ervas finas. Ela grita, preocupada e irritada:

— Desça do parapeito! Vai acabar morto lá embaixo!

Mas o garoto sabe que não vai cair nem morrer.

— Vou contar tudo ao seu pai. Ele vai dar uma surra em você assim que chegar.

No entanto, o pai jamais dá qualquer surra no garoto, nem mesmo quando está bêbado. Porque o garoto sempre dá um jeito de desaparecer. Quando está sóbrio, o pai prefere chegar ao quarto e sussurrar pedindo para que o filho grite como se estivesse levando umas palmadas. E isso passa a ser mais um segredo entre os dois.

Embaixo, na caixa de areia, estão sentados dois garotos, e a irmã mais velha de Jojje está no único balanço, que ainda funciona. Todos os três olham para cima, para ele, não receosos, mas com a expressão de que sabem que ele conseguirá se equilibrar.

Então, o telefone toca dentro do apartamento. Ele quer atender, como de costume, mas se esquece de que está em cima do parapeito da varanda. O seu tronco inclina primeiro para um lado, depois para o outro. Ele acha que pode ser a avó telefonando para convidá-lo a passar o fim de semana no campo, mas se esqueceu de fazer o convite antes. A faixa do parapeito da varanda é estreita demais. Escuta os gritos da mãe, o grito amargurado de Jojje. Em seguida, vê a casa e o céu azul do verão prematuro de pernas para o ar e sente os espinhos da roseira no corpo. Sente também a batida na perna, uma dor forte, tenta se mover, mas não consegue.

Tem de assumir as consequências.

Colocam gesso na perna até a coxa para mantê-lo quieto. Dão à mãe mais cortisona para que possa tomar conta do filho. O pai improvisa o carrinho de criança para que o filho possa circular sem esforço, e ambos vão ao supermercado, no centro. As pessoas olham para ele e acham que se trata de alguém grande demais para andar de carrinho.

Quando tiram o gesso, ele passa a correr rápido como nunca.

Sabe agora o que significa “retardado”. Mantém-se cada vez mais longe dos pais, mesmo quando andam juntos. As palavras amargas do pai são, também, cada vez mais raras. Ele, Jerry, já está a mais de cem passos à frente, mas continua a voltar, às vezes, para os braços do pai, apesar de saber que esses braços podem se fechar em volta do seu corpo como mordidas de um lobo, que os dedos fortes do seu pai podem se tornar as lâminas de um cortador de

grama, que picam seu corpo. E que suas palavras afiadas são estímulos negativos: “Você, você não serve para nada, meu rapaz”.

As últimas semanas de verão são, também, as suas últimas, definitivamente, no jardim de infância. Dali em diante, tem exames pela frente.

Lembra-se do que falta na fotografia. Compara as coisas, umas com as outras. Tudo isso ele entende que faz parte de ser competente, uma competência que provoca admiração nas pessoas que já não esperam ver competência em ninguém. Mas o seu olhar, aqueles olhos grandes, enormes, azuis, focados intensamente no interlocutor, continuavam a ser imbatíveis na hora de conseguir o que quer.

A professora viu o resultado da prova no jardim de infância. Ela chama Jerry, com esperança na voz, no primeiro dia na escola. Depois, ela lê no papel o endereço dele. Fica desapontada, seus ombros caem: um garoto de Berga com cérebro.

Ele faz contas mais rápido do que ninguém.

Escreve melhor.

Lê mais rápido. Estica o braço para cima quando mais ninguém o faz e olha para a professora que o vê com desconfiança. Mas ele ainda não entende o motivo dessa atitude. Não nota a sujeira nas suas roupas, a cera nos ouvidos. Os cabelos longos demais, desalinhados. O buraco na camiseta. Ele a olha com admiração. Até que algo acontece no terceiro ano. Ela se torna sua protetora, toma conta dele, vê como ele é e quem poderá vir a ser.

Ele começa a chegar tarde em casa. Ao entrar, tenta passar despercebido, mas, às vezes, o pai ainda está acordado.

E faz aquilo que o pai talvez gostasse de fazer certas noites, depois de matar a sede, de maneira insaciável, com vinho e cerveja,

mas nunca ousou fazer: bater quando diz que vai bater.

Ele vence a todos os que atravessam seu caminho. Bateu até no diretor da escola quando a mãe e a avó foram chamadas para uma reunião.

Mas continuou na escola e na sua classe.

“Um talento brilhante”, segundo a professora.

Então, procura bater, mas sem que ninguém veja.

Ele se livra de todos os sentimentos, mesmo daqueles sem nome dos quais não pode fugir. Quer ficar longe do círculo fechado na área pobre de Berga e do apartamento de sala e quarto onde a família vive. Longe da Escola de Ånestad e até das várias casas da avó. E, assim, seus pés correm leves, incansáveis, pelo solo da região, mas já pensam no mundo que se abre adiante.

14

A ambulância segue com o corpo todo perfurado.

Segue lentamente em direção à floresta como se estivesse se esforçando para não acordar ou incomodar o morto. No carro, o cachorro late ao passar pela ambulância, pula, atira-se contra o vidro lateral.

De onde está, à entrada do castelo, Malin olha para os postes de luz verde que balançam ao sabor do vento, nota como a tonalidade do verde da luz contrasta com o clima cinzento do dia. Montes de folhas amareladas, em estado de decomposição natural, formam-se à beira da floresta. Junto às folhas amareladas estão folhas de papel pintadas com cores fortes por crianças de uma creche próxima, em risco de fechar para sempre. Entretanto, as copas das árvores, já sentindo o frio de outono, ficam observando lá de cima o espetáculo da natureza e parecem se despedir quando os seus ramos se mexem.

Mais uma investigação começa, e as perguntas são sempre as mesmas. Malin faz essas perguntas para si própria e sabe que os outros da equipe também as fazem.

Como entender essa situação?

Afinal, o que aconteceu?

Quem era Jerry Petersson? A resposta para a questão sobre o porquê da violência sempre está na vida do morto. E na sua morte. O que foi que o fez se mudar, voltar para esta cidade e seus arredores? Ele já estava aqui havia quase um ano e meio, mas, muitas vezes, a maldade também se movimenta com lentidão.

De repente, parece que a floresta se abre diante dos olhos de Malin; os espaços entre as árvores aumentavam e, nas aberturas, ela tem a impressão de que a escuridão esconde uma miríade de figuras sem contornos.

Malin imagina ouvir uma voz, como se todas essas figuras quisessem dizer a mesma coisa:

“Vou ficar aqui flutuando durante mil anos. Vou dominar todas estas terras.”

Em seguida, a voz muda de tom e grita:

“Salve-me. Sou devedora, sim, mas salve-me, perdoe-me.”

E, sussurrando, acrescenta:

“Por que me tornei essa pessoa?”

Pequenas serpentes amarelas parecem circular em volta dos pés de Malin. Ela bate com os pés no chão, mas os répteis nunca desaparecem.

Ela pestaneja lentamente. Olha.

As serpentes e as figuras, então, desaparecem.

Fica à sua frente apenas uma floresta deprimente, cinza. Seus pés pisam na brita do caminho, com o seu restolhar característico.

“Afinal, o que está acontecendo? Será que estou ficando maluca?” Malin não está com medo. Apenas acha que o álcool e tudo mais já passaram do limite. Logo volta à realidade. Apenas algumas horas antes, alguém matou um homem a facadas.

Um assassinato.

Alguém acabou com a vida de Jerry Petersson!

Malin liga novamente o celular. Esteve desligado durante muito tempo, desde que chegou ao castelo.

Duas chamadas perdidas. Ambas de Tove, que não deixou nenhuma mensagem. “Eu devia... Devia retornar a chamada...”

No banco de trás, o cachorro agora está calmo. Deve estar deitado.

— Malin! Malin!

Ela reconhece a voz de Daniel Högfeldt. É ele que grita pela janela do carro de reportagem do *Corren*.

Ela fica com vontade de lhe fazer um gesto malcriado.

Mas resolve apenas acenar.

— Tem alguma coisa para me dizer?

Sua voz é um alerta bem sonoro.

— Esqueça, Daniel! — grita ela.

— Foi assassinato, não é verdade? E o morto é Petersson, não é?

— Saberá mais tarde. Karim vai convocar, certamente, uma entrevista coletiva.

— Volte, Malin...

Ela balança a cabeça, enquanto ele sorri, um sorriso sensual, cheio de promessas, exatamente o tipo de sorriso de que ela estava precisando.

“Será que os meus desejos estão tão transparentes?

“Daniel escreveu o artigo sobre Petersson. Pode ser que ele saiba mais alguma coisa sobre a vítima, não? Mas não posso lhe perguntar nada agora. Não estou em condições. Iria confirmar outros desejos.”

Malin acreditava que seus encontros amorosos com Daniel Högfeldt iriam terminar assim que se mudasse para a casa de

Janne. Mas, uma noite, depois de suar no ginásio da polícia, ela sentiu que ainda faltava mais alguma coisa para acalmar seu corpo. Entrou no carro e, antes de voltar para casa, não resistiu. Telefonou.

— Venha! — disse Daniel.

Dez minutos depois ela estava deitada, nua, na cama dele, na rua Linnégatan.

Não se ouviu uma única palavra entre os dois nesse encontro. Nem no encontro seguinte, nem no seguinte, no seguinte, no seguinte...

Houve apenas penetração e aceitação, os seus corpos se juntaram, explodindo aos gritos de prazer. Depois, olharam um para o outro e ficaram pensando: “Afinal, que raio de situação é esta? O que estamos fazendo? O que, afinal, está faltando?”.

Daniel Högfeldt olha para Malin e, contra a sua vontade, não consegue evitar um pensamento: “Droga, como ela está mal. Tão mal que quase deixou de ser *sexy*.”

Durante algum tempo, Daniel tentou fazer com que Malin o visse de outra maneira, não apenas como um corpo cheio de tesão, mas isso pareceu impossível. Ela o via apenas como alguém que desejava ter informações exclusivas sobre as investigações em andamento, e, na realidade, era ela que se aproximava dele apenas para satisfazer seus desejos sexuais.

Então, Malin resolveu reatar com o ex-marido. “Na realidade, o que restou entre dois? Ela só quer ir para a cama comigo. É isso? É claro que ela está mal. Mas se eu tentar falar alguma coisa, ela vai embora. Tenho certeza de que fugiria.”

Daniel recosta-se no banco ao ver o policial careca, que ele sabe que se chama Zeke, aproximando-se de Malin.

Daniel fecha os olhos e se prepara para representar o papel de repórter agressivo que ele adota diante dos outros policiais.

Quando Zeke e Malin chegam ao carro, o cachorro se levanta do banco de trás. O rabo curto começa a abanar assim que vê a bacia com água nas mãos de Zeke. Mas ao abrirem a porta, o cachorro abaixa-se no chão do carro, atrás do banco da frente e parece ficar à espera do que vai acontecer. Zeke oferece-lhe a água e logo é possível escutar o barulho da sua língua puxando o líquido.

— Vamos levar o animal para a casa do Börje — diz Malin.

— Ok — responde Zeke.

Malin se senta no banco do passageiro. Zeke, ao volante.

O cachorro late no banco de trás.

“O corpo nu de Daniel Högfeldt.

“Afinal, é o que me falta”, pensa Malin.

Há um chalé pintado de vermelho-escuro à beira do caminho que leva ao castelo de Skogså, não muito longe do desvio que leva a Linköping. Em torno do chalé, crescem as árvores de uma pequena floresta e um prado que mais parece um grande jardim. A caminho da cidade, eles param nessa casa. Alguma coisa dizia a Malin que eles deviam falar com o morador e não deixar que o serviço fosse feito por qualquer outro policial.

— O cachorro pode ficar no carro. Não tem problema.

No exato momento em que Malin ia bater à porta da casa esta se abre. A detetive então dá um passo para trás, e Zeke pula para o lado. Surge o cano de uma espingarda de caça nas mãos de uma velha baixa e grisalha.

— Quem são vocês? — resmunga a velha com voz rouca.

Malin recua mais um pouco. Pelo canto dos olhos, vê que Zeke já procura sua arma.

— Calma, calma — diz Malin. — Somos da polícia. Deixe que eu vou mostrar-lhe a minha identificação.

A velha olha para Malin.

Parece reconhecê-la.

Baixa a arma. E diz:

— Eu conheço você do jornal. Pode entrar. Peço desculpas pela espingarda, mas eu nunca sei quem anda por aqui.

No carro, o cachorro voltou a latir.

— Podem pendurar os casacos aqui na entrada. Querem café? Na realidade, está na hora do almoço, mas para isso eu não posso convidá-los.

A velha, que acabou se apresentando como Linnea Sjöstedt, segue em direção à cozinha.

“Seus passos fazem com que os meus pareçam os de uma doente”, pensa Malin, ao mesmo tempo em que a ideia de “hora do almoço” a deixou enjoada.

A velha pousa a espingarda em cima de uma mesa rústica, colocada sobre um tapete de tiras de pano, certamente tecido em casa. Há um velho fogão Husqvarna, além de pratos artisticamente pintados, dispostos pelas paredes.

Há um cheiro de pessoa antiga, um cheiro ácido, mas não todo desagradável, e uma sensação nítida de que o tempo sempre segue o seu ritmo, por mais que as pessoas queiram mudá-lo.

— Sentem-se.

Para a velha, a cena com a espingarda já vai longe, mas Malin ainda sente a adrenalina em suas veias. As roupas de Zeke continuam molhadas com a água da grama, na qual ele se atirou para escapar da ameaça. Os dois veem que ela coloca uma antiga

cafeteira com água no fogo para “cozinhar” o café granulado. Na mesa, antigas canecas da marca Blå Blom.

— A senhora não pode apontar sua arma dessa maneira para as pessoas — diz Zeke, ao sentar-se.

— Como eu disse, nunca se sabe o que posso encontrar lá fora.

As cadeiras são desconfortáveis, os encostos muito duros.

— A senhora está se referindo a alguém em especial? — pergunta Malin.

— Quem sabe o que a maldade pode inventar? Alguma coisa aconteceu para que vocês estejam aqui.

— Sim, claro — concorda Malin. — Jerry Petersson, o novo dono do castelo Skogså, foi encontrado morto.

Linnea Sjöstedt acena com a cabeça afirmativamente.

— Assassinado?

— Provavelmente, sim — acrescenta Zeke.

— Isso não me surpreende — diz a velha, ao mesmo tempo em que serve o café. — Não tenho pão. Não como, pois engorda.

— Nós gostaríamos de saber se a senhora viu algo estranho ontem, durante a madrugada, ou hoje, pela manhã. Ou se há outra coisa que tenha achado diferente nos últimos tempos.

— Hoje, pela manhã — diz Linnea —, eu vi Johansson e Lindman a caminho do castelo. Era mais ou menos sete e meia.

Malin acena, confirmando.

— Mais alguma coisa?

Malin bebe um pouco do café. Um café “cozido”, à moda antiga.

— Às vezes, quando uma pessoa fica velha como eu — diz Linnea Sjöstedt —, nem sempre sabe se está sonhando ou se aquilo que vê, ou acha que está vivendo, corresponde, de fato, à realidade. Johansson e Lindman eu tenho certeza, porque naquele momento

eu já tinha bebido o meu primeiro café, mas do que vi antes, não sei.

— Portanto, a senhora viu alguma coisa antes, não é verdade?

Malin esforça-se para manter a seriedade. Como se os sonhos pudessem se transformar em realidade.

— Sim, acho que vi um carro preto a caminho do castelo, logo ao amanhecer. Mas não tenho certeza. Às vezes, eu sonho que já me levantei. E isso pode ter sido um sonho.

— Um carro preto?

Linnea Sjöstedt confirma com a cabeça.

— Não se lembra da marca? Que tipo de carro?

— Talvez um furgão. Um grande. A marca, não sei. Nunca dei importância a esses detalhes.

— A senhora é arrendatária do terreno do castelo? — pergunta Malin.

— Não, Deus me livre! Meu pai comprou o chalé e o terreno dos Fågelsjö na década de 1950. Eu me mudei para cá há vinte anos, quando meu pai morreu.

— E Petersson? O que a senhora sabe sobre ele?

— Ele passou aqui. Visitou-me. Um jovem muito agradável e simpático, embora nem sempre fosse muito simpático. Os negócios que tinha com esse tal de Goldman...

— Goldman?

— Sim, Jochen Goldman. Aquele que fraudou uma empresa financeira, em Estocolmo, em várias centenas de milhões de coroas e depois fugiu do país. Os dois eram sócios. Li sobre isso na internet. Vocês não sabiam disso? Vocês são da polícia. Esse tal de Goldman parece ser um tipo verdadeiramente repulsivo.

— Repulsivo? — pergunta Malin.

Linnea Sjöstedt não responde, apenas balança lentamente a cabeça.

“Horrível”, pensou Malin depois. Receber um sermão de uma senhora de 80 anos. Mas é isso mesmo. Goldman também apareceu no artigo no *Corren*, embora o texto focalizasse, principalmente, Jerry Petersson, os seus planos para o castelo e a maneira como ele expulsou de lá os Fågelsjö.

Mas a octogenária ainda se lembrava de Jochen Goldman. De como ele esvaziou o caixa de uma empresa da Bolsa com a ajuda de um conde francês. De como ele se manteve fora do país durante uma década, recebendo enorme atenção da mídia. E de como publicou livros sobre a vida no exílio e acabou voltando para a Suécia no dia em que o seu crime financeiro prescreveu.

Como é que nenhum detetive se lembrou de fazer a ligação entre o fraudador financeiro e a sua atual vítima na reunião no castelo?

Estranho. No entanto, os cérebros investigadores ainda estão começando a acordar. Estão tão nebulosos quanto o outono.

Irritada, Malin ainda pergunta:

— O que a senhora fez durante a madrugada e hoje pela manhã?

— A detetive acha que eu tive alguma coisa a ver com o falecimento de Petersson?

— Eu não acho nada — diz Malin. — Mas gostaria que a senhora respondesse à minha pergunta, por favor.

— Cheguei em casa esta madrugada, em torno das quatro horas, num carro da empresa Táxi Linköping. Portanto, podem checar. Estive na casa de Anton esta noite. Ele é meu amante e mora em Valla. Posso dar o número do telefone dele.

— Obrigado — diz Zeke. — Não vai ser preciso. A senhora sabe de mais alguma coisa que possa ser útil para a nossa investigação?

A velha fecha os olhos, pensa.

Abre a boca, parece que vai falar, mas arrepende-se e não solta nenhuma palavra.

Antes de ligar o carro, Zeke passa a mão na cabeça do cachorro. Fala com ele, acalma-o e faz com que que ele se deite novamente no chão do veículo. Pelo visto, não estava interessado em ver a floresta e os campos.

“O cérebro ainda não está funcionando como deve”, pensou Malin.

Ela está querendo mais uma bebida.

Goldman.

Uma das maiores fraudes na história do país, e ele conseguiu se manter no exílio até o crime prescrever.

Era com tipos assim que Petersson fazia negócios. Vão ter muita coisa para investigar. Há muita papelada nas várias salas do castelo, e, como se trata de um crime, podem verificar o que quiserem, nem precisam de autorização do administrador do espólio. Se Jerry Petersson tinha negócios com Goldman, ele poderia ter negócios com pessoas piores.

Malin olha os campos que se estendem à sua frente, sob a neblina. São milhares de tonalidades de cores pálidas, misturadas umas nas outras. O vento é fraco, mas suficiente para levantar as folhas das árvores como se fossem bandeiras acobreadas que se espalham pelas terras, flutuando para cá e para lá, como estrelas de metal por baixo de um céu relativamente baixo. À beira de um dique, juntam-se várias fileiras de folhas bem vermelhas, de um vermelho-escuro como o sangue que escorria do corpo de Jerry Petersson.

“Tenho de telefonar para Tove.”

Malin tenta fixar os olhos, mas tudo flutua diante dela. Há o espelho retrovisor, mas ela não quer se olhar, não quer ver o rosto

inchado. Odeia esses inchaços, não quer olhar a vergonha que está escrita na sua testa, nas faces, nos menores cantos do rosto. O carro parece estar encolhendo. Ela tem dificuldade em respirar. Chega a pensar em se jogar na estrada. “Tove. Janne. Como é que vocês vão me perdoar?”

“Que inferno!

“Por favor, deem-me uma dose de bebida grande e forte. Agora.” O suor escorre pelo rosto. “Eu sei exatamente o que devia fazer, mas não consigo pôr nada em prática.”

— Você está bem? — pergunta Zeke.

— Muito bem, obrigada — responde. Obriga-se a pensar no caso que lhe foi mandado por Deus.

“Um carro preto visto em um sonho? Lindman? Johansson? Mas por quê?

“Jochen Goldman.

“Toda a família Fågelsjö.

“Em geral, gente louca por dinheiro.

“Quem se irritaria e ficaria com raiva com mais facilidade?”

15

Só a ideia de ter de ver todos os papéis faz com que Johan Jakobsson fique irritado. Quantas pastas eles já trouxeram para dentro da sala até agora?

Duzentas? Trezentas?

Sua camisa azul já está suja de tanto mexer nessa papelada antiga.

Johan olha para a sala de reuniões, que é agora o coração da polícia criminalista de Linköping. Arrota e sente o gosto do estrogonofe que comeu no almoço.

A sala sem janelas, com paredes forradas de papel branco, já meio acinzentado, e com prateleiras, será a sala de estratégia para pesquisas durante as investigações do assassinato de Jerry Petersson.

Dois discos rígidos de computador.

Uma vida profissional de sucesso, toda vivida na delegacia de polícia. Amarguradamente, Johan pensa na situação. De certa forma, também está satisfeito por alguma coisa ter acontecido nesta sexta-feira. A família estava a caminho da cidade de Nässjö, dos seus sogros, quando Sven Sjöman telefonou e contou a respeito do

que havia acontecido. Perguntou se ele podia acompanhar a investigação.

— Estou a caminho. Vou demorar apenas uma ou duas horas.

A esposa ficou furiosa, e ele não podia deixar de lhe dar razão. Bem contra a vontade, ela levou-o até Skogså e, depois, voltou a caminho de Nässjö, apenas ela e as crianças.

Até mesmo a papelada que o espera é cem vezes mais divertida do que enfrentar os velhos sogros em Nässjö. Os sogros têm muitas opiniões a respeito de tudo e, em particular, a respeito da vida em família de Johan, para que ele possa aguentá-los.

“Cada um deve tocar a vida como quiser.

“Assim, fica tudo muito melhor.”

As pastas com a papelada e os discos rígidos talvez contenham documentos que mostrem pessoas que não seguiram a vida como deviam. É disso que Johan tem quase certeza. Quanta porcaria eles vão encontrar? Quanto dessa porcaria poderá levar a novas descobertas? Mas podem não encontrar nada. Afinal, não é ilegal ter uma reputação duvidosa.

As pastas estão identificadas com o ano correspondente. E, em certos casos, com um nome.

Até aqui, apenas folhearam, rapidamente, algumas delas, mas Jerry Petersson parece ter sido uma pessoa muito rigorosa, amante da ordem. Cada um dos documentos pode ser localizado exatamente no seu devido lugar. Isso não diminui o seu trabalho e o de Waldemar Ekenberg, apenas o simplifica um pouco.

Os nomes nas pastas.

Ele não conhece nenhum, exceto um: o de Goldman. Uma sombra ardilosa que parece pertencer ao mundo da ficção, apesar de existir na realidade. Malin telefona, menciona a ligação com Goldman. E,

agora, as pastas com o seu nome estão diante de Johan e em cima da mesa. Devem ser, pelo menos, umas trinta, cheias de letras peculiares da avareza.

A voz de Malin. Parece rouca, de uma maneira que só o álcool pode fazer. Ela também parece cansada e triste. Está cada vez mais cansada e triste. Johan chega a pensar em lhe perguntar como se sente, mas Malin Fors não é uma pessoa com quem se possa ter uma conversa normal e perguntar, de uma forma trivial, sobre sua saúde.

A porta da sala é aberta com raiva.

Na entrada, está Waldemar Ekenberg sob o peso de duas enormes caixas de papelão.

Pastas com mais papelada e discos rígidos.

“Na realidade, mais trabalho para mim”, pensa Johan. Mas Waldemar considera que esse trabalho é uma espécie de punição para ele. E talvez seja mesmo: Sven quer ver aquele já conhecido louco sob controle. E os rumores a seu respeito podem ser confirmados. Johan já o viu, várias vezes, maltratar as pessoas para obter informações. Uma vez, Waldemar enfiou a pistola garganta abaixo de um suspeito para obrigá-lo a dizer a verdade. Ou aquilo que Waldemar pressupunha ser a verdade. A violência pode funcionar, sim. Em curto prazo. No final, o violento acaba sempre mordendo o próprio rabo.

Waldemar coloca as caixas de qualquer maneira no chão, em um canto da sala.

Endireita as costas.

Respira fundo e suspira, murmura alguma coisa a respeito de precisar de um cigarro. Depois, senta-se numa cadeira, junto à

mesa. E Johan chega a notar que as costas da incômoda cadeira cedem, diante do corpo do colega.

— Com os diabos, que porcaria de trabalho vamos ter pela frente nesta sala...

— Se tivermos sorte, logo aparecerá alguma coisa que nos livrará de começar a mexer nisso aqui — diz Johan Jakobsson.

Ele se lembra de quando limpou o apartamento dos pais, quatro anos antes. O pai morrera apenas alguns meses depois da mãe. Enfim, lembra-se de como olhou toda a papelada deixada por eles. Embora contra a vontade, achava que poderia encontrar alguma coisa, algum dinheiro, a indicação de alguma conta bancária com um saldo enorme, um bilhete premiado de loteria, enfim, uma herança.

Mas não havia dinheiro nenhum. E ele ficou com vergonha.

— Acredita nisso? — pergunta Waldemar.

— Não.

— O que nos diz que esse tal de Petersson não era um maldito ovo podre? Ele poderia ter contatos no submundo da cidade. Devíamos investigar. Eu posso sair por aí e fazer algumas perguntas.

— Vamos nos concentrar agora apenas nesta papelada — reage Johan, cansado.

Waldemar pega um maço de cigarros do bolso do casaco e oferece para Johan:

— Quer? Importa-se que eu fume aqui dentro?

A sala fica cheia da sufocante fumaça do cigarro.

É proibido fumar em todo o edifício da polícia de Linköping, mas Johan não podia dizer nada. Não queria se mostrar fraco diante de um durão como Waldemar.

“Por que eu devo me importar, nem que seja apenas um pouco, com o que ele acha?”, pensa Johan.

Mas Johan se importa.

Os dois ficam folheando algumas pastas. Pediram computadores ao departamento técnico para poderem ler na sala os documentos contidos nos discos rígidos de Petersson.

Por onde começar?

Nenhuma ideia. Waldemar também está perdido e diz:

— Isto aqui é muita coisa. Vamos precisar de ajuda. Além disso, trata-se de informações de economia, de que eu, para falar francamente, não entendo nada. Você entende?

Johan balança a cabeça e responde:

— Só um pouco.

— Vamos ter de chamar alguém do departamento financeiro.

— Primeiro é melhor que procuremos algo na internet. Vamos ver se encontramos alguma coisa escondida. Principalmente nos comportamentos de Petersson e de Goldman.

Waldemar deixa cair uma pasta preta no chão. Diz um palavrão antes de pegá-la. Coloca-a no alto, em cima de uma prateleira.

“Papéis, papéis, papéis”, pensa Johan.

“Uma vida como jurista em processos comerciais, advogado.

“Como produtor de papéis.

“Como fraudador. Ninguém se torna conhecido e amigo de Goldman sem se manchar um pouco. Não é?”

Encontram 1.278.989 menções no Google do nome Jerry Petersson. Talvez mil, a respeito da morte de Jerry Petersson. A firma dele em Estocolmo, Petersson Advokatbyrå AB, aparece como uma sociedade anônima de advogados algumas vezes.

Johan verificou, rapidamente, as últimas prestações de contas para o fisco. Petersson, na realidade, trabalhava sozinho, não tinha um empregado nem mesmo uma secretária ou secretário. Havia apenas os nomes de contabilistas, mas com esses ele nem precisava se encontrar. Também não havia qualquer referência à prestação anual de contas da empresa de advocacia desde que ele comprara o castelo de Skogså. Apenas alguns documentos que confirmavam que a firma estava desativada. Ao mesmo tempo, havia uma nova organização, Rom Productions, administrando Skogså. Johan não acharia nada de estranho apenas com uma consulta extremamente rápida e com a sua limitada competência sobre o assunto.

"Entretanto, são muitas as menções", pensa Johan, enquanto tenta ignorar o mau hálito de Waldemar que cheirava a café e a cigarro e que o atingia na orelha sempre que o colega respirava.

Os dois estão sentados, juntos, na sala, perto do computador de Johan, mas gostariam de estar longe.

Muitas das menções encontradas referem-se a um golfista de 17 anos, de Arboga.

Algumas ligam Petersson a Goldman. Artigos em revistas, *Dagens Industri, Veckans Affärer, SvD Näringsliv*. Ao que parece, Petersson foi o procurador de Goldman enquanto este esteve fora do país; tinha sido o intermediário entre Goldman, as autoridades e os meios de comunicação.

Mais algumas menções relacionadas aos negócios, mas nada de histórias interessantes e extraordinárias. Apenas chatas. Aparentemente, negociações e acordos normais.

De repente, surge o nome de Jerry Petersson ligado à venda de uma firma de tecnologia virtual para a Microsoft no início de 2002.

Petersson seria um dos investidores da empresa e, no ato da venda, teria recebido quase 250 milhões de coroas.

Johan solta um assobio.

Waldemar suspira e diz:

— Essa é boa!

“O trabalho como jurista comercial deixou você com bastante dinheiro”, pensa Johan. “Nossa. Esse negócio tornou você sordidamente rico.”

Os dois leem um artigo sobre a empresa.

Nada em desacordo. Tudo parecia ter ocorrido de maneira correta. Nada de estranho, apenas um montão de alegres milhões em dinheiro.

Então, apareceu Goldman novamente.

Segundo um artigo publicado no ano em que o seu crime prescreveu, ele morava em Tenerife. No artigo, foram publicadas imagens de um homem gordo, que parecia um sapo, de cabelos escuros e óculos de sol. O homem aparecia sentado ao volante de um grande iate, num belo porto, iluminado pelo sol.

— É por aí que devemos começar — diz Johan.

— Muito bem, faremos isso — responde Waldemar. — Mas acho que também devemos ouvir algumas pessoas.

Sven Sjöman anda de um lado para o outro em seu escritório. Quase não dá para notar a barriga flácida, aquela forma redonda, sob as suas mãos entrelaçadas, na hora de soltar os seus pensamentos e de inspirar. Na realidade, quase não se percebe a barriga por baixo da camisa bege e do casaco marrom, listrado.

Karim Akbar está em pé, diante de sua mesa. Acabou de telefonar para Estocolmo pedindo reforço do departamento financeiro da polícia central.

Entrevista coletiva dentro de 20 minutos.

Acabaram de receber o relatório preliminar de Karin Johannison.

A autópsia de Jerry Petersson mostrou que ele morreu por causa de uma pancada na nuca feito por um objeto obtuso, talvez uma pedra. As 40 facadas no abdome foram dadas, provavelmente, com Petersson já morto ou quando ele perdeu a consciência, depois do golpe na cabeça.

Não havia água nos pulmões, o que significa que ele já estava morto quando foi jogado no fosso. A julgar pelo estado do corpo, a morte deve ter ocorrido entre as 4 horas e as 6h30. Ele não ficara na água mais do que quatro horas. Assassinato era a única conclusão possível quanto a causa da morte. O infrator podia ser um homem ou uma mulher. As facadas foram profundas, mas nada que impedisse que pudessem ser feitas por uma mulher. O infrator, a julgar pela localização e direção das facadas, era destro.

A perícia técnica do carro de Petersson ainda não terminou, mas aquela realizada na subida da entrada para o castelo não trouxe nenhuma informação nova. A chuva estragou todos os eventuais indícios.

No castelo foram encontradas milhares de diferentes impressões digitais. Muitas, talvez, deixadas há tempo, mas nada de sinais de crime. Os pertences da vítima estavam intocados. Portanto, sem indício de latrocínio. A capela do castelo e as construções restantes também estavam limpas.

O fosso está sendo esvaziado, na tentativa de encontrar a arma do crime, visto que os mergulhadores não puderam encontrar nada na lama do fundo. Primeiro, Sven Sjöman ficou preocupado com os peixes, mas, depois, reconheceu que era necessário sacrificá-los.

— Como é que vai expor o caso? — pergunta Sven, olhando em direção a Karim Akbar.

— Dizendo o que sabemos, mas sem dar detalhes.

— E a ligação com Goldman?

— Sobre isso, os jornais já sabem. O *Corren* já tem tudo no seu *site*. O canal TV4 já está aqui. Outros estão a caminho. Está uma confusão generalizada.

Malin surge diante de Sven Sjöman. Ela parece pior do que antes, no castelo. Vermelha e inchada, envelhecida. Parece que bebeu a noite inteira. Teria acontecido alguma coisa? Com Tove? Ela se culpa pelo que aconteceu em Finspång, no final do verão passado. Ou será que foi alguma coisa entre ela e Janne? O casal parece que não está muito bem.

— Maldição — diz Sven Sjöman. — Por que tenho a sensação de que estamos apenas no começo de uma grande tristeza?

16

Börje Svärd está sob a chuva, no seu jardim em Tornhagen, vestido com uma capa azul-escura. Do carro, Malin o vê levantar a mão e lançar um pedaço de pau entre as macieiras, em direção ao canil vermelho. Os pelos dos dois pastores alemães brilham, bonitos, quando correm e disputam brincando a posse do pau, com os seus dentes bem afiados.

Börje é um homem alto e corpulento. Seu bigode espesso e comprido pende do rosto.

Zeke para o carro em frente do portão e estaciona atrás de um veículo azul do departamento de assistência médica e social. No banco de trás, está o *beagle* que era de Petersson e que logo se levanta, sem latir, olhando, com expectativa para os dois pastores alemães no jardim.

Börje olha para eles, reconhece os dois, mas continua no mesmo lugar.

Atrás, uma pequena casa térrea, pintada de branco, bem cuidada. A esposa de Börje, Anna, não tem condição de fazer mais nada. Está tão fraca que nem consegue mais respirar, a não ser com a ajuda de aparelhos. A doença atingiu todos os músculos dos pulmões, tem 50 anos.

Eles deixam o cachorro de Petersson no carro e, ao passar no portão, os pastores alemães avançam em direção a eles.

Mas não são agressivos. Ao contrário. Saúdam os agentes com os focinhos e lambidas, antes de voltarem para o jardim, antes de notarem a presença do *beagle* no carro.

Zeke e Malin entram e aproximam-se de Börje, apertando a mão molhada dele.

— Como é que vocês estão? — pergunta Zeke.

Börje Svärd balança a cabeça, olhando para a casa.

— Não desejo a ninguém as dores pelas quais ela está passando.

— Está tão mal assim?

— As enfermeiras cuidam dela quatro vezes por dia. No resto do tempo, nós fazemos isso.

— Será que ela vai gostar de nos ver aqui?

— Não — diz Börje Svärd. — Ela mal consegue tolerar a minha companhia. Vejo que vocês estão com um cachorro no carro. Certamente não é seu, Fors, certo?

Malin conta o que aconteceu, de quem era o cachorro, que talvez ele pudesse tomar conta por um tempo, até que eles descobrissem se existe algum familiar ou alguém que queira ficar com o animal.

Börje sorri. Um sorriso que, lentamente, se transforma, segundo a segundo, em cansaço, em tristeza por antecipação.

— Uma fêmea?

— Não, um macho — diz Zeke.

— Então está bem — responde Börje, que logo segue em direção ao carro. O cachorro salta do banco traseiro e, em um minuto, já está ao lado de Börje, com os dois pastores alemães a cheirar todo o seu corpo.

— Ao que parece, ele já se sente em casa — diz Malin. — Tudo muito simples.

— Enquanto vocês trabalham, eu tomo conta do cachorro. Como é que ele se chama?

— Não faço ideia — responde Malin. — Pode chamá-lo de Jerry.

— Mas ele vai ficar completamente confuso — reage Börje.

— Nós temos de ir — diz Zeke.

Börje Svärd compreende e diz:

— Gostei de vê-los de novo e de terem passado por aqui.

— Cuide-se bem — diz Malin, girando sobre os calcanhares.

O telefone toca pela primeira vez às 14h15, quando Malin e Zeke estacionam o carro na antiga praça rodoviária. Já não resta quase nada da antiga praça onde, antigamente, os ônibus paravam. Agora, é um estacionamento rodeado de prédios de diversas épocas. Casas feias, de fachadas revestidas com placas de aço. Prédios bem conservados da virada do século, com árvores plantadas pela Associação de Jardinagem que, nesta época, outono, mostram apenas os troncos negros, feito esqueletos, ao fundo.

Estão perto do apartamento dos pais de Malin, no qual já não moram há anos, e só a umidade aumenta a cada dia. O apartamento é grande, porém, não suficientemente grande para uma família completa. Por que eles ainda o mantêm? Para que a mãe possa dizer aos amigos em Tenerife que têm um apartamento na cidade sueca? “Os rostos deles começam a ficar enevoados na minha memória”, pensa Malin, no instante em que o telefone toca mais uma vez. As faces estreitas da mãe, o nariz aquilino, as rugas de riso do pai e a testa completamente lisa.

“Um amor silencioso entre os dois. Um acordo. Como o meu com Janne? Um amor esquecido que existiu em tempos que já se vão

nas nossas memórias, numa sala de que nós ainda não conseguimos fechar a porta.

“As flores que os meus pais ainda pensam que existem.

“Secas.

“Não existe nem uma única ainda com vida, mas o que eles esperam se não vêm aqui há mais de dois anos?”

Malin pega o celular no bolso da capa.

Escuta a chuva batendo no teto do carro. Zeke espera ao seu lado.

É o número de Tove no visor.

“O que posso lhe dizer? Será que ela vai ficar triste, com medo?

“Como ela vai falar com Tove sem que Zeke entenda o que se passa?

“Ele vai entender tudo. Ele me conhece bem.”

— Tove, oi. Vi que você telefonou antes.

Silêncio do outro lado.

— Sei que o nosso encontro terminou ontem de maneira estranha e que eu devia ter telefonado, mas aconteceu uma coisa e tive de trabalhar. Seu pai está aí?

“Eu bati nele”, pensa Malin. “Eu bati nele.”

— Eu estou na escola... — É a voz de Tove, finalmente. Ela não está triste, nem com medo, soa antes como se estivesse quase zangada. — Se precisa falar com meu pai, telefone para ele.

— Isso mesmo. Você está na escola. Posso telefonar para ele. Você pode vir até a cidade hoje à noite. Podemos comer qualquer coisa. Ok?

Tove suspira.

— Eu vou para casa, para a casa do meu pai.

— Vai voltar para o seu pai?

— Sim.

Outro silêncio. Parece que Tove quer perguntar alguma coisa, mas o quê?

— Faça como quiser, Tove — diz Malin. E sabe que isso é, exatamente, o que não deveria ter dito. O que devia dizer era: “Tudo se arranjará. Vou buscá-la depois da escola. Quero lhe dar um grande abraço. Eu vou melhorar. E você? Como está, minha querida filha?”.

— Mamãe, como é que você está?

— Como é que estou?

— Esqueça. Tenho de desligar. Tenho aula agora.

— Ok. Então, tchau. Falaremos mais tarde. Beijinhos.

A chuva continua caindo sobre o teto do carro.

Zeke olha para ela com uma expressão de compaixão. Sabe de tudo, precisamente de tudo.

— Quer dizer que está morando de novo na cidade? Eu suspeitei, quando a peguei hoje de manhã.

— É bom voltar para casa.

— Não seja tão dura consigo mesma, Malin. Afinal, somos todos apenas seres humanos.

Tove desliga o aparelho. Vê os colegas circulando ao longo dos corredores da Escola Folkunga. Olha para o teto alto e para a penumbra que se infiltra pela janela e que vem de um mundo atolado na água da chuva, fazendo com que os alunos pareçam menores e menos ativos.

“Maldita mãe.

“Pelo menos, podia ter me telefonado. E essa de ela voltar para a casa, não para o apartamento, esta noite, parece estar fora de questão. Agora, vai crescer de novo a dor no estômago, logo abaixo

do coração. E a dor vai aumentar, ficará impossível de aguentar. Ela falou pouco e de forma contida. Parecia que queria encurtar a conversa, nem sequer perguntou como é que eu estava. Por que eu telefonei, afinal? Ela quer apenas continuar bebendo a sua maldita tequila.

“Já sei por que telefonei.

“Quero que ela volte para a nossa casa. Que os dois fiquem na cozinha, se abraçando enquanto eu os olho.

“Não pense mais nisso, Tove.”

Ela finge que bate em si mesma com o celular na cabeça.

“Não pense nisso.”

Cerca de 20 metros adiante, três garotos grandes cercaram outro, menor e gordo. Tove sabe quem ele é. Um iraquiano que mal fala sueco e com quem aqueles grandalhões gostam de se meter. Malditos covardes.

Tove quer se levantar, correr e pedir a eles que parem. Mas eles são grandes, muito maiores do que ela.

A mãe ficou desapontada quando ela disse que voltaria para a casa do pai. Tove esperava que, com isso, ela também se convencesse a voltar, mas bem lá no fundo sabe que não é assim que funciona no mundo dos adultos, onde tudo é sempre muito mais complicado.

Os grandalhões estão batendo no gorducho.

Abbas é o nome dele.

Tove coloca a caneta e o bloco de anotações no chão, diante do seu armário. Atravessa a multidão de colegas em direção aos três valentões. Empurra pelas costas o mais alto e grita:

— Por que você não se mete com alguém do seu tamanho?

Abbas já está chorando, pelo que pôde perceber. E a força com que ela gritou deve ter deixado os desordeiros surpresos e com medo. Recuaram e olharam para ela com olhos esbugalhados.

— Desapareçam daqui — gritou ela, novamente. Eles acharam que ela agia como um animal perigoso. Então, ela compreende por que eles ficaram com medo. Eles deviam saber sobre o que aconteceu em Finspång, sobre o que ela passou. E, por isso, tinham respeito por ela.

“Intrometidos”, pensou Tove. Depois, foi abraçar Abbas, baixinho, corpo macio. Chega a fingir que ele é a mãe que ela gostaria de estar abraçando. E que ela poderá consolar sua mãe com apenas um abraço como aquele e com a promessa de que tudo voltará a ser como antes. A partir de agora, tudo voltará a ficar bem, para sempre.

“O andar, onde mora Axel Fågelsjö na Drottninggatan, a rua da rainha, é um luxo só, para usar a habitual linguagem dos corretores de imóveis”, pensa Malin. Mas o apartamento, na realidade, tem apenas uma pequena parte da magnificência do castelo de Skogså.

Há paredes em parte revestidas de painéis de madeira de lei, e o chão é coberto de tapetes orientais, com padrões engenhosos que trazem de volta a dor de cabeça de Malin. Os tapetes são originais e caríssimos, completamente diferentes daqueles comprados em leilões, por baixo custo, e colocados no apartamento dos seus pais. E o couro antigo das poltronas brilha à luz dos lustres de cristal e dos candelabros.

E eis o homem à sua frente.

Sentado em uma das poltronas de couro, com um cigarro quase terminado entre os dedos da mão direita.

“Ele deve ter quase 70 anos”, pensa Malin. “É destro. A dignidade personificada.” Malin tenta ficar calma, não tomar a atitude que costuma tomar, sempre que está diante de uma pessoa com um nível social acima do seu, um nível que não alcançará.

Tudo isso ainda existe.

Os socialistas conseguiram criar uma certa igualdade na Suécia durante algum tempo, mas era muito fina, transparente e falsa.

Os retratos dos antepassados do conde Axel Fågelsjö compõem uma linha suspensa acima de um dos painéis de madeira. Homens poderosos de olhares incisivos. Muitos deles, guerreiros.

“Esses retratos expressam a consciência de que Axel Fågelsjö é melhor do que todos. Vale mais. Ou é apenas um preconceito meu?”, pensa Malin.

“Essa é a diferença entre os nobres e a plebe na Suécia, ainda hoje, em 2008. Uma diferença talvez maior do que nunca, graças a uma política em ebulição que cria uma aparência azulada de igualdade, um brilho falso que irradia com a cor verde do dinheiro até mesmo a vida dos pobres.

“Os de sangue azul dizem que nós valemos tanto quanto eles. Que todos devem possuir o mesmo e viver bem. Repetem isso, e as palavras se tornam uma verdade, enquanto, por outro lado, mantêm uma política em que aqueles que têm dinheiro no banco ficam cada vez mais ricos, apesar de vivermos uma crise.

“Há um indício de mentira cobrindo toda a sociedade”, pensa Malin.

“E é desse indício que nasce a sensação de sermos enganados, negados e desrespeitados.

“Acho que é assim que eu me sinto, bem dentro de mim”, pensa Malin. “Pisoteada, sem sequer entender por quê.”

“Sem voz, por natureza.

“E, quando não se tem voz nem vez, daí nasce a violência em alguns. Já vi isso acontecer milhares de vezes.”

Malin olha para os retratos na parede do salão de Axel Fågelsjö e, depois, para o retrato do próprio conde, barrigudo, de rosto vermelho, com um largo sorriso de autoconfiança.

Novas fortunas como a de Petersson ou antigas e desgastadas como a dos Fågelsjö. Na realidade, onde está a diferença? E o que os privilégios herdados têm a ver, de fato, com as sociedades modernas?

— Obrigada por nos receber — diz Malin, depois de se sentar de forma ereta numa confortável poltrona de couro enquanto o conde de Skogså apaga o cigarro no cinzeiro.

Axel Fågelsjö continua sorrindo, agora um sorriso sincero. “Ele nos quer bem”, pensa Malin, “mas, com todos os seus privilégios, será que pode mesmo se permitir uma bondade dessas?”

— É claro que iria recebê-los. Entendo a razão da presença de vocês. Escutei pelo rádio o que aconteceu com Petersson. Era apenas uma questão de tempo vocês virem falar comigo.

Zeke está ao lado de Malin, com uma expectativa que é causada pela presença senhoril do anfitrião.

— Sim, temos razões para acreditar que Jerry Petersson foi assassinado. E, por isso, como é natural, temos uma série de perguntas — diz Zeke.

— Estou à disposição.

Axel Fågelsjö se inclina para a frente, para demonstrar interesse.

— Em primeiro lugar — diz Malin —, o que o senhor fez na noite de ontem e hoje de manhã?

— Ontem à noite fui à casa de minha filha tomar chá. Depois, às 10 horas, voltei para casa.

— E depois?

— Fiquei em casa.

— Será que alguém pode confirmar isso?

— Desde que a minha esposa morreu, eu vivo sozinho.

— Existem rumores — diz Zeke — de que sua família entrou em falência e, por isso, o senhor foi obrigado a vender Skogså para Jerry Petersson.

— E quem é que está espalhando esses rumores?

O olhar de Axel Fågelsjö, de repente, fica com uma expressão de intensa raiva, nota Malin. Também não vale a pena esconder uma coisa que todos sabem.

— Isso eu não posso dizer — responde Zeke.

— São apenas rumores — reage Axel Fågelsjö. — Aquilo que apareceu escrito no *Corren* são bobagens. Nós vendemos o castelo porque estava na hora de vendê-lo. Já havia cumprido o seu papel como sede da família. Os tempos são outros. Estamos em uma nova época, com outro estilo de vida. Fredrik trabalha num banco, no Östgötabanken. Katarina, com arte. Eles não quiseram se envolver com agricultura.

"Ele mente", pensa Malin. Depois, relembra a conversa recente que teve com Tove e fica pensativa ao se lembrar como ela, contra sua vontade, manteve a conversa num nível profissional. Como ela aguentou evitar entrar, de fato, no assunto e dizer o que precisava ser dito. "Como pude fazer uma coisa dessas? Como é que alguém faz uma coisa dessas?"

— Quer dizer que não houve nenhum tipo de briga familiar? — pergunta Malin. — Não houve nenhum problema?

Axel Fågelsjö não responde à pergunta e resolve prosseguir:

— Nem cheguei a me encontrar com Petersson durante a negociação de compra e venda. Tudo foi feito pelos advogados, mas eu fiquei com a impressão de que ele era um desses homens de negócios, bem-sucedidos, que acha o máximo morar em um castelo. Ele não tinha a mínima ideia da quantidade de trabalho que dá administrar uma propriedade dessas e de quantos serviçais é preciso contratar e pagar.

— Ele pagou bem?

— Sobre isso eu não vou falar.

Axel Fågelsjö sorri das próprias palavras. Malin, por um lado, não consegue discernir se ele está sendo irônico ou se está tentando imitar Zeke.

— Tenho dificuldade em imaginar qual a importância do valor da transação para a investigação de vocês.

Malin concorda. De qualquer forma, se fosse necessário, seria fácil obter a informação.

— O senhor já havia passado o castelo para o nome do seu filho?

— Não. O castelo ainda continuava em meu nome.

— O senhor deve ter sofrido com a venda da propriedade — diz Malin. — Afinal, seus ancestrais viveram lá durante centenas de anos.

— Como já disse, estava na hora de vender. Apenas isso, detetive Fors.

— E seus filhos? Eles não ficaram com pena de vender?

— Nem um pouco. Ficaram felizes em receber o dinheiro. Ainda tentei envolvê-los com o castelo, mas não deu certo. Eles não se adaptaram.

— Envolvê-los?

— Sim, colocando um deles à frente da administração do castelo, mas nenhum deles se interessou.

— O senhor está satisfeito em viver aqui? — perguntou Zeke, olhando para o apartamento.

— Sim, muito satisfeito. Vivo aqui desde a venda. Aliás, estou tão satisfeito que gostaria até de ficar em paz, caso não tenham mais perguntas.

— Qual é a marca do carro do senhor?

— Tenho dois. Uma Mercedes preta e um Toyota SUV vermelho.

— Por enquanto, podemos ficar por aqui — diz Zeke, ao mesmo tempo em que se levanta da poltrona. — O senhor sabe onde podemos encontrar seus filhos?

— Acho que devem ter o telefone deles. Então, basta ligar. Eu não sei onde eles se encontram.

No hall de entrada, Malin nota que há um par de botas de borracha com lama que mal teve tempo de secar.

— O senhor esteve na floresta? — perguntou ela a Axel Fågelsjö, que neste momento os conduzia até a porta.

— Não. Fui ao parque da Associação de Jardinagem. Nesta época, há muita lama por lá também.

Assim que fecha a porta, Axel Fågelsjö vai direto à entrada da cozinha. Ele pega no telefone e digita um número com dificuldade de lembrá-lo.

Espera que alguém atenda.

Pensa nas instruções que deverá dar. E de como deverá ser bem explícito para que os filhos entendam. Ainda pensa em Bettina, sua esposa: “Como eu gostaria que estivesse aqui para tratar deste assunto comigo”.

— No melhor dos mundos — diz Zeke, a caminho do carro.

— O quê?

— Ele vive ou quer viver no melhor dos mundos.

— Ele mentiu a respeito da transação, com certeza. Gostaria de saber por quê. Todos sabem que eles estavam falidos. Isso apareceu até no *Corren*.

Zeke concorda.

— Viu como ele fechou os punhos de raiva no momento em que perguntou sobre a venda do castelo? Chegou a parecer que ele não ia conseguir conter a raiva.

— Eu vi, sim — diz Malin, abrindo a porta do passageiro. Ela pensa na sensação que teve ao ver a expressão de Axel Fågelsjö. “Por que tanta raiva?”

— Vamos ter de investigar isso melhor — diz Zeke, ao mesmo tempo em que olha para Malin e vê que parece que ela vai cair de sono a qualquer momento ou começar a gritar por uma bebida.

“Tenho de falar com Sven Sjöman. Ela está muito abatida”, pensa Zeke.

— Esperemos que Ekenberg e Johan estejam investigando isso.

— Karim, certamente, está agora onde gosta: diante dos *flashes* da imprensa — acrescenta Zeke.

17

Karim Akbar atrai para si todos os *flashes*, deixa que o cérebro trabalhe enquanto os repórteres fazem perguntas agressivas.

— Ele foi assassinado com um golpe feito por um objeto obtuso na nuca. Também foi esfaqueado no ventre.

— Não, ainda não encontramos o objeto. Nem a faca.

— Os mergulhadores estão agora no fosso — mente ele. Os mergulhadores já terminaram seu serviço. — Também podemos esvaziar o fosso — diz ele. A água já deve ter sido escoada. A sua pequena mentira é sem fundamento. Os jornalistas podem conferir como o fosso está, mas Karim não sabe se conter, quer mostrar para as hienas quem é que segura a batuta.

— Neste momento, ainda não temos nenhum suspeito. Estamos trabalhando sem priorizar nenhuma hipótese.

A multidão na sua frente está toda malvestida, como parece ser a regra entre os jornalistas.

Uma exceção: Daniel Högfeldt. Um bonito casaco de couro e uma camisa escura bem engomada.

Karim sabe como responder às perguntas e, ao mesmo tempo, pensar em outros assuntos, tantas foram as vezes em que fez isso.

“Está na hora de terminar?

“Quando o meu alarme vai soar?

“Quando começarei a brincar com coisas perigosas?”

Karim está em pé, no meio da sala, tal qual um bem treinado porta-voz da Casa Branca, apontando para os jornalistas, respondendo pela metade às suas perguntas e, em compensação, citando, repetidamente, seu ponto de vista.

— Sim, você tem razão. Podia haver motivos para muitos estarem descontentes com Jerry Petersson. Estamos investigando isso.

— E Goldman? Já falaram…

— No estágio atual, continuamos sem direcionar as nossas suspeitas. Procuramos qualquer pessoa que possa ter alguma informação a respeito da noite entre…

Waldemar Ekenberg está inclinado na mesa de sua sala de estratégia.

Está lendo uma das pastas sobre Jochen Goldman. Johan Jakobsson está às escuras, no outro lado da mesa, ao lado de um técnico que tenta consertar o seu monitor.

— Tem aqui um endereço anotado. Vistamar 34. Para um J. G. — diz Waldemar.

— Só pode ser Jochen Goldman.

— A anotação parece ser recente.

— De que forma foi feita?

— Cifras, alguma firma.

— Qual é o código telefônico do país?

— 34.

— Pode ser Tenerife. Será que ele mora lá? Vistamar. Definitivamente, um nome espanhol. Devo telefonar?

— Afinal, nós queremos falar com ele.

Johan inclina-se para trás, estica o braço, pega o telefone e digita o número.

Estende o aparelho para Waldemar.

— Nada. Ninguém atende. Mas o número de telefone existe, apesar de não haver nenhuma mensagem.

— Esperava que houvesse? Tentaremos telefonar mais tarde.

— Os pais de Malin moram em Tenerife — acrescenta Johan.

— Deve estar muito quente lá no sul.

— Talvez devêssemos deixar que Malin ligue.

— Acha, então, que ela deve ligar só porque os pais dela moram lá?

Johan balança a cabeça negativamente.

— Não, mas já devia saber como ela é. Se Malin não fizer a ligação, vai ficar brava. Essas coincidências são importantes para ela.

— Quer dizer que ela acredita em fantasma — diz Waldemar.

— Espere. Deixa que eu ligo, se é que esse é o número de Goldman.

Waldemar fecha a pasta.

— Eu não entendo muito dessas cifras e coisa e tal. Quando é que alguém do departamento financeiro vai chegar?

Ainda não sabiam quem chegaria de Estocolmo, de manhã bem cedo, no dia seguinte.

— Já amanhã, de manhã — diz Johan.

Waldemar faz sinal de que entendeu.

A agência do Östgötabanken fica na esquina das ruas Storgatan com St. Larsgatan. Apesar de estar localizada a alguns metros do apartamento de Malin, na rua Ågatan, os dois prédios não podiam ser mais diferentes. O prédio de Malin, uma construção funcional da

década de 1960, com tetos baixos e listras colocadas na fachada durante a década de 1970. O do Östgötabanken, uma vistosa construção com fachada de pedra acastanhada e um suntuoso interior.

"No entanto, a chuva é igual para todas as construções", pensa Malin, ao puxar e abrir a pesada porta da agência. Entra no saguão de mármore bem polido e com um enorme pé-direito, com uns dez metros de altura. A recepção que dá acesso aos escritórios fica à esquerda dos caixas, que mal são vistos por trás das vidraças espessas e à prova de bala.

Zeke e Malin telefonaram para o celular de Fredrik Fågelsjö, mas ninguém atendeu, nem telefonou de volta. Ligaram depois para a casa dele, mas também não conseguiram falar com Fredrik.

— Vamos até o banco ver se ele está lá — diz Malin, ao se afastarem do apartamento de Axel Fågelsjö.

Uma recepcionista de olhar zangado e cabelos ruivos, mais ou menos com a idade de Malin, verifica atentamente o distintivo da detetive.

— Sim, ele trabalha aqui — diz a recepcionista.

— Podemos falar com ele? — pergunta Malin.

— Não.

— Não? Somos da polícia, e o assunto é importante. Onde Fredrik Fågelsjö…

— Vocês chegaram tarde — diz a recepcionista, num tom reservado, mas com certo triunfo na voz.

— Ele já foi embora e não volta mais hoje? — pergunta Zeke.

— Às sextas-feiras, ele costuma ir embora por volta das três horas da tarde. De que se trata, afinal?

"Isso não interessa a você", pensa Malin e diz:

— Você sabe para onde ele costuma ir?

— Tentem o bar do Hotel Ekoxen. Ele sempre vai lá, às sextas-feiras, depois do trabalho.

— É o chope das sextas!

— O conhaque das sextas, melhor dizendo — fala a recepcionista, agora com um sorriso amigável nos lábios.

— Você pode descrever como ele se parece? De que modo poderemos encontrá-lo?

— Peguem este livreto. A foto dele está no final, junto com a equipe.

Segundos mais tarde, Malin sai da agência com um relatório anual da empresa nas mãos. O papel brilhante, azul-escuro e plastificado da capa parece querer grudar na palma de sua mão.

Ekoxen.

Um dos hotéis mais imponentes da cidade.

Talvez o mais imponente. Situado entre o balneário de Tinnerbäck e o parque da Associação de Jardinagem, é uma construção retangular, toda branca. O piano-bar do hotel tem vista para o balneário e é um dos pontos mais populares da cidade para encontros e beber alguma coisa. “Não é para mim. Muito esnobe para o meu gosto”, pensa Malin.

Eles dirigem devagar pela rua Klostergatan a caminho do hotel, debaixo de uma chuva bem fraca. Malin abre o relatório do banco e o analisa. A julgar pela fotografia, Fredrik Fågelsjö deve ter uns 40 anos. Tem rosto fino e anguloso no qual sobressai um nariz aquilino e um par de olhos ansiosos e verdes. Ao contrário do pai, é magro, e o casaco esportivo azul que usa na fotografia parece ter sido comprado recentemente. Tem uma ligeira corcunda e parece com

medo de tropeçar e cair. Revela alguém que parece estar sendo caçado e quer fugir.

Zeke para em frente à porta do hotel. Pelo retrovisor, Malin nota que há uma porta lateral que se abre e alguém sai.

Fredrik Fågelsjö.

“É você mesmo? Já terminou o seu conhaque?”

— Acho que foi Fredrik Fågelsjö que saiu lá atrás.

Há um Volvo preto estacionado próximo aos fundos e, antes que Malin ou Zeke tivessem tempo de reagir, o homem que eles acham ser Fredrik Fågelsjö senta-se ao volante e parte em sentido contrário.

— Merda — diz Malin. — Vire!

Zeke gira o volante, mas, na mesma hora, chega um caminhão no sentido contrário e eles ficam presos.

— Maldição!

— Vou ligar de novo para o celular dele.

O caminhão encosta, estaciona, e Zeke consegue girar e seguir na pista contrária, acelera e entram na rua Hamngatan a toda a velocidade, ultrapassando rapidamente um Volkswagen branco.

— Ele não atende — diz Malin, no momento em que saem da rua Hamngatan. — Já o vi — diz ela a seguir. — Está parado no sinal vermelho, perto do McDonald’s.

— Vou encostar ao lado dele e obrigá-lo a parar — diz Zeke.

“Nada de luzes vermelhas no teto do carro”, pensa Malin. “Nada de abordagens invasivas. Só iremos parar ao lado dele e fazer sinal para encostar, como o regulamento recomenda. Afinal, só queremos falar com ele.”

Zeke avança. Consegue ficar ao lado do Volvo, que acham ser de Fredrik Fågelsjö, antes de o sinal mudar. Há um monte de

adolescentes esfomeados no McDonald's. Pessoas que enfrentam a chuva, agora mais forte, passam correndo pelo parque.

Zeke buzina e Malin mostra o seu distintivo pela janela. Fredrik Fågelsjö, não há dúvida que é ele, olha para Malin e o seu rosto adquire uma expressão de pânico quando vê que ela faz sinal para ele parar próximo ao McDonald's.

Fredrik Fågelsjö concorda em parar, mas, depois, olha para a frente e usa todo o peso do corpo para pisar no acelerador. O Volvo parte a toda a velocidade, aproveitando o sinal verde, vira na frente deles e desce a rua Drottninggatan.

"Merda", pensa Malin. E grita:

— Está fugindo. Esse diabo está fugindo!

Zeke vira o volante e segue o carro de Fredrik Fågelsjö pela rua Drottninggatan, ao mesmo tempo em que Malin baixa o vidro da janela e coloca o pisca-pisca vermelho no teto do carro.

— Porra! E agora? — grita Zeke. — Chame a central pelo rádio. Peça a eles reforços.

Malin permanece em silêncio, quer que Zeke se concentre ao volante na perseguição, já que Fredrik Fågelsjö está a mais de 100 quilômetros por hora e passa pelo antigo edifício alaranjado onde antes funcionava uma filial do Banco Central, seguindo, depois, em direção à rotatória do Abisco e passando pela antiga loja de essências.

"Merda, o que está fazendo? Será você um assassino que entrou em pânico?", pergunta-se Malin. "Por que está fugindo?"

A cem metros à frente, Malin vê vários pedestres pularem para o lado quando Fredrik Fågelsjö passa pelo sinal vermelho novamente. Ela sente a adrenalina bombando pelo corpo ao gritar as instruções pelo rádio.

— Tentativa de fuga em andamento. Perseguimos um carro preto... a caminho da rotatória de Berg. Todas as unidades disponíveis devem...

Zeke costura entre os carros que aparecem, e a velocidade, agora de 120 quilômetros por hora, no meio da cidade, faz o mundo que Malin conhece desaparecer como uma passagem de linhas e cores fulgurantes. O seu mal-estar volta, com ele a dor de cabeça. Mas logo a adrenalina ameniza a sensação, e ela consegue prestar atenção à perseguição novamente.

— Ele virou para a rua da loja da Ikea, a caminho do mosteiro Vreta Kloster! — grita Malin. O barulho do motor do carro se mistura com o da sirene, transformando-se numa sinfonia estranhamente excitante.

Fredrik Fågelsjö passa pelos armazéns da Ikea, em Tornby, seguindo em curvas, como se estivesse bêbado.

“Ele pode estar bêbado”, pensa Malin, “pois acaba de sair do Ekoxen.” Mas o mal-estar continua, principalmente no estômago. Acha que vai vomitar, mas a adrenalina volta a afastar essa vontade.

Zeke solta a mão direita do volante e coloca um CD de coral de música alemã, parte de alguma ópera de Wagner, que enche o interior do carro com estrondo.

— Porra, como pode? — grita Malin.

— Assim eu dirijo melhor! — grita Zeke.

Fredrik Fågelsjö tem sorte no cruzamento, luz verde para ele continuar e seguir pela rotatória que dá acesso à estrada E4. Passam pela área de Skäggetorp e suas últimas construções. Depois, atravessam os campos, fora da cidade, onde se veem

largos prados desertos e bonitos sítios, cujas árvores se dobram ao vento.

Mal conseguem ouvir as palavras da central, entre todas as vozes do coral:

— Fredrik Fågelsjö mora num desses prados, à esquerda da estrada que vai para Ledberg. Ele deve estar indo para lá.

“Está desaparecendo”, pensa Malin.

— Acelere, Zeke! — grita ela. “Será que já estamos próximos? Será mesmo que Fredrik Fågelsjö matou Jerry Petersson? É por isso que está fugindo?”

Uma viatura se aproxima e se junta à perseguição. Inicialmente, ficam ao lado do Volvo dos detetives, mas Zeke faz sinal para que fiquem mais atrás. Quando chega ao cruzamento de Ledberg, Fredrik Fågelsjö vira para a esquerda, derrapa, mas consegue controlar o veículo e seguir em frente, cada vez mais rápido, em direção a um pequeno conjunto de construções no meio de algumas árvores, a uns dois quilômetros no interior de um prado, já perto do lago Roxen.

Zeke está com pingos de suor na testa. Malin sente sua respiração ofegante. Tira a pistola do coldre no momento em que o carro vira em direção ao conjunto de casas. Há uma grande vila de pedras, com uma parte superior pintada de amarelo, no meio de um bosque. Sem dúvida, um imóvel classe A. Cem metros adiante, Fredrik Fågelsjö vira mais uma vez e entra numa alameda.

Eles seguem Fredrik. Mas a uns setenta metros à frente, o fugitivo para diante de um celeiro vermelho, cercado de arbustos e de alguns bordos. Ele salta do carro, sobe pelo caminho que leva ao celeiro e desaparece.

Zeke e a viatura estacionam atrás do Volvo de Fredrik. Malin desliga o som e a sirene, e tudo fica em silêncio. Um estranho silêncio.

Ela dá instruções aos policiais uniformizados:

— Saiam do carro e deem-nos cobertura até entrarmos no celeiro.

Na frente do celeiro, a lama e a brita rangem debaixo dos pés. No caminho entre o carro e o portão, Malin observa a construção, sente que a chuva está aumentando. Atrás dela, fica a vila, construída em estilo italiano e, com certeza, onde Fredrik Fågelsjö mora. Parece que não há ninguém em casa. Os dois policiais fardados empunharam as suas armas Sig Sauer e se protegem atrás das portas do veículo, prontos para entrar em ação, caso alguma coisa dê errado.

Zeke segue ao lado de Malin, ambos com as pistolas prontas para serem usadas. Malin empurra o portão com o pé e grita:

— Fredrik Fågelsjö, sabemos que você está aí dentro. Saia. Queremos falar com você.

Silêncio.

Nenhum sinal de dentro da construção que cheira a estrume.

“Se fugir”, pensa Malin, “isso vai ser uma decisão idiota. Para onde vai fugir? Goldman ficou longe durante dez anos. Claro que pode fazer o mesmo. Mas, por enquanto, está aí dentro, não é? Se bem que pode estar armado. Com uma arma qualquer, nem que seja de caça. Estará com ela em mãos?”

A conversa consigo mesma serve para ajudá-la a ficar atenta, manter os medos afastados. “Já está escuro, Malin. O que a espera lá dentro?”

— Eu vou na frente — diz Zeke. E Malin sente-se agradecida. Ele jamais recua na hora do perigo.

Zeke entra no celeiro. Malin segue logo atrás. Lá dentro, está ainda mais escuro, quase não se vê nada, mas o cheiro é de estrume fresco de porco. Há uma luz lateral que dá para o prado. Zeke começa a correr em direção à luz e Malin o segue.

— Droga! — grita Zeke. — Ele deve ter saído por ali.

Os dois chegam até uma porta aberta.

A cem metros abaixo, no meio do campo, sob a chuva e no meio da neblina, ainda conseguem ver Fredrik Fågelsjö, com suas calças castanhas e segurando o que deve ser uma capa de chuva verde. Ele cai, depois se levanta, volta a correr, passa por uma árvore que ainda está com as folhas verdes.

— Pare! — grita Malin. — Senão eu atiro!

Mas não faria isso. Não têm provas contra Fredrik Fågelsjö, e uma fuga não é motivo para atirar.

O fôlego de Fredrik parece ter desaparecido definitivamente. Ele para, vira-se, levanta as duas mãos vazias e olha para Zeke e Malin que, lentamente, se aproximam dele, com armas em punho.

Fredrik Fågelsjö cambaleia de um lado para o outro.

Está tão bêbado que nem se aguenta em pé.

— Deite-se! — grita Malin. — Deite-se de bruços, aí mesmo!

Fredrik Fågelsjö é obrigado a se deitar de cara na lama, enquanto Malin puxa as algemas e as coloca nos pulsos às costas dele. Ele usa um casaco verde, clássico, da marca Barbour.

Fredrik cheira a bebida, mas não diz nada. Está com dificuldade de falar com a cara e a boca na lama.

— Por que fez isso? Por que fugiu da gente? Por quê? — pergunta Malin, mas Fredrik Fågelsjö não responde.

18

— O que aconteceu, afinal?

As mãos de Zeke ainda tremem ligeiramente ao volante do Volvo, na volta a Linköping, ao passar pelo conjunto de prédios brancos, em Skäggetorp, e pela grande fábrica da Arla, em Tornby. Em sentido contrário, veem passar o carro de reportagem do *Corren*. "Será Daniel ao volante?" Eles são incansáveis, esses abutres.

— Não imagino — responde Malin, já com um pouco menos de adrenalina, mas, em compensação, a dor de cabeça está de volta. Enquanto isso, Fredrik Fågelsjö, claramente bêbado e algemado, está na viatura que vem atrás. Malin não quis conduzi-lo. Melhor ela e Zeke terem um tempo para se acalmar um pouco.

E passa mais um carro da imprensa, o do canal da televisão local, o *Östnytt*.

— Talvez — acrescenta Malin —, ele tenha muito mais a ver com a história e, ao imaginar o que sabemos, resolveu fugir. No entanto, acabou parando no meio de um prado, sob a chuva.

— Ou, então, está apenas tão bêbado que entrou em pânico ao ver que queríamos falar com ele — comenta Zeke.

— Vamos saber quando o interrogarmos. Fredrik pode ser muito bem o homem que procuramos — responde Malin, embora ache

que há alguma coisa que não se encaixa, que o caso não é assim tão simples. Ou será?

O celular toca, e ela vê o número de Sven Sjöman no visor.

— Já estou sabendo — diz Sven. — É estranho. Será que é ele? O que acha?

— Talvez. Vamos ouvi-lo assim que chegarmos ao departamento.

— Johan e Waldemar vão interrogá-lo — acrescenta Sven Sjöman. — Vocês devem tentar falar com Katarina Fågelsjö. Pressionem-na, enquanto as idiotices do irmão ainda estão frescas.

Primeiro, Malin pensa em protestar. Mas resolve acatar a decisão. Se há alguém que pode extrair alguma coisa de Fredrik Fågelsjö, essa pessoa é Waldemar Ekenberg.

Fredrik Fågelsjö não disse uma única palavra enquanto o levavam do prado até o carro. Manteve silêncio no veículo.

— Muito bem. Faremos isso — diz Malin. — Mais alguma coisa?

— Nada de concreto. Johan e Waldemar andaram telefonando para algumas pessoas cujos nomes e firmas apareceram nos papéis de Petersson. Sem resultado.

— Alguma amante?

— Nenhum envolvimento amoroso — acrescenta Sven Sjöman.

Katarina Fågelsjö atendeu ao telefonema dos detetives.

Mostrou-se disposta a recebê-los. Por isso, Malin e Zeke seguem pela avenida Brokindsleden, em silêncio e já com o crepúsculo acentuado.

Tentam se recuperar da perseguição. Baixar para um nível de atenção normal antes do encontro com Katarina Fågelsjö.

Passam por uma área de casas em Hjulsbro.

Segundo o livro de Malin sobre a cidade, aquela área era habitada por famílias de classe alta e estava para Linköping da mesma forma

que Connecticut está para Nova York. Para Malin, não era ali que estava a classe alta, mas, sim, a classe média mais abastada.

Em Hjulsbro, encontram-se vilas, uma ao lado das outras, habitadas por médicos. As casas não têm nada de especial, mas são grandes e decoradas em grande estilo, o que pode ser visto quando se entra nelas. Uma das áreas mais caras e de mais prestígio da cidade, porém, de certa maneira, tão insignificante se comparada com as áreas de Djursholm, em Estocolmo, ou de Örgryte, em Gotemburgo.

Ao atravessar a área de Hjulsbro, Malin compreende por que todos que crescem numa cidade do interior logo mudam, assim que podem, para um cenário maior, um mundo com mais profundidade e altura do que aquele que um desgraçado buraco sueco do interior, embora presunçoso, oferece.

Estocolmo.

Malin morou lá com Tove enquanto frequentava a escola de polícia. Em um apartamento alugado de quarto e sala mobiliados, na área de Traneberg. As únicas coisas de que ela se lembra é de estudar, ir à creche buscar a filha, das babás contratadas pelos jornais locais, jovens que eram caras e pouco dignas de confiança, e de como Estocolmo não tinha nada a oferecer a uma mãe solteira e pobre. Toda a cidade lhe parecia fechada, como se todas as possibilidades e segredos fossem distantes, inalcançáveis, como se todos, a todo momento, escarnecessem dela.

Para Jerry Petersson, deve ter sido exatamente o contrário.

Malin já foi convidada, várias vezes, para trabalhar em Estocolmo. A última delas, no verão anterior, no departamento de criminalística, onde surgiu uma vaga. O chefe, um tal de Kornman, escolheu-a a dedo. Telefonou para ela, disse que conhecia o seu trabalho e

perguntou-lhe se não estava com vontade de “caçar” em outras áreas?

Malin suspeitou que eles precisavam de mulheres.

Sua então vida desejada com Janne e Tove ainda estava de pé, não tinha ido para o inferno, de modo que ela agradeceu, mas não aceitou.

Agora, dentro do carro, arrepende-se da decisão tomada. “Um novo começo era talvez aquilo de que eu precisava? Ou a grande cidade iria me derrubar de vez? Isso também acontece comigo na cidade pequena.

“Ou quase.”

O rádio está ligado.

Malin convenceu seu colega a desistir dos CDs de coral, e Zeke concordou em escutar música moderna, normal, intercalada com alguma conversa fiada.

Tinham ouvido os acordes finais de “Torn blue foam couch”, no programa *Grandes Gravações*, e Malin já escutava a voz rouca da sua amiga e locutora Helen Aneman.

Ela fala da vítima do outono.

Fala de Jerry Petersson, de quem ninguém parece ter pena ou sentimentos mais elevados. De quem não provoca tristeza em ninguém.

“Mas em algum lugar deve haver uma pessoa que lamenta a sua partida”, pensa Malin ao escutar as palavras de Helen. “E é por essa pessoa que vou saber o que lhe aconteceu. Talvez seu pai. Vamos ter de ouvi-lo, a seu tempo. Você não tinha irmãos nem irmãs. E a sua mãe já morreu. Talvez uma mulher. Talvez alguma criança, mesmo que você não tenha tido uma.”

— Um dos filhos mais ricos da cidade acaba de falecer — diz Helen. — Bom negociante, segundo seus amigos, uma personalidade excitante de quem, talvez, não se consiga saber muito mais. Ele comprou o castelo de Skogså há cerca de um ano, propriedade da nobre e conhecida família do conde Axel Fågelsjö. Notoriamente, Petersson não era um dos melhores filhos de Deus, mas também não merecia o destino que teve. Ou o que acha, você, que está ouvindo neste momento? Telefone, diga o que pensa ou se tem alguma coisa para contar sobre Jerry Petersson.

Uma canção de Madonna.

“American pie.”

Zeke passa a cantarolá-la. Talvez a canção o faça pensar no filho Martin no Canadá, em Vancouver? No neto? Ou, ainda, a canção talvez faça parte do repertório do coral do qual faz parte.

Já deixaram Hjulsbro.

Fica para trás a pequena e asfixiante burguesia.

Zeke acelera o carro. Depois, vira para o lado.

Lá na frente, Malin vê o campo de golfe de Landeryd e o enorme ginásio coberto da cidade, com uma varanda interna, gigantesca, o chamado *driving-range* para treinamento das tacadas de golfe.

Um paraíso para os amantes desse esporte durante o inferno outonal.

Um lugar onde chovem bolas de golfe.

19

As bolas de golfe voam alto, sob um teto de ferro e ao longo de um tipo de hangar, com várias centenas de metros de comprimento, antes de pular, ao bater na grama sintética.

São 13, os *tees* de saída. Bem alinhados.

As batidas dos tacos nas bolas soam como bofetadas.

Um balde com 50 bolas custa 200 coroas, cerca de 20 dólares. Essa quantia não é problema para qualquer um dos membros dos clubes de golfe da cidade.

Tacos. De madeira.

Jerry Petersson foi atacado na cabeça com um objeto obtuso. “Pouco provável que tenha sido um taco de golfe”, pensa Malin ao se aproximar de Katarina Fågelsjö e da sua figura, alta e esbelta.

— Estou no décimo terceiro *tee*. O mais afastado, junto à rua.

Não foi surpresa eles quererem falar com ela. Katarina já sabia o que tinha acontecido com Jerry Petersson, mas, certamente, não sabia nada do que o seu irmão acabara de fazer.

Batidas agressivas, palavrões, bolas que param longe, que batem nas paredes. O barulho é muito parecido com aquele que se ouve em uma piscina coberta. No ar, o mesmo bafo úmido e malcheiroso, mas livre de cloro.

“Como é que se pode passar uma tarde inteira, voluntariamente, num lugar como este?”, pensa Malin enquanto estuda o *swing* de Katarina Fågelsjö, ao que parece, fácil e elegante. Ela mostra força no corpo. Nota-se que possui a atitude segura, impositiva, perante a vida que todos, com os mesmos antecedentes, têm. É como se essa segurança tivesse sido implantada neles, logo no primeiro dia em que abriram os olhos para o mundo.

Katarina Fågelsjö se posiciona, mede, inicia o *backswing* com o seu taco de ferro, oscila os ombros, faz um bonito *downswing* em direção à bola, bate bem rente à grama e completa a tacada, com um elegante *followthrough*.

“Sem dúvida, deve ter um *handicap* bem baixo”, pensa Malin. “E também é destra.”

Katarina Fågelsjö percebe a aproximação dos dois detetives durante o movimento. Para, vira-se, olha para eles, desce do pequeno pedestal em que se encontra. Estende a mão, e Malin pensa que Katarina deve ter sido uma mulher muito bonita. E ainda é. Com o mesmo nariz afilado, como o do irmão, e os mesmos lábios bem finos, embora tenha a testa cheia de rugas e muitos cabelos brancos entre os louros, cortados à altura do pescoço.

Rugas de amargura. Sulcos de insatisfação em volta da boca de lábios finos. Olhos tristes, cheios de um estranho desejo.

Ela cumprimenta, primeiro, Malin. Depois, Zeke.

Os dois mostram os distintivos.

Katarina Fågelsjö passa uma das mãos pela testa, enquanto Malin considera que deve ser uns cinco anos mais jovem do que ela. “Possivelmente, andou na mesma escola secundária que eu, mas antes de mim. E na mesma escola, junto com Jerry Petersson. Se não seguiu para as escolas de Sigtuna ou de Lundsberg.”

— Podemos conversar aqui? — pergunta Katarina Fågelsjö enquanto coloca o taco na bolsa. — Ou preferem o restaurante?

— Podemos falar aqui — diz Malin. — Você já sabe por que queremos falar com você, não é? Não deu tempo de mencionar o assunto pelo telefone.

— Jerry Petersson. Ainda sei como somar dois mais dois.

— E já sabe como o seu irmão, hoje, tentou fugir de nós?

Katarina Fågelsjö abriu a boca, suas sobrancelhas se ergueram, mas logo, em segundos, ela se recuperou.

— O que o meu irmão fez?

Malin conta como foi a perseguição de automóvel, como Fredrik tentou fugir quando eles queriam apenas conversar e que, por isso, acabou sendo levado ao departamento de polícia, a fim de ser interrogado.

— Quer dizer que ele estava saindo do Ekoxen? — perguntou Katarina. — Então ficou com medo de ser apanhado ao volante depois de beber. Já foi condenado antes por isso, depois de uma festa em casa de conhecidos, há três anos. E, desta vez, vai ser preso, com certeza.

“Ao volante, depois de beber. Dirigindo bêbada. Foi isso que eu fiz ontem”, pensa Malin, que, logo em seguida, joga o pensamento para longe, como se fosse uma bola de golfe.

— Nós conseguimos prendê-lo — diz Zeke. — E, de fato, ele estava bêbado.

— Será que ele tem alguma coisa a ver com a morte de Jerry Petersson? — pergunta Malin, na esperança de que a questão direta provoque alguma reação.

— Matar alguém? O meu irmão? Dificilmente.

As tacadas, no *driving range*, jogando as bolas no ar em direção ao alvo, fazem com que Malin se lembre das pistas de tiro. De como as balas dos atiradores procuram o seu caminho em direção ao alvo. Precisamente como Katarina Fågelsjö acabou de fazer, quando contaram a respeito da atitude do irmão.

E agora.

O rosto de Katarina Fågelsjö mostra uma expressão completamente neutra, ao ficar à espera da próxima pergunta. Malin está cansada só de olhar para ela. Já eram quase cinco horas. Sabia que tinham de andar rápido com a investigação, mas o que queria mesmo era ir para casa e tomar banho. E depois?

“Estou com pena de mim mesma.

“Muita pena.

“Pena demais.”

As dores de cabeça diminuíram. Mas seu corpo grita por mais bebida. A angústia é como um punho apertando o coração. “Preciso agir. Tenho muitas coisas para fazer. Será que vou aguentar?

“Então, vejo essa mulher na minha frente, arrogante e convencida, mas, ao mesmo tempo, aberta e agradável. É a isso que se dá o nome de competência social?”

— Você não acredita que ele tenha feito isso? — pergunta Zeke.

— Meu irmão é inofensivo. Talvez não o seja sempre, em todas as situações, mas definitivamente não é um homem violento.

— Como é que ele é? Pode falar um pouco mais sobre ele? — insiste Zeke.

— Acho que é melhor ele mesmo falar sobre si.

Katarina Fågelsjö pega um novo taco, de ferro, da sua bolsa, e passa a examiná-lo com cuidado.

— Deixe que eu vá direto ao ponto — diz Malin, que acha que deve obter a atenção da mulher. — O que você fez durante a madrugada e hoje de manhã?

— Meu pai esteve comigo, em minha casa, ontem à noite. Nós bebemos chá.

— Ele saiu às dez horas, segundo disse. O que você fez depois?

Katarina Fågelsjö limpou a garganta.

— Eu fui para casa do médico Jan Andergren. Ele poderá confirmar que dormi com ele até hoje de manhã.

Katarina informa qual é o número de telefone do médico, e Zeke o digita em seu celular.

— Eu gosto de aventais brancos — diz Katarina Fågelsjö, brincando. — Mas já fiquem sabendo que ele é apenas alguém com quem eu me encontro de vez em quando e com quem não planejo me encontrar muitas vezes mais.

— Por que não? — questiona Malin. Katarina não responde. Apenas mostra uma expressão que parece significar: “O que você tem com isso?”.

No entanto, acrescenta:

— Você não sabe? Qual é a regra mestra de todos os casos? Mais de cinco encontros e a pessoa começa a convencer-se de que se trata de amor.

“Não seja presunçosa só porque dorme com um médico”, pensa Malin. “Também não tente me provocar, Katarina Fågelsjö. Estou cansada demais para aguentar isso.”

— Você teve alguns encontros com Petersson? — pergunta Zeke.

— Nenhum — responde ela, com alguma hesitação, antes de prosseguir em tom normal: — A venda foi efetuada por Fredrik e meu pai. Por quê?

— A venda do castelo — diz Malin. — Você não foi contra?

— Não. Estava na hora. Era o momento de vender, pura e simplesmente. A hora de a família seguir o seu caminho.

"Você diz as mesmas palavras que seu pai", pensa Malin. "Será que vocês combinaram o que dizer?"

— Você não queria assumir o castelo?

— Nunca tive essa ambição.

As bolas continuam a voar a sua frente.

Projéteis de outros golfistas sem destino preciso.

"Que esporte sem graça", pensa Malin, enquanto, ao seu lado, Katarina Fågelsjö aperta o cinto das suas calças azuis, ajeita o colarinho do seu suéter rosa de algodão e guarda o taco na bolsa.

— Ouvimos dizer que vocês foram obrigados a vender por causa de problemas econômicos. É verdade?

— Detetive, somos uma família de nobres de várias gerações, há quase meio milênio. Não gostamos de falar de dinheiro, mas, para que conste, nunca tivemos quaisquer problemas econômicos.

— Posso perguntar uma coisa? No que você trabalha? — pergunta Zeke.

— Eu não trabalho. Depois do meu divórcio, levo uma vida calma. Antes disso, me dedicava às artes plásticas.

— Artes plásticas?

— Tinha uma galeria de arte dedicada a pinturas do século XIX. Na maioria dos casos, pintores de Östgötland como Krouthén. Vocês conhecem Eugène Jansson? Ele era a minha especialidade, junto com as pintoras dinamarquesas do período do nacional-romantismo.

Malin e Zeke balançam a cabeça afirmativamente.

— Você conhecia Jerry Petersson antes da venda? — questiona Zeke.

— Não.

— Você se separou há pouco tempo?

— Já faz mais de dez anos.

— Filhos?

A expressão de Katarina Fågelsjö é de constrangimento. Parece querer imaginar qual a importância dessa informação.

— Não — responde.

— Vocês são da mesma idade, você e Petersson — diz Malin. — Talvez tenham frequentado a mesma escola, não?

Katarina Fågelsjö olha ao longo do hangar.

— Estudamos na Escola Katedral. Ele, no terceiro ano, com o meu irmão. E eu, no primeiro.

Malin e Zeke entreolham-se.

— Eu me lembro dele — continua Katarina Fågelsjö, ainda olhando fixamente para o *driving range*. — Mas não convivíamos. Petersson não pertencia ao meu grupo. É claro que estivemos algumas vezes nas mesmas festas. Não dava para evitar.

"Claro", pensa Malin. "Na escola secundária, todo mundo se encontrava, quisesse ou não. As pessoas podiam ir às mesmas festas, mas isso não significava mais do que hoje significaria um encontro entre duas pessoas desconhecidas no mesmo bar."

— E que grupo era o seu? — pergunta Zeke.

— Um grupo de moças.

— Quer dizer que vocês dois nunca chegaram a conviver?

Katarina Fågelsjö volta a olhar para eles. Parece perpassar um rápido vislumbre de tristeza pelos seus olhos:

— O que eu disse há pouco?

— Já escutamos, sim — diz Malin.

Os finos lábios de Katarina Fågelsjö contraem-se ainda mais, até parecer apenas uma linha.

— E agora Jerry Petersson está lá dentro do nosso castelo, como um maldito Gatsby. Em breve, vai passar a organizar festas, também, não? Grandes festas, malditas festas.

Há um desespero repentino, tanto na voz como no olhar.

— Talvez ele tenha se instalado lá dentro como um Gatsby — diz Malin. — Mas agora está deitado num caixão, no Instituto de Medicina Legal.

Mais uma vez, Katarina Fågelsjö desvia o olhar dos dois visitantes, coloca uma bola em cima do *tee*, dá uma tacada com frenesi e a bola sai com um tremendo *slice*, quase diretamente para a direita.

— Qual é o seu carro? — pergunta Zeke, assim que ela os encara.

— Isso é problema meu — responde Katarina Fågelsjö. — Eu não quero ser indelicada, mas, no caso, vocês não têm nada a ver com isso.

— O problema — diz Malin — é você entender claramente que, enquanto estivermos à procura do assassino de Jerry Petersson, nós temos a ver até com o menor dos pelinhos do seu traseiro.

Katarina Fågelsjö sorri e diz:

— Ah, bem, detetive, acalme-se. É preciso ter calma e não perder a linha. Eu tenho um Toyota vermelho, se é que isso tem alguma importância.

Malin lhe dá as costas.

Sai do complexo de golfe. Escuta Zeke agradecer a atenção de Katarina Fågelsjö. Felizmente, não se lembrou de pedir desculpas pelo comportamento da colega.

— Por favor, sejam delicados com o meu irmão — pede falando alto Katarina Fågelsjö, na despedida. — Ele é inofensivo.

— Mesmo que tenha problema com esse tipo de pessoa, você tem de se conter e tentar se comportar. Não pode falar com elas dessa maneira. Por pior que se sinta.

Zeke está sentado ao volante e faz o seu sermão, logo na saída do estacionamento de Landeryd. A chuva continua caindo e a chegada da noite faz com que Linköping pareça uma cidade um pouco menos convidativa. Na beira da floresta, a leste, Malin imagina ver as serpentes deslizando pela terra, tentando comer umas às outras.

— Eu já não estou me sentindo tão mal — diz Malin. Ela balança a cabeça e acrescenta: — Você sabe como é... Esse tipo de gente.

Mas ela sabe que a raiva é uma maneira de esconder a insegurança. E que isso faz parte da psicologia humana. Por isso, sente vergonha. Só espera que Zeke não tenha visto o seu rosto corar.

— Katarina esconde alguma coisa, exatamente como o pai — diz Zeke. — E, talvez, como o irmão.

— Esconde, sim — concorda Malin. — Talvez seja um costume de família brincar com a verdade.

— Ou talvez queiram apenas dificultar o máximo possível nosso trabalho — completa Zeke.

Eles voltam a passar pelas casas da área de Hjulsbro e pelos prédios brancos em frente, do outro lado da avenida Brokindsleden. A chuva cai de forma inclinada, como se o vento e os pingos de chuva tentassem unir para sempre aqueles dois mundos tão diferentes.

— Precisamos saber, pura e simplesmente, se o interrogatório de Fredrik Fågelsjö teve algum resultado — diz Zeke. — Eles devem estar agora com a mão na massa, visto que a bebedeira do homem já deve ter passado um pouco.

20

Os ponteiros do relógio de parede da sala de interrogatório 1, no subsolo do departamento da polícia de Linköping, continuam se movimentando sem fazer qualquer ruído.

São 18h01.

As paredes cinza-escuras estão cobertas de painéis construídos para absorver os sons, e a iluminação de mercúrio produz cones de luz que incidem sobre as quatro cadeiras presas ao chão e em volta de uma mesa metálica, oval. Essas cadeiras foram fixadas ao chão recentemente. Muitas vezes, os suspeitos chegaram a arremessá-las com raiva contra as paredes, quando se sentiam encurralados.

Através de um espelho, numa das paredes, a situação da sala pode ser observada de um corredor onde geralmente Sven Sjöman e Karim Akbar ficam sempre que alguém está sendo interrogado.

Johan Jakobsson olha para Fredrik Fågelsjö. Seu exame de sangue mostra que o nível de álcool já abaixou. Parece que ele está recuperado e relativamente sóbrio. Seu olhar, no outro lado da mesa, à luz meio nebulosa da sala, parece claro e bem esperto. Ao lado de Johan, Waldemar Ekenberg se acomoda na cadeira e tenta ficar sentado o mais confortável possível. Fredrik Fågelsjö está vestido com um *blazer* azul e camisa creme, e, ao seu lado, está

sentado o advogado, um tipo encantador chamado Karl Ehrenstierna, que Johan já encontrou em outros interrogatórios que não deram em nada. “Vamos ver se desta vez”, pensa Johan, “conseguimos alguma coisa.”

Ele liga o pequeno gravador que está em cima da mesa.

— Interrogatório de Fredrik Fågelsjö, investigação do assassinato de Jerry Petersson e outros atentados contra a lei. Sexta-feira, 24 de outubro, 18h04.

Até então, Fredrik Fågelsjö, praticamente, não disse uma palavra. Apenas respondeu afirmativamente quando lhe perguntaram se queria um advogado durante o interrogatório. Mencionou o nome de Ehrenstierna, mas nem sequer deu o número de telefone dele. Presumiu que deviam saber. Depois, pediu para telefonar para a sua esposa, Christina. E Sven Sjöman não viu nenhum motivo razoável para lhe negar esse direito. Tinham razões suficientes para mantê-lo preso por pequenos delitos, mas, em relação à morte de Jerry Petersson, Fredrik Fågelsjö era apenas um nome que havia surgido durante a investigação. As razões ainda não eram suficientes para um mandado de busca em sua casa por motivo de assassinato, mas o seu carro foi apreendido para ser analisado pelos peritos.

— Vamos começar falando sobre o que aconteceu hoje — diz Johan. — Por que fugiu quando a polícia fez sinal para você parar?

Fredrik Fågelsjö olha ansioso para o advogado, como se quisesse receber instruções de como reagir durante o interrogatório e não cair em alguma armadilha. O advogado, porém, faz apenas um aceno, incitando-o a responder.

— Fiquei com medo — diz Fredrik Fågelsjö, enquanto enxuga algumas gotas de suor no lábio superior. — Sabia que tinha bebido demais. Não queria ser preso de novo por dirigir embriagado, indo

parar na prisão de Skänninge, durante o verão. Entrei em pânico e tentei fugir. Foi como se não conseguisse responder por meus atos. E, depois que comecei, já não havia mais como parar. Foi uma atitude idiota, e quero pedir desculpas.

— Um mísero pedido de desculpas, claro que não é suficiente, não é porra nenhuma — repreende Waldemar.

— Nada de palavrões, por favor — diz Ehrenstierna, o advogado. Waldemar morde os lábios e acrescenta:

— Você podia ter matado pessoas inocentes. Está preso por dirigir bêbado, por atrapalhar o exercício da lei, por direção perigosa e, certamente, por mais uns dez outros delitos. Você é alcoólatra?

Ehrenstierna mantém-se em silêncio.

— Você talvez queira se confessar culpado de tudo isso, não? — pergunta Waldemar.

— Não vou dificultar o andamento desses processos — diz Fredrik. — Não sou alcoólatra, não, senhor. Às vezes, bebo um pouco demais, isso acontece com todo mundo, não é verdade? Entrei em pânico. Sou culpado por dirigir bêbado. Mas esse não é, certamente, o motivo de eu estar aqui, certo?

— Não — concorda Waldemar, inclinando-se para a frente, sobre a mesa. — Nós queremos falar com você, principalmente, sobre o caso do assassinato de Jerry Petersson.

— Será que você não fugiu por achar que nós iríamos prendê-lo por esse crime? — indaga Johan.

— Meu cliente já respondeu e disse por que fugiu, quando tentaram forçá-lo a parar — diz Ehrenstierna.

— Eu nem sequer sabia que Petersson foi assassinado. Só soube agora, pelo meu advogado.

Ehrenstierna confirma.

A expressão do rosto de Fredrik Fågelsjö muda e, antes de o advogado conseguir silenciá-lo, ele fala:

— Devo dizer que fiquei até satisfeito. Vocês encontraram esse palhaço morto. Inclusive, assassinado. Boa notícia, acho eu. Muito boa mesmo.

O corpo de Fredrik Fågelsjö, que há pouco parecia cansado, voltou à vida ao fazer essa declaração. Todos os seus músculos ficaram rígidos.

“Que frieza”, pensa Johan. E olha para Waldemar com a expressão de quem pede: “Dá um aperto nele, agora!”.

Ehrenstierna coloca uma das mãos no ombro de Fredrik Fågelsjö e diz:

— Tenha calma, Fredrik!

— Quer dizer que você queria mesmo vê-lo morto? — pergunta Waldemar.

— A essa pergunta, o meu cliente não vai responder.

— Você pode confiar em nós — diz Johan. — Queremos apenas o seu bem. Se não tem nada a ver com o assassinato, é o que desejamos saber. Só queremos esclarecer a situação. Você deve concordar conosco que sua fuga foi muito estranha. E, agora, parece querer nos contar mais alguma coisa, não?

— Meu cliente também não vai responder a essa questão. E já respondeu por que...

— O que você fez durante esta madrugada e hoje de manhã? — pergunta Waldemar.

— Fiquei em casa, com a minha mulher.

— Tem certeza?

— Sua esposa pode confirmar? — questiona Johan.

— Ela pode confirmar, sim — responde Ehrenstierna. — Eles estiveram em Vila Itália, perto da rotatória de Ledberg, no mesmo lugar até onde a polícia o seguiu hoje.

— Quer dizer que você não esteve em Skogså? — questionou Waldemar, num tom de provocação.

Nenhum dos dois, a sua frente, responde.

— Dizem que problemas financeiros estariam por trás da venda de Skogså. Você confirma? — pergunta Johan.

— Eu já andava chateado com esse castelo — diz Fredrik Fågelsjö. — Estava na hora de vender. Meu pai está velho demais, e eu não queria assumi-lo. Nem a minha irmã.

— Portanto, não há nada mais que você queira nos contar? Nem a respeito de os negócios estarem ruins? Nem do ódio que você tem pelo palhaço Jerry Petersson, que comprou o castelo, e que você queria vê-lo morto?

Na voz de Waldemar, ao atirar as palavras por cima da mesa, transparece irritação.

— Esse Petersson — diz Fredrik Fågelsjö — era um novo-rico da pior espécie e que jamais poderia entender o significado de uma propriedade como Skogså. Mas ele nos pagou bem. E se acham que tenho alguma coisa a ver com o que aconteceu, boa sorte. Provem. Como disse, fiquei com medo, entrei em pânico e fugi. Estou pronto para aceitar a punição que me for imposta.

— Você conhecia Petersson?

— Sabia quem ele era — diz Fredrik Fågelsjö. — Estudamos na mesma escola secundária, a Katedral. Mas eu nunca fui seu amigo. Não frequentávamos os mesmos grupos. Talvez tenhamos ido, algumas vezes, às mesmas festas. Era um mundo relativamente pequeno.

— Portanto, vocês nunca se encontraram, nem tiveram nada a ver um com o outro? Nem nessa época nem mais tarde?

— Só durante a venda do castelo. No entanto, nem assim eu me encontrei com ele.

— Estou espantado — diz Waldemar. — Achei que todos como você iam para Sigtuna ou Landsberg?

— Lundsberg — corrige Ehrenstierna. — Lundsberg. Até eu fui para Lundsberg. Mais alguma pergunta? Sobre sua educação ou coisa parecida?

Waldemar levanta-se da cadeira rapidamente e dirige seu olhar penetrante para Fredrik Fågelsjö.

— Vamos, conte logo tudo o que sabe, seu sacana. Está escondendo um monte de merda, não é verdade?

Fredrik Fågelsjö e o advogado Ehrenstierna se viram.

— Você foi ao castelo, quis acertar as contas com Petersson por ele ter comprado a propriedade, não é? Perdeu o controle e esfaqueou o homem. Confesse! — grita Waldemar. — Confesse!

A porta da sala se abre com força. Karim entra, desliga o gravador e, com a ajuda de Johan, consegue acalmar Waldemar Ekenberg. Enquanto isso, Sven Sjöman informa Fredrik Fågelsjö e o advogado de que o promotor tinha acabado de decretar a prisão preventiva do suspeito por dirigir alcoolizado e por graves delitos cometidos no trânsito.

Ehrenstierna protesta, mas sem fazer muito esforço, pois sabe que a decisão já foi tomada e que ele nada pode fazer aqui e agora.

“A expressão de Fredrik é enigmática”, pensa Johan, no momento em que o nobre Fågelsjö é levado para a prisão por um policial fardado.

Nobre, mas dissimulado. A ansiedade aparece em seu olhar. “Está consciente”, pensa Johan, “de que não temos nada contra ele. Pelo menos, por enquanto. Mas pode ser o culpado, sim. E, de qualquer maneira, já é, a partir de agora, o nosso principal suspeito.”

Malin deixa Zeke em frente a sua casa vermelha.

— Pegue o carro, mas vê se dirige com cuidado, Malin.

Ele fecha a porta do automóvel, não com raiva, mas com a força do cansaço. E se afasta do veículo.

As placas de cobre, que servem de telhas na casa, fazem ressoar a queda das gotas grossas da chuva.

Sai uma luz forte da cozinha.

O dia seguinte é mais um sábado de trabalho. Não se pensa em ter um dia de descanso quando acontece um assassinato na cidade.

Sven Sjöman convocou uma reunião às oito horas da manhã. A assistente Aronsson falou com Christina, esposa de Fredrik Fågelsjö, depois de Johan Jakobsson e Waldemar Ekenberg o terem interrogado. A esposa confirmou o álibi de Fredrik na noite do assassinato. Disse que, certamente, ele entrou em pânico quando tentaram pará-lo, que de vez em quando ele bebia demais, mas não era alcoólatra, de jeito nenhum.

Malin deixa o carro no ponto morto, tenta se convencer de que tem um lugar para onde ir. “Qual? Como é que eu vou passar o restante do dia?”

Não consegue se decidir. O que aconteceu no dia anterior parece um pesadelo, algo irreal, que aconteceu há milhares de anos ou nem sequer chegou a acontecer.

Ela engata a primeira marcha.

Neste momento, porém, ela vê Zeke abrir a porta da casa e sair correndo, sob a chuva, em sua direção. Ela vê as gotas de água

bater na sua cabeça. Isso não deve ser uma coisa agradável, a julgar pela careta que ele faz.

Malin baixa o vidro da janela.

— Gunilla está perguntando se quer jantar conosco?

— Quer dizer que você não pergunta nada?

— Deixe disso, Fors. Vamos, entre. Está na hora de uma comida quente. Vai lhe fazer bem.

— Outra noite, Zeke. Diga a Gunilla que agradeço o convite e que mando um abraço.

Gunilla?

"Você gostaria muito mais que lá dentro estivesse uma Karin Johannison, não é?", pensa Malin.

— Venha, venha comer um pouco conosco! — insiste Zeke. — É uma ordem! Quer, realmente, ficar sozinha esta noite?

Malin sorri, cansada.

— Quem é você para me dar ordens?

E ela segue em frente, ainda com o vidro da janela baixado. No retrovisor, vê Zeke parado, no meio da chuva, e algumas folhas secas, vermelhas, cor de ferrugem, que balançam ao vento e refletem o tom avermelhado dos faróis traseiros do carro.

Já é noite quando Malin entra na cidade. "Puxa, como está escuro!

"Que dia maldito! Um assassinato. Um daqueles bem apimentados, suculentos. Uma perseguição maluca de carro. Uma velha de espingarda. Sem tempo para pensar em nada." Às vezes, ela chega a adorar as porcarias que a sua cidade sabe produzir.

"Roupas.

"Preciso arranjar roupas.

"Talvez possa voltar à casa de Janne para rapidamente pegar o que preciso. Mas, talvez, Janne queira que eu fique. Tove vai olhar

para mim com aqueles seus olhos pedintes. E, então, eu vou querer ficar.”

Malin vê com a claridade de um relâmpago a imagem de seu rosto no retrovisor, que logo ela vira para o lado. Percebe, então, o que fez. Deixou o homem que ama, deu um tapa nele, pôs a vida da filha em perigo e, em vez de ajudá-la a prosseguir, simplesmente fugiu, voltou a se afundar na própria merda, deixou que emergissem as suas piores qualidades, cedeu ao amor pela bebida, pela imagem de um mundo, redondo e macio como o algodão, mas onde nada existe. Nem história, nem aqui e agora, nem no futuro. Está tudo errado, errado, errado... E ela sente vergonha, tanta vergonha que chega a sentir falta de ar, dores no corpo inteiro. Quer voltar para a casa de Janne, mas acaba parando no estacionamento da Ikea, em Tornby. Desliga o motor e sai do carro.

Anda ao acaso sob a chuva e sente a escuridão à sua volta. O lugar está quase vazio, o *shopping* ainda está aberto. A luz das vitrinas não alcança aquele ponto do estacionamento.

Continua a andar e aproxima-se da entrada. Quer telefonar para Tove, pedir-lhe uns conselhos sobre roupas, mas não consegue. “Não consigo nada. E é por isso que estou aqui sozinha. Toda fodida, sem salvação possível.”

Malin circula entre as roupas da loja H&M, compra calcinhas e meias, sutiãs, camisolas, calças e um casaco. Paga sem mesmo provar nada, apenas olha rapidamente os tamanhos das peças. “Vai dar tudo certo, a última coisa que eu quero ver agora é a minha imagem no espelho: meu corpo inchado, o rosto vermelho, a vergonha nos meus olhos.”

Senta num banco, no corredor principal do *shopping center*, em frente de uma livraria cuja vitrina mostra livros de autoajuda: *Assim*

ficará rica de felicidade!, Desenvolva a sua sensibilidade!, Seja uma pessoa bem-sucedida!

"Puta merda! Onde eu fui parar? Tenho de sair daqui", pensa ela, ao mesmo tempo em que o mal-estar volta a atormentá-la.

Em frente à loja, os cartazes dos tabloides do dia, do *Expressen* e do *Aftonbladet*:

Empresário assassinado no castelo.

Bilionário assassinado no fosso.

"Qual é o que vende mais? O segundo?"

Meia hora mais tarde, Malin está sentada no *pub* Hamlet. Em um canto do salão, a uma distância em que pode ouvir as conversas dos alcoólatras disfarçados e dos brincalhões do lugar.

Duas tequilas rápidas fazem com que a sua visão fique agradavelmente nublada, as esquinas do mundo pareçam mais redondas e suaves. Como se o coração adotasse um ritmo mais compreensivo, com mais tendência a perdoar.

Cerveja.

Bebidas alcoólicas para aquecer.

Pessoas alegres.

Malin olha em volta. Vê pessoas que desfrutam da companhia umas das outras.

A mãe e o pai. "Vocês tiveram apenas uma criança, uma filha. Por quê? Pai, o senhor certamente queria mais um. Mas você, mamãe, achou que eu cheguei para atrapalhar, não foi? É claro que foi isso! Queria ser mais do que uma empregadinha, cada vez mais importante, no escritório da grande empresa Saab.

"Eu sempre quis ter um irmãozinho. Com os diabos, mamãe, por que não?

"Tove também gostaria de ter um irmão?

“Droga!”

— Mais uma dose, por favor — pede Malin. — Dose dupla. E mais uma cerveja, das fortes, para ajudar a descer.

— Tudo bem — diz o *barman*. — Esta noite, você terá tudo o que quiser, Malin.

“O que eu quero?”, pensa Fredrik Fågelsjö, ao se encolher em cima do estrado que serve de cama na cela, às escuras, e ao passar a mão pela parede toda riscada.

“Como é que eu poderia adivinhar?”

Ele falou, mais uma vez, com a esposa, uma hora atrás.

Ela não estava zangada desta vez, não exigiu nenhuma explicação. Disse apenas:

— Sentimos a sua falta aqui em casa. Volte logo!

As crianças estavam dormindo. Ela quis acordá-las, mas ele, não. Deixe-as dormir. “De qualquer forma, teria de mentir para eles sobre o lugar onde estou.”

Victoria, tem cinco anos.

Leopoldo, três.

Fredrik Fågelsjö, no momento em que puxa o cobertor para cima de si, para evitar a umidade da cela fria, sente o calor dos corpos dos filhos.

Já está com saudades deles e da esposa Christina. Quer saber o que deseja. Não sente mais pânico no lugar onde está. Ainda não sabe por que não respondeu às perguntas da polícia, nem porque ficou em silêncio e mentiu, tal como o pai lhe pediu, como se, de alguma maneira, lhe devesse alguma coisa. Não há dúvida de que o policial foi estúpido e agressivo. E, antes, durante a fuga de carro, teve a sensação de poder controlar a sua vida, num rio inebriante de adrenalina e de medo.

Fredrik Fågelsjö respira fundo.

“A quem posso, de fato, falar? Você, meu pai, você mal aprovou o meu casamento com Christina, e nem aprovou os pais dela, apesar da educação que possuem. Só Deus sabe o que você fez contra Katarina.”

Fredrik Fågelsjö fecha os olhos.

Vê Christina deitada com as crianças na cama de casal do seu quarto, na Vila Itália.

“Não vai ser fácil”, pensa Fredrik Fågelsjö, “mas, no futuro, não vou deixar que nada venha a acontecer entre nós.”

“O que foi que o *barman* me disse?”, pensa Malin, enquanto tenta se equilibrar na cadeira do *pub*. Ela não quer cair nem perder de vista as garrafas nas prateleiras iluminadas, ao longo da parede em frente.

No *pub*, fazem muito barulho. Ela está quase bêbada, mas não falou com ninguém.

De repente, alguém toca em suas costas.

Ela se vira, mas não vê ninguém. No espelho, por cima das garrafas, só vê a própria imagem.

— Parece que alguém encostou em mim — diz ela. Mas o *barman* apenas faz uma careta.

— Está imaginando coisas, Malin. Ninguém estava atrás de você.

Mas ela sente outro toque. Olha para o espelho. Só ela. Mesmo assim, vira-se e diz:

— Pare com isso!

Na quase embriaguez, acha que o barulho das vozes se unifica em uma única voz, exatamente como aconteceu antes no castelo de Skogså.

— Eu faço o que quero — diz a voz. — Descubra como é que eu fui parar no fosso — continuou. — A quem é que fiz tanto mal?

— Vá para o inferno — sussurra Malin.

— Sente falta de Tove? — pergunta a voz.

— Tove pode morrer! — grita Malin. — Você está escutando? E a culpa é toda minha.

Malin não nota que as pessoas no bar pararam de falar e estão olhando para ela, tentando saber por que ela está falando sozinha, as palavras saem de sua boca, e caem no vazio.

Outro toque nas costas.

Ela se vira novamente.

— Não está na hora de ir para casa? — pergunta o *barman*, bem perto do rosto dela.

Ela sacode a cabeça.

— Calma, mais uma dose dupla, por favor.

21

Sábado, 25 de outubro

A cabeça de Malin parece um chocalho ao mínimo toque.

O corpo, se é que ele existe, está inchado. Doem os músculos e as articulações. “O que aconteceu com a minha cabeça?

“Estou sonhando?

“Ao que parece, ainda continuo a ser Malin. Mas o que são esses pequenos planetas redondos, flutuando mais ou menos um metro acima dos meus olhos? Parecem os botões da cômoda do saguão da entrada.

“A cama é dura, mesmo assim meu corpo quer dormir, dormir, dormir...

“Não quer acordar. E por que a cama está tão dura?

“O lençol arranha a minha face. É azul e também duro como um tapete. Lá em cima parece ser a luminária da entrada. Tem um cheiro de tinta, dói. Também doem os meus olhos, diante da luz que penetra pela esquerda. Afinal, o que está acontecendo?”

Durma, novamente, Malin.

O dia já está perdido.

Lentamente, sua visão encontra um foco e, então, ela compreende que está deitada no chão da entrada do seu apartamento, bem junto

à porta, no lado de dentro. “Devo ter adormecido aqui, ontem. Estava tão bêbada que nem consegui chegar à cama.”

Mas, e a dor de cabeça?

Há um exemplar do jornal *Svenska Dagbladet* no chão, ao seu lado. “Com certeza, é o exemplar de assinante dos professores acadêmicos da Igreja Livre que moraram aqui. Esqueceram-se de alterar o endereço antes de se mudar. Ou, então, o jornaleiro se enganou.”

Com dificuldade, Malin consegue se sentar no chão. Empurra para o lado a sacola de roupa que ela, apesar de tudo, ainda trouxe do bar.

“Milionário da área de informática é assassinado.”

A tipologia da manchete no jornal é firme.

Ela se arrasta até a cozinha, olha para o relógio Ikea na parede. Sete e meia. É sábado, mas está de serviço.

“Se me apressar, ainda chego a tempo para a reunião”, pensa ela. “Mas tenho de me apressar.”

Levanta-se, quase cai, parece que vai desmaiar. Há apenas uma solução para o problema. A garrafa ainda continua no chão da sala de estar, no lugar em que ela a deixou anteontem. Pega a garrafa e bebe no gargalo sete bons tragos de tequila. Alguns segundos depois, pouco a pouco, ela sente que os efeitos, as dores e o mal-estar começam a abandonar o seu corpo.

“Tomo um banho, escovo os dentes, faço um gargarejo com uma mistura refrescante e estarei pronta para a reunião”, pensa.

Coloca os jeans e uma blusa vermelha de mangas compridas, que comprou no dia anterior. Tem alguma dificuldade em fechar o zíper da maldita calça; a barriga está inchada pelo álcool. A blusa

vermelha faz com que o seu rosto pareça um tomate, mais redondo do que o normal.

Pede um táxi pelo telefone. O carro de serviço do dia anterior ficou estacionado perto do *pub* Hamlet.

No táxi, a caminho do departamento, aproveita para ler o jornal que os acadêmicos da Igreja Livre ainda continuam esperando.

Lê sobre o caso.

O caso do advogado Jerry Petersson, que foi assassinado. Um pouco sobre o seu relacionamento com Goldman, os rumores sobre negócios escusos. Dinheiro, grandes quantias. Nada do que eles, os policiais, já não saibam.

O táxi buzina. A chuva cai forte sobre o teto.

Seu corpo está funcionando bem.

Ela joga o jornal no banco de trás.

Quando chegam à saída para a área dos antigos alojamentos, onde estão os departamentos da polícia e de outros setores das autoridades locais, ela pede ao motorista para parar.

— Eu posso levá-la até a porta — diz ele. — Deve ser para lá que você vai, não? Eu a conheço dos jornais.

— Não, eu prefiro ficar aqui.

“Ainda me preocupo um pouco com aquilo que os meus colegas acham”, pensa Malin, ao fechar a porta do táxi.

Em frente do departamento, está um monte de repórteres sob a chuva. Daniel Högfeldt é um deles. Até mesmo num tempo horroroso como esse, ele está alerta.

Ela resolve entrar pelos fundos, passando pelas salas do tribunal local. Ao seguir pelo corredor, ao longo das portas de madeira clara, acha ter ouvido vários disparos de espingarda, mas logo chega à conclusão de que é engano. Que o som dos disparos existe apenas

na sua imaginação. E ela, por cansaço, nem quis saber o porquê dessas sensações.

— Esta aqui é Lovisa Segerberg — diz Sven Sjöman, ao mesmo tempo em que coloca uma das mãos no ombro de uma bonita mulher de uns 30 anos, loura, em trajes civis. — Ela vem do departamento financeiro da polícia de Estocolmo e vai nos ajudar a analisar os papéis de Petersson. É formada em ciências econômicas e contábeis e é policial. Apresentem-se, está bem?

Zeke, Johan Jakobsson, Waldemar Ekenberg e a própria Malin dão-lhe as boas-vindas no grupo e desejam-lhe sucesso nas averiguações.

— Pode sentar-se — diz Sven. E Lovisa escolhe uma cadeira livre ao lado de Malin, para quem sorri, com aquele sorriso de compromisso entre mulheres, a que Malin não corresponde. Em vez disso, repara como ela está vestida. Vê que usa uma blusa escura com uma insígnia abaixo do peito, seguindo a última moda. Vê que as calças escuras de lã estão bem passadas e que existe, inegavelmente, alguma coisa de Estocolmo em sua aparência. Em comparação com Lovisa, Malin sente-se um trapo, com os jeans e a blusa vermelha de algodão, que é uma das mais baratas do mercado.

— Vamos começar com um resumo da atual situação — diz Sven Sjöman. — Dia 2. Vocês sabem que temos um suspeito detido, Fredrik Fågelsjö. Mas vamos partir do começo. O que temos em relação ao assassinato de Jerry Petersson?

O relógio na sala de reuniões marca 8h15.

As formalidades e cumprimentos demoraram cinco minutos. “Ainda bem que Lovisa já está aqui”, pensa Malin. “Nós mal conseguimos examinar o simples balanço de uma empresa.”

Sven resolve esquematizar, na medida do possível, o último dia na vida de Jerry Petersson. Depois, continua:

— Infelizmente, o exame do local do crime não nos informou nada de concreto. A chuva apagou todas as eventuais pistas. Os mergulhadores pesquisaram o fundo do fosso, mas não encontraram nenhuma faca ou qualquer outra coisa que pudesse ser considerada a arma do crime. Mandamos secar o fosso, mas isso também não revelou nada. Acabei de receber o relatório do departamento técnico sobre o carro de Petersson. Zero. Entretanto, podemos confirmar que não se trata de latrocínio. Nada foi roubado, tal como já prevíramos. Também não há sinais de que alguém tenha procurado alguma coisa no castelo. E a carteira de Petersson estava no bolso de dentro do seu casaco Prada, que vestia na hora da morte. Na carteira, havia mais de três mil coroas em dinheiro. Estamos examinando, também, o Volvo de Fredrik Fågelsjö.

— Que é preto — completa Zeke.

“Os peixes”, pensa Malin, “o que aconteceu com eles? Ao secarem o fosso, não tiveram como fugir. Se fosse eu, acabaria me ‘afogando’ no ar, pois, certamente, é isso que acontece quando os peixes saem da água, não? Eles se ‘afogam’ no ar.”

— Prada? — pergunta Waldemar.

— Karin escreve no relatório a marca da roupa. Logo, deve ser uma capa de chuva, especialmente bonita e com muita categoria.

Depois, Sven vira-se para Malin:

— Petersson foi encontrado pelos camponeses e arrendatários do castelo, Göte Lindman e Ingmar Johansson, que foram se encontrar com Jerry para caçar veados. O que descobriu ao conversar com eles?

Malin respira fundo.

Recorda as conversas.

Sente o gosto da tequila ainda na boca. Bem que gostaria de beber mais um pouco, mas, em vez disso, faz um resumo dos interrogatórios.

— Alguma coisa os coloca como suspeitos? — pergunta Sven, quando ela termina de falar.

— Não — responde Malin. — Mas acho que devemos continuar com essa possibilidade em aberto. Afinal, tudo leva a crer que eles dependem dos contratos de arrendamento para seu sustento. Vamos verificar se os contratos estão dentro da lei. Algum deles pode ter ficado com raiva ao se sentir ameaçado.

Sven concorda.

— Vejam se encontram alguma coisa nos papéis.

— Eles encontraram o portão aberto — diz Malin, depois. — E o alarme desligado.

E deixa que Zeke continue:

— O que parece querer indicar que Petersson saiu de casa, rapidamente, por algum motivo, com a intenção de voltar logo em seguida.

Waldemar tosse e afirma:

— Isso pode significar que Petersson conhecia o seu assassino. Que ele saiu apenas para cumprimentá-lo, não? Que talvez até já esperasse a visita dele, concordam?

— Tudo é possível — confirma Zeke. — Mas não podemos chegar a conclusões precipitadas. Talvez tenha saído para preparar a caça e se esqueceu ou até nem fez questão de fechar o portão. Ou ainda talvez gostasse de deixar o portão aberto. Achava, talvez, que era excitante ver se acontecia alguma coisa.

— Afinal, o que sabemos a respeito da vítima?

Petersson.

Jerry.

Ao ser retirado do fosso, seu rosto estava impressionante. Havia peixe pendurado na boca, um dos olhos estava aberto, com expressão de surpresa. Malin lembra-se do seu aspecto. Mas, puxando pela memória, a lembrança é outra. Como ele devia ser um homem bonito, extremamente seguro, muito à vontade em qualquer ambiente, até nos melhores restaurantes, como o Riche, o Sturehof ou o Prinsen, em Estocolmo, lugares para onde ela nunca foi enquanto frequentava a escola da polícia. Nas poucas vezes em que andou pela rua Biblioteksgatan e pela avenida Strandvägen, apenas olhou através das vidraças as roupas caras e as pessoas elegantes.

Talvez Petersson fosse um daqueles idiotas mal-encarados, uma daquelas pessoas que se acham superiores às outras?

Talvez.

Um idiota, mas até que ponto?

Malin pensa na violência. Já viu muitas pessoas atraírem para si a violência por meio de seus atos. Como ela, às vezes, contra sua vontade, pensou em certas pessoas que mereceram a violência da qual foram vítimas como consequência das suas próprias ações.

Será realmente assim? A violência pode ser merecida? Claro que não.

— Johan!

A voz de Sven a chama, de novo, à realidade. Malin passa a escutar as informações dadas por Johan a respeito do que conseguiu saber sobre Jerry Petersson. Fora um advogado bem-sucedido em Estocolmo que fez fortuna com a venda da sua participação em uma empresa de informática, na qual havia

investido antes, com capital de grande risco. Fora procurador de Jochen Goldman, conhecido por suas operações fraudulentas. Comprou o castelo de Skogså, de Axel Fågelsjö. Cresceu em Berga, perto de Linköping; era solteiro, não tinha filhos ou, pelo menos, filhos registrados em seu nome, tinha apenas o pai, que recebeu no dia anterior a informação sobre a morte do filho. Eles ainda não conseguiram saber muita coisa sobre quem realmente havia sido Jerry Petersson. Johan e Waldemar passaram o dia anterior telefonando para as pessoas cujos nomes aparecem nos papéis que a vítima deixou, entre elas, o próprio contabilista, em Estocolmo, mas todos o descreveram apenas como uma pessoa correta e brilhante. Uma mulher chegou a mencionar: “Bonito e charmoso”.

— Temos milhares de papéis e documentos para consultar — termina Johan por dizer. E acrescenta: — Talvez ainda encontremos o motivo pelo qual ele foi assassinado. Até aqui, porém, focalizamos a nossa atenção em Goldman, apenas para começar de algum ponto.

— Eu posso verificar o negócio da empresa de informática e os contratos de arrendamento — diz Lovisa. — Isso é coisa rápida. — São palavras da jovem policial, pronunciadas com total segurança profissional, o que Malin acha absolutamente certas para quem vai trabalhar com Waldemar.

— Nós encontramos um número de telefone da Espanha, provavelmente de Goldman, em Tenerife. Ligamos uma vez, mas ninguém atendeu. Achamos que você devia fazer uma nova tentativa, Malin.

Waldemar completa:

— Achamos que você deve ligar por causa de sua relação com a ilha. Malin fica zangada. Apenas porque seus pais moram em

Tenerife, não justifica que deva ser ela a telefonar para Jochen Goldman. Mas, depois que a raiva passa, ela acha que, afinal, Johan e Waldemar tinham razão e que isso demonstrava respeito pelo seu trabalho, pela sua intuição, pela sua sensibilidade e acreditam que as coisas, às vezes, estão relacionadas de uma maneira que, para as pessoas normais, são invisíveis.

Existem pistas olfativas, aparentemente, sem cheiro.

Imagens invisíveis.

Sons inaudíveis.

A mãe, o pai, Tenerife.

Goldman, Tenerife.

Não combina uma coisa com a outra, mas pode significar algo.

— Telefonarei logo depois da reunião — diz Malin.

— E a herança? — pergunta Sven Sjöman. — Sabemos de alguma coisa?

— Não, ainda não. Mas é o pai que vai herdar tudo, se não for encontrado nenhum testamento — informa Johan.

Em seguida, Zeke resume as conversas que tiveram com Axel e Katarina Fågelsjö. Katarina tinha álibi: um médico muito tenso do Hospital Universitário disse ter passado a noite com ela. Mas Axel Fågelsjö não tinha álibi nenhum, depois das dez horas da noite.

Ambos declararam que os rumores sobre a situação econômica da família, de que venderam a propriedade de Skogså por motivos financeiros, não eram verdade. Ambos desprezavam a figura do novo-rico representada por Petersson, mas não tinham nenhum rancor dele, nem o conheciam pessoalmente, embora Katarina tivesse estudado na mesma escola secundária e na mesma época que ele.

— Finalmente, temos Fredrik Fågelsjö — diz Malin. — E o acontecimento mais dramático de ontem.

Zeke fala da perseguição nas ruas da cidade. Johan, sobre o interrogatório, diz:

— Fredrik Fågelsjö afirma que entrou em pânico porque havia bebido bastante.

— Ele continua preso — confirma Sven Sjöman. — Vamos segurá-lo por uma semana, em função dos outros crimes cometidos. Mesmo assim, iremos interrogá-lo novamente, pressioná-lo sobre o assassinato. Vamos tentar ouvi-lo sem a presença do advogado. Não acredito que tenha contado toda a verdade. E, para ser sincero, não acredito também que esteja falando toda a verdade ao apontar as razões pelas quais fugiu da polícia. Ele parece ser uma pessoa fraca, mas, ao mesmo tempo, forte. É suspeito o fato de Fredrik ter tentado fugir, não acham? Ainda na estaca zero, ele continua sendo o nosso principal suspeito.

— Temos também de verificar a situação financeira dos Fågelsjö — continua Sven. — Devemos investigar mais as circunstâncias da venda de Skogså, verificando se de fato estavam em estado de falência. Segerberg, você pode assumir isso junto com as outras tarefas? E vamos começar, então, a analisar os arquivos sobre os Fågelsjö. A de Petersson já está em andamento.

Lovisa sorri.

Concorda.

— Posso muito bem trabalhar 20 horas por dia até resolvermos este caso. Não tenho mais nada para fazer na cidade.

Ela diz sem ironia, da maneira mais séria possível. Malin se reconhece na dedicação da jovem policial. Admira-a. No entanto, gostaria de avisá-la: “Este trabalho poderá consumir a sua alma se

você permitir. É mil vezes mais fácil fugir nas asas da infelicidade alheia do que enfrentar a sua própria. É mil vezes mais fácil procurar no escuro do que ver a própria luz.”

— E as mensagens na internet da família Fågelsjö? — pergunta Johan. — E as chamadas telefônicas? Vamos pedir as relações?

— Ainda é cedo — diz Sven Sjöman. — Para isso, precisamos de motivos concretos do envolvimento no assassinato. Por enquanto, vamos verificar os dados de Petersson.

Em seguida, Sven ainda pergunta:

— E os parentes dele? Não existe mesmo mais ninguém, a não ser o pai?

— Parece que sim — confirma Johan. — Conforme o registro contábil sueco.

— Amiguinhas? — pergunta Malin. — Afinal, ele não podia viver lá, no castelo, completamente sozinho, não é? Amigas antigas? Amigos? A maioria dos criminosos, neste tipo de crime, é próximo à vítima. Amantes?

— Não, não encontramos ninguém — diz Johan.

— E também ninguém se manifestou — informa Sven. — Você sabe como às vezes é difícil encontrar e montar a história da vida de uma pessoa.

— Talvez ele fosse um daqueles homens que preferem pagar pelos seus prazeres com mulheres — insinuou Waldemar. De início, a reação de Malin é de pedir para demonstrar mais respeito, embora reconheça que pudesse estar certo. E, a essa altura, ninguém na história de Jerry Petersson vai mostrar a cara. Imagine: uma prostituta vir a público na Suécia, onde as leis de prostituição são completamente doentias? Muitos daqueles que pagam por sexo, aqui, são homens que poderiam ir para a cama com qualquer

mulher que quisessem. Mesmo assim, ainda preferem as sem amor, simples, diretas e que não fazem exigências.

— Todos com quem falamos disseram que o conheciam apenas profissionalmente. Ao que parece, ele cuidava muito bem da sua vida particular, mantendo-a bem longe dos olhares alheios — diz Johan.

"Um eremita", pensa Malin. "Um eremita excêntrico, vivendo no maior castelo da província de Östergötland. Mas ninguém, absolutamente ninguém, quer viver sozinho. Ou será que sim?"

— Ele era solteiro — confirma Sven. — Seria homossexual?

— Não sabemos — responde Malin. — Alguém já falou com o pai dele? — pergunta ela, depois. — Ele deve saber de alguma coisa sobre a sexualidade de Jerry e de muitas outras coisas.

— Não — diz Sven. — Apenas o informamos sobre a morte. Malin, você e Zeke falarão com ele, assim que ligarem para Jochen Goldman.

— Tão cedo? — estranha Zeke. — Afinal, o filho morreu ontem.

— Não podemos esperar.

Malin concorda.

Mas pensa com repugnância nessa visita. Se tem alguma coisa difícil de aguentar num dia de ressaca é o cheiro de fraldas geriátricas e de catéteres.

Hospital de Åleryd.

Estação final. Talvez esteja até na enfermaria para doentes mentais.

— Mais alguma coisa?

É a voz de Sven Sjöman, ainda atento.

— Malin, alguma coisa?

E olha para ela como quem diz: “sei que está de ressaca, mas não aceito que isso prejudique o nosso trabalho”.

Ela apenas balança a cabeça.

— Também falamos com Linnea Sjöstedt — acrescenta Zeke, em seguida. — Uma senhora idosa que mora numa colina, que pertence ainda a Skogså. Batemos à porta e ela nos recebeu com uma espingarda em mãos.

— Como? — Sven pediu confirmação do que ouviu, enquanto Malin notava a careta de Waldemar.

— É, ela parecia estar com medo — explica Zeke. — Disse que nunca se sabe o que pode encontrar. E, pelo visto, tem razão.

— A senhora logo se acalmou — esclarece Malin. — Disse que viu um veículo escuro deixando a região, mais ou menos no final da madrugada. Acha que viu. Mas acrescentou depois que nunca sabia ao certo o que era sonho ou realidade.

— Sonho?

— Sim, ela tem dificuldade em diferenciar entre o que é sonho e o que é realidade. Foi o que ela disse.

Sven Sjöman balança a cabeça, incrédulo.

— De que marca?

— Isso ela não soube dizer.

— Temos de dar atenção a esse detalhe na investigação. Qual é a marca do carro de Axel Fågelsjö?

— Um Jaguar azul-escuro — responde Malin.

— Um carro escuro.

“Ela pode ter visto Axel Fågelsjö. Ou Johansson e Lindman, ao chegarem”, pensa Malin. “Ou qualquer outra pessoa. Algum dos filhos? Talvez Katarina Fågelsjö tenha um segundo carro? Alguém do passado de Petersson? Goldman?”

— Alguma denúncia anônima?

É Waldemar que pergunta, cheio de esperanças.

Sven faz sinal negativo.

— Vamos continuar trabalhando. Esperemos que alguém traga alguma pista, depois de a mídia ter divulgado o pedido de Karim.

— O *Corren* traz hoje uma grande reportagem — comenta Johan. — Assim como todos os meios de comunicação do país. O assassinato, a perseguição ao carro de Fredrik Fågelsjö e a sua prisão.

— Falaram de alguma coisa que nós ainda não soubemos? — pergunta Sven Sjöman.

Johan faz um sinal negativo com a cabeça.

— Com certeza, algo vai surgir a respeito do passado profissional de Jerry Petersson — afirma Lovisa. — Mesmo que seja apenas uma denúncia anônima, se houve algum tipo de fraude nos seus negócios.

— Se fez alguma sujeira, deve ter tido contato com o submundo daqui da cidade — diz Waldemar. — Será que não vale a pena eu fazer algumas perguntas entre os meus conhecidos?

— Você só quer escapar da papelada — diz Sven, rindo. Mas logo acrescenta, sério: — Não, a prioridade agora é com os papéis, entendido?

Waldemar acena com a cabeça, entendeu o recado.

— Malin — diz Sven, depois —, telefone para Goldman. Escute o que ele tem a dizer, se é que o número que temos é mesmo dele.

Malin fecha os olhos fugindo...

Fredrik Fågelsjö que foge.

Um corpo atirado no fosso. Por Fredrik? Talvez sim, talvez não.

Um corpo que, de certa maneira, devia ficar na água escura do fosso para sempre.

Como ficaram, para sempre, dezenas, talvez centenas de outras almas, em outras épocas, presas nas pedras e no tempo. Presas à sua própria infelicidade, ao seu destino impossível de evitar ou com o qual se conciliar.

“A solidão escorre como um fio vermelho ao longo da história da humanidade”, pensa Malin, “e é a solidão que define o tom que serve de base para as lendas criadas a nosso respeito.”

22

Tenerife.

Como um poema, um esboço, para Malin.

Montanhas nuas, queimadas, vulcões em ebulição, um sol eterno brilhando sobre um aglomerado de casas. Palmeiras ao vento, cadeiras de sol, alinhadas ao longo de praias sujas, piscinas que jogam reflexos faiscantes sobre as manchas de pele, o câncer que penetra pela pele e escorre para o sangue e, dentro de alguns meses, acabam-se os sonhos de uma vida eterna sob o sol.

Imagens difusas do paraíso dos pais.

O apartamento deles que ela sabe que a mãe considera pequeno demais. Talvez seja por isso que ela e Tove nunca foram convidadas. Será que sua mãe acha que o lugar dela ao sol é úmido?

Talvez a mãe apenas queira ficar em paz. “Desde que aprendi essa palavra, senti que você me evitava, se retirava e se escondia. Você sente vergonha por algum motivo, mamãe? Você quer mesmo me evitar, só para deixar de se ver no espelho? Talvez isso possa ser feito quando os filhos são adultos, mas não da maneira que fez comigo, quando eu tinha apenas quatro anos e, de alguma maneira, acabei percebendo o que estava acontecendo.”

“O que nós poderíamos dizer uma à outra, mamãe?”, pensa Malin, enquanto, sentada à sua mesa, navega na internet entre vários artigos sobre Jochen Goldman.

Ele é considerado em vários lugares como o pior estelionatário na história da Suécia. Ainda não está claro de quantas centenas de milhões de coroas se apossou ao esvaziar os cofres da empresa Finera Finans. Quando tudo foi descoberto, Jochen Goldman já estava longe, tinha deixado a ilha Lidingö, perto de Estocolmo, onde nascera e crescera, e havia fugido do país.

Ele enganou a polícia sueca e a Interpol.

Jochen Goldman foi visto em Punta del Este, no Uruguai.

Na Suíça.

No Vietnã.

Jacarta. Surabaya.

Sempre um passo à frente da polícia. Era como se eles não quisessem apanhá-lo, ou como se ele tivesse informantes na polícia.

Jerry Petersson fora seu advogado. O seu intermediário para os contatos com as autoridades e a imprensa aqui, na Suécia. Goldman escrevera dois livros durante os dez anos de sua fuga. Um, sobre como se apossou dos recursos da empresa e como explicou que tinha todo o direito de fazê-lo. Outro, sobre a vida no exílio. A julgar pelas críticas, Jochen Goldman quis se apresentar como um James Bond capitalista.

“Está longe de ser um nobre”, pensa Malin.

Antes de seu grande golpe, Goldman já estivera na prisão durante três anos por fraude e por ameaças, maus-tratos e chantagem.

Imagens dele no exílio.

Um nariz pontudo num rosto bastante redondo, olhos castanhos, expressivos, cabelos lisos, penteados para trás, que iam até os ombros. Grandes barcos, cintilantes carros esportivos da marca Königsegg.

Mais tarde, quando o crime relacionado ao roubo da empresa Finera Finans foi prescrito, ele surgiu em Tenerife. Em uma reportagem para o *Dagens Industri*, via internet, Goldman aparece bronzeado e sorridente, perto de uma piscina de azulejos escuros, com vista para o mar e as montanhas. Ao fundo, uma casa branca, fascinante.

"O sonho da minha mãe."

É assim que ele se apresenta.

Cimento pintado de branco, vidraças, ou talvez um jardim com flores bem tratadas. Móveis amplos e macios, nos quais cair e esquecer toda rejeição e amargura.

Por fim, Malin encontra uma antiga crônica na revista *Veckans Affärer*. É uma crônica fraca, que dá a entender que o próprio Jochen Goldman se livrou de gente que se interpôs no seu caminho. Pessoas que fizeram negócios com ele desapareceram. O artigo termina afirmando que tudo são rumores e que um mito como Jochen Goldman sobrevive e cresce por meio de rumores.

Malin pega o pedaço de papel em que está o número de telefone que talvez seja o de Goldman.

Faz sinal para Zeke, sentado a outra mesa.

— Vou ligar para o *senhor sombra*.

Waldemar Ekenberg bate as pontas dos dedos em cima da mesa, na apertada sala de reuniões. Digita um número no seu celular, acende um cigarro, sem perguntar se a novata Lovisa Segerberg se

importa, mas ela deixa que ele fume e continua, imperturbável, a ler um compêndio encontrado numa das pastas negras.

— Inquieto? — pergunta Johan Jakobsson.

— Nada com que se preocupar — responde Waldemar. — Acabaram meus cigarros.

— Você pode comprá-los no restaurante do tribunal.

— O restaurante fecha aos sábados. Vi que há desconto na compra de pacotes de dez maços lá embaixo, no Lucullus. Vocês me dão quinze minutos, e eu vou lá num pulo, ok?

Johan sorri.

Balança a cabeça.

— Acho que não é uma boa ideia, Waldemar. Precisamos ficar aqui, os três. Vamos lá, aguente.

— Você sabe que eu fico louco se não fumar.

— Vê se pega um cigarro de alguém.

— Droga, como o ar está ruim aqui dentro.

— Talvez isso seja porque você fumou — diz Lovisa.

— Vá — diz Johan. — Mas vá com calma, Waldemar. Com muita calma.

— Vou apenas comprar cigarros — diz Waldemar, fazendo uma careta.

Na primeira tentativa, Malin escuta a linha ocupada, mas na segunda, ao fim de quatro toques, atendeu uma voz nasalada, um pouco rouca:

— Aqui é Jochen. Com quem eu falo?

Era uma voz de Tenerife. Céu limpo, muito sol, uma brisa. Nada desta maldita chuva que não para.

— O meu nome é Malin Fors, detetive da polícia de Linköping. Gostaria de saber se o senhor está com tempo para responder a

algumas perguntas.

Silêncio.

Por alguns instantes, Malin acha que Jochen Goldman vai desligar, mas em seguida ele limpa a garganta e diz, rindo:

— Eu resolvo todos os meus contatos com as autoridades através do meu advogado. Posso lhe pedir para falar com ele?

Gato atrás do rato.

Rato no laço.

“Você está perdendo o jogo”, pensa Malin. “Ou não?”

— É justamente sobre ele, o advogado, Jerry Petersson, que representava...

— Sei o que aconteceu com Jerry Petersson — diz Jochen Goldman. — Eu leio os jornais suecos, mesmo aqui, *Malin*.

“E ainda tem os seus contatos”, pensa Malin.

— O senhor sabe por que quero lhe fazer algumas perguntas?

— Sou todo ouvidos!

— O senhor estava aí em Tenerife na noite de quinta para sexta-feira passada?

Jochen Goldman solta uma gargalhada. Malin repara que a pergunta é banal, mas tinha de fazê-la. E era bom fazê-la logo de uma vez.

— Eu estava aqui. Dez pessoas podem confirmar isso. A senhora não acha que eu tenho alguma coisa a ver com esse assassinato, não é?

— A esta altura dos acontecimentos, não achamos nada.

— E se tivéssemos quaisquer divergências, eu e Jerry, será que eu poderia mandar daqui um *torpedo* para me vingar? Você deve compreender que chega a ser risível, não?

— Nós não insinuamos nada disso. Mas é interessante você ter mencionado essa hipótese.

Silêncio.

“Elogie-o”, pensa Malin. “Elogie-o para que ele baixe a guarda.”

— Parece que você tem uma casa muito bonita aí no sul.

Silêncio. Como se Jochen Goldman tivesse olhado para a propriedade, a piscina e o mar. Malin chega a imaginar se o elogio o deixou com a sensação de estar sendo ameaçado.

— Não reclamo de nada. Talvez você queira vir até aqui e nadar na piscina. Já ouvi falar que gosta de nadar...

— Quer dizer que você já me conhece?

— Seu perfil apareceu no jornal *Svenska Dagbladet*, em uma reportagem sobre o crime. Também há seu perfil no Google. Sem falar que todo o mundo gosta de nadar, não? Você, certamente, deve ficar muito bem em roupa de banho.

Malin sente como a voz dele penetra em seu ouvido. Mais algumas perguntas:

— Portanto, não havia qualquer divergência entre você e Jerry Petersson, não é verdade?

— Não, nenhuma. Pode estar certa de que ele, durante muitos anos, foi o único que me ajudou, que ficou ao meu lado. É claro que foi muito bem pago para isso, mas eu sentia que podia confiar nele, que ele estava ao meu lado. Eu considero-o, quer dizer, considerava-o um dos meus melhores amigos.

— Quando você deixou de considerá-lo um dos seus melhores amigos? Agora ou antes?

— O que acha, Malin? Agora, agora... É claro!

— Neste caso, sou obrigada a lamentar a perda e a oferecer-lhe meus pêsames — diz Malin. — Você vem para o funeral?

— Quando será?

— Ainda não se sabe a data.

— Ele era meu amigo — diz Jochen Goldman. — Mas eu tenho mais o que fazer do que chorar a morte dele. Não gosto de olhar para trás.

— Você sabe de alguém que possa ter motivos para ter matado Jerry Petersson? Sabe de alguma coisa que possa nos interessar?

— Eu cuido da minha vida — diz Jochen Goldman. Depois, acrescenta: — Mais alguma coisa?

— Não — responde Malin. E assim o silêncio volta e a luz começa a piscar por cima da sua cabeça, como se estivesse enviando um código Morse do passado.

Um dos seus melhores amigos, Jochen?

O que você sabe de amizade e confiança?

Nada.

E o que eu sei?

Não muito, devo confessar. Mas uma coisa eu sei. E eu soube desde a primeira vez que nos encontramos: eu não gostaria de estar no seu caminho, caso suspeite ter sido traído.

Senti-me atraído por você desde o primeiro momento. Fui seu representante em um processo por agressão a um dos sócios da empresa, que chegou a sofrer um infarto do coração. Descobri, então, que gostava de ser visto na sua companhia, de tomar banho de sol ao brilho da sua audácia judaica e da sua insolência. Era como se você apontasse o dedo para quem atravessasse o seu caminho, fosse lá quem fosse.

Mas amigos, Jochen?

Vamos com calma!

Você talvez seja a única pessoa que encontrei nos últimos anos que realmente me meteu medo.

Nenhum de nós foi — ou é, no seu caso — o tipo de pessoa que dá a menor importância à amizade. Isso é algo para os fracos de espírito e as mulherzinhas, não é verdade?

A sua falta de consideração. Os seus contatos.

Nós dois éramos espertos. No entanto, talvez você tenha levado a melhor no final. Ou será que eu levei a melhor? Talvez tivéssemos, sim, uma daquelas amizades em que dois amigos comem a alma um do outro, disfarçam-se um no outro, espelham-se nos seus futuros e sucessos e fazem deles os seus. Essa era, talvez, a mais rara das formas de amizade. Uma amizade igualitária e, por isso, tão frágil: por que se manter agarrado a uma coisa quando não existe mais nada a perder?

Dois homens.

Os nossos caminhos cruzaram-se. Estávamos condenados a nos encontrar. E juntos, nós dois, tínhamos o fato de que não pensávamos em deixar que alguma coisa ou alguém se metesse em nosso caminho e nos impedisse de ter aquilo que queríamos. Mas a sua tolice e a sua coragem eram maiores do que as minhas, Jochen, e o meu saco de dinheiro mais gordo do que o seu. Que importância tinha isso? Eu invejava a sua frieza e a sua dureza, o que me deixava, às vezes, com medo.

Jochen, estou vendo seu corpo bronzeado em cima da brilhante cadeira acobreada, ao lado da piscina de água desinfetada com cloro.

Vejo também Malin Fors, junto à mesa de trabalho.

Apoiou a cabeça nas mãos, pensando no que tem para fazer durante o dia. Pensa também em mim. Em como eu estava, de

cabeça virada para baixo, no fosso. Morto. Já aceitei a situação. As imagens do meu corpo na água ou de quando fui erguido do fosso, com o corpo perfurado por uma violência louca, não lhe dão nenhum descanso, mas dão-lhe alguma coisa em que pensar e, por isso, são imagens irresistíveis para ela.

A violência lhe traz resistência. Ela espera que isso lhe diga alguma coisa a respeito da mulher que é.

Ela precisa de mim. Suspeita disso.

Ou, então, ela já entendeu tudo muito bem. Exatamente como eu sei hoje do que o rapaz suspeitava, quando, em pé, os raios solares do outono batiam nos seus olhos.

23

Linköping, primavera de 1974 em diante

A luz castiga os olhos do rapaz, dono do lugar em que foi construída a Escola de Ånestad.

Na semana anterior, na Suécia dos social-democratas, a idade para aposentadoria baixou para 65 anos e, alguns meses antes, a sonda *Mariner 10* passou por Mercúrio e enviou para a Terra as imagens do solitário planeta.

No jardim da escola, sob os raios solares primaveris, balança a folhagem luxuriante dos ramos das bétulas e, embaixo, o rapaz corre atrás da bola, prende-a com um dos pés, gira o corpo e, depois, dá um bico na esfera de couro branco. A bola parte em grande velocidade em direção a uma cerca, e Jesper está preparado para defender o gol. Porém, alguma coisa dá errado. A bola acerta o nariz de Jesper, do qual, segundos depois, começa a jorrar sangue, com uma cor vermelha, mais escura e mais viva do que a dos tijolos da fachada baixa da escola.

A professora Eva, ao ver o que acontece, corre, gritando, em direção a Jerry. Ela pega o braço dele, sacode-o, antes mesmo de consolar o choroso Jesper. Na realidade, até parece querer mais castigar do que consolar. E grita no ouvido de Jerry:

— Eu vi tudo, Jerry, eu vi tudo! Fez de propósito. — Ele é puxado para longe, sabe que foi um acidente... “Mas talvez devesse fazê-lo”, pensa, ao mesmo tempo em que a porta da sala de aula se fecha e ele fica à espera. “Mas à espera de quê?”

Jesper.

O garoto é filho de médicos, morador de uma das casas de luxo de Wimanshäll. O pai dele, certamente, é um daqueles doutores que cortam as pessoas.

Jerry sabe que eles tratam os garotos dessas casas de maneira diferente da com que tratam ele e os outros moradores dos prédios de apartamentos alugados de Berga.

Isso acontece nas pequenas coisas que eles acreditam passar despercebidas a um garoto de nove anos: quem canta em solo no encerramento do ano escolar, quem costuma fazer mal, intencionalmente, quem recebe mais atenção e elogios durante as aulas.

É uma garota que canta no ginásio, e dois garotos tocam flauta transversal. Nenhum vem do mesmo bairro que ele, nem os conhece. Todos estão vestidos de branco, menos ele, e todos chegam acompanhados dos seus pais, menos ele.

Mas Jerry não se sente sozinho, não sente vergonha nenhuma. Já sabe que vergonha, embora não compreenda bem o seu significado, é uma palavra vazia. E que ele não é como a mãe nem como o pai.

Ou será que é? Quando fica de pé atrás da linha da área de handebol e espera que vá cantar canções que outros decidiram que deviam ser cantadas, canções de quem ele não faz ideia de quem sejam, será que não está sendo como a mãe e o pai? Não é o que todos querem, que ele seja como os pais?

Será que, realmente, mirou o nariz de Jesper?

Talvez quisesse ver o sangue escorrendo do nariz do idiota do Jesper, como se tivesse sido atingido por uma lâmina do cortador de grama.

Ali, no ginásio da escola, ainda não sabe de nada. Na realidade, desconhece o mundo, mas sabe que um dia o mundo será seu.

Durante todo o verão, o rapaz passeia sozinho pelo campo. É o que costuma fazer nessa época.

Sua mãe já desistiu há muito tempo.

Ela desenvolveu uma alergia à cortisona que usava contra as dores nas articulações. E as articulações tornam-se cada vez mais duras e cada vez doem mais, dores que a consomem, lentamente, e que transformam a mulher que ela foi num ser cheio de raiva silenciosa. A avó por parte de pai teve um AVC, o chamado derrame cerebral. Tiveram de vender a pequena propriedade. O pai recebeu uma indenização ao sair da empresa Saab e bebeu todo o dinheiro durante o outono. Na Saab, eles não sabiam como aproveitar as habilidades do pai, visto que a produção, lentamente, foi reestruturada para a fabricação do avião de caça Viggen. É claro que poderia continuar na área de limpeza, poderia trabalhar na cantina, mas não seria melhor receber o dinheiro e procurar outra coisa para fazer na vida?

O pai gosta mais de trabalhar nos parques, com os cortadores de grama, sentado no banco verde da máquina. Os velhos da equipe de funcionários do parque não o condenam; aliás, não condenam nenhum dos seus.

E o rapaz fica à espera do final das férias de verão, com saudades do futebol. Nos gramados, não existem diferenças. Nos gramados, é ele que decide. Nos gramados, até pode fazer um pouco de

pressão. E que importância tem se um garoto de Sturefors cair de mau jeito e quebrar o braço?

Possui amigos. Como Rasmus, que é filho de um dos chefes de vendas da fábrica de doces e chocolates Cloetta, que veio de Estocolmo. Uma noite, Jerry passou na casa de Rasmus, e o pai deste estava oferecendo um jantar para amigos de negócios. O pai de Rasmus pediu ao filho que fizesse uma demonstração de força com flexões de braço. E alguém na sala sugeriu uma competição. Logo, os dois meninos estavam de bruços no chão da sala de estar, Rasmus e ele, lado a lado, fazendo flexões. Jerry continua e continua, muito depois de Rasmus ter desistido e se virado no chão, para descansar. Enquanto isso, os espectadores gritavam: “Já chega, já chega, o jovem ganhou os pontos”.

Então o pai de Rasmus disse:

— O meu filho é fraco na escola. Mas Jerry, ao que consta, tem a cabeça no lugar. — Depois, mandou Rasmus para a cama e acompanhou Jerry até a porta. Ele, com 11 anos, foi para a rua, naquela noite fria de outono, e se viu diante da casa alugada pelo chefe de vendas, em Wimanshäll. Levantou a cabeça e olhou para o céu vibrante, cheio de estrelas.

Jerry seguiu para casa. As janelas dos prédios residenciais pareciam olhos fechados, de silhuetas escuras apontando para o céu.

A mãe dormia na cama.

O pai, no sofá verde da sala.

Ao seu lado encontrou uma caixa de papelão, na qual antes havia uma pizza, e uma garrafa de vodca pela metade. O apartamento cheirava mal.

“Mas a porcaria não é minha”, pensou o rapaz, enquanto se deitava ao lado da mãe na cama e sentia o calor do seu corpo adormecido.

24

Às 11h15, Waldemar Ekenberg estaciona o carro diante de uma oficina, bem no coração da área industrial de Tornby.

Finalmente, a chuva deu uma folga, mas as nuvens pesadas parecem lamber o telhado de metal ondulado no qual foram colocadas ao vento grandes bandeiras vermelhas de plástico.

A construção não tem nenhum cartaz por cima dos grandes portões escuros, mas Waldemar sabe o que se esconde lá dentro. É uma oficina que nunca consertou um veículo sequer. Serve para lavagem de dinheiro, fruto de todas as espécies de atividades criminosas. Mas o homem por trás da organização, Brutus Karlsson, é um diabo esperto que eles nunca conseguiram manter na cadeia, somente uma única vez e por agressão.

Waldemar sai do carro.

Avança, calmamente, em direção à oficina e bate com o punho num dos portões. Escuta passos se aproximarem.

É bom ter homens como Brutus para conseguir informações. Algumas vezes ele já deu a Waldemar, de fato, a direção certa, como quando investigavam concorrentes. A honra de Brutus Karlsson como ladrão se estende apenas aos que estão do seu lado.

— Abra! — grita Waldemar. — Abra!

“Brutus reconhece a minha voz”, pensa ele. E, logo, ouve-se um sinal mecânico e o portão se abre.

— Você — diz Brutus Karlsson. — Porra, o que está fazendo aqui? O que você quer?

O homem está de calças jeans e com uma jaqueta de couro; é baixo, forte e de ombros largos. Waldemar sabe muito bem que ele é violento. Existem rumores de que Brutus Karlsson está por trás de muitas agressões graves sofridas por gente do submundo. Entre muitas histórias, conta-se que um dia ele quebrou a coluna de um polonês.

O rosto de Brutus Karlsson é largo e, acima do nariz, tem uma cicatriz que fica mais evidente por causa de seus cabelos louros.

— Posso entrar?

Uma pergunta que não é bem uma pergunta.

Na garagem sujíssima, atrás de Brutus Karlsson, estão três homens com traços eslavos. Todos eles vestem agasalhos de treino da Adidas e não parecem, de jeito nenhum, estar interessados no bem-estar da comunidade.

Waldemar entra na garagem.

O portão é fechado.

No meio da oficina, há uma mesa com seis cadeiras em volta. Há algumas ferramentas em cima de uma bancada, mas não há qualquer cheiro de óleo ou de gasolina. Cheira apenas a umidade.

Waldemar acha que é melhor ir direto ao assunto.

— Jerry Petersson — cita ele. — O que esse nome lhe diz?

Brutus Karlsson olha para ele.

— Quem é esse cara?

— Você sabe muito bem de quem se trata — afirma Waldemar, dando um passo em direção a Brutus.

Os outros três homens também se aproximam, com os olhos contraídos. Waldemar percebe que um deles fechou os punhos.

— Você chega aqui de nariz empinado, como um tira arrogante, e pergunta coisas sobre um cara qualquer — diz Brutus Karlsson.

— Jerry Petersson.

— Eu sei quem é. Você acha que eu não leio jornais?

— Então?

— Então, o quê?

Waldemar dá um impulso para a frente, agarra o queixo de Brutus com uma das mãos, com toda a firmeza.

— Pare de bancar o durão, seu merda. Você sabe se Jerry Petersson tinha negócios com alguém do seu mundo?

Os eslavos hesitam, esperam um sinal de Brutus Karlsson, enquanto Waldemar, com a mão livre, tira a pistola do coldre, pendurado no ombro, embaixo do casaco.

— Calma, calma — diz Brutus, com um tom de voz meio baixo. — Posso lhe assegurar que Petersson nunca teve nada a ver com o nosso lado, com a nossa região. Se um filho da mãe como esse fizesse qualquer negócio por aqui, eu iria saber. Agora, me solta, ok?

Waldemar solta Brutus, dá um passo para trás e guarda a pistola. Neste mesmo momento, vê o erro que cometeu. Um dos eslavos voa para cima dele, e Waldemar sente um soco em um dos olhos. Cai no chão frio de cimento da oficina. Os três eslavos o seguram, o hálito deles cheira a alho, e tudo o que ele vê são as suas caras barbudas.

Além do rosto e da cicatriz de Brutus Karlsson.

— Quem você acha que é pra chegar aqui desta maneira? Será que os seus colegas, ao menos, sabem que você veio?

Waldemar sente que o medo está esfaqueando o seu estômago. Ninguém sabe onde ele está. Agora, tudo pode acontecer.

— Eles sabem que eu vim. Se não voltar daqui a uma hora, virão me buscar.

Brutus Karlsson faz um sinal com a cabeça. E os eslavos soltam Waldemar.

— Levante-se — manda Brutus.

Segundos depois, Waldemar está de pé, na frente dele e rodeado pelos eslavos.

Um braço voa. Instintivamente, Waldemar desvia-se do golpe, mas o murro acaba acertando seu queixo. Depois, outro golpe, desta vez, no olho esquerdo.

— Como é que você ousa agredir um policial? — grita Waldemar.

— Olhe aqui — diz Brutus. — Estou cansado das merdas que você faz. Está ouvindo? Consigo reunir uns dez que você já maltratou em serviço.

Duas bofetadas rápidas.

Sente uma dor aguda. Waldemar cospe, precisa sair e fumar um cigarro.

— Vá embora, seu filho da puta — diz Brutus Karlsson. E Waldemar vai mesmo. Ainda escuta o portão fechar. Pensa no diabo e no inferno e pergunta a si mesmo se não está na hora de se aposentar.

Malin e Zeke foram juntos buscar o carro no *pub* Hamlet. Esperam, agora, do lado de fora de um quarto do hospital de Åleryd, enquanto uma enfermeira troca a fralda geriátrica de Åke Petersson.

Zeke não perguntou nada sobre o carro, e Malin ficou contente com a atitude do colega. A última coisa que gostaria de ouvir naquele momento seria um sermão moralista.

De dentro do quarto, ouvem-se gemidos, mas nada de choro nem de palavras raivosas. As paredes do corredor, onde estão, foram pintadas de branco com rosas soltas, espalhadas, sem um padrão definido. Há um relógio, com mostrador branco e ponteiros negros, que se destaca no meio de uma parede. São 14h20. Malin sente que a pizza que comeu no restaurante Conya rola no estômago, mas a gordura ajuda a dominar os efeitos da ressaca. Não poderia se sentir mais suja do que já se sente. Tem de fazer ginástica. Tem de suar e atirar toda a porcaria pelos poros.

Felizmente, Zeke também não disse nada sobre aquilo que ela lhe contou no dia anterior, de que havia deixado Janne mais uma vez.

Sente um cheiro forte.

Amoníaco e material de limpeza, perfumes baratos e excrementos. E o cheiro que idosos, à beira da morte, expelem dos seus corpos.

Há um homem sentado numa cadeira de rodas, no fim do corredor, olhando fixamente a chuva que cai pela janela. A chuva parou um pouco, mas por pouco tempo. Como pode chover tanto?

A porta do quarto é aberta. Uma jovem enfermeira loura pede para eles entrarem. Na cama, cuja parte superior está levantada, há um homem magro e de rosto fino. Malin acha pai e filho parecidos, o filho morto, e pensa em como se sentiria se a sua filha, Tove, tivesse morrido num apartamento em Finspång, há mais de um ano.

Tudo teria terminado.

Mas nos olhos de alcoólatra, recém-lavados, não existe tristeza nenhuma, apenas solidão. O homem tem uma das mãos paralisada por algum derrame cerebral. É a mão direita. Pode ser que tenha

alguma dificuldade em falar. E se estiver mudo e com dificuldade em diferenciar o sonho da realidade? Como é que vão poder conversar?

Um dos seus olhos, o do lado mais afetado pela paralisia, parece cego, uma espécie de câmera quebrada, apenas capaz de ver o escuro.

— Entrem, por favor — diz Åke Petersson, enquanto uma segunda enfermeira se prepara para deixar o quarto. Um dos cantos da boca do paciente desce, estranhamente, quando ele fala, mas isso não prejudica a sua voz.

— Vocês podem se sentar aí.

Encostado a uma das paredes, está um sofá já velho e desgastado, e há cortinas amareladas nas janelas, escondendo o mau tempo que faz lá fora.

O sofá é desconfortável e Malin distrai-se olhando as fotos emolduradas em cima da mesa. Ao lado de Åke Petersson: uma mulher, na primeira imagem, ainda jovem e bonita. Na outra, mais velha, de olhos cansados.

— Eva. O reumatismo levou-a. Morreu de reação alérgica à cortisona quando tinha 45 anos. Tomou tudo o que havia em casa. Esperava que a sua alergia ao remédio passasse.

Jerry.

“A sua mãe. Foi assim que ela morreu. Que idade você devia ter nessa época? Dez anos? Quinze?”

— Foi nessa altura que eu parei de beber — diz Åke Petersson. Ele queria contar-lhes toda a vida, satisfeito com o fato de que alguém, finalmente, estaria disposto a ouvi-lo. — Concentrei-me. Parei de ir ao parque. Voltei a estudar. Aprendi informática. Passei a trabalhar com inclusão de dados.

— Lamentamos o ocorrido — diz Zeke.

— Queríamos vir mais tarde, outro dia — diz Malin. — Mas...

— Ele era meu filho — diz Åke Petersson. — Porém, passamos mais de 25 anos sem nos vermos.

— Brigavam?

— Não, nem isso. Simplesmente, ele não queria mais ter contato comigo. Jamais compreendi por quê. Afinal, eu deixara de beber quando ele estava com 16 anos.

“Fez-lhe algum mal?”, pensa Malin. “Foi por isso?”

— Eu talvez não tenha sido o melhor pai do mundo, mas nunca bati nele. Nunca. Acho apenas que ele queria ficar bem longe de tudo aquilo que eu representava. Acho até que ele já sentia isso, assim, desde criança. Simplesmente, ele era melhor do que eu.

— Como ele era quando criança? — pergunta Malin.

— Impossível de controlar. Fazia coisas impossíveis, brigava com todo mundo, mas era bom aluno. Nós morávamos num apartamento alugado em Berga, e ele vivia rodeado de colegas, filhos de médicos, na Escola de Ånestad. Era sempre melhor do que eles.

— Como ele era com o senhor? Como era o seu convívio com ele?

As palavras fluíram, sinceras, de Åke Petersson:

— Eu trabalhava muito quando ele ainda era criança. Muito mesmo. Foi na época em que a indústria da aviação estava no auge aqui, na Suécia.

O velho vira-se na cama e estende o braço para alcançar um copo em cima da mesa de cabeceira. Bebe o líquido transparente com a ajuda de um canudo.

— O senhor sabe se ele tinha algum inimigo?

A voz de Zeke é suave, esperançosa.

— Eu não sabia de nada sobre a vida dele além daquilo que lia nos jornais.

— Sabe por que ele quis comprar o castelo de Skogså? Por que ele quis voltar para a sua cidade natal?

— Não. Telefonei-lhe na época. Mas ele sempre desligava assim que sabia que era eu.

— Aconteceu alguma coisa no tempo em que vocês ainda mantinham contato?

O velho pensa, fecha os olhos, revira as pupilas para cima, antes de falar:

— Não. É claro que ele era uma pessoa especial, uma pessoa que chamava a atenção por onde passava, mas entre nós nunca aconteceu nada de extraordinário. Até porque eu sabia muito pouco a respeito da sua vida. Quando ele ainda frequentava o curso secundário, antes de se mudar para Lund, no sul. Ele nunca me contava nada.

— Tem certeza? — pergunta Malin. — Tente se lembrar.

O velho fecha os olhos novamente. Continua em silêncio.

— Acha que ele era homossexual?

Åke Petersson mantém-se calmo ao responder:

— Não posso nem imaginar. Se me lembro bem, existiam até rumores a respeito dele com as garotas da sua idade. Na época do colégio, o telefone no apartamento tocava muitas vezes à noite, eram garotas que queriam falar com ele.

— Como é que Jerry foi nos estudos, em termos mais concretos?

— Não sei, nunca soube. Nessa altura, ele já tinha me virado as costas.

— Foi quando ele se mudou para Lund, não?

— Sim. Mas, então, ele já cortara todos os laços.

— E como fora antes?

Åke Petersson não responde a essa pergunta de Malin. Apenas diz:

— Para mim, Jerry morreu há muito tempo. Eu sabia que ele jamais voltaria para casa e para mim. Por isso, do meu ponto de vista, ele morreu há muito tempo. E quando ele se foi, agora, os meus sentimentos apenas se confirmaram. É estranho, não é? O meu filho morre, é assassinado, e a única coisa que eu sinto é um *déjà vu*.

Malin sente como o seu cérebro, meio mareado, já não consegue manter as ideias sob controle. Os pensamentos voam em direção a Tenerife, à mãe e ao pai na varanda, sob o sol, a varanda que ela só conhece por fotografias.

Imagens, em preto e branco, surgem em sua memória. Imagens de quando ela ainda era pequena e circulava pelo apartamento, perguntando pela mãe. Mas a mãe não estava e não voltaria tão cedo. Ela perguntava ao pai aonde a mãe teria ido, mas o pai não respondia. Ou respondia?

“É estranho”, pensa Malin. “Eu me lembro da minha mãe, de como ela estava presente, mas nem sempre. Será que ela não estava lá?

“Tove.

“Eu não estou aí.” Malin sente-se mal, porém consegue conter a vontade de vomitar.

Depois, ela se obriga a voltar à realidade. Olha para a menor parede da sala. Uma estante cheia de livros. Títulos de ficção de autores conhecidos, mas difíceis. Daqueles que Tove devora rápido, e que ela nem passa das primeiras páginas.

— Eu comecei a ler tarde — diz Åke Petersson. — Quando precisei de alguma coisa em que acreditar.

Pai!

Pai, paizinho, meu querido!

Para que eu precisaria de você? Para lhe estender a mão?

Você sabe por que minha mãe tomava cortisona, porque as dores do corpo se transformaram em dores da alma.

Você se levantou do sofá verde por vontade própria e necessidade, não por mim. E por que se levantou? Para se sentar e programar o mais simples dos códigos, o único que o seu cérebro maltratado e desfigurado pela bebida conseguia manusear.

Estou vendo-o na cama. A metade do corpo paralisada pelo AVC parece a configuração física do mutismo que sempre caracterizou o seu lado da nossa família, a inatividade dos homens taciturnos.

Você tentou se aproximar de mim, pai. Mas eu não atendi às suas chamadas. O que poderíamos dizer um para o outro?

Ficaríamos em Berga durante os natais, comendo salsichas? Bolinhos de carne, Jansson frestelse, * *arenque em vinha de alhos até dizer chega!*

Você queria se aproximar de mim.

Certas portas precisam ser fechadas para que outras possam ser abertas. É isso que acontece agora, para sempre! Mas, ao mesmo tempo, existe algo de mais excitante do que uma porta fechada?

Eu esperei que me procurasse quando voltei para esta cidade, logo que comprei o castelo. Eu poderia ter lhe mostrado o meu novo lar, poderia até ter ido buscá-lo.

Qualquer outro poderia ter vindo também.

Existe agora um tipo de melancolia em você, ao dar instruções à enfermeira para que afaste as cortinas e possa ver a chuva cair. Você fala de uma maneira afável, com um tipo de submissão que aprendeu a usar com perfeição.

Olha em volta do quarto.

Com um olho cego, desde o derrame cerebral.

Você pisca.

Como se visse uma coisa que nunca foi capaz de ver antes.

É a mim que você vê, pai?

* Prato típico sueco, com batatas, anchova e cebolas cobertas com um creme branco, assado em forno. [N. T.]

25

O telefone na mão que treme. A sala de estar do apartamento às escuras, como se a escuridão pudesse abafar o nervosismo.

"Estou com medo, nervosa, só de pensar em telefonar para a minha filha. Em dois dias, fiquei com medo de lhe telefonar. É isso mesmo?"

O terceiro toque é interrompido. Estalidos. Fragmentos de uma voz.

— Tove? É você?

— Mamãe!

— Estou ouvindo mal. A ligação está ruim por algum motivo.

— Eu estou ouvindo bem.

— Espere. Eu vou para a janela da sala. Sabe que o sinal lá é sempre melhor.

— Faça isso, mamãe, vá para a janela.

— Muito bem. Melhorou?

— Sim, estou ouvindo melhor.

— Você virá aqui hoje à noite?

— Já é noite, mamãe. E estou aqui, na casa do meu pai.

— Então, não virá?

— Está um pouco tarde.

— Está bem. Vamos deixar para amanhã.

— Amanhã, já combinei com a Filippa de ir ao cinema. Talvez eu possa depois dormir na cidade.

— Acho que vou estar em casa. Mas você já deve ter lido nos jornais a respeito do homem que foi encontrado morto em Skogså. É, você sabe, pode ser que eu tenha de trabalhar. Mas você pode vir, ok? Talvez eu tenha de ir aí, na casa do seu pai, para pegar algumas roupas e outras coisas.

— Mamãe, amanhã a gente se fala, está bem?

Logo Tove desliga. Malin olha pela janela da sala e fica vendo a chuva tão forte que até parece querer expulsar Deus de dentro da igreja em frente.

Tove.

"É como se existisse um abismo entre o que eu devia fazer e aquilo que, de fato, faço. Ela quer telefonar para Tove de novo apenas para escutar a voz dela, para tentar explicar por que ela é como é, por que faz o que faz, mas não sabe exatamente o que dizer."

Tove quis terminar a conversa rapidamente. Nem sequer aproveitou o gancho que Malin lhe deu, de que talvez voltasse à casa do pai para apanhar algumas roupas, no dia seguinte.

"Por quê?

"Será que Tove acha que devo voltar?

"Será isso?

"Não me aguenta mais? Ela me evita para se defender?"

Nas águas que correm em turbilhão, lá fora, pelos bueiros, flutuam e passam corpos inchados. Brilhantes, cobertos de gotas prateadas e com dentes que refletem a sua brancura na escuridão.

“De onde vêm todas essas ratazanas?”, pergunta-se Malin. “Das grutas subterrâneas onde tentamos esconder todas as nossas falhas e imperfeições que são as de todos os seres humanos?”

Assim ela pensa a respeito da sua conversa com Tove. “Como as pessoas conseguem evitar falar do que, realmente, significa alguma coisa para elas, apesar de o mundo em que vivem estar desmoronando. Como é que mãe e filha podem fazer isso? Como é que ela mesma nunca chegou a falar uma vez sequer com a sua própria mãe?”

O restante do dia passou sem resultados palpáveis para Malin e Zeke. Houve uma nova entrevista coletiva para a imprensa, em que Karim não deu aos “abutres” nem mais um pedaço de tripa.

Mas Lovisa Segerberg, Johan Jakobsson e Waldemar Ekenberg tiveram um bom dia na sala de estratégia, que cheira a mofo.

De uma maneira que Malin considerou miraculosa, Lovisa conseguiu descobrir fatos que comprovavam o estado de falência da família Fågelsjö e que levaram à venda do castelo de Skogså para Jerry Petersson.

Os três ficaram na tal sala sem janelas, rodeados de pastas e papéis. E a eles se juntou todo o grupo de investigação, incluindo Sven Sjöman e Karim Akbar.

Já eram quase quatro horas da tarde, e Waldemar apareceu com alguns ferimentos no rosto, sobre os quais nenhum dos presentes quis falar nem perguntar nada. Um dos olhos estava inchado e roxo, bem escuro. E havia manchas também roxas, um pouco mais claras, numa das faces.

— Bati num maldito poste de luz quando saí para comprar cigarros — disse Waldemar, mas todos na sala sabiam que a verdade era

bem diferente. Malin logo chegou à conclusão de que talvez ele tivesse provado um pouco do seu próprio veneno.

Waldemar estava mais abatido do que o normal, ao declarar:

— A apenas dois dias de investigação neste caso e já estou cansado deste maldito Pappershades.**

Todos soltaram uma gargalhada diante da expressão.

Pappershades.

A papelada, o reino da morte e o inferno na Terra para a polícia.

Malin informou aos presentes sobre a conversa com Goldman, dizendo que ele meio que se divertiu com o fato de ela ter telefonado. Depois, ela e Zeke falaram sobre a conversa que tiveram com o pai de Jerry Petersson.

Então, um repentino silêncio. Todo mundo ficou atento ao que Lovisa tinha para dizer:

— Consegui descobrir dados sobre as transações realizadas por Fredrik Fågelsjö no banco Östgötabanken no ano passado. Nota-se que ele assumiu muitos riscos no mercado de ações, na Bolsa, e os resultados, na sua maior parte, foram negativos.

— E daí? — pergunta Zeke, com Malin satisfeita por ter sido ele a questionar.

— Perdeu dinheiro, muito dinheiro. Mais do que investiu. No entanto, no dia seguinte à venda de Skogså, as dívidas foram pagas e a situação regularizada.

— Portanto, isso quer dizer que Skogså foi vendido para cobrir dívidas. É isso?

Lovisa faz que sim.

— Tudo leva a crer que sim.

— O velho Axel Fågelsjö não deve ter ficado nada satisfeito com as manobras do filho — acrescenta Malin.

— Com toda a certeza — concorda Lovisa. — Não encontrei nada, preto no branco, que tirasse qualquer dúvida, mas o mais provável é que ele, Fredrik, tenha recebido alguma procuração para fazer negócios com o dinheiro da família.

— Afinal, ele trabalha no banco — diz Sven Sjöman. — Dá total liberdade de realizar os seus próprios negócios.

— Isso não vai contra as praxes bancárias? — pergunta Waldemar.

— Só no caso de a pessoa ser ao mesmo tempo corretora — responde Lovisa.

— Ele é conselheiro — acrescenta Zeke. — É o que diz o relatório anual do banco.

— Agora sabemos que não eram apenas rumores o que se dizia a respeito da falência dos Fågelsjö — diz Sven. — Isso fortalece as suspeitas contra Fredrik Fågelsjö. Sabemos que ele deve ter ficado cheio de raiva ou, possivelmente, furioso com o fato de a família ter perdido Skogså e, por isso, descarregou toda a ira em cima de Jerry Petersson. Sabemos também que foi ele, com toda a certeza, o causador das perdas da família e das suas propriedades. Então, devemos interrogá-lo a respeito desse assunto amanhã de manhã. Mas, aparentemente, não faz sentido nenhum perguntar sobre o assunto aos familiares. Eles já esconderam a verdade para defender o nome da família. E isso faria apenas com que construíssem mais obstáculos. Portanto, é melhor esperar até termos algo de mais concreto. Eu sei, todos nós estamos com a sensação de que eles escondem muita coisa, mas, no momento, temos de simplesmente tentar conhecer a verdade por outros meios. Uma vez sabendo as verdades mais íntimas da família, os interrogatórios poderão ser

muito mais eficazes. Talvez Fredrik Fågelsjö já possa revelar alguma coisa. Afinal, ele está amadurecendo lá embaixo, na cela.

Então, Malin pensa nele, em Fredrik Fågelsjö, talvez agachado, sentado em cima da cama do beliche da cela, sozinho, isolado, como só mesmo um assassino pode se sentir.

Mas tinha dificuldade em acreditar nisso.

Sven Sjöman questiona:

— Conseguiram mais alguma coisa?

— Não — responde Waldemar. Lovisa e Johan concordaram com a resposta.

— Vamos continuar a trabalhar em cima dos arrendamentos e dos negócios em informática. Ao que parece, não existe nenhum testamento.

— Bom trabalho, mesmo assim — disse Karim. Malin olha para ele e pensa que sua força, afinal, parece que sumiu depois do divórcio. Malin sabia que ele compartilhava, também, dos seus males, das suas faltas, que ele também estava com saudades da esposa e do filho, que também tentava encontrar uma abertura no seu dia a dia, por onde passar e escapar.

Malin senta-se no sofá da sala.

Resiste, tal como Åke Petersson deve ter feito. O melhor seria beber o resto da tequila que está na garrafa, na cozinha, mas não consegue se convencer de que deve fazer isso.

Nunca sabe, exatamente, quando está na hora de a bebida entrar em cena. Talvez agora?

“Devia ter dito a Tove para tomar um táxi. Qualquer outra mãe teria feito tudo para se encontrar com sua filha.

“Mas não eu.

“Deixei que a conversa terminasse no vazio, não insisti.

“Como Tove se mostrou? Desapontada? Neutra? Querendo distância? Na realidade, ela não queria vir aqui.

“Será que eu cedi diante do medo?”, pensa Malin. “Reconheço: não vou poder salvá-la sempre, Tove.

“Você pode morrer, minha filha amada.

“Aprendi isso no ano passado, no verão passado.

“E, por isso, não ouso amar você, tomar conta de você, porque tenho medo, um medo tremendo diante da dor. Basta pensar na dor que já sinto vontade de chorar.

“O que há de errado comigo? Não consigo administrar o mais genético de todos os amores? Tove, eu compreendo que me odeie.

“Eu devia ter pedido para conversar com Janne e perguntar se poderia ir buscar as minhas coisas.”

Mas de tudo que está na casa, fora da cidade, em Malmslätt, ela sente falta dos papéis do caso de Maria Murvall. Gostaria de tê-los agora, de poder espalhá-los no chão e tentar montar a realidade no sistema, construir um padrão, uma estrutura que explicasse todos os mistérios, que sublimasse todas as dificuldades, que deixasse tudo claro. Uma solução que explicasse o enigma da sua personalidade para ela mesma.

Ainda bem que os papéis estão em Malmslätt, porque, naturalmente, trata-se de uma tarefa impossível.

Jerry Petersson.

Jerry.

“Um apartamento alugado em Berga, talvez igual ao meu, talvez até menor. Ele bateu em você, não foi? Já bêbado. Ou, então, o ameaçou, não? Eu bati em Janne. A mesma coisa? Não. É diferente bater numa criança. E a sua mãe? Ela vivia drogada com analgésicos, não é? Tomou a cortisona para terminar com tudo de

uma vez? Você viu isso acontecer? Situações dramáticas nada tranquilas como as que eu vi na nossa casa, em Sturefors, na qual os meus pais viviam num total silêncio, com todas as palavras que deviam ser ditas sendo deixadas por dizer. Como a minha mãe me evitava, sem que eu pudesse compreender o motivo. E eu ficava apenas com a esperança de poder abraçá-la, um abraço que nunca aconteceu. Era o mesmo que bater, sem precisar bater.

"Nós dois fomos para Estocolmo, Jerry, mas a sua força de vontade deve ter sido mais forte, mais bem direcionada do que a minha. Na realidade, a minha não tinha direção nenhuma, não é? Você fez um *home run*, seguiu em frente. Eu batia e ainda bato num saco de areia, dentro do ginásio. E bebo. Mas, na realidade, as diferenças não são muitas.

"Você rompeu com seu pai. O rompimento com o meu pai demorou muito e foi doloroso. E com a minha mãe só aconteceu quando eu já era adulta.

"Ou foi antes? Será que a minha mãe rompeu comigo desde o início?"

Malin quer parar de pensar, liga a televisão. O noticiário está quase no final, e ela fica sem saber se eles falaram do seu novo caso e se fizeram algum comentário. Com certeza, alguma coisa deve ter sido relatada. Já no final do programa, apresentam imagens do edifício de um tribunal nos Estados Unidos. Em julgamento, um opositor ao aborto que atirou em um médico, dono de uma clínica para esse fim.

Malin desliga a televisão.

A noite ainda era jovem.

Sente comichão no corpo inteiro. Preocupações. Deita-se na cama, mas ao fechar os olhos a única cor que vê é aquela

amarelada, quase marrom, da tequila infinitamente atrativa.

Resolve abrir os olhos.

Fredrik Fågelsjö.

Seu rosto de medroso. Seu corpo, por baixo do cobertor no beliche da cela. “Teve apenas medo? Ou foi mesmo você que soltou a raiva e tirou a vida de Jerry Petersson?

“De fato, se seus maus negócios custaram à família o castelo, seu pai tem todas as razões para desprezá-lo, talvez até odiá-lo. Talvez sua irmã, Katarina, sinta a mesma coisa por você, mas, de qualquer maneira, ela ainda é sua irmã.” Malin sente o estômago se contorcer diante da vontade que sempre teve, suave mas persistente, de crescer ao lado de um irmão ou de uma irmã. Uma sensação que nunca viveu.

E Jerry Petersson, que surge no meio de um escândalo familiar e, depois, é encontrado morto em um fosso, de que se conta ter sido o lar de espíritos russos inquietos. Jochen Goldman.

Pessoas que, pelo que se diz, desapareceram assassinadas.

Crueldade e fracasso.

Malin fecha os olhos novamente.

Espera pelo sono, sente a consciência se fechar sobre si mesma. E o mundo, em breve, será apenas um ponto eletrônico a navegar entre muitos da sua memória.

O vento lá fora desaparece lentamente, transforma-se em apenas uma aragem. De repente, um sussurro: “Será que alguém quer alguma coisa de mim?”.

É a mesma voz da floresta, do *pub* Hamlet?

Os fantasmas não existem, não querem se mostrar, e nas áreas fronteiriças entre o sono e o estado de alerta, Malin percebe que ele,

ou eles, ou quem quer que seja, receia pelo próprio destino. Está com medo de conviver com a própria dor.

Depois, no seu sonho incipiente, ela vê um cortador de grama, vê como a máquina se movimenta sobre o manto verde. E vê tudo da perspectiva das lâminas cortantes.

Não é um cortador grande, manual, como o que seu pai tinha, mas uma máquina vermelha da marca Stiga que segue na caça de um par de pés sujos, a correr na grama orvalhada. Ela vê as lâminas da máquina lambendo os calcanhares do rapaz. E, nessa altura, ouve um grito: “Agora é que elas vão comer os seus pés! E os seus pequenos pés vão ficar em pedacinhos!”.

As imagens dos sonhos são em preto e branco, mas a máquina e as lâminas são vermelhas. O barulho do motor e a fumaça da gasolina confundem seus pensamentos.

O rapaz para. Deixa que as lâminas do cortador de grama passem por cima dos seus pés.

Malin quer ver o rosto do rapaz, mas ele se mantém de costas para ela.

Depois, ele corre, com os tocos das pernas sangrando. Corre, salta, flutua e a sua imagem desaparece no espaço.

** *Pappershades* é um neologismo composto de *Papper*, papéis, e Hades, figura mitológica da Grécia antiga que representava o Reino dos Mortos. Na interpretação deste trecho, podemos considerar que *Pappershades*, como está no original sueco, é o Reino dos Papéis Mortos. [N. T.]

26

Domingo, 26 de outubro

Malin Fors sonhou com uma pessoa que era um equívoco. Não com uma pessoa indesejada, mas um equívoco. Não se lembra dela nem do sonho, mas a sensação persiste dentro de Malin como se fosse um terremoto, embora fraco, até nesse momento em que se encontra diante do balcão da padaria Filbyter, e compra pães ainda quentes de uma fornada recente. A padaria voltou a abrir também aos domingos, para enfrentar a concorrência das cafeterias do *shopping center* de Tornby.

Geladeira vazia. Acordou esfomeada. Mas os preparativos, banho, roupas, caminhar até a padaria, fizeram-na perder o apetite.

Zeke está a caminho para um rápido café da manhã antes da reunião matinal no departamento. Era como se, ao enfrentar uma investigação maior, o domingo fosse, normalmente, uma segunda-feira. Passou o sábado trabalhando, como aconteceu no dia anterior. Hoje, *sabbat* para os judeus, domingo para os cristãos. Mas, mesmo assim, dia de trabalho.

Dois dias antes, haviam encontrado o cadáver. Nada de pensar em descanso enquanto a investigação dá os seus primeiros passos.

Em princípio, Malin precisaria ter o dia livre. Procurar fazer alguma coisa com Tove. Ir à piscina coberta ou a qualquer outro lugar. Talvez buscar as suas malditas coisas, falar com Janne, podiam até almoçar juntas, um churrasquinho domingueiro com molho de creme especial.

Poderia funcionar bem.

Não é verdade?

Ela sente toda a sua vida como se fosse uma piada. Gostaria até que Janne lhe telefonasse e lhe desse uma grande bronca, mas nem isso ele faz. “Será que devo telefonar e dar uma bronca por ele não telefonar nem ficar furioso? Pelo menos, devia me repreender por não dar atenção a Tove, não é? Mas é natural que ele compreenda que preciso trabalhar, a imprensa só fala do assassinato.”

Malin senta-se no primeiro andar da padaria, com três sanduíches de queijo e uma grande caneca de café. Olha pela janela para a grande praça vazia, sobre a qual cai uma chuva fina e transparente, atrapalhando a visão dos letreiros. Apenas alguns pombos ousam circular pela praça, a bicar aqui e ali, como sempre costumam fazer.

Ela já havia acabado de bicar o primeiro sanduíche quando viu a cabeça raspada de Zeke subindo a escada, sorrindo e olhando para ela:

— Parece estar muito melhor hoje. Essa blusa fica muito bem em você! — exclamou ele, assim que a viu.

— Cale essa boca — diz ela, e isso faz com que Zeke sorria novamente.

— Você sabe muito bem que eu me preocupo com você. E a blusa, de fato, é muito bonita.

Malin arruma a blusa azul-clara que escolheu para vestir hoje e que havia comprado na H&M. Talvez Zeke esteja falando sério. “Ontem, devo ter parecido uma vadia, com aquela blusa vermelha.”

Zeke chegou de mãos vazias e ela já pensava em lhe perguntar se não queria alguma coisa, quando, no mesmo instante, seu telefone começou a tocar. Era o número de Sven Sjöman no visor. A sua voz demonstra urgência:

— Malin, um homem telefonou dizendo ser o advogado de Petersson e que gostaria de se encontrar com alguém da investigação. Parece ter alguma coisa pra contar.

O rosto curioso de Zeke na sua frente.

— Quer dizer que o advogado tinha advogado? — pergunta Malin.

— Tinha, Malin. Todos eles têm.

— E onde ele está?

— Chama-se Max Persson. Tem um escritório na Hamngatan, 12, perto da praça Trädgårdstorget.

— Quer dizer que ele está lá agora, nesta manhã de domingo?

— Isso mesmo.

— E como vai ser a conversa com Fredrik Fågelsjö?

— Eu converso com ele, sem o advogado. Uma conversa amigável na cela.

— Ok. Vamos falar, então, com o advogado. Nós ainda estamos aqui na

padaria Filbyter, tomando café da manhã. Não iremos à reunião matinal.

— Está bem. Afinal, não aconteceu muita coisa de novo desde ontem — diz Sven.

— Mas chegou a acontecer alguma coisa? — pergunta Malin.

— Nada — diz Sven. — Ninguém telefonou contando o quer que fosse. Ninguém telefonou, a não ser o tal advogado.

— Então, vamos ver o que o advogado tem para nos contar — complementa Malin.

— Estamos esperando.

— São os nossos segredos que nos transformam em seres humanos — diz Malin. — Não é isso que costuma dizer, Sven?

Sven solta uma gargalhada, antes de desligar.

O escritório de Max Persson fica no último andar de um prédio de tijolos amarelos, da década de 1950. No terraço da sala, há um par de cadeiras de madeira lutando em desigualdade contra a chuva e o vento. Malin chega a ver a tinta soltar-se devido ao mau tempo outonal.

Malin e Zeke sentam-se cada um em uma poltrona vermelha, em frente de uma gigantesca mesa de escritório, coberta com tampo de vidro.

No chão, um tapete rosa, de origem chinesa.

Arte em cores vivas nas paredes, silhuetas pintadas com o que devem ter sido tintas de *spray*. O homem por trás da mesa deve ter a mesma idade de Jerry Petersson, se este estivesse vivo. Veste terno cinza, brilhante, mas barato, de uma qualidade inferior, acentuado pelo uso de uma gravata rosa em contraste com a camisa azul.

“Max Persson, notoriamente, gosta de si mesmo”, pensa Malin.

Um advogado-palhaço.

Mas muito bonito.

Traços marcantes, maxilares largos.

— Pelo que entendemos, você foi advogado de Jerry Petersson — diz Zeke.

— Não, não exatamente. Na verdade, fui eu que ajudei Jerry a assumir Skogså, elaborando o contrato final. Tais contratos, de maneira geral, são bastante complexos nos casos de propriedades tão grandes e especiais.

— Portanto, você não era o advogado dele?

— Absolutamente, não — diz Max Persson.

Malin, de repente, suspeita que o advogado pretende contar-lhes algo de confidencial. Não quer que Jerry Petersson seja apresentado como seu ex-cliente, de modo que possa ser acusado de ter rompido o sigilo entre advogado e cliente.

— Você e Jerry Petersson eram amigos? — pergunta Malin.

— Não, exatamente. Estudamos juntos em Lund, e eu acabei me estabelecendo aqui em Linköping, a cidade natal dele.

— Portanto, já se conheciam, certo?

Max Persson faz que sim.

— E, agora, você tem alguma coisa para nos contar, não é?

Max Persson concorda mais uma vez e começa a falar:

— Como disse, ajudei Jerry Petersson na compra de Skogså. Encontrei-me com Axel Fågelsjö e seus filhos para realizar a avaliação da propriedade. Devo dizer que os três se apresentaram muito amargurados com a venda. Não que tenham dito alguma coisa, mas eu senti o tempo todo que eles não queriam vender. Não me perguntem por quê.

— Você escutou alguma coisa sobre problema de dinheiro? — pergunta Malin. — Os Fågelsjö mencionaram algo?

— Não, mas, como disse, tive a impressão, o tempo todo, de que eles se sentiam obrigados a vender, um sentimento muito mais forte do que a vontade de vender. Essa impressão se fortaleceu com o que aconteceu na semana passada...

Max Persson, evidentemente um apaixonado pela dramaturgia, deixa as palavras suspensas em seus lábios.

— E? — interfere Malin.

— E, então, no começo da semana passada, fui contatado por Axel Fågelsjö, que queria comprar de volta o castelo e os terrenos anexos. Disse estar preparado para pagar 20 milhões a mais sobre o valor vendido. Ele estava decidido. Eu levei a oferta a Jerry Petersson, mas ele apenas balançou a cabeça, soltou uma forte risada e me disse para recusar a oferta do velhote.

“Mentiras.

“Uma propriedade familiar que, na realidade, ninguém quer vender. Uma fuga da polícia. Maus negócios na Bolsa de Valores. ‘Não estava na hora.’ Oportunidades perdidas. Não se tratava de qualquer estilo de vida devidamente programado.” Os pensamentos passam rápidos pela cabeça de Malin, e ela pensa em Axel Fågelsjö, na sua figura poderosa e no seu apartamento magnífico.

“Talvez eles devessem se concentrar mais em Axel do que em Fredrik? Quem sabe do que o velho é capaz?”

— Como é que Fågelsjö recebeu a resposta de Petersson?

— Ficou furioso ao telefone. Completamente louco. Achei até que ele ia ter um ataque de coração. Pareceu-me que ele atirava coisas à sua volta.

Malin olha para Zeke, que acena de volta para ela.

— Você sabe de mais alguma coisa a respeito de Jerry Petersson que seja útil para nós?

— Nós nunca tivemos muito contato — diz Max Persson. — Nem mesmo quando ele se mudou para cá, para a nossa cidade. Petersson era um lobo solitário. Já o era, lá no sul, em Lund. Era um homem brilhante, nunca precisava estudar nem um quinto do que

nós estudávamos. Era o aluno número um da escola. Ele não precisava dos outros, da maneira que nós, normalmente, precisamos. Ele jamais procurava alguém para amar. Só procurava pessoas que lhe pudessem ser úteis. Como eu.

— Por isso temos dificuldade em encontrar amigos e conhecidos dele — diz Malin.

— Vocês não vão encontrar ninguém — diz Max Persson. — A amizade não era o forte de Jerry Petersson.

Malin e Zeke estão em pé no portão do prédio em que Max Persson tem um escritório. Pancadas forte de chuva, o barulho de pingos enormes a bater no chão, gafanhotos que invadem e querem destruir tudo o que encontram pela frente.

Em volta, nem sombra de gente.

Nesta época, a cidade fica paralisada.

— Um conde frustrado — diz Zeke.

— Ele ama aquela propriedade, o castelo, os terrenos — acrescenta Malin.

— Quis ter tudo de volta e não conseguiu.

— Jerry Petersson recusou-se a vender.

— Como se fosse o dono da alma do homem — completa Zeke.

— E de Fredrik Fågelsjö, que perdeu, no jogo, o castelo — diz Malin. — Talvez quisesse salvar a situação tirando Petersson do caminho. Talvez, então, a família pudesse comprar o castelo de volta. Mas de onde veio o dinheiro por trás da oferta de Axel Fågelsjö para readquirir o castelo? Vou telefonar para Sven. Talvez ele ainda não tenha ouvido Fredrik Fågelsjö.

A porta da cela corre para o lado.

Fredrik Fågelsjö está sentado na cama com uma caneca de café na mão e lê o jornal *Svenska Dagbladet*.

— Posso entrar por alguns minutos? — pergunta Sven Sjöman, olhando atentamente para Fredrik Fågelsjö. Parece que os ombros de Fredrik estão caídos, pressionados por uma força invisível. E a pele por baixo dos olhos está enrugada. Aliás, os olhos parecem pedir uma bebida alcoólica, da mesma maneira que costuma acontecer com Malin. “Vou lhe informar sobre o que sabemos em pequenas doses”, pensa Sven.

— Meu advogado, Ehrenstierna, não está aqui.

— Vou fazer algumas poucas perguntas — diz Sven. — Tudo bem?

— Tudo bem.

“Fredrik Fågelsjö parece cansado, como se tivesse desistido de alguma coisa”, pensa Sven. “Ou como se estivesse a ponto de desistir.”

Sven Sjöman senta-se ao lado dele na cama do beliche. Sente o cheiro de urina do vaso sanitário, feito de aço inoxidável.

— Muitos aqui no departamento também têm o mesmo problema com o álcool — diz Sven. — Não deve ter vergonha disso.

— Eu não tenho problema nenhum — responde Fredrik Fågelsjö.

— Não, mas também ninguém aqui vai olhá-lo com menosprezo se tiver.

— É bom saber.

— Nós já sabemos dos seus negócios na Bolsa de Valores.

Fredrik Fågelsjö não reage.

Sven Sjöman olha em volta da cela, sentindo como o ambiente é desolador.

— Você tem crianças, filhos pequenos, e uma esposa. Está sentindo a falta deles?

— Sim, é claro. Mas são vocês que estão impedindo as visitas.

— Nós, não. O promotor. Vocês vivem bem?

— Vivemos bem, sim.

— Maravilha. Eu e a minha mulher já estamos casados há 35 anos e todos os dias aproveitamos a companhia um do outro.

— Eu fiquei com medo. Entrei em pânico — diz Fredrik Fågelsjö. — Não vou querer ficar uma temporada na prisão de Skänninge. Ficar longe dos meus filhos. Você entende a minha situação?

Sven Sjöman concorda, muda de posição e fica um pouco mais perto de Fredrik Fågelsjö.

— E seu pai? Ele deve ter ficado louco com os seus negócios, não?

— Ele sempre foi um pouco louco — diz Fredrik Fågelsjö, sorrindo. — Ele ficou zangado.

— E todos vocês nos disseram que estava na hora de vender.

— Uma família como a nossa deve fazer de tudo para defender o sobrenome.

— Portanto, foi isso o que você fez — diz Sven Sjöman. — Foi a Skogså naquela manhã para se vingar de Jerry Petersson, que tirou o castelo das suas mãos? Não foi assim? Garanto que vai se sentir muito melhor depois de confessar.

— Eu não penso nem sequer sobre isso — diz Fredrik Fågelsjö. Depois, abre novamente o jornal sobre os joelhos, com movimentos exagerados e pede: — Por favor, queira me desculpar.

— Na semana passada, vocês tentaram comprar de volta o castelo.

Fredrik Fågelsjö levanta os olhos do jornal, parece surpreso.

Parece pensar: “E como é que já sabem disso?”.

Sven faz um sinal afirmativo:

— Nós já sabemos. Onde é que foram buscar o dinheiro? Pelo que sei, você jogou fora toda a fortuna da família. Talvez mais do que isso.

— Nós conseguimos o dinheiro — diz Fredrik Fågelsjö. — Mas não compete a mim dizer como.

— Se não quiser... — diz Sven. — Petersson respondeu apenas com uma gargalhada ao seu pai. Você quis se mostrar forte diante do seu pai, Fredrik? Você quis apenas corrigir toda a situação? Posso imaginar que deve dar muito trabalho aturar um pai como esse. De modo que você resolveu, então, ir até ao castelo e matar Jerry Petersson. Não foi? Você também ficou furioso, não? Você vai se sentir melhor...

Fredrik Fågelsjö pula da cama. Atira o jornal contra a parede e grita:

— Eu não fiz nada! Eu não fiz nada!

27

Apartamentos alugados.

Cartaz do município de Stångå no quadro de avisos à entrada.

Malin não prestou atenção a ele da primeira vez que estiveram lá. Achou natural um homem como Axel Fågelsjö ser o proprietário do apartamento.

Que contatos não é preciso ter para se alugar um apartamento na Drottninggatan, com vista para o parque e a praça da Associação de Jardinagem, a Trädgårdsförenningen? “De qualquer maneira, se eu sou uma simples locatária, Axel Fågelsjö também é.”

O elevador do prédio não está funcionando. Por isso, Malin e Zeke são obrigados a subir a escada para chegar ao apartamento do conde, no quarto andar.

Malin ficou sem fôlego.

“Indisposta. No entanto, para quem sente mal-estar com tanta frequência como eu”, pensa ela, “isso passa a ser um estado normal.” Malin sabe por que o corpo está reclamando. Protesta aos berros, pois o combustível do prazer não foi usado. O corpo considera a abstinência da noite anterior como um insulto.

Bebida evasiva.

Respiração profunda, respiração para se recuperar. Os degraus da escada começam a perder nitidez diante dos olhos. Ela prefere se concentrar na família Fågelsjö.

“Eles foram obrigados a vender.

“Ainda não estava na hora.

“Queriam manter a fachada.

“E queriam comprar de volta o castelo.

“Com que dinheiro? Sven Sjöman telefonou há pouco. Não conseguiu saber nada de Fredrik Fågelsjö, que perdera enorme quantia de dinheiro. Jerry Petersson apenas riu diante da proposta de Axel Fågelsjö.

“O que fazer então?

“Deixar que o filho da família acabasse com a vida de Petersson para poder comprar o castelo e os terrenos de volta, negociando por qualquer preço com o detentor do espólio. Ou matá-lo, diretamente, num ato de fúria explícita?”

Malin olha para Zeke e vê como ele está pensativo, enquanto sobem a escada, ainda com os casacos pingando água da chuva. Sabe que Zeke está pensando a mesma coisa. Afinal, ele não é nenhum burro. A chuva continua a cair. Através de uma janela, eles veem como as gotas, grandes e pequenas, se misturam e se desfazem no asfalto.

Mas os Fågelsjö, pai e filho, são mesmo os assassinos? Malin sente a insegurança atacar o seu estômago, uma insegurança que beira a dúvida.

Estão diante da porta do apartamento de Axel Fågelsjö.

Zeke acena para ela e diz:

— Vamos ver o que ele tem a dizer sobre o assunto.

Então, Malin toca a campainha. Do outro lado da porta de madeira maciça, acastanhada, eles ainda conseguem ouvir o tique-taque de um relógio de parede, depois alguns passos e, em seguida, suspeitam que um olho dá uma espiada pelo olho mágico. Logo se ouvem mais passos, afastando-se e desaparecendo.

Malin toca de novo.

Duas, três vezes. Cinco, dez minutos.

— Ele não vai abrir — diz Zeke. E vira as costas.

Axel Fågelsjö senta-se em sua poltrona de couro, olha para o fogo que estala na lareira e sente o calor nos pés.

"Lá vêm eles novamente. A polícia.

"Como não podia deixar de ser.

"Será que já sabem sobre as circunstâncias do negócio? Os absurdos cometidos por Fredrik? Talvez até a tentativa de recuperar a propriedade? Com certeza", pensa Axel Fågelsjö. "E como eles passam a juntar uma coisa na outra de maneira tão banal.

"Porém, a verdade, às vezes, é mesmo banal. Na maioria dos casos, a mais banal das coisas."

Como quando Fredrik lhe contou. Aliás, com ele sentado exatamente na mesma poltrona, só que no castelo. Axel Fågelsjö gostaria de ter cortado a cabeça do seu descendente. Via o filho deitado de costas, tal qual um escaravelho sem valor, impotente, em cima do tapete. Ele não via outra saída, senão assumir, mais uma vez, o controle das finanças familiares.

"Bettina, eu fiz o que era preciso fazer, tal como prometi a você.

"Olhos bem abertos, vi a minha figura no espelho. Depois, vi os retratos dispostos ao longo das paredes, vi o desprezo nos olhos dos meus ancestrais, o amor nos seus. Salvei o nosso filho. Entretanto, a sensação naquela sala era impossível de contornar:

“Você não é meu filho. Não pode ser.”

Os dois não haviam se falado por um mês. Depois, ele telefonou para Fredrik, chamou-o para ir vê-lo. O filho, mais uma vez, chorou aos seus pés. Encostado na moldura da porta, como um animal ferido.

“Desprezo e vergonha.

“O amor pode enquadrar esses sentimentos também. Mas se nós não cuidarmos do que é nosso, quem o fará?

“Prometi a sua mãe, no seu leito de morte, que o amaria, que tomaria conta de você, de vocês. Estava ouvindo? Escutou a conversa do lado de fora do quarto do hospital, naquela última noite? Foi a única coisa que me deixou fraco, Bettina, a sua doença, o seu sofrimento diabólico, as suas odiosas dores e tormentos. E eu confiava em você, Fredrik. Embora contrariado, sabendo como você é. Mas, novamente, você se comportou como um idiota, dirigindo bêbado e fugindo da polícia. Chamou a atenção sobre nós desnecessariamente. Devia ter parado e assumido o seu erro. Esse tipo de coisa nós podemos resolver. Mas fica aí sentado na cela, saboreando as consequências de seus atos. Seus filhos, meus netos, eu não me vejo neles. Mas isso talvez dependa da mãe deles. Essa mulher nunca gostou de mim, apesar das minhas tentativas para conquistar a sua simpatia.

“Fredrik.

“Talvez fosse melhor ser considerado um deficiente mental, não?

“Os policiais. Ela, uma mulher forte, inteligente, já meio desgastada. Ele, um homem notoriamente inflexível. Não os atendi, não os deixei entrar. Se lhes contar mais coisas vão me obrigar a falar ainda mais, com todos os meios a que tiverem acesso.

“Fredrik e Katarina.

“Vocês, agora, façam como quiserem, está bem? Certo, Bettina?

“Portanto, vamos ficar quietos e ver o que acontece. Mesmo que Fredrik conte tudo, o que os policiais vão fazer com as informações? Mesmo que eles pareçam ser feitos de outra massa que não a sua, meu amado e odiado filho.

“Katarina.

“Com ela, eu não preciso me preocupar. Ela faz tudo o que eu lhe digo para fazer. Sempre fez. Ela aceita tudo.”

Axel Fågelsjö levanta-se. Vai até a janela que dá para a praça e o parque da Associação de Jardinagem. “Há alguém ali na chuva, debaixo dos ramos daquela árvore, ou os meus olhos me enganam?”

Fredrik Fågelsjö pede para chamar Sven Sjöman.

Ele indica a Sven que se sente na cama do beliche, na cela. E diz com a voz cheia de resignação:

— Você não precisa acreditar em mim, mas, na verdade, eu não tenho nada a ver com o assassinato de Jerry Petersson. Não acredito, também, que alguém da minha família esteja envolvido. No entanto, esta é a história, tal como penso.

Fredrik Fågelsjö respira fundo, recupera o fôlego, antes de continuar:

— Quando meu pai ficou deprimido com a morte da minha mãe, eu passei a ter acesso à fortuna da família e recebi a incumbência de administrá-la. Tudo normal, visto que eu trabalhava num banco e sou formado em economia.

Fredrik Fågelsjö para de falar, neste momento, como se já se arrependesse.

— O que faz no banco? — pergunta Sven Sjöman. — Você é conselheiro, não é?

— Eu trabalho na área de negócios de empresas. Muitas vezes, somos chamados quando as pequenas empresas da região mudam de dono. Trabalho no financiamento dessas operações.

— Você gosta do que faz?

— Talvez não seja aquilo com que eu sonhei na vida — diz Fredrik. — Mas é um trabalho bancário bem interessante para ser realizado em Linköping. Muito bem. A morte de minha mãe perturbou fortemente meu pai. Ele me deu uma procuração para administrar as finanças até que se sentisse melhor.

— E foi, então, que você começou a investir na Bolsa, não foi?

— Sim — diz Fredrik Fågelsjö, ao mesmo tempo em que se encosta na parede da cela e conta como o castelo começou a cair. A respeito dos negócios relativamente malfeitos pelo pai, muito perturbado com a morte da mãe. De como ele começou a especular na Bolsa, um pouco na área do mercado futuro, e de como o mercado caiu, vertiginosamente, no momento em que assumiu a administração da fortuna da família, mas que as suas intenções sempre foram as melhores.

A voz de Fredrik Fågelsjö fica cada vez mais fraca e, em determinada altura, Sven Sjöman acha que ele vai começar a chorar, mas segura-se, consegue conter as lágrimas, se é que iria mesmo cair no choro.

— Nessa altura, meu pai foi obrigado a divulgar a venda de Skogså, e foi então que Petersson apareceu. Tinha de ser ele, entre tanta gente. Foi graças aos meus e aos contatos do meu pai no banco que conseguimos evitar que a falência acontecesse antes de a venda se realizar.

— O banco não tinha nenhuma responsabilidade?

— Não, eu fiz os investimentos com a fortuna da família, como pessoa física. Tudo foi abafado, pura e simplesmente. Meu pai vendeu Skogså para me salvar da falência. Ele prometeu a minha mãe, no seu leito de morte, que tomaria conta de mim e de Katarina a qualquer custo. E foi isso que fez.

— Deve ter sido muito difícil — comenta Sven.

— Foi. Muito difícil mesmo — reage Fredrik Fågelsjö, inclinando-se novamente para a frente. — Para mim? Eu preocupava-me apenas com meu pai. Talvez isso seja difícil de entender. Mas ele era Skogså.

— E depois? Ou, melhor, agora? Vocês tentaram comprar de volta Skogså, não é verdade? — pergunta Sven Sjöman.

— É verdade, sim.

— Como? Com que dinheiro?

— Recebemos uma herança. Do lado dinamarquês da família. Uma velha condessa, que fora uma empresária industrial bem-sucedida, deixou uma fortuna muito grande que, em parte, veio parar em nossas mãos.

— E, então, quiseram comprar de volta o castelo?

— Petersson apenas riu na cara do meu pai, zombando da oferta.

— Você chegou a confrontar Petersson? — pergunta Sven, mas Fredrik Fågelsjö pareceu hesitar antes de responder.

— Devo ser sincero. Na noite anterior, antes de Petersson ser encontrado morto, eu estive com ele. Fui bem recebido, ele me deixou entrar, mas recusou terminantemente a minha oferta. Perguntou-me se eu queria um conhaque na sala em que vivi e cresci. O seu sorriso era tão arrogante que eu senti até vontade de acabar com ele, mas não fiz nada.

Fredrik Fågelsjö faz uma pausa, bate com as mãos nos joelhos.

— Mas devia — diz depois.

— Quer dizer que você acha que devia tê-lo matado? — pergunta Sven Sjöman.

— Sim — responde Fredrik Fågelsjö. — Devia, sim. Mas quando é que uma pessoa faz aquilo que deve fazer?

— Com que carro você foi ao castelo naquela noite?

— Com o meu Volvo preto. Aquele carro que vocês confiscaram.

— Sua mulher disse que você estava em casa, quando falamos com ela.

— Ela quis me proteger, o que é natural. A gente sempre defende o que é nosso.

Deveria fazer?

Hesitação, hesitação. Essa é uma das muitas diferenças entre mim e você, Fredrik Fågelsjö. Eu jamais hesito.

Vocês são pessoas pretensiosas.

Para que precisamos de pessoas assim? Vocês tentam adotar as velhas tradições do mundo e acham que os seus ancestrais e o dinheiro na carteira podem resolver todos os problemas, mas não compreendem que existe um poder superior: o de dizer não ao dinheiro, por mais importante que seja.

Eu gozei o prazer de rir da proposta do velho. E de oferecer a você um conhaque.

Como é que vocês me trataram? Como é que se tratam uns aos outros? O que vocês acham de eu ter recebido quarenta ferimentos expostos na alma?

Foi também você, Fredrik, que veio ao meu encontro na manhã seguinte? Por medo ou fraqueza, contou a sua história. Onde é que está a dignidade na sua confissão?

Você sussurrou.

O policial quase ficou constrangido, mas isso você não notou.

Você queria mostrar para o seu pai que sabia como fazer aumentar o dinheiro. Que, diante do computador, conseguiria fazer aquilo que os seus ancestrais fizeram nos antigos campos de batalha.

E você, Malin, o que deveria fazer?

28

“Devia telefonar para Tove.

“Sou a mãe dela”, pensa Malin.

“Talvez ela possa vir esta noite.”

Já passa da hora do almoço quando Zeke e Malin atravessam a porta giratória do edifício da polícia. Vazio domingueiro no grande escritório, a chuva como um eterno muro do lado de fora da janela.

“Devia, devia, devia telefonar para Tove. Há horas que o meu celular está desligado. Gostaria de ir para o ginásio.

“Como é que eu consigo, agora, viver sem vê-la, Tove? Nos primeiros dez meses depois da catástrofe de Finspång, não conseguia. Era como se eu fosse uma sanguessuga em cima de você. Acho que foi assim que você viu a situação. Para se defender ou para dominar o meu próprio medo? A minha sensação de culpa?”

Malin está sentada à sua mesa. Liga o computador. Zeke faz o mesmo. Não demora muito, chega Sven Sjöman e os informa sobre o que Fredrik Fågelsjö acabou de lhe contar.

— Será que foi ele? — questiona Malin.

— Quem sabe? Talvez tenha havido luta. E talvez ele tenha matado Petersson acidentalmente — sugere Sven Sjöman.

Malin ergue os olhos para Sven e nota como a dúvida baila em seu olhar. Talvez Fredrik Fågelsjö não seja quem eles procuram. Ela sabe que Sven já pensou nisso. Sabe também que ele vai continuar a considerar Fredrik Fågelsjö como o principal suspeito até provar o contrário.

— Se Fredrik Fågelsjö matou Petersson quando esteve com ele, na noite de quinta-feira, então, os horários não batem — diz Malin. — Segundo Karin, o corpo permaneceu na água durante duas horas, no máximo, quatro. E ele teria sido morto no máximo há cinco horas, ou seja, mais ou menos, depois das quatro horas da madrugada. A perícia técnica também não encontrou nenhum vestígio de sangue no carro de Fredrik Fågelsjö. E teria que haver, visto que o infrator deve ter ficado muito ensanguentado. Os pedaços de brita encontrados nos pneus do seu carro são similares à brita que existe no castelo, mas isso se explica pelo fato de ele ter estado lá na noite anterior, de acordo com a sua própria versão. O que também não o compromete diretamente com o crime. Se ele não estiver mentindo em relação ao horário, claro.

— Acha que Fredrik Fågelsjö voltou ao local do crime durante a madrugada? — pergunta Zeke.

— Não sei, mas foi a sua própria mulher que lhe deu um álibi. Também é verdade que não podemos obrigá-la a testemunhar contra o marido. Ela pode querer defender a sua família — diz Malin.

— Eu tive a sensação de que Fredrik Fågelsjö disse a verdade — comenta Sven Sjöman. — Mas nunca se sabe. Ele pode ter voltado ao castelo de madrugada. O carro escuro que a velha Sjöstedt viu, pode ter sido o dele, embora ela não tenha dado a certeza a respeito da hora e da marca.

— Quem poderá saber o que Fredrik Fågelsjö, de fato, fez? — pergunta Zeke.

— Para acalmar seu pai — afirma Sven. — O pai parece ser um verdadeiro patriarca. Fredrik Fågelsjö aparenta esquecer a sua própria família quando começa a falar do pai.

— Vamos pedir um mandado de busca? — pergunta Zeke. — Para chegarmos mais perto da verdade?

Sven Sjöman balança a cabeça.

— Não temos, agora, como realizar uma busca na casa de Fredrik Fågelsjö fazendo qualquer relação com o crime. Ele está preso por outros motivos, e Ehrenstierna conseguiria impedir isso. Se ainda assim houvesse um mandado de busca, tudo o que eventualmente encontrássemos jamais poderia ser usado contra ele no caso da morte de Petersson.

— E Katarina Fågelsjö? — pergunta Zeke.

— Podemos voltar a ouvi-la — responde Malin. — Acho natural que esse seja o próximo passo.

Malin escuta as próprias palavras, mas já está pensando em descer para o ginásio e bater com fúria no saco de areia.

— Temos o endereço?

— Sim — confirma Sven Sjöman. — Claro que temos.

Malin pega o celular.

Nenhuma mensagem nova.

Resolve, então, digitar o número de Tove, mas cai direto na caixa postal.

“Onde é que você está, Tove? Aconteceu alguma coisa?” Malin imagina ver um monstro em cima de Tove e que o monstro é ela própria.

“Tove, onde é que você está?”

— Tove, aqui é a sua mãe. Onde é que você está? Tem de entender que eu estou preocupada. Telefone para mim assim que ouvir esta mensagem, ok?

Tove deixa-se envolver pela escuridão da sala do cinema. Filippa está sentada ao seu lado, e ambas ficam de boca aberta diante da beleza de Brad Pitt. Ela gosta de filmes ridículos, em que há beijos e abraços e muito amor, da melhor forma, sem problemas. Em relação aos livros, a história é outra. Ela gosta daqueles que suas amigas acham difíceis.

Tove tenta não pensar na mãe.

Não quer pensar no fato de que ela não vai voltar a viver com eles, nem no que ela própria já decidiu fazer.

"Como é que eu vou dizer isso para minha mãe? Ela vai ficar triste, louca, talvez até faça alguma idiotice. Mas, como o pai disse, não posso ir morar com ela enquanto ela estiver como está, enquanto não conseguir parar de beber.

"E é isso o que o pai vai lhe dizer, ainda hoje. Precisa ser agora?"

Brad Pitt sorri.

Seus dentes são muito brancos.

Tove gostaria de se afogar nessa brancura, de se envolver com todos os seus sentidos e que só as coisas boas existissem.

Waldemar Ekenberg passa uma das mãos pela marca roxa cada vez mais inchada, e a outra, pelos ombros de Lovisa Segerberg. Aperta com força, enquanto diz:

— Pressinto que você tem lugares mais macios no seu corpo, Segerberg. Não é verdade?

Lovisa Segerberg está pronta para enfrentar e gritar para esse policial retardado social que ele deve parar com esses malditos comentários sexistas, mas ela já está muito habituada a essa

situação: policiais machistas, de todas as idades, que simplesmente não conseguem evitar fazer os comentários mais bizarros e mais inconvenientes para e sobre as colegas policiais.

Uma vez, aconteceu algo semelhante com o seu chefe, e quando ela balançou a cabeça negativamente, ele disse:

— Se uma pessoa tão bonita como você escolhe a carreira policial, então, deve estar preparada para todo tipo de comentário. Tente ver estas palavras como um elogio.

Lovisa tem dificuldade em ver o braço que aperta os seus ombros como elogio e, sem dizer nada, desliza e se liberta do aperto, ao mesmo tempo em que coloca em cima da mesa os papéis que tinha em mãos.

Ela, Waldemar e Johan Jakobsson ficaram o dia inteiro entre a papelada de Jerry Petersson, a Pappershades. No entanto, apenas conseguiram ver uma pequena parte do material.

Mas alguma coisa eles já podem afirmar: os contratos de arrendamento estavam em ordem e os negócios da empresa de tecnologia de informática também pareciam estar corretos. Petersson deve ter recebido a sua parte do dinheiro, nem mais nem menos. Ele apenas investira, não agira como advogado, portanto, não havia objeções a fazer. Não encontraram nenhum testamento e, durante o dia, Johan fez mais uns vinte telefonemas, sem resultados positivos, para outros advogados comerciais mencionados na papelada. Marceneiros, eletricistas e artesãos que trabalharam para Jerry Petersson em Skogså. Ao que parecia, ele teria cumprido com todas as suas obrigações.

O relógio na parede amarelada da sala indica que são 14h25.

Lovisa olha para Johan, o policial agradável e tranquilo, dos dois com quem ela tinha de trabalhar. Competente e inofensivo.

Waldemar também era competente, visto que, durante o almoço no refeitório do Instituto de Medicina Legal, ela notou como os colegas o tratavam, com o respeito que os policiais costumam reservar àqueles que, de fato, fazem as coisas acontecerem.

— Está chegando a hora — diz Waldemar, ao sentar-se no seu lugar à mesa, diante de um monitor que mostra o conteúdo de mais um disco rígido de Jerry Petersson, no qual existem vários arquivos, devidamente assinalados.

— Eu não consigo mais pensar com clareza — diz Johan. — Nunca vi tanta papelada na minha frente.

— A única coisa que eu posso ver — diz Lovisa —, e que poderá ter alguma relação com o nosso caso, é a firma que Jerry Petersson tinha com Jochen Goldman. Era através dela que entravam as receitas de direitos autorais de livros e de entrevistas concedidas por Goldman. Estranhamente, essa empresa ia muito mal. Talvez haja mais verbas em outros lugares. Ou, então, não havia interesse, nem um maior trabalho de capitalização em cima da celebridade de Goldman.

— Trabalho de capitalização? — espanta-se Waldemar. — Mulher, você fala como se fosse lésbica.

— Vamos falar disso na próxima reunião — diz Johan.

— Reunião, amanhã de manhã — confirma Waldemar, enquanto Lovisa pensa que ninguém poderia ser pior analista do que ele.

Katarina Fågelsjö, vestida com blusa de jogar tênis rosa e jeans escuro, está sentada num sofá que Malin sabe ser da famosa empresa Svenskt Tenn e que custa uma fortuna. O tecido do sofá foi criado por Josef Frank, com inteligentes cobras negras que circulam por cima de folhagens, de cores fortes, outonais, contra um fundo azul-claro.

“Uma fortuna”, acha ela. “Pelo menos, segundo os meus padrões.” Ao mesmo tempo, sente como ela não está vestida de acordo com o lugar. Fica consciente do seu jeans barato, comprado na H&M, da sua blusa de lã, das meias, de como ela é uma figura maltratada em comparação com Katarina. Malin só pensa em se esconder junto da parede, nem quer se sentar, mas não adianta. Ela sabe que tem de compensar a sua insegurança com uma dose maior de arrogância.

Uma mesa estreita de madeira na frente delas, três xícaras de café em que nem Malin, nem Zeke, nem Katarina Fågelsjö tocam. Toda a sala cheira a produto de limpeza, essência de limão, e algum perfume conhecido e caro que Malin não consegue reconhecer. Pinturas penduradas nas paredes. Pinturas clássicas, mas com a mesma aura de qualidade que a arte de Jerry Petersson. Muitos retratos de mulheres, perto de janelas e sob focos de luz, mulheres que parecem esperar, todas, por alguma coisa. Em especial, a pintura de uma mulher num vestido azul, próximo de uma janela que dá para o mar, com ligeira neblina, atrai a atenção de Malin. Ela vê, então, que a assinatura é de Anna Ancher, nome muito valorizado das artes plásticas da Suécia.

Através da grande janela da sala de estar, Malin e Zeke veem ao longe a lagoa de Stångån, em cuja superfície os pingos de chuva criam pequenas crateras que desaparecem rapidamente. Do outro lado da lagoa, há casarões imponentes que sobem ao longo de uma grande avenida, a Tannerforsvägen, mas é considerado muito mais chique morar do lado de cá da lagoa, em direção ao centro.

Malin acha que Katarina Fågelsjö mora sozinha no casarão da década de 1950, e está mais agradável do que foi antes, no *driving range*.

— Pode perguntar — diz ela, com um sorriso nos lábios. — Vou tentar responder o melhor que puder.

— Você sabia que o seu pai tentou comprar de volta, de Jerry Petersson, o castelo de Skogså? — pergunta Zeke.

— Sabia. Achei que não devia.

— Por que não?

— Para mim, era um capítulo encerrado. Afinal, nós temos tudo de que necessitamos. Mas eu não podia evitar, naturalmente, a tentativa do meu pai. Jerry Petersson era o dono legal do castelo. Nada mais do que isso.

— E o seu irmão? — pergunta Malin, que nota como Katarina Fågelsjö parece lutar contra alguma coisa. Se continuar a fazer perguntas, Malin acha que ela vai começar a falar, talvez revelar algum segredo que os guie.

— Ele também queria comprar o castelo de volta.

— Você ficou zangada com ele por causa dos negócios?

— Quer dizer que vocês já sabem?

Katarina Fågelsjö mostra-se surpresa.

— Foi, evidentemente, um erro de meu pai dar a Fredrik plenos poderes para administrar o capital da família. Ele nunca foi um talento brilhante. Mas, se eu fiquei zangada? Não. Vocês também já sabem da herança dinamarquesa?

Malin confirma.

— Não pensem que nós tiramos Petersson do caminho só porque ele era o único que estava entre nós e Skogså.

Malin olha para Zeke. O olhar dele vagava pelo campo através da janela. E Malin se pergunta no que ele poderia estar pensando: Karin Johannison? Talvez sim, talvez não. “Você tem esposa, Zeke,

mas quem sou eu para acusá-lo? Nós apenas compartilhamos os nossos segredos, Zeke.”

— Você podia ter contado isso no campo de golfe — diz Malin.

— No *driving range* — corrige Katarina Fågelsjö, encolhendo os ombros.

— Por que seu irmão tentou fugir de nós?

— Ele estava dirigindo embriagado. Não conseguiria ficar um mês preso. Fredrik sente medo de tudo, como eu disse antes.

— Você mora aqui sozinha? — pergunta Malin.

— Sim, desde que me separei.

— Não tem filhos?

— Não, graças a Deus, diria eu.

— E seu “caso”, o médico, ele costuma dormir aqui?

— O que você tem a ver com isso?

— Desculpe — diz Malin. — Nada. Não temos nada a ver com isso.

— Não existe amor na relação — diz Katarina Fågelsjö. — Apenas sexo sincero, muito agradável. Alguns encontros. Dos que uma mulher precisa de vez em quando. Você sabe como é, não é verdade?

Uma mensagem de Tove.

“Ouvi quando ligou. Estava no cinema.”

“É isso mesmo.

“Foi ao cinema.

“O que devo responder?

“Responda: ‘Ótimo! Agora eu sei’.

“Nada de perguntar: ‘Vem hoje à noite?’.”

Zeke está ao volante, a caminho do apartamento de Malin, para deixá-la em casa.

Quer ficar sozinha esta noite. Se é que aguenta até mesmo a própria companhia.

Saias.

Blusas.

Sandálias.

Seu tênis de correr.

Um álbum de fotografias.

A vida de Malin num monte de trastes no chão do seu apartamento, logo ao chegar em casa.

Malas e gavetas com as suas roupas, sapatos e livros. E pequenos enfeites. Tudo muito bem-arrumado. E, quando compreendeu o que havia acontecido, Malin sentiu vontade de chorar. Mas, sentada no chão da entrada do apartamento, por muito que fizesse, nem conseguiu que as lágrimas saíssem.

“As minhas coisas, para eu ser quem sou. Não, não para ser quem eu sou, mas como um recibo daquela pessoa insignificante em que me transformei.”

Janne tinha estado ali com as suas coisas, trazidas lá de casa, durante o dia, usando a chave extra que, depois, jogou para dentro pelo vão do correio. Ela gostaria de ter ido buscar as suas coisas. De tê-los encontrado lá em casa. De que os dois, ele e Tove, lhe pedissem para se sentar à mesa posta e lhe oferecessem alguma coisa quente para quebrar todo o gelo, para dominar toda a sede e toda a confusão.

No entanto, em vez disso, um monte de trastes empilhados no chão, fora os que já estavam no guarda-roupa e nas gavetas, dentro de um apartamento pequeno, fechado, úmido e vazio.

“Será que Janne teve a ajuda de Tove? Será que, agora, os dois se voltaram contra mim? Eu bati nele, na frente de Tove. Como é

que pude fazer uma coisa dessas? Será que eu não sou nem um pouquinho melhor do que o pai Axel e seu filho Fredrik, nesse caso que envolve honra ao passado?

“Meu Deus, como sinto a falta dos dois, Tove e Janne. Sinto tanto a falta deles que tudo acaba por extrapolar, ir além dos limites. E vocês acabam por desaparecer e serem substituídos por outra coisa qualquer.

“Mas por que Tove não está aqui? Tove, onde você está? Onde estão as suas coisas? Você não podia trazer tudo de uma vez? Ou trouxe?”

Malin está sentada no chão, encostada à porta de entrada.

Tem uma garrafa de tequila na mão, mas não bebeu. Antes procurou pelas pastas com os dados sobre o caso de Maria Murvall, que estavam dentro de uma das malas que Janne trouxe.

Lê.

Vê Maria Murvall sentada no chão, como ela está agora, mas numa sala diferente. Solitária, afastada, enquadrada, dopada, até o limite da inutilidade. Talvez com medo. Ou com muito mais do que nós chamamos de pavor.

Malin passa os olhos por todos os dados do caso, tal como já fez centenas de vezes.

“O que aconteceu na floresta, Maria?

“O que estava fazendo lá?

“Quem é que pôde lhe fazer tanto mal? De onde veio tanta maldade? De onde vieram aqueles pedaços de madeira afiada que essa pessoa enfiou no seu sexo? Os fios elétricos? As baratas, com suas garras, que comiam a pele das suas pernas?

“A maldade é como uma avalanche de lama”, pensa Malin, “que às toneladas desce pela vertente de um monte ou de uma montanha,

numa tempestade de outono. Uma avalanche de morte e de violência que arrasa tudo o que encontra e vive pelo caminho. E deixa para trás um deserto, onde as cinzas e a poeira são levadas pelo vento. E nós, os sobreviventes, nos comemos uns aos outros para continuar vivos."

A fúria invocada. Solta.

Malin levanta-se, deixa as pastas e as coisas na entrada. Entra no quarto de Tove, vê a cama desarrumada. Deseja que a filha volte a dormir ali, mas começa a chorar ao compreender que aquela cama ficará vazia para sempre. Que ela nunca mais voltará a pegar sua Tove no sofá, diante da televisão, e levá-la no colo para a cama. Que a sua criança, Tove, desapareceu e foi substituída por uma jovem adulta que analisa tudo à sua volta, que avalia e tenta ficar o mais longe possível da dor. Uma jovem adulta, uma pessoa que já não dorme o sono dos inocentes.

No sonho de Malin, a umidade, a escuridão e o frio transformam-se em uma coisa só. Tudo se reúne em uma luz escura e, no meio dessa luz, existe um segredo. Talvez vários.

"Eu amei", diz uma voz. "Procura no amor." "Bati", diz a mesma voz. "Procura no bater", diz uma terceira voz no sonho. As serpentes cortadas em pedaços pelas lâminas de um cortador de grama movimentam-se na sua frente, diante dos seus olhos, saem dos bueiros das ruas das quais ela sabe o nome.

E, então, as vozes ficam em silêncio. As serpentes, em pedaços, desaparecem.

29

“Malin.”

“Esta casa também lhe pertence”, pensa Janne, no momento em que, em pé na cozinha, toma pequenos goles de leite para acompanhar as fatias de salame. Lá fora, a noite se fechou, cheia de todos os demônios que ele encontrou na vida.

“Malin”, pensa Janne. “Estou me sentindo muito sozinho, aqui, na floresta, sem você. Mas estas velhas paredes de madeira não podem suportar nós dois juntos, convivendo aqui. A cama, com a colcha de retalhos que a minha mãe teceu, não é suficientemente grande.

“A casa cheira a umidade e a mofo, bactérias voam, durante a noite, como silenciosos transmissores de malária.

“Silêncio.

“Como um animal sem som, é assim que ele é, o nosso amor. Assim é você, Malin. E eu não aguento mais isso.

“Você sempre me acusa de fugir. E é claro que eu fiz isso, fugi, mas pensando nos outros, naqueles que precisavam de mim em Ruanda e na Bósnia. E, ultimamente, nas áreas fronteiriças entre a Etiópia e o Sudão. Fugi, sim, no inverno passado.

“A Cruz Vermelha me chamou, de novo, na semana passada, mas eu declinei do convite. Já dei tudo o que devia dar. Vou ficar e enfrentar a minha vida, aqui e agora.

“É você que não aguenta, não consegue aguentar, Malin. E, enquanto não tentar se encontrar, eu não vou poder fazer nada, não vou poder ajudá-la. Tove não vai poder ajudá-la. Ninguém vai poder ajudá-la.

“Mas, agora, tudo acabou, Malin. Não faz diferença nenhuma o fato de ter batido em mim. Nem que fez isso diante de Tove. Ela vai sobreviver. Ela é mais forte do que nós. É mais viva. Não se trata disso.

“Eu continuarei aqui na minha casa. E você poderá aparecer quando quiser. Mas não para ficar. Está na hora de quebrarmos as correntes do amor e do desejo que nos ligaram e nos fizeram andar em círculos ao longo dos anos.

“O que existe além desse amor?

“Eu não sei, Malin. E isso me deixa cheio de desespero e de pavor.

“Tove.

“Por fim, tudo tornou-se uma grande confusão para ela.

“Quer que eu telefone para você, não é? Mesmo que fosse apenas para brigar. Jamais pensaria em telefonar para mim. É orgulhosa demais para fazer uma coisa dessas, mas acho que nem reconhece isso. Já passou da hora de nos telefonarmos. Prometo lhe dar toda a assistência que puder, no entanto, parece que você decidiu seguir o caminho do abismo, da escuridão, e não há muita coisa que eu possa fazer por você, não é?

“O seu chefe, Sven, me telefonou hoje. Contei-lhe que nos separamos, confirmei que estava preocupado com você,

exatamente como ele. Ele me disse que talvez não tivesse percebido o quanto você estava bebendo neste ano. E que pensava em lhe dar umas férias para fazer uma viagem, nem que fosse curta, para arejar as ideias. ‘É uma boa ideia’, eu lhe disse, ‘porque é impossível chegar a ela’, acrescentei. Fica apenas cheia de raiva quando eu tento me aproximar. E ele entendeu isso. Disse-lhe que o nosso casamento terminou. Foi mais fácil definir a situação para ele do que para você. Eu não conseguiria lhe dizer a mesma coisa frente a frente. E que, enfim, eu devia me afastar.

“Sabe o que Sven disse, Malin? O seguinte: ‘Prometo-lhe que vou ficar em cima dela, vou controlá-la. Confie em mim’.

“Ele é um desses homens a quem qualquer um confia aquilo de que mais gosta.

“Posso viver com o fato de você ter levantado a mão para mim. Posso suportar a dor e a tristeza. Mas não o olhar perdido de Tove. Ela precisa de firmeza, Malin. Ela precisa da certeza de que o mundo é bom e nos quer bem, a nós, seres humanos. Mesmo que já saiba como se defender, é nosso dever poupá-la do mal. Fazer com que ela acredite no bem. É disso que se trata.

“Neste momento, posso até ouvir o seu riso.

“É assim mesmo. Não é necessário ter fé em você, mas é preciso transmitir uma fé.

“Quantas noites eu não passei acordado e suado, em uma cama molhada, depois de sonhar com as violências que as pessoas podem cometer umas contra as outras? Mais de mil noites, Malin, porém, apesar disso, nunca deixei de acreditar.

“Sei quando chega a hora de ir em frente.

“Sei quando a escuridão da noite ameaça se transformar em tudo e na única coisa que existe.

“Foi por isso que levei hoje as suas coisas para o apartamento, Malin. Tinha certeza de que não estaria em casa. Sozinho, levei tudo para lá, pelas escadas, tendo o cuidado, antes, de colocar o meu casaco por cima dos seus pertences, para não molharem com a chuva que caía no caminho entre o carro e a porta.

“Fiz isso para que entendesse aquilo que eu jamais poderia lhe dizer pessoalmente.”

“Papai! Papai!”

Tove sabe que está gritando pelo pai no sonho. Ela costuma ter esse sonho muitas vezes. Nas conversas via internet, seus amigos têm tentado fazer com que ela não tenha medo dele. Acham, antes, que ela deve aceitá-lo como uma oportunidade de aprender como conviver com o que aconteceu no verão passado.

A figura mascarada sobre ela.

Tove incapaz de reagir.

As vozes da mãe e do pai, muito próximas, mas, ao mesmo tempo, longe demais. A mulher se aproximando, cada vez mais, com violência e fúria, e com o desejo de matar, para que o fim desta vida levasse a uma ressurreição, para que o fim de uma vida proporcionasse o recomeço de outra.

Junto com outros, Tove tentou compreender a mulher que queria matá-la. Tentou entender de onde vinha a sua raiva e a sua maldade. E, quando sentiu que havia compreendido, o pavor desapareceu, e ela aprendeu a dominar de maneira positiva o sonho que persistia em voltar.

“Papai! Papai!”

Ele a salva, no último instante, junto com a mãe. A luz volta ao quarto e a cada vez que o grito escapa de seus lábios, no sonho, lá vinha ele, correndo, percorrendo os dez metros que separavam a

sua cama da dela. “Em seguida, ele me acorda e me livra do pavor que eu sentia.

“Mamãe.

“Você também aparece no sonho.

“Fica esperando.

“Parece que sofre.

“Como é que eu posso ajudar você? Vejo o seu sofrimento, talvez até consiga entendê-lo. É por isso que acha que me perdeu? É por isso que me dá as costas?

“Porque tudo incorporou a sua própria dor.

“O seu próprio pavor.”

Karim Akbar pula da cama, levanta-se e fica andando pelo quarto, ainda escuro, respirando fundo, mas consegue apenas reconhecer o próprio cheiro. A casa, atualmente, não tem mais o perfume de outras pessoas. Parece indigente na sua arquitetura racional da primeira metade da década de 1980, como se fosse um vinho que amadureceu de maneira errada e no qual as folhas ganharam destaque. Muitos ângulos, falta de suavidade.

Já pensou em vender a casa. Arranjar um apartamento no centro da cidade, mas não conseguiria.

Sua esposa foi embora.

O filho, também.

Estão no sul do país, em Malmö. Na casa do novo marido dela, o que ela conheceu durante um curso para assistente social, na cidade de Växjö.

Karim chegou a pensar em acabar com a vida dela no momento em que lhe pedisse a separação. Mas ela foi inteligente, levou-o para almoçar em um restaurante e, quando recebeu o convite para o almoço, ele sabia o que ia acontecer.

Tinham-se conhecido dois anos antes, a sua mulher e o outro, um verdadeiro sueco, com a mesma profissão que ela.

A carreira de Karim, entretanto, continua em ascensão.

Um dia antes, recebeu uma chamada de um *headhunter*. O caçador de talentos telefonou de Gotemburgo, oferecendo-lhe um cargo no departamento de migração de Norrköping, onde ficaria como segundo homem na instituição. Mas ele ainda hesita.

“Ser responsável por mandar as pessoas de volta para o inferno na terra de onde vieram, é isso que eu quero? Eles querem uma figura de destaque, uma pessoa com cara de imigrante para aparecer na imprensa e desestabilizar os jornalistas.

“Mas alguma coisa de novo tem de acontecer.

“No caso em que estamos trabalhando.

“Jerry Petersson. Fågelsjö. Goldman.

“Todos esses privilegiados que não conseguem emparelhar, viver lado a lado, na sua insípida fortuna. Mas talvez”, pensa Karim, “a violência venha de algum outro lugar. Dos camponeses arrendatários? Quem sabe se a violência não vem do rancor deles em relação ao proprietário das terras? As diferenças de níveis levam sempre, inquestionavelmente, à violência, mais cedo ou mais tarde. Está escrito na História.

“Ou será que veio do herdeiro no testamento, se é que vamos encontrar algum? Tudo é possível.”

A vergonha que sentiu.

Essa tem a ver com tudo.

Segundo a sua cultura, a sua esposa teria cometido o pecado capital, e ele teria o direito de mandar matá-la.

E era isso o que o seu instinto recomendava.

Mas...

Isso ele reconhece só para si. Será que existe algo mais desprezível do que aquilo que aconteceu com um pai e um irmão, em um caso de assassinato por honra, em que eles mandaram matar a sua filha e irmã?

“Eu não sou tão primitivo”, pensa Karim.

Deu um passo para trás, no restaurante desistiu e deixou que ela fosse embora, levando o filho. Não discutiu, e deu-lhe o que ela queria da partilha da casa. Conseguiu convencer-se de que era isso, justamente, o que ele mesmo queria, ser magnânimo e liberal no meio de toda a perfídia.

Karim vai até a janela e vê que a chuva fez uma pausa. Por quanto tempo?

Vira-se e grita para dentro da casa.

O nome da sua mulher. Do seu filho.

O nome da sua ex-esposa.

“Qualquer amor é melhor do que a solidão”, pensa Karim.

Ainda acordada, Lovisa Segerberg está deitada na cama, no quarto do Hotel du Nord. As paredes são tão finas que ela até pode sentir a tentativa da umidade e do frio de passar por elas, também pode ouvir as manobras do trem de mercadorias, na estação da estrada de ferro, à distância de apenas duzentos metros.

Já está escuro. Mas não o suficiente para dormir.

No quarto, chão de linóleo, cama com um colchão fino da Ikea e apenas uma ducha no banheiro, tudo muito simples. “Não preciso de mais nada”, pensa Lovisa. Ela falou com Patrik por volta das 11 horas. Ele ainda estava acordado, trabalhando, e perguntou sobre o caso em que ela estava envolvida, mas Lovisa não aguentou contar toda a história. Disse apenas que sentia a falta dele e não sabia por quanto tempo mais iria ficar em Linköping.

“Beijinhos. Beijinhos.”

“Adeus, querido.” Ela pôde senti-lo no quarto, da mesma maneira como o sentira na primeira noite em que dormiram juntos. O mesmo calor, a proximidade, a entrega. Os dois vão se casar no próximo verão. Ter uma vida maravilhosa, lado a lado. Não estragar a vida um do outro como parece ser a regra atual. Como Malin Fors parece ter feito, segundo dizem no departamento. “Ela cheirava a bebida alcoólica hoje, estava de ressaca, mas ninguém pareceu se importar. Pelo menos, ninguém disse nada, nem fez nada. Mas o que eu sei sobre essa história?

“Que maneiras”, pensou Lovisa. “Waldemar. Idiota. Sexista. Mas, na realidade, nada perigoso. E Sven Sjöman. O chefe de departamento que todos os policiais desejam ter.”

Ela olha para o teto escuro do quarto e pensa:

“Patrik, onde você está agora? Onde você está quando nós não estamos juntos?”

Zeke levanta-se sozinho.

Ainda está escuro do lado de fora da casa onde mora. No jardim, as árvores e os arbustos parecem queimados, esqueletos pré-históricos.

Bebe seu café.

Pensa em Malin.

“Este último ano tem sido duro para ela.”

Acha que deve manter um olho sobre ela. Talvez não possa fazer muito mais do que isto: dar-lhe chiclete, para que os outros não sintam o seu mau hálito, impedir que ela dirija. Pode até vê-la, sozinha, no apartamento, com uma garrafa de tequila na mão.

“Talvez eu devesse falar com Sven Sjöman”, pensa Zeke. Já pensou nisso antes, mas a conversa dele com Sven seria

considerada por Malin uma grande traição. Caso soubesse, iria achar que ele estava manipulando a situação pelas suas costas. E, então, a confiança entre os dois estaria quebrada para sempre.

“Mas, puxa, ela bebe demais.

“Seus demônios andam no seu encalço.

“Seus calcanhares já estão ensanguentados, Malin”, pensa Zeke, ao notar que a chuva voltou.

Já faz tempo que ele parou de fumar. Mas, nesta manhã, bem que ele gostaria de tragar um cigarrinho.

Zeke fecha os olhos. Na sua frente, vê Karin Johannison, o seu corpo, suave, quente, firme. “Puxa vida, que tipo de relacionamento é o nosso?” E lá dentro, no quarto, está Gunilla, ainda deitada na cama. “Eu a amo”, pensa Zeke. “Tanto, tanto. E, contudo, consigo mentir para ela.”

“E cada vez que isso acontece, sou obrigado a ir ao banheiro e vomitar. Depois, volto a mentir. Com consciência pesada.”

Waldemar Ekenberg está de pé na varanda que dá para o jardim da sua casa. Fumando.

A chuva cai em cima do teto de plástico da varanda, enquanto o amanhecer surge, lentamente, sobre a cidade de Mjölby, e o céu apresenta quase a mesma cor da marca roxa na sua face.

Contou à sua esposa o que aconteceu. Como habitualmente faz, quando conta a respeito dos aspectos duros da sua profissão, e ela não fica preocupada. Diz apenas: “Você nunca aprende!”.

Em seus pensamentos, Waldemar abomina todo o trabalho burocrático. Ainda fica espantado com a quantidade de papéis e documentos que uma pessoa pode produzir no curto espaço de tempo da sua vida. Está cansado de ver também a quantidade de dinheiro que a produção de tanta papelada pode gerar.

A fumaça continua a penetrar nos seus pulmões.

“Onde está a justiça no fato de um criador de papelada, como Petersson, poder morar num castelo, quando os trabalhadores comuns e honestos quase têm de morar na rua, sempre que as fábricas e as oficinas fecham as portas? Centenas de milhares de vagas de trabalho desaparecem na indústria sueca. O que acontece com a falsa solidariedade dos considerados de sangue azul?

“Para onde os operários podem ir? Os menos inteligentes?”

Waldemar apaga o cigarro na lata de café que tem areia até a metade.

Continua a pensar:

“E eu, o que estaria fazendo se não fosse um tira? Seria, certamente, um vigilante de supermercado, acusado de abuso de autoridade por algum cliente com mania de reclamar.”

— Walle, Walle!

A velha está chamando lá dentro. É melhor ver o que ela quer. Sem ela, seria apenas uma pessoa ridícula.

Johan Jakobsson está deitado na cama. De cada lado estão suas duas crianças que chegaram da casa dos sogros em Nässjö no começo da noite anterior.

Sua esposa dorme ao seu lado.

“Abençoado fruto”, pensa ele, ao escutar a respiração suave da esposa. Johan pensa em como eles pedem perdão um ao outro, que é o que sempre fazem a toda a hora.

São amigos. Os melhores. Para o bem e para o mal.

“Quanto vale uma boa amizade?”, pensa ele.

“Tanto quanto uma família? Quanto um bom pai?

“Não... mas quase.”

30

Segunda-feira, 27 de outubro

De manhã, bem cedo.

O mundo em azul-escuro como um recém-nascido, visto pela janela da grande área de escritórios do departamento.

Sven Sjöman olha as cadeiras e mesas vazias, inspira fundo e sente o cheiro de papel velho e de suor acumulado. A luz de mercúrio no teto mistura-se com a luz cinzenta que vem de fora. Sven pensa nos muitos investigadores que ele viu chegar e ir embora na sua carreira. Malin está entre os melhores detetives. Ela aprendeu a ouvir as vozes silenciosas que sussurram durante uma investigação, retirar a verdade do plano dos suspeitos, aquela verdade que nos leva para a solução do caso.

Mas está esgotada. A conversa que teve ontem com o seu marido, ou ex-marido, Janne. Um homem sensível. Ele telefonou, preocupado com ela.

“Eu também estou preocupado”, pensa Sven. “Finalmente, tive uma ideia do que posso fazer sem que ela ache que estou tentando ajudá-la. Porque, se suspeitar disso, vai ficar furiosa. Talvez se recuse a viajar. De qualquer forma, Janne achou a ideia maravilhosa.

“Tudo parece cansá-la neste momento. Tudo é superficial e pode queimar apenas por um simples contato.

“Johan, Zeke, Börje, Waldemar.

“Börje vive com a esposa, cujo próximo ataque de esclerose poderá levá-la à morte.

“Börje também vive um mau momento, mas nada o perturba tanto como perturba Malin. Ele parece ter a capacidade de se alegrar na companhia da mulher, pelo tempo que lhe for permitido.

“Waldemar. Esse vai ficar louco se continuar nesta sala, cheia de papéis. Eu vou saber utilizar o seu duvidoso talento. Sou contra o seu estilo, que emprega violência, mas não sou idiota a ponto de não reconhecer a utilidade desse ‘estilo’ de vez em quando. Foi por isso que não o vetei quando ele chegou de Mjölby. E só Deus sabe onde ele obteve aqueles novos roxos na cara, mas ele não reclama de nada. Quem trabalha como Waldemar, vez por outra, se dá mal.

“Petersson. Quem sabe quais são as serpentes que se movimentam por baixo das suas pedras? Pessoas que cheiram a dinheiro, fazem tudo e mais alguma coisa.”

Sven encolhe a barriga, suspira, pensa em seu irmão, empresário autônomo, pronto para iniciar uma nova atividade. Pensa na época em que foi seu fiador em um empréstimo bancário e, depois, obrigado a vender a própria casa na cidade de Karlstad para saldar a dívida quando a empresa do irmão faliu.

Alguns anos mais tarde, o irmão fundou outra empresa e ficou rico após vendê-la. Sven pediu a ele que devolvesse o dinheiro que pagara como fiador na empresa anterior, a falida. Os dois estavam na varanda da casa do irmão de Sven, que respondeu, com uma expressão neutra no rosto: “Isso faz parte dos negócios, meu irmão,

você assumiu um risco e perdeu. Agora, não é o caso de misturar alhos com bugalhos.”

Sven ficou para o jantar naquela noite.

Mas, desde então, nunca mais falou com seu irmão.

Abre o *Corren* em cima da mesa. No jornal, eles especulam na mesma direção que a polícia. Fågelsjö, Goldman. Negócios.

Dinheiro, irmandade.

Quem ficou assim tão zangado, ou infeliz, ou desapontado, a ponto de atirar Jerry Petersson no fosso, com uma pancada mortal na cabeça e com o corpo todo furado, entre prisioneiros de guerra emparedados?

“Os outros parecem tão cansados quanto eu”, pensa Malin, ao olhar os colegas reunidos para a primeira reunião da semana sobre as investigações preliminares relativas ao assassinato de Jerry Petersson.

São exatamente 8h30.

Johan Jakobsson está com olheiras. Waldemar Ekenberg fuma demais, está com os pulmões defumados. Lovisa Segerberg parece ter dormido mal, mas, de fato, as camas do Hotel du Nord, perto da estação ferroviária, são muito desconfortáveis. Sven Sjöman é o único que parece alerta. Karim Akbar, indolente, em uma das pontas da mesa; seu terno de lã, cinza brilhante, está bem engomado, como sempre, e sua gravata vermelha, pendendo para o lilás, foi cuidadosamente escolhida.

O silêncio paira totalmente na sala. Era o tipo de silêncio que, em geral, se verifica num ambiente cheio de investigadores que procuram nos seus sentidos por ideias que os levem ao próximo passo, na esperança de que alguma coisa escondida apareça, de repente, diante dos seus olhos.

Conferiram todas as mentiras dos Fågelsjö sobre a economia familiar, os maus negócios feitos na Bolsa por Fredrik e a necessidade de vender o castelo. Depois, o recebimento de uma herança e o desejo de readquirir o castelo, mas tendo a oferta recusada por Petersson, apesar de boa. Mencionou-se ainda que Axel Fågelsjö não quis abrir a porta do apartamento para Malin e Zeke, mas que Katarina Fågelsjö recebeu-os muito bem e conversou com eles. Finalmente, Fredrik Fågelsjö resolveu falar durante um interrogatório, contando, entre outras coisas, que foi ao castelo pressionar Petersson na noite anterior à sua morte, mas que nada acontecera entre eles, a não ser que Fredrik colocara Petersson contra a parede, dizendo que desejava ter o seu castelo de volta.

— Se esteve lá na noite anterior, então, ele não pode ter matado Petersson naquele momento. O relatório de Karin diz que o assassinato ocorreu no final da madrugada e que a pancada na cabeça foi a causa da morte — disse Sven Sjöman. — Quanto ao que se passou no último dia de vida de Jerry Petersson, ao que parece, ele não se encontrou com mais ninguém a não ser com Fredrik Fågelsjö. Também fez apenas uma chamada do seu celular, como depois descobrimos, para a sua empregada. Uma filipina com um álibi perfeito e que há uma semana não ia ao castelo.

— Para Fredrik Fågelsjö ser o assassino — disse Malin —, era preciso que ele tivesse voltado ao castelo de madrugada. E sua mulher deu garantia de que ele dormiu em casa toda a noite. Mas nós não podemos ter certeza. Afinal, trata-se de um álibi de um casal.

— E a tal empregada doméstica, a filipina? — pergunta Waldemar. — Será que ela tem alguns parentes camponeses loucos por terra?

— Foi Aronsson que falou com ela — diz Sven. — A mulher pareceu-lhe uma pessoa honesta. E, no caso, teria havido assassinato seguido de roubo, portanto, um latrocínio. Não é verdade?

Depois, as vozes dos outros inspetores. Nada de novo.

— Nós investigamos os *e-mails* de Petersson — disse Johan. — Recebemos, também, a lista de telefonemas da companhia Telia ontem à noite. Tanto do celular como do telefone residencial. Não encontramos nada de anormal, a não ser duas chamadas que vieram de um telefone público, perto do mercado da Ikea.

— E o que há de estranho nisso? — pergunta Karim.

— Em princípio, nada. Mas são as únicas chamadas que não pudemos averiguar quem as fez. Também é estranho que as chamadas tenham sido feitas de um telefone público, quando quase todo mundo, hoje em dia, tem celular.

— Onde fica o telefone público?

— Fica em um estacionamento — respondeu Johan.

— Então, podem existir as imagens de alguma câmera de segurança do lugar, nesse horário, não?

— *Sorry*. Já verifiquei. Não existe nenhuma câmera lá. E as chamadas foram feitas meses atrás. Portanto, encontrar alguma testemunha, a esta altura, é muito difícil.

Karim interrompe o silêncio para perguntar:

— Alguma denúncia?

— Estranhamente, muito silêncio — conta Sven. — Achei que haveria um grande fluxo de informações sobre o comportamento de Jerry Petersson, mas talvez ele fosse o tipo que apenas deixa para trás clientes satisfeitos e pessoas contentes.

— Existem mesmo pessoas assim? — pergunta Zeke.

— Claro que não — diz Waldemar.

— E não encontramos nenhuma arma do crime — completa Sven.

— Que faremos agora? — pergunta Karim.

— O grupo de Hades está levantando os dados. Pesquisando, principalmente, o motivo pelo qual a empresa que Jochen Goldman e Jerry Petersson eram sócios andava tão mal das pernas — informa Sven. — Malin e Zeke vão tentar falar com Axel Fågelsjö. Se ele teimar em não recebê-los, intimem-no para depor aqui no departamento. Afinal, apesar dos pesares, não é absurdo nenhum admitir que a família tenha tirado a vida de Petersson para, depois, readquirir o castelo do espólio.

— Acha que eles podem ter contratado alguém para fazer o serviço? — pergunta Malin.

— Improvável — responde Sven. — Mas também já pensei nisso, embora nada até agora possa indicar qualquer coisa nesse sentido.

Malin concorda.

— O herdeiro de Petersson é o pai — acrescenta ela, em seguida. — Se não aparecer, de repente, alguma criança desconhecida ou esposa estrangeira.

— Tem gente que já matou por muito menos do que isso — diz Waldemar. E, na sua voz, Malin nota uma espécie de saudade, mas não consegue ir muito longe em sua análise dos sentimentos e objetivos enquadrados nos desejos de Waldemar.

“Melhor assim”, pensa ela, olhando o hematoma de Waldemar que, com o tempo, já tinha passado para uma cor alaranjada e amarelada, tal qual uma folha de árvore em pleno outono.

Sven Sjöman atende ao terceiro sinal. Um número desconhecido no visor. A chamada entrou direto na sua linha, sem passar pela central telefônica.

Muito barulho no escritório. A calma matinal deu lugar a novas conversas e a um cheiro forte de café.

Há policiais em trajes civis e uniformizados, correndo de um lado para o outro, falando em fones presos nas cabeças, todos muito ocupados, tensos.

— Sjöman.

— É Sven Sjöman?

— Sim.

— Olá, como vai você? Aqui é Peter Svenungsson, da Interpol, em Estocolmo.

— Oi!

— Já vi na internet que Jerry Petersson foi assassinado.

— É verdade. Alguns arrendatários o encontraram no fosso do castelo onde ele vivia.

— Tenho aqui uma coisa que, certamente, lhe interessa.

— Então, fale. Toda informação é bem-vinda.

— Vocês sabem, com certeza, que Petersson foi advogado de Jochen Goldman durante o tempo em que este viveu no exílio. Quase o prendemos quando recebemos uma denúncia e soubemos que estava em Verbier, na Suíça. Acho até que os policiais suíços quase o pegaram, mas ele acabou escapando mais uma vez.

— E daí?

— Foi Petersson que telefonou e denunciou Jochen Goldman, dizendo onde ele se encontrava.

Sven Sjöman sente seu coração dar um pulo e acelerar o ritmo.

— Essa é boa!

— Petersson não deu explicação nenhuma e estava consciente de que rompera o sigilo profissional. Mas nós prometemos que ele ficaria no anonimato.

— Muito obrigado — diz Sven. — Boa notícia. Quando foi isso?

— No outono, há três anos. Eu me lembro bem. Foi um pouco antes de sair o segundo livro de Goldman. Você quer a minha opinião? Acho que vocês devem investigar muito bem esse tal de Jochen Goldman. Se é que dá para fazer isso, agora, com esse diabo à solta, um bastardo escorregadio. Ele é uma daquelas pessoas que sabe esperar anos pela melhor oportunidade para se vingar. Nós já sabemos agora do que ele é capaz.

Sven Sjöman está sentado à beirada da mesa de Zeke, junto à mesa de Malin.

— Quer dizer que você acha possível que Goldman soubesse que Petersson o denunciara e quis se vingar? — pergunta Malin que, por sua vez, acha que Sven ainda quer dizer mais alguma coisa, mas este se contém.

— Pode ser — diz Zeke.

Sven concorda.

— Goldman não é o tipo de pessoa que, estoicamente, esquece uma deslealdade. Não acham?

"Tenerife", pensa Malin. Vê sua mãe e seu pai na varanda. Figuras expostas num cartaz de um catálogo que vende uma velhice feliz.

Sol, calor.

Nada de nuvens, nada de frio, nada de escuridão, de chuva, nem de granizos.

Luz, muita luz, apenas luz.

Apenas uma vida sem preocupações, uma vida feliz, vitoriosa. Como os malditos pastores da Igreja Livre diriam, aqueles que alugaram o seu apartamento.

31

Sven Sjöman deixa Malin e Zeke a sós, em suas mesas de trabalho.

— Devíamos ter uma nova conversa com Goldman — diz Malin. — Confrontá-lo e ver como ele reage.

— Ligue para ele — diz Zeke.

Malin digita o número, dez toques e nada.

Ela balança a cabeça.

— Ele pode ter mandado um matador profissional — diz Zeke. — Vamos verificar se alguns dos conhecidos assassinos se movimentaram por aí.

— O livro — diz Malin. — Segerberg não afirmou na reunião que o primeiro livro de Goldman não vendeu muito? Pior do que se esperava. E se eles tinham uma empresa juntos, a receita devia ser repartida entre os dois.

— Acha, então, que Petersson queria que Goldman fosse preso para criar uma polêmica em torno do livro? É isso? Para que o livro vendesse mais?

— Talvez. Sven disse que a denúncia foi feita à Interpol na época do lançamento do segundo livro.

— Por que ele faria uma coisa dessas? Afinal, Petersson tinha dinheiro mais que o suficiente para ser feliz — comenta Zeke.

— Quem tem muito, quer mais — afirma Malin. — E negócios são negócios. Sabe disso muito bem. Trata-se de princípios.

— Como no caso de Fredrik Fågelsjö — comenta Zeke. — Primeiro, vieram os lucros. Depois, quis ganhar mais. E, então, perdeu tudo.

— É a ganância — diz Malin. — Já matou muita gente.

Livros aqui, livros ali.

Foi a ganância que me matou, foi?

Nunca entre no ramo de livros, se quiser ganhar dinheiro.

Nós mesmos imprimimos o segundo livro, lançamos a obra em nossa editora. Acreditamos que iria vender melhor que o primeiro livro. E para que dar dinheiro para outra pessoa? Nós fomos tão inocentes diante do livro quanto os pais costumam ser diante do nascimento dos seus filhos.

Mas os malditos livreiros não queriam comprá-lo. Fui eu que investi todo o dinheiro para pagar a impressão de 15 mil exemplares. Precisava da ajuda da imprensa.

Foi por isso que telefonei para a polícia.

Dei-lhes a informação.

Mas Jochen fugiu a tempo. Vai ver que o avisaram e pelo mesmo motivo. Mas eu nunca receei ser descoberto. O policial para quem telefonei garantiu sigilo. E eu sempre poderia negar, dizer que algumas das pessoas mais próximas de Jochen o haviam traído. Eu era uma das pessoas que sabiam onde ele andava.

Questão insignificante, claro.

Mas, artigos sobre Jochen diziam que a polícia esteve muito próximo de apanhá-lo. E o livro acabou por sair. Sobraram apenas 500 exemplares na queima do estoque e acabamos por ter algum lucro, ainda que pequeno.

Em matéria de negócios, por princípio, eu só tinha uma preocupação: o balanço final. Não importava o preço, deu lucro, o negócio foi bom.

Negócios são negócios.

Se não ganhasse dinheiro em cima de Jochen Goldman, para que eu iria ficar ao seu lado? Na realidade, não existe nada de mais volátil do que a amizade.

Eu sabia também do que a fúria e autoestima poderiam levá-lo a fazer. E quais as portas que ele poderia abrir.

Desta vez, Axel Fågelsjö deixou-os entrar. Convidou-os para se sentarem, e foi à cozinha buscar café e bolo.

Os painéis de madeira nas paredes brilhavam, pareciam recém-envernizados.

"Será que este homem, Axel Fågelsjö, alguma vez viu, mesmo que em fotografia, uma bandeja americana de plástico?", pensou Malin, quando ele voltou da cozinha com uma bandeja de prata nas mãos.

— Cheguei à conclusão de que vocês iriam voltar — diz ele, ao servir o café com bolinhos de canela, comprados prontos. — Lamento não ter lhes contado toda a verdade.

— Por que o senhor mentiu a respeito da venda de Skogså, que não queriam vender? — pergunta Zeke.

— Acho que dá para saber o porquê. Seria comprometedor para a família, sem dúvida. Para Fredrik.

— Mas mentir — diz Malin —, é ainda mais comprometedor.

A boa vontade de Axel Fågelsjö desapareceu. Malin pôde ver isso no rosto dele. Era como se o ar tivesse fugido das suas faces redondas.

— E Fredrik? — acrescenta Malin. — Por que você acha que ele fugiu de nós? Afinal, só queríamos conversar.

— Ele estava com medo de ir para a cadeia — diz Axel Fågelsjö. — Entrou em pânico. Nem mais nem menos.

— Portanto, não acha que ele esteve em Skogså naquela manhã, também? Nós sabemos que ele...

Axel levanta-se, com toda a sua figura de homem alto e forte, grita, atira todo o tipo de palavras, há respingos de café e migalhas de bolo voando para todo o lado.

— Com que droga de direito vocês vêm aqui me atacar? Vocês não têm provas de nada!

O olhar de aço de Zeke, enfiado profundamente nos olhos de Axel Fågelsjö.

— Sente-se aí, seu velho. Sente-se aí e fique calmo.

Axel Fågelsjö vai até a janela que dá para o parque e deixa cair os braços ao longo do corpo.

— Confirmo o que Fredrik lhes disse, que eu tentei comprar de volta Skogså. Mas nós não temos nada a ver com o assassinato. Por favor, vão embora agora. Se quiserem mais alguma coisa de mim, é melhor me intimar. Mas afirmo desde já que isso não vai resolver nada.

— Como é que você se sentiu ao receber um não para a sua proposta? — pergunta Malin.

Axel Fågelsjö permanece quieto na janela.

— Você ficou zangado com Fredrik? — continua ela, notando como um novo acesso de fúria se apossa do corpo do conde. Malin pensa que não compete a ele ficar zangado. É Jerry Petersson que deveria ficar furioso. E, então, ela se lembra de como era na escola secundária. Havia jovens parecidos com Jerry Petersson quando ela frequentava a Escola Katedral. Rapazes, filhos de operários, que eram impetuosos, cheios de talento e bonitos, que se

movimentavam nos ciclos mais requintados, sem serem, realmente, aceitos. Lembra-se de considerar os rapazes como casos perdidos. Ela própria se mantinha distante. Tinha Janne, mas sonhava acordada em um dia pertencer ao ciclo mais fechado dos estudantes que se consideravam importantes e realmente bonitos.

— Afinal, o que você fez naquela madrugada? — pergunta Malin, cada vez mais agressiva. — Fale. Você foi até Skogså para tirar a vida de Petersson ou para convencê-lo a vender Skogså, depois que Fredrik falhou? E, então, tudo deu errado? Aí você acabou atacando-o com uma pancada na cabeça, não foi?

As palavras saem de uma só vez pela boca de Malin.

Ela quer chicotear o velho com as suas perguntas, extrair dele a verdade. E pensa: “Acha que vou recuar diante de uma figura como a sua? Nunca!”.

— Ou contratou alguém para fazer o serviço?

— Vão, vão embora — diz Axel Fågelsjö, um pouco mais calmo. — Pelo mesmo caminho que vieram. Estou cansado desse maldito Petersson.

“Mas eu ainda não estou cansada de você”, pensa Malin.

Na escada, a caminho da saída, os dois passam por um repórter e um fotógrafo que Malin sabe pertencerem ao jornal *Aftonbladet*, de Estocolmo.

“Boa sorte”, sussurra Malin, depois de passar pelos abutres. “Espremam-no até o fim.”

Sven Sjöman almoça a salada que a esposa preparou, pela manhã, e que ele trouxe dentro de um pote.

Espetinhos de carne de caranguejo e rúcula.

Um odor artificial de peixe que faz lembrar amoníaco. Ele está sozinho no refeitório. Começou a sentir fome às 11 horas, pois

acordou muito cedo. As cadeiras metálicas do refeitório são tão feias quanto desconfortáveis e, na parede, penduraram uma tecelagem assustadora que deveria representar o horizonte de Linköping num dia de outono como aquele. Os corvos desproporcionalmente grandes voam em volta da torre da catedral e, no telhado do castelo de Linköping, o artista colocou um gato cinzento em dimensões naturais.

“Salada é comida para coelhos.

“Não é comida para um dia como este. Hoje, está mesmo um tempo nojento, em que é melhor comer um bom pedaço de carne de porco assado.”

Sven Sjöman já contara para Karim a conversa com a Interpol e que Malin iria telefonar de novo para Goldman.

Ele mete na boca uma última garfada de salada.

Pensa: “O que é melhor, uma vida curta, mas feliz; ou uma longa, mas miserável?”.

Conclui que a viagem fará bem a Malin, mesmo que seja dubiamente justificada pelo estágio em que as investigações no caso se encontram. Decide pedir a Karim que fale com ela. Assim, Malin não suspeitaria de nada.

Waldemar Ekenberg avança em direção a Malin e Zeke, que estão sentados às suas mesas de trabalho, comendo uns sanduíches que compraram no minimercado do posto de gasolina Statoil, da rua Djurgårdsgatan.

— Conseguiram alguma coisa do tal Axel Fågelsjö?

Malin balança a cabeça.

— Mas alguma coisa existe por lá — diz ela. — Alguma coisa...

— Você acha? É a sua intuição feminina? — interrompe Waldemar.

Malin olha para ele, com uma expressão de cansaço.

— Por favor, me deixe comer o meu sanduíche em paz.

Assim que ela fala, Karim se aproxima de sua mesa.

Ele coloca uma das mãos no ombro dela, acena para Zeke e Waldemar e fala:

— Malin, o que acha de fazer uma viagem a Tenerife e ter uma conversa com Goldman?

Malin fecha os olhos. Deixa que as palavras de Karim assentem.

Sol.

Calor.

A mãe, o pai, longe de Tove, Janne, e tudo o mais.

— O que me diz? Dar uma prensa no cara. Com toda a certeza, ele deve estar em casa — acrescenta Karim.

— Eu vou — responde Malin, diretamente. — Foi o Sven que inventou isso? Afinal, ele acha que eu preciso me desligar por uns tempos, não é?

— Está paranoica, Malin. A investigação exige que você viaje. Mas também é verdade que um pouco de sol não vai lhe fazer mal — diz Karim. — E, pelo que sei, nunca foi visitar seus pais em Tenerife, não é verdade?

Malin olha desconfiada para Karim, com uma expressão de quem diz para ele não se meter na vida dela.

— O Janne está em casa, não? — continua ele, com um tom na voz de quem tinha acabado de cumprir uma formalidade. E esse tom deixa Malin perplexa.

Ela acha que sabe onde ele quer chegar.

— Tove poderá morar... — Então, ela se dá conta. Karim nada sabe sobre a separação deles. Também não precisa saber. Ou será que já sabe?

— Janne tomará conta de Tove — diz Malin depois.

— Ótimo — completa Karim. — Vou pedir a passagem para amanhã. Vá fazer as malas e se aprontar, mas vá com cautela. Você sabe a fama que esse cara tem.

Malin está sozinha, ao lado da cafeteira elétrica, no refeitório. Passa a mão no celular. Quer telefonar para Tove, mas sabe que ela está na escola, deve estar na aula, mas, de qualquer maneira, tem de se encontrar com ela antes de viajar.

Quer telefonar para Janne também. Mas dizer o quê? Tem de lhe contar que vai viajar. Telefonar para Daniel Högfeldt e combinar uma transa explosiva à tarde. Fazer uma visita ao Hamlet e tomar uma boa dose? Qualquer uma das duas últimas opções parece fantástica. Mas ela precisa trabalhar e fazer as malas.

“Devo telefonar para meus pais? Dizer que vou chegar amanhã, sabendo que eles não gostam de surpresa? Eu iria criar pânico lá no sul. Mas tenho de telefonar de qualquer maneira. Tenho de me encontrar com eles, embora não queira. Não lhes contei a respeito da nossa nova separação, que Tove continua a morar fora da cidade, com o pai, pelo menos por enquanto. Tove ainda não se mudou nem vai se mudar. Ou foi Janne que disse isso? E se meus pais telefonarem para a casa de Janne? Meu pai telefona para lá de vez em quando. Mas Janne jamais iria falar da separação, não?

“Vai ser bom viajar para longe deste buraco, pelo menos, por alguns dias.”

“De certa forma”, pensa ela, “podemos considerar Jerry Petersson como um produto perfeito de Linköping, onde os seus habitantes vivem desenraizados na sua luta permanente por mais dinheiro e por mais bens materiais, da maneira mais ridícula. É só ver minha

mãe. Ela jamais conseguiu criar um lar onde, verdadeiramente, se sentisse em casa. Acho que isso ela nunca conseguiu, não."

Logo Malin pensa na casa de Janne, no seu apartamento. Dói só de pensar. Mas recusa-se a reconhecer que ela, de muitas maneiras, é como a sua mãe. Também pensa em Jerry Petersson. Acha que ele pode ser considerado como um típico traidor da sua classe, um daqueles que nunca sabe qual é o seu lugar, que queria ser algo que jamais conseguiria ser. Como um bonito cachorro vira-lata que jamais vai obter o primeiro prêmio, pois não tem *pedigree*.

"Odeio a família Fågelsjö", pensa ela. "E aquilo que ela representa. Claro que não consigo odiá-los como pessoas isoladas." Imagina Katarina Fågelsjö sentada em seu sofá. Lembra-se dos olhos de Katarina e se pergunta de onde vem a tristeza do olhar dela. Da falta de filhos? De algo mais?

Malin pega a xícara de café, cheira o líquido negro antes de voltar para a sua mesa de trabalho.

— Não trouxe café pra mim? — pergunta Zeke, ao ver Malin com a xícara na mão. Ela se senta, e Zeke se levanta no mesmo instante, para ir ao refeitório.

Malin saboreia o café bem quente, sente como a bebida chega quase a queimar a boca, quando, de repente, ouve a voz de Johan Jakobsson atrás dela.

Ele traz um montão de papéis.

— Acabei de receber isto aqui das senhoras do arquivo — diz ele. — Jerry Petersson, aos 19 anos, sofreu um acidente de automóvel. Na noite de Ano-Novo, depois de uma festa. Estava sentado no banco do passageiro, na frente. Os dois que estavam no banco de trás tiveram menos sorte. Um rapaz morreu, e uma jovem teve ferimentos graves no crânio.

Malin não se lembra de ter lido nada nos jornais sobre esse acidente. Devia ser ainda muito jovem para se dar conta do que aconteceu.

— Sabe o que torna essa história mais interessante? — pergunta Johan.

Malin faz sinal com as mãos, de quem não consegue imaginar nada.

— O acidente ocorreu na propriedade dos Fågelsjö.

PARTE 2

CHUVA DE UMA NUVEM QUE JAMAIS VOLTARÁ

Östergötland, outubro

Os ovos quebram-se.

Serpentes cegas, cabeças de fora. Muitas, muitas, muitas. Elas fazem o meu sangue borbulhar.

Eu começo assim: fingimos que passa um filme.

Um filme sobre a vida de uma pessoa, em que cada momento é retratado de um ângulo bem elucidativo.

Meu filme não é preto, nem branco, nem tem mil cores. É vermelho-escuro, sépia. Uma viagem lenta através de uma solidão anestesiante.

Vejo milhares de pessoas nas imagens. Elas cintilam, passam, mas não voltam. Nada, nem ninguém permanece. É o mais solitário de todos os filmes solitários.

Não existe repugnância no rosto das pessoas. Na melhor das hipóteses, apenas desinteresse. Sou um ser humano igual ao ar, como se fosse uma figura de contornos variáveis numa paisagem mutante. Tempos atrás, eu tinha algo que me prendia, mas aprendi a me libertar. Ou será que isso nunca aconteceu? Talvez tenha enganado a mim mesmo, só para aguentar.

E agora? Depois do que aconteceu? Ele — eu não quero pronunciar seu nome — ficou flutuando nas águas escuras e frias. Eu não tenho nenhuma ilusão a respeito de compreensão ou perdão.

Mas a fúria foi importante. Era como se as serpentes me deixassem, saíssem do meu corpo, e eu ficasse calmo e saciado. Na realidade, não fazia diferença nenhuma para que lado a fúria se dirigisse. E dizer que ele não merecia é errado. Faria tudo de novo, se fosse necessário, apenas para reviver a sensação de que alguma coisa de ruim desapareceu de mim, que as serpentes se acalmaram e que eu — aquele em que eu podia e devia ter me tornado — existo, em vez delas.

A violência já existia em mim. E ela veio de você, meu pai, você é o homem que aparece nas imagens. Você me persegue, me bate, não se importa que os outros me persigam, me batam, façam de mim o ser humano mais insignificante do mundo. E ninguém, ninguém se importa comigo, ninguém aparece para me salvar. A não ser ele. Ele aparece.

As imagens mudam.

Eu tenho um amigo. Um amigo de verdade. Ele me salva.

Trabalho de vez em quando neste outono, apesar daqueles que me perseguem.

Sinto o hálito quente da minha ruína no pescoço. Faça o que fizer, preciso me defender. É a única maneira para que nós, seres humanos, possamos viver.

Eles me perseguem. Tentam saber quem eu sou. Mas eu sei como escapar. Agora, tem de ser a minha vez. Não me arrependo de nada. Apesar de tudo, trata-se apenas de restabelecer a ordem. Sofro de ambos os pavores, daquele que persegue e do que é

perseguido. De certa forma, sinto saudades daquela sensação de calmaria que vem depois da violência cometida, mesmo sabendo que é errado.

Eu represento todas as variantes da solidão que existem no mundo, todas as variantes dos pavores existentes, mesmo os calmos e silenciosos.

Pai.

Você corre para todos os lados, com a sua câmera, o cigarro colado na mão gelada. Levanta essa mão amargurada, apavorada, com as unhas amareladas pela nicotina. Com movimentos dançantes, bate no corpo deitado no chão. O corpo que eu não quero ser.

Mas você não existe, pai. De certa maneira, ainda posso corrigir o que não é certo. Fiquei à espera, debaixo da árvore, em frente à porta do coração do mal. Talvez ainda não seja a minha hora.

Vocês, rapazes que me odeiam, sem que eu saiba o porquê. Sem que vocês saibam o porquê. Vocês não existem.

E, em seguida, você vai embora, meu salvador, meu amigo.

Como todos os outros, desaparece.

32

Terça-feira, 28 de outubro

“Viva Las Palmas. Viva Las Palmas.”

A canção do conjunto ZZ Top vem à mente de Malin no momento em que desce a escada do avião e segue para o ônibus que a esperava junto com todos os outros passageiros, para serem levados à sala de desembarque.

O sol está forte e a luz do início da tarde ataca os olhos, a garganta fica seca e o ar, quente, incomoda ao entrar em contato com a sua blusa relativamente grossa. “Cheira a calor por aqui, doce e espesso, como se o mundo estivesse em um forno.”

O suor começa a escorrer pelo corpo.

Com certeza, a temperatura deve ser de 30 graus, no mínimo.

Por sorte, ela veste uma saia branca de algodão e está de sandálias. A meia-calça, ela a retirou no banheiro do avião.

As palmeiras balançam ao lado de hangares gigantescos, a grama queimada se espalha entre as pistas de aterrissagem e, ao longe, entre o ar quente que se eleva do solo, Malin consegue descortinar os picos de uma montanha vulcânica.

Viva Las Palmas. Vegas. Afinal, é tudo um grande jogo. É só atirar um dado na mesa e ver para onde vai.

Mas ela ainda não está em Las Palmas. Está no aeroporto de Tenerife e acha que todas aquelas ilhas são apenas uma.

Logo em seguida, entra um monte de turistas barulhentos no ônibus. Uma mãe exausta segura uma criança de uns dois anos que está dormindo. Um grupo de rapazes, já meio bêbados, agita uma faixa da equipe sueca de futebol do clube IFK Norrköping.

O ônibus parte, e toda a carga de pessoas suadas balança, sincronizadamente, tentando ficar em pé, embora nem haja espaço para cair no chão.

O cansaço sai por todos os poros das pessoas.

Malin telefonou para os pais no dia anterior e pôde sentir o pânico na voz do pai, apoiado pela mãe:

— O quê? Chega amanhã? Viagem de serviço? Que raio de serviço você vem fazer aqui? Quer dizer que vai ficar num hotel? Muito bem. Não. Mas nós não vamos ter tempo para nos prepararmos. Venha aqui jantar conosco, depois de se instalar no hotel. Ir ao aeroporto esperar pela sua chegada? Acontece que amanhã, às duas horas da tarde, já reservei horário no campo de golfe de Abama. Você vai ver esse campo, Malin, é o mais bonito de toda a ilha. É difícil arranjar horário. Não posso ir.

O ônibus para.

Malin levanta-se e desliza a sua única e pesada mala.

De repente, a atmosfera está suave e agradável. Nem quente demais nem fria. Ah, como é bom deixar de sofrer com aquela maldita chuva e o granizo, que, carregados por um vento furioso, atingem a indefesa pele do rosto das pessoas.

— Táxi, senhora? Limusine?

Por baixo de um longo portal de cimento pintado de branco, existe uma grande fila de motoristas de táxi, com cigarro na boca, junto

aos seus carros. Todos parecem estar pouco interessados em levá-la até a Playa de las Américas, onde quer que seja.

Malin pega no bolso da frente da sua saia o papel. Sente um pouco mais de calor com o esforço, mas tem de ler o nome do hotel.

Dirige-se àquele que lhe parece ser o primeiro carro da fila, diz o nome do hotel, mas o motorista aponta para os colegas atrás dele.

Um sujeito gordo, baixo e careca, o último da fila, levanta os braços e faz sinal para ela:

— Táxi?

Malin acena com a cabeça, o homem pega a mala e, literalmente, atira-a para dentro do bagageiro do seu Seat branco.

Ela entra no banco de trás.

Nada de ar-condicionado.

A blusa e a saia colam-se no banco de plástico negro, e ela nota que o motorista está olhando para ela pelo retrovisor.

— *Where to*? — pergunta ele.

— Hotel Pelicano — diz Malin. E o motorista enruga a testa, preocupado, como se duvidasse de que ela tivesse condições de pagar a corrida.

Vinte minutos mais tarde, Malin está sentada à beirada de uma cama cujo colchão afunda no meio, num quarto minúsculo, com uma pequena janela a um canto. O ar-condicionado parece ser um modelo da Idade Média, e quando ligado faz um barulho maior do que o de dez frigoríficos primitivos. As paredes estão cinza e o tapete amarelado está cheio de buracos das brasas de cigarro jogadas ao chão.

Rebecka, a nova garota da recepção do departamento da polícia, foi quem fez a reserva do hotel, e Karim deve ter disponibilizado uma verba extremamente pequena.

Há um bar cheio de prostitutas em cada um dos lados do hotel, situado a uns dois quilômetros da Playa de las Américas. A recepção do hotel não era digna desse nome, era apenas um balcão desgastado, sobre o qual um homem de uns 45 anos, também muito envelhecido, cabelos longos e despenteados, registrou a sua entrada, com uma constatação:

— *Room already paid for*.

No quarto já pago, Malin levanta-se da cama.

Deseja nadar, mas o hotel não tem qualquer vestígio de piscina.

Entra no banheiro que, apesar de tudo, está bem arrumado, mas é impossível aguentar o cheiro de esgoto. Nada de banheira, apenas o box do chuveiro. Ela quer tomar banho antes de se apresentar à polícia local. Eles sabem que a colega sueca vai chegar e se ofereceram para dar assistência.

Malin se olha no espelho.

Imagina o rosto de Tove e chega à conclusão de que a filha é mais parecida com o pai. Malin telefonou-lhe no dia anterior. Chegou a pensar, primeiro, em ir à escola e esperar o fim da última aula, levá-la para casa, fazer uma comida, falar com ela, abraçá-la, fazer tudo o que devia fazer. Mas acabou telefonando. Ficou com medo de não aguentar e cancelar a viagem, caso se encontrasse, pessoalmente, com Tove. Caso a abraçasse, a tivesse nos braços.

Malin contou que teria de viajar a serviço, por apenas uns dois dias. E Tove aproveitou para retorquir:

— Está fazendo como meu pai. Viaja quando a situação ameaça explodir.

— Tove, por favor... — Ela ouviu as próprias palavras e sentiu um ar de libertação no apelo feito à sua filha de 15 anos. Tove parou e, por fim, disse:

— Desculpe, mamãe. Vá. Compreendo que pode ser bom fazer uma viagem, mudar de ares.

— É a serviço.

— Para onde?

Malin tinha pensado em não falar. Não queria.

— Tenerife — disse.

— Mas é onde a avó e o avô moram. Quero ir junto.

— Não vai ser possível, Tove. Tenho de trabalhar e você tem aula.

Se fosse um ano ou um ano e meio antes, Tove teria insistido, talvez aos gritos, mas, agora, ficou apenas em silêncio.

— Você ajudou seu pai a fazer as malas e a juntar as minhas coisas? — perguntou Malin depois.

— Não. Ele não quis.

E, após um bom momento de silêncio:

— Vai se encontrar com a avó e o avô?

— Não sei ainda. Embora já tenha marcado um jantar com eles amanhã.

— Mamãe, você tem de se encontrar com eles.

— Vou lhes dar o seu “alô”.

— Dê ao vô um grande abraço por mim. Diga que eu sinto a falta dele. Dê um abraço meu na vó também.

Depois, Malin ligou para o celular de Janne. Esperava que a ligação caísse no correio eletrônico. E foi o que aconteceu. Deixou apenas uma mensagem sobre a viagem. Ele não retornou a chamada, de modo que Malin partiu do pressuposto de que Janne não se importava mais com o que lhe acontecia.

Malin volta para o quarto, fica nua e acha que, embora o ar-condicionado seja uma porcaria, fazendo um barulho louco, ainda

funciona. Entra no box, abre a torneira e espanta-se ao ver a pressão da água que cai pelo rosto e pelo corpo.

Ela não bebeu nada durante a viagem.

Por sorte, também não existe nenhum minibar no quarto.

Tove reaparece em sua mente. Não entende por que ela não apareceu no apartamento nem no departamento da polícia para se despedir. Por que não insistiu em se encontrarem nem sugeriu uma despedida antes da viagem? Malin sente os músculos do peito se contrair. Chega à conclusão de que Tove sente a mesma ambivalência que ela. “Você sabe que se sente melhor a distância, não é, Tove?”

Finge abraçar Tove. Os pingos de água morna funcionam como o corpo tépido da filha.

“Eu sou a sua mãe. E eu amo você.”

É uma caminhada de mais de um quilômetro para chegar ao departamento de polícia de Tenerife, mas Malin prefere mesmo andar, com um vestido branco, bem fino, e sapatos de tecido também branco.

Durante a caminhada, passa por grandes vivendas com estilo de *hacienda*, por trás de muros altos, de tijolos brancos, por casas novas, geminadas, e longos prédios residenciais decadentes, nos quais existem roupas secando em frente das janelas. Passou por grandes complexos de hotéis, piscinas gigantescas a brilhar por trás de cercas estreitas de arbustos tropicais de que ela desconhece o nome. Mil *pubs* e bares, além de restaurantes, divulgam as especialidades oferecidas: café da manhã inglês, almôndegas suecas, pizzas, especialidades alemãs.

Ela não quer ver mais nada.

Espera que Los Cristianos, onde moram os pais, seja um bairro melhor, que tenha características mais redentoras do que o gueto turístico em que se transformou Las Américas.

O departamento de polícia está instalado num prédio branco de três andares, perto de uma pequena praça com construções, no momento, desertas. O mar, de um azul cintilante, sob a luminosidade da tarde, aparece no final de uma rua que sai da praça.

“Onde está todo mundo?”, pensa Malin. “Na praia?”

Empurra a porta emperrada da polícia local e entra.

Nenhuma cadeira na recepção, que tem chão de pedra. Apenas um quadro de avisos na parede no qual existem várias imagens de terroristas.

Atrás de um vidro blindado, está um jovem policial de uniforme. Está fumando, olha para ela com uma expressão desencorajante, como se a toda a hora recebesse esse tipo de pessoa, como ela.

“Com certeza acha que eu sou alguma turista idiota”, pensa Malin. “Pode achar, também, que acabei de ser assaltada por russos. Ou ainda que sou mais uma prostituta. Será possível que ele pense uma coisa dessas?”

Malin avança, chega ao vidro e mostra o distintivo.

O policial levanta as sobrancelhas num gesto exagerado, à maneira latina.

— Ah, Miss Fors, from Sweden. We were expecting you. Let me call for Mr. Gómez who will assist you. He will be right out.***

*** Em inglês, no original: “Ah, senhorita Fors, da Suécia. Estávamos a sua espera. Vou chamar o senhor Gómez, que irá ajudá-la. Ele chegará logo”. [N. T.]

33

Waldemar Ekenberg fecha a porta do carro e Johan Jakobsson corre atrás dele, fugindo da chuva e protegendo-se sob o telhado que protege o portão da entrada de um prédio residencial, de fachada com tijolos vermelhos, na área de Gottfridsberg. É uma área construída na década de 1940, com apartamentos pequenos, com muitos quartos, perfeitos para serem habitados por todas as famílias que se mudavam para a cidade, para trabalhar nas empresas Saab, NAF e LM Ericsson.

"Será que um dia vai parar de chover?", pensa Johan. Logo a seguir, de um momento para o outro, a chuva se transforma em neve, um frio de rachar, sem odores específicos. Johan pensa nos meses de escuridão, no norte da Europa e na Suécia: novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março. Os meses em que o Sol está longe e mal sobe acima do horizonte, se é que aparece entre as nuvens. São meses que abalam as almas das pessoas, de crianças que protestam na hora de sair de casa, recusando-se a vestir o macacão, a pôr as botas de couro e os gorros na cabeça.

Uma verdadeira manhã infernal.

Os dois filhos de Johan tiveram um ataque de fúria, só Deus sabe por quê. E a mulher continuava de cara amarrada por ele não ter ido

com a família a Nässjö.

“Que bom voltar para o trabalho.

“Muito bom mesmo.

Vê Waldemar digitar um código que dá acesso ao portão do prédio. Depois, ele empurra-o com raiva, estressado com o tempo outonal. Logo estão os dois, lado a lado, diante da escada que cheira a mofo, olhando em volta como se houvesse alguma coisa para ver além das paredes pintadas de verde-escuro, um quadro com os nomes dos moradores e a própria escada de pedra acinzentada.

— Que droga — diz Waldemar. Johan não sabe se o seu colega se refere à escada ou ao tempo, mas acredita que esteja falando do clima, e diz:

— Estamos apenas no começo do outono.

Jonas Karlsson. Terceiro andar.

— Último andar — diz Waldemar. Johan, ao ver os olhos já agitados do colega, acha que eles já contam tudo o que se precisa saber a respeito da sua brutalidade.

Meio minuto mais tarde, os dois estão diante de uma porta de madeira castanha, escura, escutando o som estridente de uma campainha. Ouvem-se passos. Alguém se aproxima, lentamente.

Jonas Karlsson, o homem que estava ao volante no acidente cuja história foi encontrada no arquivo da polícia. Jerry também estava no carro, acidentado em terras que eram, então, dos Fågelsjö. Um jovem de nome Andreas Ekström morreu. Uma jovem, Jasmin Sandsten, ficou paralítica para a vida toda.

“Que bom se afastar daquela papelada toda”, pensa Waldemar.

Sven Sjöman, na manhã daquele dia:

— Mergulhem fundo nesse acidente. Vejam se a história mexe com alguma sujeira. Já aconteceu antes.

"O passado das pessoas", pensa Johan. "Elas ficam acorrentadas para sempre no que aconteceu, emparedadas em suas memórias."

"Jonas Karlsson.

"O que aconteceu na festa da noite de Ano-Novo, há 24 anos, ao que tudo indica, foi um acidente. Mas o quanto você se arrepende daquela noite? Sente-se culpado pela morte de um jovem e pela deficiência física da garota? Como tem sido a sua vida desde então?"

A porta é aberta.

Aparece um homem de cabelos ralos e barriga proeminente, com um pulôver de lã, cor de vinho. Ele olha, cansado, para os policiais. Não diz nada e faz só um gesto com a mão direita, como quem pede para entrarem.

Bochechas caídas, nariz fino. Johan acha que o homem na sua frente, 30 quilos a menos e 20 anos antes, deve ter sido bonito, atraente. No hálito, um leve odor de álcool.

— Tirem os sapatos e sentem-se no sofá — foram as primeiras palavras de Jonas Karlsson, que mostrava uma inclinação para mandar, com uma força na voz que a sua aparência não mostrava.

— Preciso mijar. Já volto.

Jonas Karlsson desaparece ao entrar no banheiro, enquanto Waldemar e Johan se sentam no sofá branco da sala de estar, cujas paredes foram cobertas de papel azul, listrado de branco.

Bonito e decorativo. Poucos móveis e uma televisão grande e plana.

"Um apartamento tipicamente de solteiro", pensa Johan. Se as anotações estão corretas, Jonas Karlsson deve ter agora 43 anos,

mas parece bem envelhecido e cansado. Em um canto da sala, um armário de bebidas com as portas meio abertas, um cinzeiro em cima da mesa com várias pontas de cigarro, mas sem cheiro forte de tabaco.

— Acha que ele bebe muito? — pergunta Johan.

Antes que Waldemar tivesse tempo de responder, ouve-se a voz do dono da casa: — Às vezes, eu bebo demais. Mas sei lidar com isso.

Sentou-se diante deles, em uma poltrona perto da janela, que dá para um jardim onde se veem ramos negros e mortos de bétulas balançando, agitados, ao sabor do vento e de uma chuva relativamente fraca. Há ainda na sala uma prateleira cheia de DVDs, de fitas VHS e de caixas de filmes Super-8, com etiquetas escritas à mão, mas ilegíveis.

— Você mora aqui?

— Sim.

— Não tem família? — pergunta Waldemar.

— Não, graças a Deus. Vocês querem é falar do acidente, não é?

— Sim — confirma Waldemar. — Mas primeiro: você se masturba com a mão esquerda ou com a direita?

— O quê?

— Você ouviu!

— Eu sou destro, se é isso que você quer saber.

— Você sabe o que aconteceu com Jerry Petersson, não? — pergunta Waldemar.

— Li sobre o assunto no jornal.

— Estamos fazendo uma investigação aberta — diz Johan. — Portanto, a nossa intenção é falar com quase todos os que tiveram contato com Jerry Petersson, de uma maneira ou de outra.

— Eu não conheci Jerry Petersson — reage Jonas Karlsson. — Nem na época, nem depois.

— Então, como é que vocês dois estavam dentro do mesmo carro naquela noite de Ano-Novo?

— Nós tínhamos de voltar para a cidade. Eu estava com o carro do meu pai, e Jerry Petersson me perguntou se podia lhe dar uma carona. Pelo que me lembro, foi isso. Havia lugar no carro. Portanto, por que não? Ele me ofereceu cem coroas e parecia querer mesmo vir embora.

Como no registro da ocorrência, Jonas Karlsson disse, naquele dia, exatamente as mesmas palavras. Tal como há 24 anos!

— A festa foi realizada na propriedade da família Fågelsjö, em uma espécie de salão de festas? — pergunta Johan.

— Sim, no salão de uma capela que a família construiu e deu de presente à Igreja, acho eu.

— Por que Jerry Petersson queria ir embora da festa?

— Não faço a menor ideia. Como disse, eu não o conhecia mesmo. Fazia frio e já era tarde. Acho que ele queria voltar para casa.

— Você conhecia os filhos de Axel Fågelsjö, Fredrik e Katarina Fågelsjö? Convive com eles ainda hoje? — pergunta Waldemar.

Jonas Karlsson balança a cabeça negativamente:

— Não, de jeito nenhum. Eram muito arrogantes. Eu estudava no mesmo ano de Fredrik Fågelsjö, e foi ele que organizou a festa da virada daquele ano. Às vezes, ele nos convidava, a mim e a outros jovens, para as suas festas, quando queria encher o salão.

Johan faz sinal de ter entendido. E pergunta:

— E Jerry Petersson? Ele era amigo deles?

— Não, acho que não. De certa maneira, ele era mais como eu: o filho de um operário que, esporadicamente, era convidado para as festas dos Fågelsjö.

— Vocês e Jerry não eram amigos?

— Não. Já respondi isso.

— E os outros que estavam no carro? Eram amigos de Jerry?

— Andreas Ekström fazia parte da gangue de Jerry. Jasmin Sandsten parecia estar apaixonada por Jerry e quis voltar no carro para acompanhá-lo. Eram muitas as garotas que queriam namorar com ele.

— Quer dizer que você acha que Jasmin Sandsten gostava de Jerry Petersson. É isso? — pergunta Johan.

— Não sei ao certo. Todas as garotas tinham alguma queda por ele. Era um mulherengo.

— A gangue de Jerry? — insiste Waldemar, em seguida.

— Ele tinha muitos amigos — diz Jonas Karlsson, limpando os lábios com as costas da mão.

"Estranho", pensa Waldemar. "Nós ainda não encontramos ninguém, nem uma única pessoa, que se dissesse amiga de Jerry Petersson."

— Mas ele era amigo dos Fågelsjö?

— Não, não que eu soubesse. Havia um pequeno grupo de jovens ricos, mas poucos faziam parte dele, a não ser quando era preciso encher o salão de festas.

— Você pode nos contar um pouco sobre essa festa em particular?

Waldemar esforça-se para se mostrar amistoso, para inspirar confiança. Johan fica espantado e se pergunta se Jonas está sendo sincero.

Jonas Karlsson limpa a garganta, parece procurar na memória, antes de recomeçar a falar.

— Como disse, Fredrik Fågelsjö foi quem organizou a festa da virada de ano. Fui convidado. Consegui que o meu pai me emprestasse o carro, com a promessa de que não iria beber. Depois da meia-noite, decidi voltar para casa. Essas festas não prestam se a pessoa não pode beber.

— Sem dúvida — concorda Waldemar.

— E, então, quando eu ia para o carro, chegou Jerry Petersson, com Jasmin Sandsten e Andreas Ekström, perguntando se podiam ir junto. Andreas e Jasmin sentaram-se no banco de trás. Jerry sentou-se na frente ao meu lado. Depois, aconteceu o que aconteceu. Eu dirigi o carro conforme a lei manda, mas, de repente, ele deslizou na neve e, no escuro, rodou, foi parar no campo lateral e capotou. Nós, na frente, estávamos com o cinto de segurança. Os de trás, não. Eles rodaram e acabaram sendo atirados para fora. Andreas morreu por causa dos ferimentos na cabeça. E Jasmin... Bem, ela ainda não voltou a ser uma pessoa normal.

— Os outros tinham bebido? — pergunta Waldemar.

— Era virada de ano.

— Aconteceu alguma coisa de especial durante a festa?

Jonas Karlsson balança a cabeça negativamente.

— Você pensa com frequência nesse acidente? — Pergunta Johan.

As palavras saem devagar, quer ver qual é a reação. Nota que o rosto de Jonas fica tenso e que as pupilas se dilatam.

— Não, deixei que tudo isso ficasse para trás. Foi um acidente. Fui eximido de todas as responsabilidades, e ninguém veio me acusar

de nada. Mas, evidentemente, de vez em quando, ainda penso em Andreas e Jasmin.

— Você era amigo deles?

— Apenas superficialmente. Íamos para as mesmas festas de vez em quando. Falávamos uns com os outros entre as aulas.

— Você teve mais algum contato com Jerry Petersson ao longo dos anos? — pergunta Waldemar em seguida.

— Nada. Nenhum. Não falei com ele nem uma única vez. Para ele, tudo correu bem. Sem dúvida.

Waldemar passa as mãos por cima das pernas, esfrega as mãos uma na outra, mexe os dedos. Está inquieto.

— Se importa se eu fumar um cigarro?

Jonas Karlsson permite, mas acrescenta:

— Se me der um para eu fumar também...

— Posso perguntar o que você faz?

— Sou enfermeiro. Trabalho à noite no departamento de raios-X.

— Nunca se casou? Filhos?

— Não, meu caro. Essa não é a minha área.

A sala fica cheia de fumaça de cigarro, quase asfixiante. Johan contém a vontade de tossir, antes de perguntar:

— Você alguma vez teve qualquer sensação de culpa pelo acidente?

Jonas Karlsson, primeiro, se espanta com a pergunta, mas se recupera e responde:

— Às vezes.

— E os pais deles? Eles ficaram zangados com você?

— Acho que todos aceitaram que foi um acidente. E que acidentes acontecem. Não sei. Os pais de Andreas, acho que seguiram em frente, sem maiores problemas. Tive essa sensação no funeral.

— Jerry também esteve no enterro? — pergunta Johan.

— Não.

— Fredrik Fågelsjö?

— Não. Você está brincando comigo?

— E os pais de Jasmin?

— Ela tem uma vida vegetativa — confessa Jonas. — Ouvi dizer que o pai teve dificuldade em aceitar o que aconteceu. Ele e a mulher acabaram se separando.

Johan permanece em silêncio, olha pela janela, pensa naquele pai que perdeu a sua filha na noite de Ano-Novo. Johan imagina ver a sua própria filha correndo entre as casas da rua, em Linghem.

Usando um esvoaçante vestido branco.

Imagina Jasmin também. Uma filha cuja alma desaparece uma noite, em um campo de neve. Uma filha que não para de respirar, mas está condenada a passar dezenas de anos de sofrimento. Quais são as forças que uma situação como essa pode gerar?

Zeke Martinsson esconde o rosto com as mãos, tenta se isolar de todo o barulho do departamento de polícia de Linköping. Os murmúrios e os toques que enchem o espaço dominado pelas muitas mesas deixam-no louco na hora de pensar.

Malin em Tenerife.

“Já deve ter chegado lá. Vai encontrar-se com seus pais? Só Deus sabe.”

Zeke falou pelo telefone com Axel Fågelsjö e sua filha Katarina a respeito do acidente. Sven Sjöman falou antes com Fredrik Fågelsjö, na presença de um advogado. Todos os membros da família Fågelsjö disseram que mal se lembram dessa festa de virada de ano em que o acidente ocorreu, que já a esqueceram e que nenhum deles se lembrava de que Jerry Petersson fora um dos que

se salvaram do acidente, nem quando ele apareceu para comprar o castelo, nem quando foi assassinado.

— As pessoas dentro do carro — tal como Axel Fågelsjö se expressou por telefone — viviam longe do grupo principal que comparecia às festas. As minhas crianças convidavam essas garotas e garotos para encher o salão. Eram, por assim dizer, figurantes.

Claro que eles se lembram. Claro que se lembram que Jerry Petersson estava no carro.

Katarina Fågelsjö chegou a afirmar:

— Não me lembro de nada dessa festa, não tenho lembrança nenhuma, é uma passagem totalmente em branco.

"Por que as peças não se encaixam?", pergunta-se Zeke. Sente que existe algum significado nessa falta de memória. Mas qual?

É de mais.

É de menos.

Skogså. Sempre esse castelo, suas antigas propriedades.

Um carro desliza na neve da estrada, na noite de Ano-Novo, e dois jovens pagam caro pelo acidente. Um dos que estavam no carro e sobreviveram é encontrado morto, muitos anos mais tarde, no fosso do castelo que passara a ser seu.

Uma passagem totalmente em branco.

"Mentira", pensa Zeke. "Nada faz mais as pessoas se lembrarem das coisas e dos acontecimentos do que a morte."

34

Jonas Karlsson, Ano-Novo, 1984

Eu me arrasto pela neve em sua direção, acho que ela está morta, não se mexe. Vou acordá-la, é o que vou fazer, vou soprar ar nos seus pulmões e fazer com que volte à vida. O sangue escorre pelos seus ouvidos. O mundo inteiro, todos os clamores da noite de *réveillon* ressoam nos meus ouvidos. Eu não escuto nada, mas vejo. Os faróis do carro ainda piscam, a luz que falha faz com que os movimentos de Jerry pareçam feitos em câmera lenta. Ele grita numa cena em preto e branco. Está muito frio. E, depois, silêncio. Um silêncio no escuro que, eu sei, me seguirá pelo resto da minha vida.

Jasmin, esse é mesmo o seu nome, não é?

Andreas? Onde é que ele está? Jerry está ao meu lado, enquanto eu me arrasto pela neve. Ele grita alguma coisa para mim, mas eu não consigo entender nada. Quero escutar, mostrar que sou digno de ser seu amigo. Nada me interessa mais do que ser seu amigo.

Conservo sua cabeça nos meus braços, Jasmin. A neve em sua volta está manchada de uma cor castanha, de sangue congelado. E por que a noite não tem nenhum som, não tem cor? Nem mesmo o sangue aguenta ficar vermelho.

O que Jerry está gritando? O que ele grita?

Quer alguma coisa. Eu me lembro, agora, como as palavras se cruzavam dentro do carro. Vá mais devagar, desacelere. E, depois, o mundo às voltas, às voltas, às voltas, a despedaçar-se em mil sons diferentes, até que os gritos terminaram e eu fiquei suspenso, de pernas para o ar, em silêncio, olhando para o volante, para Jerry que se desembaraçava de um arbusto. E, logo a seguir, caí no chão e comecei a me arrastar.

Achei que tinha alguma coisa em cima do corpo de Andreas.

Uma figura com as cores invisíveis do pavor.

E Jasmin nos meus braços. Ela respira. Como é que eu sei? Jerry ao meu lado, está gritando. Ela respira, ela respira, lenta e suavemente. As palavras dele soam frias. Ele grita, olha para mim com os olhos bem azuis e penetrantes. Ele quer alguma coisa de mim. Ele quer, realmente, alguma coisa. Grita.

De uma maneira que eu não vou querer rever na minha vida.

Eu posso flutuar de volta, agora, para o mesmo prado. Lá está tranquilo, no escuro, na chuva e na neblina. O frio cortante também deixa as ratazanas confusas e desesperadas.

Não penso em contar para ninguém o que aconteceu naquela noite e na madrugada que se seguiu. Nem a respeito de amor e de decisão, da morte e da neve branca. Nem a respeito dos fios de sangue que saíam dos ouvidos surdos da garota, nem do sangue que escorria por baixo da sua cabeça como se fosse uma almofada macia feita do veludo mais caro do mundo.

Eu estava zangado.

Desapontado, mas firmemente decidido a ir em frente, com o tipo de vida que me parecia merecido. Eu me tornaria a pessoa mais negligente entre os negligentes.

Estou flutuando mais alto agora.

Vejo Skogså do alto. Vejo a pequena casa de Linnea Sjöstedt. Ela está sentada lá dentro, à espera da morte que não vai visitá-la tão cedo.

A neve desce pelo ar em flocos perfeitos, pouco maiores do que grãos de poeira.

Usei e ainda uso os meus olhos azuis.

Continuo em pé, no meio de um campo de apenas alguns metros quadrados do enorme mundo infinito que é meu, da área espacial que agora é minha.

Há um garoto que deixa de ser garoto, ao mesmo tempo em que a neve e a chuva descem e descansam na terra.

Quem eu era quando estava em pé na escada, diante da escola, meses antes, deixando que os raios solares de um verão tardio acariciassem o meu rosto?

35

Linköping, 1984 em diante

O garoto, que ele ainda é, está em pé, na escada que leva à Escola Katedral, sob o sol do final do verão, a uma temperatura que fazia lembrar as mãos frias da sua mãe.

O garoto não fuma, ao contrário de muitos outros alunos da escola secundária de maior prestígio em Linköping. Mas não deixa o seu lugar na escada, mantém sua pose, vê seus seguidores à sua volta; todos os dias, aprende como manipulá-los a fim de levá-los para onde quer. Acha que não há mal nenhum nisso, visto que eles, os outros, não sabem o que querem.

Então, chegam os rapazes e as meninas das grandes fazendas, das grandes propriedades e dos castelos que existem por toda a parte na província de Östergötland. E não importa, nem um pouco, aquilo que ele diz ou faz, ou ainda a maneira como eles o admiram. Essas pessoas tratam-no como se fosse o ar que respiram. Podem falar com ele ou a respeito dele, mas existe sempre uma diferença, um distanciamento, entre o que dizem e o que fazem. Deixam que ele exista. E não exista, também.

Ele deseja ter a força para se livrar deles, não depender dos seus favores, mas não consegue se conter. Tenta sempre ser divertido na

escada, nas aulas, no refeitório, se bem que isso não o levará a lugar algum.

Existem grupos fechados dentro da escola.

Dos garotos dos castelos e dos proprietários de terras, dos filhos de médicos com linhagem, mas não dos filhos do bairro de Berga, de mãe falecida com reumatismo e de pai insignificante que frequenta o programa de reabilitação da comunidade.

Ele, que é o mais bonito e o mais inteligente de todos, devia estar inscrito em alguma das academias científicas, de ciências naturais ou de literatura, reduto para poetas expansivos e falantes. Afinal, essas academias servem para dar prestígio e *status* aos seus escolhidos.

“Quero que eles se lixem!”

E as festas. As que são organizadas por eles e para as quais, com certa frequência, todos são convidados. Todos, menos ele. Visto que o seu brilho é para eles uma ameaça, enche-os de medo.

Mas o garoto, Jerry, vê apenas uma porta fechada.

Uma porta que deve ser aberta. A qualquer preço.

E se os outros rapazes, com todos os seus nomes estranhos, moradias especiais e carros luxuosos, são ridículos, as garotas, por seu lado, são completamente diferentes: as filhas dos castelos e das grandes terras exibem o corpo esbelto e finos cabelos louros que servem de moldura para pequenos rostos e lábios delicados.

Há algo de maravilhoso e de irresistível na maneira como elas se movimentam. Como gostam de se movimentar na direção dele, do garoto, como quase todas as garotas fazem. Mas enquanto as outras se deixam enternecer pelos seus olhos azuis, as boas garotas afastam-se, no último instante. As boas garotas sabem quem é o garoto, de onde ele vem, que ele é digno de ser visto e

admirado, mas é mais um divertimento do que uma pessoa a ser considerada como um caso sério.

Há uma garota, a mais bonita das boas garotas, que consegue vê-lo muito além daquilo que ele é, que consegue imaginá-lo como um garoto formidável, que consegue imaginar o homem que ele vai ser e a vida que vai poder lhe oferecer.

Ela ousa.

E uma noite, depois de uma disputa anual entre classes seguida de festa, os dois descem para a lagoa Stångån, que contorna a cidade de Linköping. Se deitam juntos em cima de um colchão, em uma pequena casa abandonada. Ela está nua. Seu corpo branco estende-se debaixo do corpo dele. E é, então, que ela sente a penetração carnal e rija que ele tem para lhe oferecer. Ambos sabem que nunca mais vão esquecer aquele momento, a sensação vivida que existe no amor instintivo, em que os seus inconscientes se libertam de todas as dúvidas, e o desejo vai ao encontro da satisfação, passando pelo calor, a dor, e a explosão, antes de entrar em um espaço livre de todos os medos.

Depois, uma noite de Ano-Novo.

Os flocos brancos que caem de um céu escuro, o sangue vermelho em campo de neve.

E um garoto gritando as palavras que o promovem a homem.

36

O mar cintila em várias nuances de azul que Malin nunca viu antes e o sol, nesse dia, parecia ter uma missão: abater todas as fronteiras entre os vários elementos de aquecimento global. Malin sente que o vestido está colado na parte de baixo das costas. E que o vento quente envolve o corpo num abraço suave, sem maiores exigências.

Ela vê o esplendor à sua volta.

O terraço com a piscina foi construído na ponta cem metros mais elevada de um rochedo, com vista para uma praia de areias negras.

A piscina.

As paredes de azulejos negros. Uma atração. Malin acha que seria o maior prazer cair na água, dar um mergulho, nadar um pouco. Olha e vê um homem na água, a nadar para a frente e para trás, piscina atrás de piscina, sem se importar pelo fato de que tem uma visitante à sua espera.

O terraço deve ter uns 400 metros quadrados. Malin Fors e o inspetor Jorge Gómez, que usa um terno de linho bege, naturalmente enrugado, estão sentados debaixo de um guarda-sol, junto de uma mesa de teca, em um dos cantos do terraço. No outro lado da piscina, diante da enorme casa branca com a forma de um cubo, descansam duas lindas louras, de peitos proeminentes, que

tomam banho de sol, cada uma em sua cadeira, enquanto veem o celular ou endireitam os óculos de sol, enormes. Veem-se ainda três gorilas de calças jeans vigiando a propriedade, a partir do que deve ser a sala de estar, com as portas de vidro abertas para o terraço.

“Um castelo moderno”, pensa Malin. “Construído isolado, mas apenas a uns dez quilômetros da Playa de las Américas.

“Um sonho modernista.

“Paredes brancas ornamentadas com aço e com aquecimento solar. É com uma coisa assim que a senhora sonhou, não é, mamãe?”

O homem continua a nadar. As pequenas ondas se espalham e se desfazem contra as paredes negras da piscina. Um dos guardas levantou-se, faz um sinal em direção a eles, e Gómez acena de volta.

Foi Gómez que levou Malin à casa de Jochen Goldman. Não trocaram muitas palavras durante o trajeto. Apenas ficou claro que os dois conheciam o passado duvidoso de Goldman, mas que existiam mafiosos ainda muito piores na ilha, daqueles que estavam já condenados por assassinato e não tinham apenas má fama. No caso de Goldman, as autoridades locais deixaram-no em paz, visto que não havia ordem de prisão contra ele.

— Ele não é o tipo de pessoa que a imprensa fica fazendo barulho à sua volta — disse Gómez, com seu inglês enrolado. — Barulho é o que fazem os russos. A eles, nós temos de controlar com rédea curta.

— Você acha que ele vai nos deixar entrar?

— Se estiver em casa, com certeza.

Dez minutos mais tarde, estão diante das grades do portão de acesso, com o carro Seat em marcha lenta. Por um interfone, uma

voz dá uma ordem: “Prossigam em direção à casa, e lá serão recebidos por uma pessoa que lhes indicará o caminho”.

São recebidos por uma jovem de uniforme, que os leva ao terraço. Antes de desaparecer, ela diz:

— Mister Goldman virá atendê-los daqui a pouco.

Braçadas de *crawl*.

A água.

Goldman na piscina.

Um braço diante do outro. Malin aprecia os músculos dos braços trabalhando. Sente vontade de cair na piscina novamente, de ver o próprio corpo lutando contra a água, penetrando por baixo da massa aquática, agradável, macia, sempre resistente.

O corpo musculoso, mas já com bastante gordura, ainda demonstra agilidade ao sair da piscina. O bronzeado Jochen Goldman recebe uma toalha estendida por um dos gorilas e avança depois, com um sorriso nos lábios e com os cabelos tingidos de louro, em direção aos dois visitantes.

Apresentou-se com a toalha na nuca, um relógio enorme no pulso e um cordão de ouro, bem pesado, ao pescoço. Os dentes pálidos, artificialmente brancos para um homem de 45 anos, que, com toda a certeza, não passou uma vida das mais tranquilas. Um assassino? Um homem que se livra de pessoas para ter o que deseja? Impossível saber.

Malin não sente nenhum medo diante dele. Sente outra coisa.

Jochen Goldman para à distância de dez metros dos policiais. Infla a barriga, enxuga os cabelos com a mão direita, antes de colocar a toalha em volta da cintura.

Depois, estende a mão para Malin.

Ela a aperta e sente tanta firmeza quanto o sorriso dele parece indigno de confiança. Malin nota também que ele deve ter feito várias operações plásticas durante os anos de exílio. Tem apenas umas poucas rugas em volta dos olhos, e seu nariz está mais pontiagudo do que nas antigas fotografias da imprensa. Jochen Goldman senta-se ao sol, numa cadeira que já estava ao lado deles. Outro gorila vem entregar-lhe os óculos de sol, com diamantes incrustados na armação.

Malin sorri e comenta:

— Bonitos óculos.

Em seguida, apresenta-se:

— Malin Fors, detetive da polícia de Linköping. Já nos falamos por telefone. Este aqui é o meu colega espanhol, Jorge Gómez. — Gómez acena com a cabeça para Goldman, que retribui a saudação.

— Se não se importa, gostaria que tirasse os óculos de sol, de maneira que eu possa ver seus olhos enquanto falamos.

— Os óculos são de Tom Ford, que tem bom gosto — diz Jochen Goldman, ao retirar os óculos. — Foi você que me telefonou a respeito de Jerry, não foi?

"Claro que ele já sabe que fui eu", pensa Malin. Jochen Goldman sorri, divertindo-se.

— E agora veio aqui só para falar comigo. — Malin reconhece que nada no mundo vai fazer com que Jochen Goldman conte para ela qualquer coisa a mais do que já decidiu fazer. Portanto, era melhor entrar diretamente no assunto.

— Temos razões para acreditar que você sabia que foi Jerry Petersson que o denunciou enquanto você vivia no exílio.

Um novo sorriso, e os seus olhos castanhos brilham ao responder:

— É claro que sim. Eu soube. Soube por uma fonte na Interpol. E consegui escapar mais uma vez.

— Você quis se vingar?

— Não, afinal, eu me salvei a tempo. E por que deveria fazê-lo agora, vários anos depois? Eu nunca confiei totalmente em Jerry. Ele nunca foi o tipo de pessoa que inspire total confiança. Em uma situação como a minha, sempre era melhor me resguardar.

— Mas você me disse que eram amigos.

— Éramos. Apesar de tudo, ele me inspirava mais confiança do que a maioria dos outros.

Malin faz um aceno de compreensão.

Ela vê as gotas de água secar na pele de Jochen Goldman, enquanto ele permanecia estendido na cadeira, de pernas abertas, aproveitando os benefícios daquele dia como se fosse o último de sua vida.

— Ele queria apenas vender os livros — disse ele depois. — Sua ganância era comovente. Tinha acabado, justamente, de ganhar centenas de milhões naquele negócio com a empresa de informática, mas, mesmo assim, não pôde evitar tentar melhorar o faturamento com o livro.

Ao fundo, no mar, passava no horizonte um daqueles grandes barcos de cruzeiro.

As rainhas de peitos grandes já tinham desaparecido do terraço.

Restavam apenas os olhos atentos dos gorilas, de dentro da casa.

— Você vive bem aqui.

— Trabalho duro, mas gostaria de ter uma mulher vivendo comigo.

— Você já tem várias.

— Nenhuma como você.

Malin sorri, conhece o olhar de Jochen Goldman. Chega a pensar se deve arrumar o vestido que o vento levantou, mas resolve deixar como estava. Não é seu hábito reagir, nem apelar para essas coisas. Mas deixa o vestido como estava. Por que quis ou para confundir Jochen Goldman?

"Não quero me preocupar com a resposta", pensa Malin, observando a sua pele ao sol.

Gómez procura o celular, que toca ao receber uma mensagem SMS.

— Portanto, você afirma que não ficou zangado com Petersson, não é?

— Não, mesmo. Se não se espera lealdade total, também não se fica desapontado pela traição. Não acha?

— Não sei, não — diz Malin. E, ao mesmo tempo, revê a figura de Janne no hall da casa, da primeira vez em que ele resolveu partir para a Bósnia. Na noite anterior à partida, ela ainda tentou desesperadamente que Janne parasse de fazer a mochila de tecido camuflado.

— Mas é assim mesmo.

— Você continuou a fazer negócios com ele?

— Oh, sim, claro.

— Apesar de saber que ele não era de confiança?

— Ele não sabia que eu sabia. E uma coisa você deve ter em mente, Malin: às vezes, Jerry Petersson era, justamente, o tipo de pessoa que se quer ter ao lado.

— Por quê?

— Ele tinha qualidades excepcionais. Uma falta de consideração, às vezes, muito útil.

— O que quer dizer com falta de consideração?

Jochen Goldman levanta as sobrancelhas, mostra que não está disposto a responder. Então, Malin pergunta:

— Como é que vocês se conheceram?

— Uma vez, entrei em dificuldade. O meu então advogado estava de férias. Eu gostei logo do Jerry. E quando abriu o seu próprio escritório, resolvi ser seu cliente.

— Você sabe por que ele abriu o próprio escritório?

— Ele metia medo aos outros.

— Metia medo?

— Sim, ele era muito mais esperto do que os outros, de modo que tentaram tirá-lo da empresa.

Malin sorri. Jochen Goldman esfrega a barriga, abre as narinas da mesma maneira que Tony Soprano.****

— Há mais alguma coisa que você acha que eu deva saber com relação aos negócios entre vocês dois? A respeito de Jerry?

— Não. Alguma coisa você vai ter de procurar saber por conta própria.

Jochen Goldman sorri, novamente.

— Portanto, você nem sequer tentou se vingar mais tarde, mandando uma bomba para ele?

Jochen Goldman sorri para Malin como se ela própria fosse uma bomba a mandar. Ou a receber, mas como uma bomba bem-vinda, desejável.

Ele coloca de novo os óculos e vira a cabeça de modo que os reflexos dos raios solares nas pedras preciosas batessem nos olhos de Malin, obrigando-a a fechar um pouco as pálpebras.

— Não me aborreça, Malin. Você pode fazer muito melhor do que isso. Se eu tivesse me vingado, eu não iria lhe contar isso agora.

Malin vira o rosto para o mar.

Pensa em Tove.

Imagina o que ela pode estar fazendo no momento.

Pensa na mãe.

No pai.

Pensa como ele deve estar ansioso com a visita da filha, à noite.

— Vamos dar um passeio — diz Jochen Goldman. — Deixe que eu lhe mostre a área.

Malin segue Jochen Goldman por uma escada que desce em curvas até o mar.

Ele está apenas de sunga, e o seu corpo bronzeado resplandece ao sol enquanto fala do arquiteto espanhol que desenhou o imóvel. E que ele também investiu na construção de uma casa para Pedro Almodóvar, nas montanhas, perto de Madri.

Malin não fala nada.

Deixa Jochen Goldman falar. Acha que não estão mais à vista dos gorilas e que Gómez, certamente, continua no terraço, conversando pelo seu celular.

Goldman pergunta-lhe se leu os seus livros e ela respondeu que não. Malin se dá conta de que já devia ter feito isso.

— Você não perdeu nada — acrescenta ele.

Ele salta para a areia escura e corre rápido para a beira do mar. A areia está escaldante. Malin senta-se no último degrau da escada, tira os sapatos de pano e também corre para o mar.

— Você pode tirar a roupa e tomar banho de mar. Posso mandar buscar um biquíni. Não imagina como é agradável, depois, ficar deitada nesta areia e sentir o sal cristalizando ao redor do corpo.

— Posso imaginar, sim — diz Malin. Embora ache que não deve. O que ela queria mesmo era mergulhar no mar e se deitar na areia,

com Jochen Goldman ao seu lado. E olhar para ele, ver de perto como é a força mal orientada de um ser excepcional.

Jochen Goldman atira uma pedra na água que pula várias vezes, para aqui e para lá, antes de afundar.

— Durante dez anos — diz ele — Eu me senti exatamente como essa pedra.

— Castigo autoadministrado — diz Malin. — E, por isso, recebeu uma boa recompensa.

— Você é dura comigo — comenta Goldman.

— Sou realista — responde Malin. — Aliás, Jerry Petersson mencionou alguma vez um acidente de carro que ele sofreu?

As águas frescas do mar se infiltram entre os dedos dos pés. São as pequenas ondas que chegam, a borbulhar, à praia.

— Nesse acidente, que ocorreu quando ele ainda estava no final da adolescência, morreu uma pessoa.

Jochen Goldman para no meio da caminhada.

Olha para ela, mas Malin não consegue ver os seus olhos por trás dos óculos escuros. Sente que Goldman pensa dizer agora aquilo que motivou a sua descida até o mar, aquilo que pretendia dizer, aquilo que ela, inconscientemente, sabia que ia ouvir da boca de Goldman. Se ela o tratasse bem, como uma pessoa comum.

— Ele se vangloriou uma vez a respeito desse acidente. Foi em Punta del Este, durante uma festa de Ano-Novo. Ele conduzia o carro, estava bêbado, mas conseguiu convencer alguém, que estava sóbrio, a dizer que era quem estava no volante. Jerry sentia-se muitíssimo esperto por isso.

**** Anthony John “Tony” Soprano é um personagem fictício, protagonista da série da televisão norte-americana *A família Soprano*. [N. T.]

37

Você fala demais, Jochen.

Isso que disse a ela sobre o acidente, não me lembro de nenhum Ano-Novo em Punta del Este. Ou será que me lembro?

Estou vendo você agora no terraço, nessa nova casa que parece um castelo com vista para o mar.

É claro que eu queria denunciá-lo.

Era como se fosse um filme de caubóis, com John Wayne em fuga, no exílio, como você, perseguido pelos apaches nas montanhas entre o Texas e o México.

Estou flutuando por cima de você, Jochen. Mas vou embora, vou deixá-lo com a sua intranquilidade, da qual ainda não conseguiu fugir.

Dê mais algumas braçadas nas águas cintilantes aí do seu "fosso".

Você tem de saber uma coisa: no lugar onde estou agora, não existe nenhuma intranquilidade, apenas curiosidade e medo e milhares de outras sensações, das quais nem sei o nome. Não preciso manter os outros a distância, não preciso mais de nenhum fosso.

Finalmente, estou livre de angústias e de vergonhas.

Mas, e você, Malin?

Malin volta para o quarto do hotel.

Está quente, o ar-condicionado liga automaticamente quando ela entra no quarto. O cheiro a mofo está mais forte. Malin tira toda a roupa e fica deitada na cama, desejando um hotel com piscina. Gostaria de sentir a água fria acariciando seu corpo.

Em vez disso, olha as manchas de umidade no teto enquanto espera Zeke atender ao celular.

São quatro horas, ele deveria atender.

E, finalmente, lá está a voz rouca dele.

— Malin. O que está fazendo? Como está?

— Estou deitada no quarto mais chinfrim em que já dormi na minha vida.

— Como é que está o tempo?

— Muito sol. Calor.

— Encontrou com Goldman?

— Sim.

— E daí?

Do bar ao lado, ouve-se, de repente, uns gritos desesperados e logo em seguida o som da música sobe a um nível insuportável.

— Uma discoteca?

— Um bar de prostitutas — diz Malin.

— Exótico — comenta Zeke.

— Eu queria falar apenas que Goldman afirma que Jerry Petersson conduzia o carro no acidente da noite de Ano-Novo, e não esse tal de Jonas Karlsson. Segundo Goldman, Petersson estava muito bêbado, mas convenceu o sóbrio Karlsson a dizer que era ele quem guiava o carro. Assim conseguiu salvar a sua pele.

Seguiu-se um longo silêncio ao telefone.

— Essa é boa — diz Zeke, depois. — Acredita no que Goldman disse? Ou será que ele está brincando conosco?

— Difícil ter certeza, mas podemos pressionar Jonas Karlsson.

Novos gritos das prostitutas.

— Já falaram com ele?

— Sim. Jakobsson e Ekenberg já fizeram isso. Mas podem ouvi-lo novamente.

— E a família Fågelsjö?

— Eles afirmam que mal se lembram do acidente.

— Claro que se lembram — diz Malin. — Pode ter certeza.

Zeke fica em silêncio por alguns instantes. Malin pensa no convite que acaba de receber de Gómez para beber uma cerveja, mas que ela havia recusado, embora todo o corpo gritasse por uma bem gelada ou até por algo mais forte.

Ela conseguiu manter-se firme.

Zeke volta a falar:

— Waldemar e Johan vão ter de ouvir Jonas Karlsson novamente por causa dessas novas informações. Também será preciso ouvir os parentes dos que estavam no carro. Existe aí uma possibilidade. Jonas Karlsson pode ter pressionado Jerry Petersson por dinheiro. Algum dos parentes, talvez, ficou sabendo da verdade, e, então, tudo pode ter acontecido, revivido. Quarenta facadas no abdome, porra.

— Veja o que os Fågelsjö têm a dizer sobre o caso — diz Malin.

— Certo — confirma Zeke. — Quem sabe o que poderá ter acontecido e aonde essa história poderá nos levar. — E mudando de assunto: — Já telefonou para casa, para Tove?

“Não se meta nisso”, pensa Malin. “Ainda não telefonei para Tove, pois ela está na escola. Está bem?”

— Não se meta nisso — diz Malin, e logo que nota o exagero de sua fala, acrescenta: — Desculpe!

— Tranquilo, Malin — diz Zeke. — Mas tem de compreender que este caso não é mais importante do que sua filha.

“Cale a boca, Zeke.”

— Estão batendo à porta — diz Malin. — É a mulher da limpeza, com certeza. Vou ter de desligar.

Zeke desliga.

Ninguém havia batido na porta. Ela queria apenas terminar a conversa.

“Jerry Petersson”, pensa Malin. “Jerry Petersson. Se era você quem guiava naquela noite, então colocou o acontecido em uma pequena caixa forte e jogou a chave longe, não é? Só voltou a falar sobre isso durante uma rixa com Jochen.

“Nunca falo dos meus segredos”, pensa Malin, “mas, na verdade, nem sei quais são. E você, Jochen, não quer saber quais são os seus verdadeiros segredos, não é? Quer acreditar que tudo pode ser controlado, que é possível dirigir o mundo para onde você deseja.”

Malin fecha os olhos.

Sente a inquietação dominar o corpo.

“Estou cansada de me sentir triste”, pensa ela. “Zangada e com medo. Por que o meu olhar é o mesmo que o de Katarina Fågelsjö?”

Em breve, a mãe e o pai.

Os tacos de golfe a balançar em direção ao céu. A pior não ocupação de todas.

“Este caso”, pensa Malin, “traz de volta os meus problemas mais íntimos.”

Malin acaba adormecendo. Está deitada, indefesa, com os braços sobre a cabeça, como se fosse uma criança que, instintivamente, soubesse que a mãe jamais desaparece e a deixa sozinha.

Sonha com um homem de terno, sentado numa cadeira de *design* futurista, atrás de uma mesa de mogno, numa sala com grandes janelas que dá para uma rua bem movimentada. O homem está com um terno cinza e não tem rosto.

Ele fala. Ela quer interrompê-lo, mas não sabe como.

“Você está deitada na cama, quieta”, diz o homem, “nesse seu quarto, sem qualquer encanto. No fundo, bem que você gostaria de ficar deitada toda a noite, mas sabe que precisa acordar, sair e, em breve, vai entrar no banheiro, tomar uma ducha, tentando tirar de cima de si todos os sentimentos, antes de ter de enfrentá-los de novo.

“Você veio ao sul da Europa, a esta ilha toda reconstruída das mais variadas maneiras, a fim de descobrir o meu segredo, de como eu recebi todas aquelas facadas no corpo. E, por isso, eu fico agradecido.

“No entanto, mais do que o meu segredo”, diz o homem, “você está interessada em decifrar os segredos que a atormentam. Acha que vai descobrir os seus segredos na casa dos seus pais, esta noite? Não espere demais, Malin. Não seria melhor voltar para casa, para a Suécia? Parar de beber e tomar conta de sua filha? Mas nem isso você consegue fazer. Tão fraca como está.

“É mais simples você se concentrar em mim”, acrescenta o homem. “Aqui, no meu caso, você poderá encontrar as verdades e, ao mesmo tempo, evita enfrentar seus problemas.

“Aceite uma bebida, Malin. Beba, Malin. Vai se sentir melhor.”

O homem desaparece do sonho e do quarto. Fica apenas a voz.

A voz que Malin escuta dentro de si e que sussurra:

“Beba, beba, beba.”

No seu sonho, ela quer saber de onde vem essa voz. Será que é apenas uma pequena oração do seu próprio corpo, no esforço pela tranquilidade, na tentativa de se livrar da tristeza, da saudade e do medo?

Ela acorda e a voz desaparece, mas a sensação de que a voz existiu ainda permanece no quarto.

Vai, então, para a ducha.

Quinze minutos mais tarde, está sentada ao balcão desgastado de um bar e vê sua imagem em um espelho em frente, de cantos delicadamente inclinados.

O copo de tequila está meio cheio e o da cerveja gelada já vem com gotas de umidade escorrendo do lado de fora.

Mamãe.

Papai.

“*Here I come!* Mas eu devia ter trazido Tove comigo para vocês poderem vê-la. A mais bonita filha entre todas as filhas do mundo.”

— Ele não está em casa de novo — diz Waldemar Ekenberg, depois que tocam a campainha da porta de Jonas Karlsson, pela terceira vez, no mesmo dia. — E, ao que parece, não tem celular.

— Onde é que ele pode estar? — indaga Jakobsson.

— Não faço ideia.

Johan olha para a porta do apartamento.

É uma porta de madeira espessa e fechada de uma forma como se alguém quisesse preservar os seus segredos. Duas horas antes, os dois tinham estado em frente daquela mesma porta, depois de Malin ter contado a novidade para Zeke. Nessa ocasião, Jonas

Karlsson também não estava em casa. Nem no trabalho, no hospital.

No departamento da polícia de Linköping, policiais procuraram os pais da garota e do rapaz acidentados no acidente de carro. Ambos os casais tinham se separado, mas ainda moravam na cidade.

“Chegou a noite. Nós não podemos incomodá-los a esta hora, tão tarde”, pensa Johan. “Mas amanhã, sem falta, vamos procurá-los.”

“Não é preciso ter tanta pressa”, continua a pensar. Vira-se e desce a escada, deixando para trás Waldemar e o apartamento de Jonas Karlsson.

38

A saudade a contragosto tem um endereço.

Calle Amerigo, 3.

As duas tequilas rápidas e a cerveja já tinham cumprido a missão.

As mãos de Malin pousam, tranquilas, sobre suas pernas nuas. Veste uma saia branca e curta e uma blusa rosa, bem engomada, apesar de ter ficado dentro da mala por algum tempo.

O relógio do táxi indica que são 19h35. As palavras do pai ao telefone:

— Chegue às 19h30. Com certeza, já teremos voltado do golfe.

O táxi sai pela Playa de las Américas e segue por uma avenida que acompanha a orla. Logo o trânsito flui melhor, os ruídos tornam-se menos intensos e são substituídos pela calmaria de uma área residencial. Não há mais aqueles hotéis construídos às pressas ao longo do mar, mas apenas prédios residenciais, construídos com a mesma rapidez, com varandas decoradas que indicam a classe dos moradores, todos eles aposentados.

A mãe.

Eles bem que procuraram um apartamento à beira-mar, mas era muito caro.

Em Los Cristianos, o táxi vira e sobe em direção à montanha, onde os prédios brancos contrastam com o fundo ocre dos terrenos.

“Não vejo meus pais há mais de três anos.

“Estaria com saudades deles?

“Às vezes... talvez ao escutar a voz do pai ao telefone e quando ele me pedia para vir visitá-los. Ou quando ele me pedia para regar as flores no apartamento de Linköping.

“A mãe.

“Em três anos, talvez tenhamos falado por telefone umas dez vezes, e sempre sobre como estava o tempo aqui e na Suécia.

“Se eu senti a falta de vocês na vida de Tove? Você, meu pai, sempre perguntava por ela, claro. Mas nunca se importaram, de fato, com a neta.

“Foi por isso que eu tive de me mudar com ela para Estocolmo e entrar para a escola da polícia, pois senti que vocês não iam estar dispostos a tomar conta dela, nem de mim.

“Se Tove sentiu a falta de vocês?”

Malin tenta telefonar para Tove, mas há algo de errado na linha.

É claro que Tove sempre sentiu a falta dos avós. Os pais de Janne haviam morrido há muito tempo, impregnados de nicotina.

Malin está meio tonta por causa da tequila. Sente como pode ser sincera consigo mesma dentro do táxi.

Os prédios aqui. Caixotes para guardar pessoas.

O que existe nesta ilha vulcânica, queimada, além de calor e de uma fuga de responsabilidades?

“Chegue às 19h30.”

Malin fecha os olhos.

“Com certeza, já teremos voltado do golfe.”

O elevador para no quarto andar. As portas metálicas abrem-se. Malin sente vontade de apertar novamente o botão, fechar as portas, descer e fugir do prédio, pegar outro táxi, seguir direto para o aeroporto e voar no primeiro avião de volta para a escuridão, a chuva e o frio.

Mas, enfim, sai do elevador e dirige-se para a porta do que deve ser o apartamento dos pais.

Era mais quente lá em casa do que aqui. As paredes são revestidas do que parece ser mármore branco e o chão completa a sensação de uma estranha frieza. É um frio que ela nunca sentira antes. De repente, recorda-se de uma situação. Tinha oito anos, estava diante da casa em Sturefors, fazia frio e chovia, e ela tinha esquecido a chave. Escutou que a mãe estava lá dentro. A mãe sabe que a filha está lá fora, nos degraus da entrada da casa. Sabe que está com frio, chora e quer entrar, mas a mãe não abre a porta. Está zangada porque Malin se esqueceu de levar a chave.

Malin está agora diante de outra porta.

A porta de Tenerife.

“Acho melhor voltar.

“Talvez não estejam em casa.”

Mas ouve as vozes conhecidas por trás da porta. As vozes que sempre começavam num tom normal, de conversa, mas logo em seguida os dois gritam um com o outro.

Malin está deitada na cama, no seu quarto de menina. Escuta os gritos vindos do outro lado da casa. As noites são frias. Podem ser noites de outono, de inverno, de primavera ou de verão. Sempre os mesmos gritos. Ela não entende o que dizem. Tem apenas oito ou nove anos. Não compreende nada. No entanto, sabe que a mãe e o

pai gritam sobre qualquer coisa que muda tudo para sempre, que muda a direção da vida, quer se queira ou não reconhecer.

Agora, diante dessa nova porta, as palavras e os gritos da mãe e do pai desaparecem da memória. Será que existiram essas palavras, esses gritos? Malin lembra-se apenas de ficar no escuro, de como era o silêncio, e que continuava deitada na cama à espera que a vida recomeçasse.

Ruídos.

Malin recua um pouco.

Não chega a ver a sombra no olho mágico. Logo o pai está na sua frente, bronzeado, jovial e feliz por vê-la. Seu rosto está mais redondo, mas ele parece fisicamente bem. Abraça-a forte, é um abraço longo. Sem palavras. Até que Malin diz:

— Papai, estou com dificuldade em respirar.

Só então ele a solta. Afasta-se para o lado e diz:

— Vamos entrar e ver sua mãe.

Malin entra no apartamento, revê os móveis e os tapetes que trouxeram de Linköping. Vê como combinam mal com os novos móveis espanhóis de estilo *hacienda*, certamente, comprados lá.

— Como está? — pergunta o pai, que a segue em direção à sala de estar.

— Bem, obrigada — responde ela, no momento em que olha para a varanda com vista para o Atlântico e vê a mãe de costas, uma silhueta estranha na contraluz amortecida pelo anoitecer. A mãe está sentada a uma mesa, de camiseta esportiva, cor-de-rosa, os cabelos ainda louros, curtos, pontas viradas para dentro, como um pajem. Malin fica curiosa em saber como está o rosto dela.

Cheio de rugas? Bem alerta, com expressão zangada? Ou apenas mais velha?

A mãe não se vira, e logo Malin chega perto dela, na varanda, e escuta a voz do pai:

— Ela está aqui! — Só então a mãe se vira e a vê. Malin acha que a aparência é a mesma que sempre foi. Talvez um pouco mais morena, mas com a costumeira expressão amarga que não desaparece, apesar do sorriso nos lábios.

A mãe levanta-se.

“Beija minhas faces, sem que os seus lábios toquem na minha pele.”

— Já bebeu, meu amor? Está cheirando a álcool. E, sem dúvida, parece um pouco inchada.

E sem esperar qualquer reação, acrescenta:

— Que bom que veio, meu amor. Muito bom. Já não era sem tempo. Nós compramos a melhor *paella* da ilha no caminho, ao voltar do campo de golfe de Abama. Você devia ver aquele campo! Que campo! Henry, traga um copo de vinho branco para sua filha, por favor! É isso aí! Por favor, sente-se! — E assim Malin se senta em frente à mãe, na varanda dos pais, em Tenerife, mas não sabe se deve olhar para ela, para dentro do apartamento, ou para o mar.

— O que realmente veio fazer aqui?

A mãe bebe o vinho, nervosa e freneticamente, e Malin toma grandes goles do copo que o pai acabou de encher. Pensa: “É assim a recepção a uma filha que vem visitar os pais, pela primeira vez, após três anos de separação? A única filha”. Depois de tomar um novo gole de vinho, acha que não existem regras definidas para aquela situação, que não existe um comportamento padrão. Malin gostaria que seu pai estivesse ao seu lado naquele momento, mas ele deve estar na cozinha, preparando alguma coisa.

A mãe está a sua frente, e a pergunta baila no ar.

— É um caso que estou investigando — responde Malin. — Ele me trouxe até aqui.

Qualquer outra pessoa teria continuado a perguntar a respeito do caso, querendo saber do que se tratava, qual teria sido o real motivo para um detetive de Linköping voar cinco horas e meia até Tenerife.

No entanto, a mãe prefere voltar a falar do campo de golfe.

— Veja, ele está situado em Abama, o hotel mais luxuoso de toda a ilha. É caríssimo jogar lá, quando se consegue horário. É que houve um sorteio no Clube Sueco e, sabe, nós ganhamos. Devia ver o primeiro buraco do campo, uma beleza. Nós jogamos com o Sven e a Maggan...

Malin finge ouvir.

Acena com a cabeça.

Em vez de ouvir a mãe, imagina que está lhe contando tudo a respeito de Tove, de como ela está, de como está ficando alta. Conta ainda a respeito de Janne, de que eles se separaram novamente e que isso a deixou desesperada e que, às vezes, ela nem sabe o que deve fazer...

— O campo, ao mesmo tempo, é muito difícil. Um pequeno deslize no momento de bater e a bola vai parar no mar. O golfista recebe três tacadas de penalidade, o que prejudica o resultado final da rodada...

Malin gostaria de contar o que ela está sentindo, que só sabe estragar tudo. E, depois, quer beber. Bebe muito. Demais. Bebe como uma porca, e ela reconhece para si mesma, mas apenas para si mesma, que é uma alcoólatra. Jamais assumir que é, seja para quem for. Enfim, o pai volta à sala, e ela faz um aceno de felicidade. Ele coloca mais vinho no seu copo e, depois, coloca pratos na mesa e apresenta a *paella* comprada e servida em uma travessa de

alumínio, na qual se destacam três lagostins, enormes, por cima do arroz amarelado com açafrão.

Anoiteceu.

Malin escuta a música longínqua dos bares à beira da praia, mas é interrompida pela voz do pai pedindo para ela se servir:

— Por favor, Malin.

Ela se inclina para a frente, com rapidez, e derruba seu copo de vinho.

Droga.

— Opa — diz o pai. — Deixe que eu limpo.

— A mesma atrapalhada de sempre — diz a mãe.

Malin sente vontade de se levantar e ir embora, mas fecha os olhos e fica sentada.

Malin escuta a sua mãe falando ao telefone com alguma amiga na sala de estar.

O pai, de rosto tranquilo, a sua frente, parece até feliz por a mãe ter se levantado da mesa.

A *paella* já se foi. Não sobrou nada.

“Boa”, pensa Malin, “apesar de tudo.”

A mãe continuava a falar de golfe, dos cabeleireiros, da comida que está ficando cara, de que o apartamento talvez não fosse assim tão grande, mas que, apesar disso, o seu valor aumentou muito, das aulas de ioga que haviam começado, de tudo isso e mais alguma coisa, até que o telefone tocou e ela se levantou para atender na sala.

O pai pergunta:

— Como está Tove?

O vinho já tomou conta de Malin:

— Ela está ficando grande.

— Grande como você sempre foi.

“Você está sorrindo para mim, papai.”

— E Janne?

“Ele já deve saber que nós nos separamos novamente”, pensa.

— Está tudo bem. Não deu certo. Não vale a pena tentar de novo.

Justo no momento em que o pai iria fazer algum comentário, a mãe volta e, da porta, anuncia:

— Eram Harry e Evy. Eles vão vir aqui. Querem se encontrar com a nossa detetive.

“Não”, pensa Malin. “Não.”

O pai olha para ela e diz:

— Olha, Malin, por favor, me ajude a limpar a mesa e, depois, podemos fazer um passeio até a sorveteria. Tenho de comprar alguma coisa para os convidados que chegam.

— Façam isso — diz a mãe. — Meus pés estão doendo. Acho que andamos uns 20 quilômetros hoje. Quantas mulheres com 67 anos conseguem fazer isso?

Malin esvazia o copo de vinho.

Bebe até a última gota, mas a mãe parece não notar sua sede.

39

Há chiados vindos da geladeira de bebidas e do ar-condicionado do pequeno supermercado local.

O proprietário cumprimentou o pai de Malin como se fosse um velho e querido amigo. Falou com ele em um espanhol muito fluente. Malin não entendeu nada do que disseram.

— Ramon — disse o pai —, bom jogo!

E agora, em sueco, para ela:

— O que acha? Baunilha ou chocolate? Você gosta de chocolate, não é?

— Eu gostaria de tomar uma cerveja aqui no bar, ao lado.

O pai pega uma caixa de sorvete de chocolate do *freezer*, antes de se virar para ela. A camisa azul dele tem manchas amarelas no peito. São manchas da *paella*. Ela nota, então, que os cabelos ficaram mais ralos do que da última vez que se viram.

— Podemos ir lá, se quiser, Malin. — Minutos depois estão os dois sentados no bar, em uma temperatura de 30 graus e debaixo de um ventilador de teto que só sabe gemer. Malin enxuga as gotas de suor do seu copo e acha que a sensação é a mesma, como se estivesse no Hamlet ou no Pull & Bear, em Linköping. As paredes do

bar estão cobertas com azulejos azuis, com uns desenhos de peixes presos na rede.

O pai bebe um gole enorme de cerveja e diz:

— Sua mãe é sempre a mesma.

— Já notei isso.

— Mas, por algum motivo, ela é mais fácil aqui.

— Como assim?

— O fingimento está menor.

Malin toma mais um gole, faz sinal de que entendeu o que o pai quis dizer e, em seguida, suspira fundo.

— Tem sido uma vida dura — diz ele.

— É verdade.

— Existe alguma coisa de que queira falar, minha menina?

“Se quero?

“O que poderíamos dizer um ao outro, meu pai? Falar dos peixes na chapa, metade deles de olhos fechados, como se tivessem vivido em um fosso escuro.” Ela gostaria de falar dos seus sonhos, do rapaz que aparece neles. Gostaria de saber quem é, do que se esconde no escuro desses sonhos.

— Eu tenho sonhado com um garoto — diz ela, por fim.

— Garoto?

— Sim.

— Um garoto pequeno?

— Sim.

O pai fica em silêncio. Bebe.

— A mãe viajou quando eu ainda era pequena, não foi?

— O sorvete está derretendo. É melhor voltarmos.

— Papai?!

— Há certas coisas de que é melhor não falar, Malin. Elas acontecem porque têm de acontecer. E é preciso aceitá-las como são. Você não deixa ninguém se intrometer na sua vida. Sempre foi assim.

— O que isso significa?

— Nada — diz ele. — Nada.

Malin bebe o resto da cerveja, quatro grandes goles, e se levanta depois de deixar uma nota de cinco euros em cima da mesa.

Ela e o pai caminham pela calçada, lado a lado. Os carros passam e as pessoas sussurram. Os murmúrios se misturam com o som de melodias desconhecidas.

— Vocês guardam um segredo, você e minha mãe, não é verdade? — pergunta Malin. — É alguma coisa que vocês não querem me contar, mas deviam.

O pai olha, parece que vai falar, abre a boca, mexe a língua e os lábios, mas não sai nada, nenhuma palavra, nenhum som.

— Conte, papai. Eu sei que existe alguma coisa que eu preciso saber.

Ele parece que vai dizer, enfim, alguma coisa, mas olha para cima, para seu apartamento. Malin pressente a figura da mãe lá em cima, na varanda.

— Um segredo. Existe um segredo, não é?

O pai acaba falando:

— Nós temos de subir antes que o sorvete derreta de uma vez. Nossos amigos já devem estar chegando.

Malin para no meio da calçada.

— Eu estou cansada, pai — diz ela. O pai também para e vira-se para ela, que acrescenta: — Não vou subir. Vou direto para o hotel.

— Tem de se despedir de sua mãe.

— Fale com ela, por favor.

Os dois ficam frente a frente, a uns cinco metros de distância. Ficam olhando um para o outro por, talvez, um minuto. Malin espera que ele venha até ela, para abraçá-la e tirar todas as dores e amarguras que a dominam.

O pai levanta a mão com a caixa do sorvete.

— Eu explico a ela.

Malin, em seguida, olha para o tecido das costas da camisa do pai. Azul-clara e suada. Nela, reflete-se a luz pálida que vem dos bares e das lojas, dos postes de iluminação da rua, das estrelas e da lua em quarto crescente.

“O que você está fazendo aqui?

“Costuma vir aqui, Jochen? É você que está sentado aí no balcão do bar, mostrando seu bronzeado?

“O que você está fazendo aqui?”

Os homens que estão no balcão do bar, em volta do palco, onde dançam as garotas nuas no meio de uma luz azul florescente, parecem perguntar. Ela para no bar das prostitutas ao lado do hotel. Está em casa.

Lésbica?

“Estou pouco me importando para o que vocês acham”, pensa Malin. “Pouco importando também para o fato de que uma dose de tequila, aqui, custa 30 euros. E para o fato das mulheres desaparecerem por trás das cortinas com os homens.

“São africanas.

“Mulheres dos Bálcãs.

“Russas.

“Muitas devem ter chegado aqui sob ameaças e por violência. Quantas vão terminar como a Maria Murvall?

“Mas agora elas dançam, seus corpos brilham por causa dos cremes e ficam a rodar, indiferentes, em volta das barras de ferro. Sorriem, mas os olhos permanecem frios, sem sentimentos.”

Malin vira a sua quarta tequila e, logo em seguida, o salão começa a flutuar à sua volta. As mulheres e os homens começam a perder os contornos e também a flutuar em uma única imagem aconchegante e calma de outra realidade.

“É aqui que eu posso me sentar”, pensa Malin.

“É aqui, no bar, o meu lugar.”

Levanta mais uma vez o dedo, faz um sinal para chamar o *barman*.

Ele enche novamente o copo, e ela coloca o dinheiro no balcão. Sabe que, enquanto pagar, ela vai ter sua bebida favorita. E se cair da cadeira, eles vão pô-la na rua, deitá-la de lado, no chão, para dormir e curtir a sua bebedeira até o fim.

“Mas eu vou continuar plantada e agarrada neste planeta”, pensa ela.

Depois, fecha os olhos.

O rosto de Tove. “O que ela está fazendo agora? Será que aquela selvagem está à beira da sua cama, querendo asfixiá-la? Será que as ratazanas afogadas no esgoto vão morder toda a pele do seu corpo adormecido? Eu vou chegar, Tove, vou tomar conta de você.”

O rosto de Janne. O de Daniel Högfeldt. Da mãe. E do pai.

“Saiam todos daí. Vão passear. Se ao menos me quisessem bem. Querem?

“Saiam daí.”

Maria Murvall. Muda e sem expressão, mas nítida. Como se tivesse decidido fugir do mundo para deixar de ver a escuridão.

Jerry Petersson. Ele tenta se mexer no fosso, subir para a margem, mas os fantasmas verdes seguram-no embaixo, além dos peixes, das serpentes, dos caranguejos, das lagostas, das enguias e dos lagostins negros e agressivos, todos querendo comer o corpo dele. E a sair da sua boca e dos buracos vazios dos seus olhos.

“O corpo de Jochen Goldman. Será que ele chega agora e me leva embora? Estarei no caminho dele? Será que vou ser transformada em alimento para tubarão?

“Não tenho objeções.”

A autoconfiança e a amargura da família Fågelsjö. Um carro que capota, como uma enorme bola de neve, em uma noite de Ano-Novo, gelada e trágica.

Automóveis negros.

Olhos que veem, mas se mantêm inconscientes. O mundo desaparece, torna-se macio, fácil de formatar, simples e passível de compreender. Um mundo do qual se poderá gostar.

“Beba, beba, beba”, ela ouve a voz dizer. “Beba. Assim se sentirá melhor. Ficará tudo bem.”

“Eu gosto dessa voz”, pensa Malin.

40

Quarta-feira, 29 de outubro

Você devia vê-los agora, Malin.

Como é que eles se chamam, os seus colegas? Waldemar? Johan?

Estão juntos, no frio intenso da manhã, diante do prédio onde Jonas Karlsson mora. Pedem para entrar. Dizem que precisam falar com ele. Que ele não lhes contou a verdade a respeito do que aconteceu naquela noite trágica de réveillon.

Vê, Malin, estou controlando tudo o que vocês fazem.

Foi uma manhã não tão boa para os seus colegas. O promotor de justiça mandou que Fredrik Fågelsjö fosse solto. O promotor recebeu uma representação do advogado Ehrenstierna que o convenceu de que Fredrik Fågelsjö não vai cometer outros crimes e de que ficará à disposição da justiça em liberdade. "Nós não podemos manter preso um membro proeminente da nossa comunidade local por uma semana inteira, por um crime relativamente pequeno."

Mas vocês, policiais, ainda o consideram suspeito.

Noite de Ano-Novo. Quando é que aquela neve vai parar de cair? Quando é que as lâminas do cortador de grama vão ficar em

silêncio?

Era eu quem conduzia o veículo?

O que eu fiz na festa de Ano-Novo de Fredrik Fågelsjö? Eu não quero me lembrar disso, mas foi uma dessas coisas que nós fazemos, Malin, quando queremos ou não alguma coisa, quando queremos demonstrar a nossa soberania, mas, ao mesmo tempo, precisamos também saber abdicar dela para conseguir alguma coisa.

Jonas, agora, está com medo.

Sinto isso quando me coloco a centímetros dele. Ele sabe que a hora está chegando.

Jonas estava a caminho do trabalho quando os policiais voltaram. Contou-lhes que estivera em Mantorp, para ver corridas de cavalos, durante todo o dia anterior.

Talvez tenha sido ele mesmo quem dirigia o veículo?

Jochen é capaz de jogar e brincar com quem ele quiser, apenas para se divertir. Sem as brincadeiras, a sua vida fica sem sentido.

O portão do prédio de Jonas Karlsson é fechado.

Waldemar segura Jonas pelo ombro no momento em que desaparecem dentro do edifício. Eu estou agora contigo, Malin, ao lado de seu rosto adormecido, 10.379 metros acima, na atmosfera.

Segredos, Malin. Quando pequena, você adorava segredos. Agora isso não sai de sua mente.

Há um avião a jato que avança pela atmosfera. Você dorme, um sono sem sonhos. Isso lhe faz muito bem. A caminho do aeroporto, teve de mandar parar o táxi para saltar e despejar do estômago tudo o que ingeriu no dia anterior.

Malin, será que você é incorrigível?

Parece tão cansada, sentada aí, inclinada contra a janela fria e côncava do avião, os ouvidos surdos para o zumbido dos motores. Eu gostaria, de fato, de acariciar a sua face, Malin. Isso é tudo o que você gostaria que acontecesse.

Um pouco de calor humano.

Sentir que existe mais alguma coisa além das pedras frias do fosso.

Jonas Karlsson senta-se no sofá da sala de estar. Johan Jakobsson acomoda-se em uma poltrona, a sua frente. Waldemar Ekenberg anda pela sala, de um lado para o outro. A mesa de centro está cheia de garrafas vazias de cerveja, além de uma caixa de papelão amarrotado, que antes continha vinho. Há um cheiro forte de álcool ressequido atraindo todos os narizes. Mas fora a questão da sujeira em cima da mesa, o apartamento de Karlsson está limpo.

Todo o longo corpo de Waldemar estremece, a voz é grave, profunda, enrouquecida por centenas de milhares de cigarros.

— Você mentiu para nós — diz ele, com Johan se arrepiando só de ouvir a sua voz. Dava para sentir a ferroada no final da frase, apesar do dialeto provincial de Östergötland e da rouquidão do fumo.

Jonas Karlsson parece já ter entendido. Está preparado para a tempestade que se aproxima.

— Eu não tenho...

— Cale a boca, seu idiota — grita Waldemar. — Está claro que mentiu. Era Jerry Petersson que dirigia o carro naquela noite de Ano-Novo. Não você.

— Eu...

Johan quer dizer a Waldemar para ficar calmo, demonstrar um pouco de consideração, mas não fala. Há qualquer coisa no

ambiente da sala que, contra sua vontade, o induz a desabafar.

— Se contar toda a verdade, você não precisa sofrer as consequências — diz Johan. — Já se passou tanto tempo...

— Não era eu que...

Johan continua a olhar nos olhos medrosos de Jonas Karlsson. Este tem consciência de que toda a cidade vai ficar sabendo pela imprensa, e os rumores sobre ele irão se espalhar. As pessoas vão cochichar por trás dele.

Waldemar levanta o braço, fecha o pulso, que atinge fortemente a boca de Jonas. Este grita e o sangue começa a escorrer do lábio cortado.

Waldemar inclina-se para Jonas.

— Quer mais? Quer?

— Eu...

Um novo golpe chega pelo ar e atinge a nuca de Jonas. Ele curva o corpo, e o rosto quase bate na mesa de centro.

— Quer mais?

— Não era eu que conduzia o carro — grita Jonas Karlsson. — Não era eu. Jerry, Jerry, Jerry.

Malin acorda.

A mente absorta no ruído dos motores. Um ruído monótono, permanente, em contraste com a algazarra de uma família com crianças, duas filas adiante. Ao seu lado, um casal de aposentados, bronzeados, que passou muito tempo ao sol. Os dois poderiam ser seus pais. Eles sorriem em sua direção enquanto ela termina de abrir os olhos vermelhos de ressaca.

A lata de Heineken, a sua frente, está pela metade. Já lhe deu certa calma ao corpo. Diminuiu o seu mal-estar.

Uma excursão pelo calor.

Uma reação apenas fisiológica. “Estou com saudades”, pensa ela. Vê Jerry Petersson no fosso, o corpo balançando para um lado e para o outro nas águas, com movimentos regulares, mas sem plano definido.

“Era, sem dúvida, um mau-caráter”, pensa Malin. “Um autêntico mau-caráter. Portanto, por que devo me preocupar tanto com você?”

Então, ela ouve uma voz, bem lá no fundo do seu cérebro:

“Com o que mais deveria se preocupar, Malin? Com tudo aquilo que deveriam ser as suas principais preocupações e que não aguenta enfrentar?”

— Agora, você vai nos contar tudo.

A voz de Waldemar é calma, mas mesmo assim impositiva. No núcleo das palavras, a ameaça de mais violência.

Waldemar sentou-se ao lado de Jonas no sofá e deu-lhe um rolo de papel higiênico, que foi buscar no banheiro. Johan inclina-se para a frente e diz:

— Conte-nos toda a verdade. Jerry Petersson está morto. Já não pode fazer nada contra você.

Jonas Karlsson limpa a garganta, levanta os olhos e começa a falar, com um pedaço de papel colado no lábio:

— Jerry já estava na festa quando eu cheguei. Acho que chegou no carro de alguém. Por volta da 1h30, Jerry Petersson quis voltar para a cidade, e eu me ofereci para levar ele e os outros. Fomos até o estacionamento onde estava o carro. A festa já havia saído dos trilhos. Fredrik Fågelsjö já tinha subido para o castelo com aqueles com quem queria estar e continuar a festa. Nós não estávamos nessa lista.

— Portanto, você e Jerry eram amigos?

— Eu era um dos muitos que faziam parte de sua gangue. Amigos? Ele não tinha amigos. Sabia levar alguém a pensar que era seu amigo, claro. E eu queria ser amigo dele, sim. Admirava-o. Era uma pessoa com quem qualquer um gostaria de conviver, queria cair nas suas graças a qualquer preço.

— Portanto, você o admirava. E depois?

— Nós quatro, eu, Jerry, Andreas e Jasmin devíamos seguir para a cidade. Ao chegar ao carro, Jerry quis dirigir. Estava realmente irritado com alguma coisa. Estivera mal-humorado a noite inteira. Ficou bastante agressivo quando eu me recusei, no início, a dar-lhe a chave do carro. Gritou e ficou no caminho. Foi então que eu lhe atirei a chave e disse: “Se quer, então dirija”. Sentei-me na frente, coloquei o cinto de segurança, enquanto Andreas e Jasmin sentaram-se no banco de trás, mas estavam bêbados demais para se lembrar de colocar o cinto de segurança.

— Por que Jerry estava irritado?

— Não faço ideia. Ele tinha muitos segredos.

— Então, vocês partiram.

Waldemar passa o braço por cima dos ombros de Jonas Karlsson.

— Jerry pisou fundo.

— E vocês não foram muito longe.

— Devíamos estar a uns 60 ou 70 por hora quando chegamos à curva. Os pneus perderam aderência e eu me lembro apenas de ter pensado que íamos todos parar no inferno. Em seguida, o carro começou a rolar, rolar, rolar, em cima de um campo coberto de neve. Era como se estivéssemos dentro de uma máquina de lavar roupa, com reflexos de luz saindo por todo lado. Depois, ficou tudo quieto, em silêncio. Então, vi Jerry pendurado de cabeça para baixo, ao meu lado. Esforçava-se para se soltar. Foi ele que soltou o meu

cinto. Se estava embriagado antes, no momento, a adrenalina deixou-o completamente alerta.

Johan consegue ver claramente a cena.

Os dois homens, ainda jovens, saem do carro, rolam pela neve, tentam defender-se do vento e dos flocos brancos girando a sua frente. Logo veem os dois corpos que jazem no campo.

— Nós vimos Andreas e Jasmin deitados no chão.

— Vocês correram até eles?

— É claro. Escorria sangue pelo ouvido de Jasmin, mas ela respirava.

— E vocês concluíram que Andreas estava morto.

— Acho que sim.

— E depois? — pergunta Waldemar.

— Jerry segurou meus braços e disse: “Eu vou ser preso por isso aí. Eu estava bêbado, mas se dissermos que era você quem estava ao volante, eu me livro”. Ele olhou para mim com aqueles seus olhos azuis. Eu compreendi, então, que jamais ia poder lhe dizer não. E pensei: “Valerá a pena fazer com que Jerry tenha a sua vida estragada?”. E ele acrescentou: “Se dissermos que você dirigia e, estando sóbrio, a polícia vai verificar que foi um acidente comum de uma estrada escorregadia”.

— Quer dizer que você concordou? — pergunta Johan.

— Sim.

— Isso é tudo? Soa simples demais aos meus ouvidos.

— Jerry sabia ser muito convincente. Ele me prometeu um montão de coisas antes de a polícia e a ambulância chegarem. Prometeu-me a sua amizade e não havia nada que eu quisesse mais. Para mim, isso era o meu principal desejo. Prometeu-me também muito dinheiro, caso um dia ficasse rico.

— Ele, de fato, se tornou seu amigo?

— Não. Ele se mudou para Lund, no sul.

— E você recebeu algum dinheiro?

— Não.

— Você pediu?

— Não. Já havia se passado muito tempo quando os jornais começaram a noticiar seus negócios.

Waldemar fala, chiando:

— Você nunca tentou chantageá-lo quando os negócios dele começaram crescer? Ou quando ele voltou a morar aqui? Nunca ameaçou contar a verdade?

— Não. O que eu ganharia com isso? Se a verdade viesse à tona, toda a cidade iria saber que eu menti e seria considerado um fraco. Talvez fosse até processado por isso.

— E você não é? — pergunta Waldemar. — Um fraco?

Jonas Karlsson solta uma gargalhada nervosa.

— É exatamente o que eu sou — diz ele.

— Nunca pensou que os pais das vítimas tinham o direito de saber o que realmente aconteceu?

Jonas Karlsson faz um sinal em direção às garrafas em cima da mesa.

— Penso nisso todos os dias.

— Você nunca tentou tirar dinheiro de Jerry Petersson? Você não foi conversar com ele naquela noite? Saiu tudo errado, não foi?

— Naquela noite estive na casa de dois amigos, festejando até altas horas da madrugada. Podem telefonar para eles.

— Claro que faremos isso — completa Waldemar.

Jonas Karlsson se solta do abraço de Waldemar. Levanta-se e fica no meio da sala.

— Jerry Petersson não era como os outros, e tudo o que me prometeu naquela noite, não cumpriu. Mas ainda hoje acho que fiz o que era certo. Andreas estava morto e Jasmin, incapacitada para toda a vida. Os dois sabiam o que estavam fazendo ao entrar no carro, mesmo estando bêbados. Eram suficientemente adultos para aceitar as consequências dos seus atos. Nenhuma desgraça caiu sobre mim. O que aconteceu foi considerado um acidente, e acidentes acontecem. Por que eu iria estragar também a vida de Jerry Petersson? Qualquer outra pessoa nunca esqueceria uma coisa dessas.

— Com uma coisa dessas você quer dizer conduzir alcoolizado e tirar a vida de outros? — pergunta Johan.

— É isso, exatamente, o que quero dizer — confirma Jonas Karlsson, ao mesmo tempo em que retira o pedaço de papel do lábio que volta a sangrar.

41

O limpador de para-brisa trabalha freneticamente para manter a visão.

O relógio no painel do carro marca 13h35.

Pela janela, Malin vê os campos e os bosques. As casas pintadas de vermelho e o mundo parecem cobertos de cinzas pálidas.

“Nem um banho sequer nas águas de Tenerife. Nada de água do mar para envolver o meu corpo com calor.”

Mas sente-se melhor agora. O álcool que já saiu do sangue é o suficiente para permitir conduzir o carro de Norrköping para Linköping. Malin quer chegar logo à Escola Folkunga, entrar de rompante na sala de aula onde Tove está e apenas abraçá-la. Já se passou quase uma semana desde que saiu da casa, depois de ter dado um tapa na cara de Janne. Quase uma semana, também, desde que foi encontrado o cadáver no fosso de Skogså.

O calor de Tenerife. A chuva e o frio do outono sueco. Ela está vestida com uma blusa de lã, com um desenho norueguês, que enfiara na mala para a volta.

Mas Tove vai ter de esperar.

Malin falou com Zeke. Soube, então, das últimas novidades a respeito do caso: Fredrik Fågelsjö fora libertado, Jonas Karlsson

confessara que Jerry Petersson conduzia o carro, mas que ele tinha um álibi para a noite e a madrugada do assassinato.

Malin recebe o endereço de um dos pais do rapaz que morreu na noite de *réveillon*. A mãe se chamava Stina Ekström e morava em Linghem.

— Está no meu caminho. Vou aproveitar — disse ela para Zeke.

— Podemos nos encontrar antes.

— Eu resolvo. Não se preocupe.

— Como foi em Tenerife?

— Calor.

— E seus pais?

— Eu ligo depois de falar com Stina Ekström, caso ela esteja em casa.

Malin liga o rádio. Aproxima-se de Linköping por um desvio junto do canal local.

Reconhece logo a voz macia e sensual da amiga Helen Aneman. Não se encontram há anos, apesar de morarem na mesma cidade. Só falam, às vezes, por telefone, dizem que têm de se encontrar, mas acabam não marcando nada.

“Mais conhecidas do que amigas”, pensa Malin ao ouvir Helen falar de uma exposição canina que acontecerá no Cloetta Center, no fim de semana. E, depois, terminada a fala de Helen, ouve no carro uma melodia. Malin sente o estômago embrulhado. Por que essa maldita canção agora?

“Em breve os anjos vão chegar... Atrevo-me a dizer que nós temos um ao outro...”

A voz do cantor Ulf Lundell.

O corpo de Janne bem junto ao seu. O romance ridículo. Como costumavam dançar ao som daquela canção na sala de estar da

casa onde viviam e compartilhavam uma garrafa de vinho. Tove dormia no sofá, sem se perturbar com a música.

Linghem.

A placa da rua quase invisível pela cortina de água da chuva.

De todos os pesadelos do ser humano, a perda de um filho ou de uma filha é o pior.

“Eu consegui ficar com você, Tove”, pensa Malin.

Um carro que desliza num campo deserto, frio e chuvoso.

Batidas à porta.

“Infelizmente, temos de lhe informar...”

Malin vira em direção à Linghem, passa por um campo de futebol e uma igreja. Um homem solitário, de jaqueta almofadada, perto de um túmulo no pequeno cemitério murado com um ramo de flores na mão, parece falar consigo mesmo.

A pequena casa geminada é decorada com móveis de pinho.

Panos bordados ornamentam móveis de madeira e, sobre os panos, estão figuras decorativas de Swarovski, uma coleção imponente, acha Malin. Stina Ekström, a mãe de Andreas Ekström, traz um bule de café recém-preparado e coloca-o em cima da mesa de centro.

Em cima de uma cômoda, estão sete fotografias emolduradas.

Há um lourinho fazendo uma careta em uma fotografia, na creche. A imagem de um campo de futebol. Outra do encerramento de ano escolar. Um corpulento adolescente em uma praia, com o cabelo curto bagunçado pelo vento, e um homem a um metro, mais ou menos, dentro da água do mar que deve ser o pai de Andreas Ekström.

— Agora você já sabe como ele se parecia — diz Stina Ekström, sentando-se em frente a Malin, numa poltrona de veludo cor de

vinho, idêntica à que Malin está sentada.

Fotografias semelhantes às de Tove que estão em cima da cômoda, no quarto.

— Ele parece ter sido um rapaz encantador — diz Malin.

Stina Ekström sorri, concordando.

“Que idade você tem?”, pensa Malin.

“Sessenta?”

A mulher na sua frente tem cabelos louros, claros e curtos, com têmporas um pouco acinzentadas e rugas no canto dos lábios finos, que testemunham a idade e o hábito de fumar. Cheira a nicotina, mas Malin não consegue ver nenhum cinzeiro, nem qualquer maço de cigarros. Talvez Stina tenha conseguido parar. Será que vai poder resistir?

Jeans preto.

Uma blusa de tricô, de lã escura mesclada de cinza.

Os olhos são de uma pessoa que vê os dias passar sem surpresas. “Não é cansaço que eu vejo nos seus olhos”, pensa Malin, “é algo diferente. Muita calma? Não será amargura? Não, a sensação de estar satisfeita? Claro que é isso.”

Stina Ekström serve o café com a mão esquerda e, em seguida, faz sinal para um prato com bolinhos feitos em casa.

— O que a polícia quer saber de mim?

— Jerry Petersson.

— Já suspeitava. Sim, eu leio o jornal. Claro.

— Ele estava junto quando o seu filho morreu.

O olhar de Stina não mudou. Será essa a imagem da tristeza quando nos habituamos com a perda de um ente querido?

— Jerry Petersson estava sentado na frente, com o cinto. E salvou-se.

Malin acena com a cabeça. Ele mesmo.

— Você pensa muito nesse acidente?

— Não no acidente, mas em Andreas, todos os dias.

Malin bebe um gole de café. Ouve a chuva batendo no vidro da janela, alguns metros à esquerda.

— Vocês já moravam aqui?

— Sim. Mudamos para aqui quando Andreas tinha 12 anos. Antes disso, moramos em Vreta Kloster.

Malin espera que Stina Ekström continue.

— Primeiro, fiquei cheia de raiva. Depois, com o passar dos anos, a raiva e a tristeza se foram. Na verdade, aos 19 anos, Andreas era um presente. Mas acho que não faz sentido ficar lamentando uma coisa que não existe mais.

Malin sente como o seu coração fica apertado, como se fosse um gigante punho fechado, e como os olhos, contra sua vontade, ficaram nublados pelas lágrimas.

Stina Ekström olha para Malin.

— Você está bem?

Malin tosse. E diz:

— É apenas uma reação alérgica.

— Eu tenho mais duas crianças — acrescenta Stina. Enquanto isso, Malin aproveita para enxugar os olhos.

— Você sentiu ódio da pessoa que dirigia o carro?

— Foi um acidente.

Malin fica em silêncio por alguns momentos. Depois, inclina-se para a frente e esclarece:

— Nós temos informações de que era Jerry Petersson quem dirigia o carro naquela noite e de que ele estava embriagado.

Stina Ekström não diz nada. Seu olhar também não muda.

— Jerry Petersson convenceu Jonas Karlsson a dizer que...

— Entendo — interrompe Stina Ekström. — Não sou burra. E agora vocês talvez pensem que eu já sabia disso, que eu soube e tomei a decisão de matá-lo...

— Nada disso.

— Você veio aqui. Está aqui.

Malin olha Stina Ekström fixamente nos olhos.

— Perdi muito naquela noite. Meu marido e eu nos separamos alguns anos depois. Nós não podíamos falar de Andreas e, então, restou apenas o silêncio entre nós. Mas, independentemente de quem dirigia, não existe mais raiva nem ódio. A tristeza continua a existir, porém isso é uma sombra entre todas as outras sombras que fazem parte da vida de uma pessoa.

— Teve alguma outra pessoa que ficou muito magoada com a morte de Andreas?

— Todos lamentaram muito. Mas já se passou muito tempo.

— O pai de Andreas?

— Ele poderá responder por si.

Zeke está com ele, nesse momento, em Malmslätt.

— A família Fågelsjö demonstrou pesar?

— Não. Tive a sensação de que fingiram nada ter acontecido. Nem na sua propriedade nem na festa organizada pelo filho, Fredrik.

Malin fecha os olhos. Sente-se inchada e indisposta.

— Posso saber o que você faz? — pergunta depois. — Ou já é aposentada?

— Ainda faltam quatro anos. Estou trabalhando meio expediente com deficientes em um centro de ajuda. Por que quer saber?

— Nenhum motivo especial — diz Malin, ao se levantar, estendendo a mão por cima da mesa em sinal de despedida. —

Obrigada pelo tempo e pelo café.

— Leve mais um bolinho.

Malin estica-se em direção ao prato, pega um bolinho e leva-o à boca, que se enche da massa macia de trigo.

Canela. Cardamomo.

— Você não vai me perguntar onde é que eu passei a noite entre quinta e sexta-feira da semana passada?

Malin engole o bolinho. Sorri.

— O que você fez?

— Fiquei em casa. Entrei em um *chat* virtual. Vocês podem verificar pelo meu provedor.

— Não será preciso.

Stina Ekström também se levanta e sai da sala, reaparece cerca de um minuto mais tarde, com uma caixa de chicletes na mão.

— Tome — diz ela, amistosamente. — Mastigue alguns antes de se encontrar com seus colegas.

Malin estaciona o carro diante da Escola Folkunga.

Desliga o motor, escuta a chuva quase tentando furaro teto do veículo. Ainda com as mãos no volante, respira fundo várias vezes e imagina Tove ao seu lado. Ela se lança sobre a filha e lhe dá um grande abraço, forte, muito forte.

Malin olha o portão de entrada. A escada enorme que leva ao edifício da escola, quase um palácio, com portas três vezes mais altas do que os próprios alunos. Os carvalhos em volta conservam, desesperados, as últimas folhas amarelecidas pelo sol outonal. Parecem acreditar que o mundo vai desaparecer se essas folhas caírem.

Lá dentro, em algum lugar, está Tove. Malin desconhece qual é a grade de aulas. “Onde ela estará agora? Na aula de sueco, de

matemática? Bastava ir à recepção e perguntar. Entrar na sala de aula. Levar Tove para o refeitório e abraçá-la. Mas devo estar cheirando a bebida. Será que estou ou o chiclete ajudou?”

“Espero que Tove saia no intervalo. Então, posso vê-la, correr para ela. Pedir, talvez, desculpas. Ou ficar aqui no carro só a olhando. Talvez ela venha até mim, se me vir. Mas ela não deve sair do edifício por causa da chuva.

Vou entrar.

Malin abre a porta do carro e chega a colocar um pé no chão. Vê alguns alunos saindo para o jardim da escola, as suas figuras emolduradas pelos carvalhos, que são tão antigos quanto a própria escola.

Volta a pôr o pé para dentro. Fecha a porta do carro. Novamente, as mãos no volante, mãos que tremem. Quer acabar com os tremores, mas as mãos se recusam a obedecer. Respira fundo. Precisa tomar alguma coisa. Consegue afastar essa ideia, com todas as forças.

Isso mesmo. Os tremores pararam.

Pega o celular, digita o número de Tove. Cai na caixa postal:

— Tove, sou eu, sua mãe. Quero dizer apenas que já estou de volta. Talvez possamos jantar hoje à noite. Telefone, por favor.

Malin gira a chave de ignição, e o barulho do motor cobre o da chuva.

Fecha os olhos.

Na mente, vê um enorme castelo de pedra surgir entre a neblina do outono.

Não o Skogså.

Outro castelo. Uma construção que desconhece.

Deixa o olhar flutuar sobre o fosso. Imagina-o cheio de cadáveres nus, inchados e brancos, além de pequenos peixes prateados que vêm à superfície para respirar, apavorados.

42

Zeke corre do estacionamento até a entrada do edifício da polícia. A umidade desprende-se das velhas casas marrons, repintadas para servir à polícia da cidade, aos tribunais e ao laboratório do departamento técnico e de medicina legal.

Mentalmente, solta um palavrão contra o maldito tempo que domina a cidade, mas sabe que não vale a pena maldizer os poderes da natureza. As pragas são inúteis, não levam a lugar nenhum.

No meio da chuva, seus pensamentos vão até o filho, Martin.

Pensa também no clube canadense, na liga do hóquei norte-americano. “O garoto já tem dinheiro suficiente para que nós pudéssemos ficar tranquilos, descansando sob o sol até o dia em que a morte chegar.

“E ficar com os netos que eu mal conheço.

“Afinal, no que eu devia estar pensando?

“Em Hans, pai de Andreas Ekström.

“Já faz 15 minutos que saí da casa dele.”

Um velho zangado, vivendo em uma casa malcuidada. Quase subiu pelas paredes quando Zeke lhe contou que, provavelmente,

Jerry Petersson era quem conduzia o carro no acidente que matou o filho.

Hans Ekström pulou da cadeira da cozinha onde estavam e gritou para Zeke que aquilo era conversa fiada. Que ninguém tinha o direito de vir para cima dele e desenterrar um assunto que já tinha conseguido esquecer.

A partir daí, Hans Ekström recusou-se a responder a mais perguntas, mas, provavelmente, a julgar por sua reação, também não fazia a menor ideia do que as palavras de Zeke significavam.

Por isso, não havia razão nenhuma para matar Jerry Petersson. Ou, então, Hans Ekström era, realmente, um ator muito bom. E destro.

Acabou por maldizer a família Fågelsjö:

— Não mandaram nem uma flor para o enterro.

“Isso eles deviam ter feito”, pensa Zeke no momento em que abre a porta da delegacia, já que as novas portas automáticas, ao que tudo indicava, tinham deixado de funcionar. Certamente, a chuva e a umidade haviam afetado o seu mecanismo, inutilizando-o.

Malin.

Zeke vê que ela está à sua mesa. “E, meu Deus, como ela parece cansada. Se o sol brilha lá no sul, em Tenerife, não brilhou em cima dela.

“Não é um ser humano. É um fantasma.

“É nisso que está se transformando, Malin?”

Zeke quer se aproximar dela, abraçá-la, dizer-lhe para se cuidar, mas sabe que isso só a deixaria zangada.

Malin levanta os olhos, o vê, mas nem o cumprimenta. Volta a olhar para os papéis em cima da mesa.

Zeke vira-se. Sobe a escada para a sala de Sven Sjöman.

Faz isso antes de começar a reunião diária dos detetives.

Sven está perto da janela, olhando para o edifício principal do hospital da Universidade, pelo lado oriental. Os painéis de aço, pintados de branco e amarelo, que revestem os dez andares da fachada do prédio estremecem com a força do vento, parecem querer se soltar, voar sobre a cidade e cair em lugares menos insuportáveis.

Zeke avança pela sala.

— Não diga nada a Malin — diz ele. — Ela jamais me perdoará se souber que estou falando dela, mas você mesmo poderá ver como ela está. Bebe demais.

Sven balança a cabeça.

— A conversa vai ficar entre nós. Foi bom levantar o assunto. Tenho pensado muito no caso, mas sabe como são as coisas...

Sven Sjöman vira-se.

— Ela não vai se aguentar — afirma Zeke. — E eu também não aguento ver isso. Já tentei.

— Vou falar com ela, Zeke. A viagem a Tenerife foi, em parte, uma tentativa para lhe dar um tempo para pensar.

— Vá vê-la agora. Parece que não foi propriamente uma viagem de recuperação.

— Talvez a viagem não tenha sido uma boa ideia. Vamos ver qual o caminho a seguir — acrescenta Sven. — É você que dirige quando vocês saem?

Zeke confirma.

— Em princípio, sim. — E acrescenta: — Acho que o que aconteceu em Finspång, no ano passado, abalou muito a nossa amiga.

— Sem dúvida — concorda Sven. — Mas quem é que não iria ficar abalado? Acho apenas que ela ainda não entendeu isso. Ou não aceitou.

O relógio na parede da sala de reuniões marca 15h37.

A equipe de detetives está reunida.

Aqui tem janela. Não é como em Pappershades.

Nada de crianças no parque da creche, mas Malin pode vê-las no interior da casa, atrás das janelas, a correr pela sala. Brincam como se neste mundo tudo fosse bom. Um escorregador de plástico vermelho e azul. Um pano amarelo. Cores claras, sem dúvida. Um mundo sem sombras para seres humanos que sabem enfrentar as realidades da vida, que vivem o dia a dia.

“As pessoas, aqui dentro”, pensa Malin, “vivem precisamente ao contrário.”

O rosto de Karim Akbar concentrado, o corpo dominado por uma nova espécie de seriedade da meia-idade que vai até as fronteiras do cansaço.

“O outono nos reduz”, acha Malin, “a figuras de filmes em preto e branco.”

Zeke, Sven Sjöman, Waldemar Ekenberg, Johan Jakobsson, até mesmo a jovem Lovisa Segerberg, de Estocolmo, parecem estar prontos para uma longa pausa, longe de tudo que diga respeito a trabalho e a chuva.

A investigação.

No momento, ela está naquela fase arriscada de enferrujar, como toda a cidade.

As pistas da investigação.

Elas disparam em todos os sentidos, como projéteis iluminados nas nossas mentes.

Suspeitas. Vozes. Todas as pessoas, acontecimentos, que emergem sempre que eles tiram as pedras do caminho daquela que foi a vida bem curta de Jerry Petersson.

Sven está em pé, junto do quadro branco, em uma das paredes mais estreitas da sala. No quadro, com uma caneta azul, ele já escreveu uma série de nomes.

Jochen Goldman.

Axel, Fredrik e Katarina Fågelsjö.

Jonas Karlsson.

Os pais de Andreas Ekström e Jasmin Sandsten.

Depois, uma linha de pontos de interrogação. Novos nomes? Dados? Qualquer coisa que nos possa levar em frente?

Malin suspira fundo. Olha para as crianças na creche. Escuta a voz de Sven, mas não aguenta dizer uma palavra.

Fragmentos de uma reunião.

A sua própria história de Tenerife.

Que Jochen Goldman é a ambiguidade em pessoa.

Seu encontro com a mãe de Andreas Ekström. Os outros escutam atentamente. Lovisa conta que trabalha firme na papelada e nos arquivos de Jerry Petersson, mas que seriam necessários cinco policiais habilitados para fazer tudo em tempo hábil. E é Karim que reage: “Não há recursos para isso”. Ainda não encontraram nenhum testamento, nenhuma carta que indicasse algum tipo de chantagem, nem nada de suspeito. Também já ouviram alguns homens de negócios, conhecidos de Petersson, mas as conversas não deram em nada.

Waldemar e Johan contam a respeito da nova conversa com a família Fågelsjö. Todos alegaram que mal se recordavam do acidente. Falaram também com Stellan, o pai de Jasmin Sandsten,

que encontraram no trabalho dele, na empresa Collins Mekaniska, e não ficaram sabendo muita coisa, a não ser que ele tinha álibi para a madrugada do crime. Ainda não tiveram oportunidade de falar com a mãe de Jasmin, mas souberam que mãe e filha foram juntas para um centro de recuperação perto da cidade de Söderköping.

Zeke narra o encontro com Hans Ekström.

A tristeza.

A morte de um adolescente.

Depois de tantos anos, talvez não valha a pena saber mais quem é que dirigia o carro e se estava embriagado ou não.

O rapaz, tão amado, está morto. Ou, talvez ainda pior, um morto-vivo.

O culpado.

No fundo, não faz sentido. Mas será que a raiva acaba? Quarenta facadas, anos de raiva que se soltam e explodem.

Sven Sjöman conta rapidamente que o promotor resolveu soltar Fredrik Fågelsjö. E acrescenta: “Temos de mantê-lo sob vigilância”. Palavras vazias. Ele sabia disso. Não têm recursos para manter ninguém atrás dele.

— Contatos — sussurra Waldemar. — Quem sabe o que aquele intrometido do Ehrenstierna tem para dar ao promotor?

Malin pensa no seu próprio trabalho.

As investigações.

Maria Murvall.

A violência e o esforço pela busca da verdade. A verdade que ela se convenceu que serviria para consolar aqueles que ficam aqui na terra, enquanto os seus parentes flutuam em volta de algum tipo de luz e de brilho no céu.

— Você verificou todos os seus contatos no submundo? — pergunta Sven para Waldemar.

— Parece que sim, não é? — responde Waldemar. Os outros riem, na expectativa de ouvir o restante da resposta: — Verifiquei, mas Jerry Petersson, ao que parece, nunca teve contato com eles.

Malin ouve, então, Sven falar que deviam continuar a investigar a vida pregressa de Jerry Petersson, prosseguindo na investigação das pistas já encontradas com persistência e ardor, seguindo as pistas que já tinham.

— Nós — ela ouve Sven dizer — nos encontramos numa fase da investigação em que todas as espirais, de uma maneira ou de outra, nos levam para o fundo. Podemos achar o ponto de partida ou ficar presos no lodo da incerteza. Só o trabalho intenso e persistente poderá nos ajudar agora.

“Escute as vozes”, sussurrou Malin para si mesma.

— Eu vou para a cidade de Vadstena falar com a mãe de Jasmin.

— A cidade é Söderköping — diz Sven Sjöman. — Podem ir amanhã, você e Zeke.

— Eu quero falar com você, Malin.

A voz de Sven soa formal, autoritária, já fora da sala de reuniões. Malin sobe ao seu lado a escada que leva à sala dele, um andar acima. Lá chegando, ele fecha a porta e pede-lhe para se sentar.

Vasos esculpidos em madeira em cima de uma mesa branca. Trabalhos feitos por Sven em sua própria marcenaria.

Malin senta-se diante dele, que está atrás da mesa, com o seu rosto enrugado, já conhecido. Malin não consegue entender o porquê das novas rugas, que surgiram desde que ele começou a perder peso.

“É um estranho que está na minha frente”, pensa ela. “Agora todos são estranhos para mim.

“Sven parece preocupado. Quer falar comigo. Está preocupado comigo. Não se preocupe, Sven. Já estou cheia com as minhas próprias preocupações. Não é melhor me deixar em paz?”

— Como se sente?

— Bem.

— Não é isso que eu vejo.

— Estou bem. Foi ótimo em Tenerife.

— Correu tudo bem?

— Sim.

— Tomou sol?

Malin acena que sim.

— Conseguiu falar com seus pais?

— Encontrei-me com eles. Foi muito agradável.

— Eu tenho estado, e ainda estou, preocupado com você, Malin. Você sabe disso.

Malin suspira.

— Eu estou bem. É que aconteceram coisas demais. Separei-me de Janne de novo e ainda não me recuperei completamente.

— E a bebida? Está bebendo demais. Dá para ver só de olhar para você...

— Está tudo sob controle.

— Não é isso que eu ouço ou vejo.

— Alguém andou me denunciando? Falando nas minhas costas? Quem?

— Ninguém disse nada para mim. Eu tenho olhos para ver.

— Zeke? Janne? Ele tem uma capacidade para...

— Cale-se, por favor, Malin. Contenha-se.

Ambos ficam em silêncio, mas Malin sabe que Sven Sjöman quer lhe dizer mais alguma coisa. O quê? “Eu não cheguei bêbada ao departamento.

“Ou cheguei?”

— Zeke disse alguma coisa?

— Não. Eu mesmo vejo isso.

— E agora?

— Continue a trabalhar, mas pense bem antes de usar o carro. Deixe que Zeke dirija, e tente se controlar. Controle-se.

— Posso ir agora?

— Se quiser — responde Sven Sjöman. — Se quiser.

43

— Mamãe!

— Tove? Estava querendo encontrar com você.

— Eu estava na escola.

“Devo contar que eu estava do lado de fora? Ela ficará contente em saber disso? Ou triste porque eu não entrei?”

— Você vem hoje à noite? Leu a minha mensagem?

— Eu vou ao cinema.

— Não quer saber como foi na casa de seus avós?

— Como foi?

— Tove, por favor.

— Está bem.

— Você vem depois do cinema? Venha. Quero ver você, não entende?

— Depois do cinema é muito tarde. É melhor que eu apanhe o ônibus para casa.

— Posso preparar uns sanduíches.

— Eu tenho todas as minhas coisas na casa do meu pai. É lá que eu moro.

— Bem, é você que decide.

— Talvez amanhã à noite, mamãe.

— Você sabe que também pode morar no apartamento, como antes.

Tove fica em silêncio.

— Vou ter de pedir, Tove? Não pode vir?

— Promete parar de beber se eu for?

— O quê? — reage Malin. — Bebo apenas de vez em quando. Você sabe disso muito bem.

— Você é inacreditável, mãe. Como consegue dizer isso? Não é verdade.

Tove, simplesmente, desliga. Suas últimas palavras ecoam em Malin, que quer apagá-las, sacudi-las para fora do ouvido, quer escutar palavras calorosas e amorosas que mostrem outra realidade, uma em que ela não mente para a filha como mente para si própria.

Malin volta a ver aquela figura monstruosa inclinada sobre Tove, pronta para matá-la. A figura horrível, de máscara, vira-se para ela, sorri e sussurra: “Eu vou dar aquilo que você quer, Malin”. Malin sabe que, acima de tudo, bebe porque encontrou uma desculpa no fato de Tove quase ter perdido a vida. Encontrou uma maneira de justificar a sua fraqueza: a quase perda do seu amor maior. A intoxicação alcoólica, um mundo redondo e macio sem segredos, um mundo em que a melhor sensação não é a de medo, mas a de ter um gato preto que se pode acariciar e cujas garras jamais arranham sua pele.

“Olhem para mim. Tenham pena de mim. Gostaria de me desfazer em pedacinhos, mas, acima de tudo — e já é suficiente — gostaria de um copo de tequila.

“Onde estou?

“Estou no saguão do edifício da polícia, imaginando para onde devo ir”, pensa Malin depois, enquanto olha no escuro para os pingos de chuva que se dispersam à luz amarelada dos postes de iluminação da rua. Vê como as antigas casas mudam de cor na escuridão do outono, ficam de um tom cinza, em vez do bege que lhes é normal. Já passa um pouco das sete horas da noite. O trabalho burocrático depois da viagem a Tenerife deteve-a no departamento até mais tarde.

Malin continua de pé, na saída.

Digita um número no celular.

Ele atende após três sinais.

— Daniel Högfeldt falando.

— Malin.

— Eu sei. Vi no visor. Já faz tempo.

— Você sabe como é.

— Quer se encontrar comigo?

— Sim.

As portas abrem-se automaticamente, e passam por ela três jovens uniformizados que a cumprimentam com um curto movimento de cabeça.

— Ainda não vou dormir. Pode vir daqui a meia hora?

— Posso.

Ao desligar, Malin já o sente dentro de si.

Exatamente 35 minutos depois, Malin já está deitada na cama, como uma cadela no cio, no apartamento da rua Linnégatan. Está agarrada aos ferros finos da cabeceira da cama e sente como ele a penetra. Os movimentos com excitação e prazer são ardentes e fazem com que ela grite e gema, de maneira que o eco repercuta

por todo o apartamento. Para ela, a energia e a excitação dele são, ao mesmo tempo, estranhas e conhecidas.

“Para mim, ele funciona como uma chicotada”, pensa Malin.

“Suas mãos são pontas de arame farpado nas minhas costas.” Ela grita por mais, quer que ele se mexa mais rápido, vá mais fundo, mais duro. E é como se ele ouvisse o que ela pensa. A pressão a cada movimento é cada vez maior. Suas unhas cravam-se no pescoço dela. As gotas de suor pelo esforço caem como chuva fria, escorrem pela pele dela e passam pela vagina, as pernas e a alma.

Não resista.

É melhor explodir.

Deixa a consciência transformar-se em dor e prazer. Deixa que as pequenas serpentes, com seus múltiplos rostos, voltem para a escuridão.

Daniel está deitado ao lado de Malin, sobre o lençol branco, e o seu corpo musculoso contrasta com a persiana fechada. Ele fala, a voz calma e clara, intacta, apesar de todo o esforço e calor. Ela tenta entender o que Daniel lhe pergunta:

— Quer dizer que vocês se separaram novamente?

Ainda ao seu lado, Malin escuta a própria voz, com palavras secas, hesitantes:

— Não deu certo. Por fim, cheguei a bater nele.

— Nunca dá certo. Como é que pôde acreditar em reconciliação?

— Não sei.

— E o caso de Petersson? Já chegaram a alguma conclusão? Se eu fosse vocês, insistiria mais com Goldman.

— Esqueça o caso, Daniel.

Ele riu, um riso meio esnobe. Ela quer se aproximar dele, abraçá-lo, mas é como se ele não existisse mais ao seu lado. Ou é a sua

capacidade de se aproximar que não existe?

— Mais uma vez?

"A mão dele percorre a minha coxa, mas eu não a sinto. Sua voz neutra soa como se quisesse dizer outra coisa: que ele, de fato, esperara por mim, como se ele acreditasse que alguma coisa, de alguma maneira, poderia ser descoberta por nós dois.

"Não foi isso o que acabamos de fazer?", pensa Malin.

Ela se levanta, se veste, enquanto ele a olha.

— Já vai?

Que pergunta idiota.

— O que acha?

— Pode ficar, se quiser. Posso preparar uns sanduíches, se estiver com fome. Parece cansada, precisar de alguém que a trate bem por algumas horas.

— Que conversa é essa, Daniel? Não posso nem imaginar um complemento pior para o que acabamos de fazer.

— Então, vá embora. O *pub* Hamlet ainda deve estar aberto.

— Cale a boca, Daniel. Cale a boca.

Zacharias Martinsson, Zeke, levanta a saia de Karin Johannison. Solta as meias brancas de *nylon* e leva-a nos braços para o laboratório do Instituto de Medicina Legal. Coloca-a de costas, em cima de uma das bancadas de aço inoxidável.

Ela abre as pernas na frente dele, e Zacharias a penetra, inspira seu perfume doce, lambe e saboreia o seu suor. Escuta os gemidos e gritos durante o orgasmo. Foi a décima ou a vigésima vez?

Gunilla, em casa. Devia estar a sua espera para jantar, quando ele telefonou, disse que precisava trabalhar e que ia chegar mais tarde, nunca antes das 11 horas da noite.

Zacharias tenta afastar da mente a imagem da sua mulher sozinha na cozinha, mas a imagem teima em não desaparecer.

No outono anterior, Zacharias encontrou um motivo de trabalho para encontrar Karin. Ela o conduziu para o laboratório, a fim de lhe mostrar qualquer coisa. E aconteceu. Ambos tinham esperado por aquele momento. E, agora, novamente, ela sussurra: “Venha, Zacharias, entre em mim”. E ele a coloca no chão, abaixa as calças. Está duro e firme. Ela, quente, molhada, ajuda. Olha para ele e sussurra: “Estou suando no pescoço. Lambe, lambe mais esse suor. Eu gosto. Eu sinto.”

O rosto de Maria Murvall diante de Malin.

A foto do rosto roxo da vítima de estupro está no chão da sala de estar. Ela vira e revira a imagem, objeto de uma ideia fixa.

Maria.

Seu segredo.

Guardado com você.

Com o silêncio do corpo que grita em um quarto branco, no hospital para doentes mentais, em Vadstena. Amanhã, vou visitar outro hospital, um outro ser humano mudo.

O relógio da igreja St. Lars marca dez horas. Malin imagina que Maria, a essa hora, já está dormindo. “Com o que estará sonhando?

“Tove.

“Com certeza, no ônibus, em companhia de alguém.

“Para cá é que ela não vem. Era o que faltava, a julgar pelo meu comportamento. Eu pedi para que ela viesse. E, no fundo, ela age como todos. Veem apenas a fraqueza e aproveitam a oportunidade para demonstrar seu poder.

“Será que eu pensei isso mesmo de minha filha?”

Malin para, considera essa ideia. Sente vergonha ao reconhecer isso.

Esquece, joga fora o pensamento.

“Com quem foi ao cinema? Um rapaz? Como é que posso ficar descansada depois do que aconteceu? A maldade fica cada vez menor, quase desaparece da mente à medida que o tempo passa. Resta apenas uma espécie de energia, uma vaga sensação de medo. Um medo que tudo pode desculpar.

“Não entendo nada a esse respeito. Não entendo nem a mim mesmo.”

E Janne. Seu calor é um sonho que se desvanece cada vez mais e passa a ser apenas uma recordação. Ela quer falar com Janne, quer pedir-lhe desculpa. “Que espécie de pessoa sou que despreza o amor-próprio?”

Malin entra na cozinha, procura algo no armário, e pega uma garrafa de tequila que encontrou em cima da geladeira.

Está pela metade.

Bebe um gole.

O que este outono está fazendo com você, Malin Fors? Com todos vocês?

Aonde é que isso vai levá-la?

Veja aonde ele me levou.

Deve saber de uma coisa: já senti a presença de Andreas à minha volta, já pude sentir o seu hálito, completamente sem temperatura e cheiro. Não pude vê-lo, nem ouvi-lo, mas sei que ele está aqui perto, e também longe, tão longe quanto ele pode ir.

Jasmin também está aqui, uma parte dela.

Será que eu devo ter medo deles?

Será que eles me querem mal?

O meu mundo é branco. O deles, talvez seja negro ou cinza. Talvez frio como aquela noite em que o carro tombou e capotou na memória dos vivos e dos mortos.

Você não consegue chegar a uma conclusão a respeito do seu segredo, Malin. E se chegar, isso não vai ajudá-la muito. Existe força nos segredos.

O meu segredo?

Descubra, se quiser.

Siga a pista que leva à solidão e ao pavor.

Talvez, então, eu seja perdoado.

Se é que existe uma razão para isso.

Perdão.

A palavra fica ziguezagueando na cabeça de Janne enquanto espalha a manteiga no pão, ao preparar um sanduíche para Tove. Olha para a bancada da cozinha na qual Malin estava e gritava há apenas uma semana e onde lhe deu um tapa.

“Pode-se perdoar com o passar do tempo?

“Malin e eu podemos nos perdoar? De certa maneira, é apenas uma questão de sermos capazes de reconhecer que temos dívida um com o outro, que as nossas vidas são apenas insulto, fracasso ou injustiça, pelos quais devemos pedir perdão.

“Será que já ficamos velhos demais, Malin?

“Por quanto tempo uma desculpa deverá funcionar entre pessoas como nós? Doze anos? Treze anos?”

Tove gosta de patê de fígado com pequenos pepinos em conserva.

Ela está lá em cima vendo televisão.

Agacha-se e senta-se no chão.

Está em casa.

“Você quer que eu peça desculpas para que Tove possa fazer a sua escolha, Malin. Não é verdade?”

Ela foi ao cinema com a amiga Frida.

Parece que se afasta de namorados. Ainda não teve nenhum especial depois de Markus. Desde Finspång.

— Os sanduíches estão prontos, Tove. Quer chá de ervas ou de gengibre?

Nenhuma resposta lá de cima.

Talvez já esteja dormindo.

Tove joga-se no sofá e fica passando pelos canais de televisão, pulando de um programa para outro.

Desperate housewives. Uma novela. Um jogo de futebol. Acaba por escolher um documentário sobre um artista plástico que fez a escultura de uma das vítimas que se atiraram do World Trade Center. A escultura deveria ser colocada no lugar da torre, mas as pessoas acharam-na incômoda. Inconveniente.

Era como se se recusassem a aceitar que algumas pessoas foram obrigadas a saltar das torres.

Tove dá uma mordida no sanduíche.

Não aguentou ir visitar a mãe. Não nesta noite. Nesta noite, quer apenas ficar sentada no escuro vendo televisão, ouvindo o que o pai está fazendo lá embaixo.

E a escultura na televisão.

Em bronze, braços e ombros levantados, figura pequena no ar, tal como aconteceu. “Está parecida com você, mãe”, acha Tove. E, então, pensa em descer e falar com o pai. Pedir-lhe para irem ao apartamento da mãe. Saber como ela está. Talvez ficar lá com ela. Mas o pai, certamente, não vai querer. E a mãe talvez fique zangada com a chegada deles, sem avisar.

O telefone toca.

Uma mensagem de Sara. Tove digita uma resposta, enquanto o documentário mostra em grande plano o rosto cheio de medo da pessoa esculpida em queda livre, os cabelos em bronze esvoaçando ao vento.

44

Quinta-feira, 30 de outubro

Zeke Martinsson olha para o relógio, em um canto do monitor.

São 8h49. A manhã está calma no grande escritório do departamento. O pessoal ainda está lá fora, correndo de um lado para o outro. Hoje, não vai haver reunião matinal. Todos apresentaram os seus resumos e sabem o que têm de fazer.

Malin já devia estar aqui há muito tempo. Já era para estarem a caminho de Söderköping.

“Onde está, Malin?

“Lá embaixo, no ginásio? Pouco provável.

“Alguma novidade e foi investigar? Também não.

“Sentiu muitas dores ontem?

“Bebida demais?”

Gunilla perguntou por que ele chegou tão tarde, apesar de ter lhe telefonado e avisado que trabalharia além do horário. Estavam na cozinha, e ele mentiu sem hesitar e sem se envergonhar. Pelo contrário. Ficou com pena dela, por ter um marido que depois de tantos anos de casamento consegue enganá-la tão bem. E adormeceu rápido, com as coxas de Karin Johannison, mentalmente, bem junto dele.

Zeke olha para os colegas à sua volta. De uniforme. Sem uniforme. Conscientes das suas metas, mas, ao mesmo tempo, sem planejamento definido. Na realidade, o que querem alcançar?

Malin não sabe o que quer, mas cumpre todos os dias as suas obrigações. Aqui, na grande sala, ela dedica-se ao trabalho com afinco na tentativa de fazer as pessoas acreditarem que nada de errado acontecerá.

“Mas, onde você está?” Zeke já telefonou-lhe três vezes, duas para o celular e uma para casa. Não teve resposta.

“Talvez esteja na casa de Janne?

“Mas lá também ninguém atendeu.

“Högfeldt?

“Complicado demais. Não sei nada sobre o relacionamento deles.”

— O que aconteceu com Malin? Vocês já não deviam estar em Söderköping?

É a voz cansada, comprimida, de Sven Sjöman, perguntando da porta do elevador.

Zeke levanta-se.

Olha para Sven, e este franze as sobrancelhas. Parece pensar que aconteceu alguma coisa com ela, que já deviam ter tomado uma atitude mais séria. Não?

Os dois se aproximam do meio da sala.

Encaram-se.

— Acho que ela ainda está no apartamento — diz Zeke.

— Vamos lá, imediatamente.

Zeke toca a campainha de Malin e escuta o sinal estridente do outro lado da porta.

Sven, em silêncio ao seu lado, veste uma capa de chuva azul-escura da polícia, com forro espesso.

A viagem até ali fora feita em silêncio.

O que eles poderiam falar?

Zeke toca de novo.

E de novo.

Sven aponta para a abertura de entrada do correio, na porta. Levanta a palheta e olha para dentro. Escuta o som de uma respiração forte. Parece de uma pessoa dormindo. Olha o corredor do andar.

— Tem uma chave mestra?

— Tenho uma na caixa de ferramentas.

— Ela está deitada no hall.

Zeke balança a cabeça. Afasta rapidamente a preocupação que afetava o estômago. Resolve agir.

Ela respira.

Dorme.

Pode estar ferida.

— Passe a chave mestra — diz Sven. Em segundos abrem a porta e veem Malin no chão. Usa uma blusa branca levantada acima do umbigo e calcinha com desenho de um coração rosa.

Nada de sangue.

Nada de marcas roxas. Nenhuma ferida. Apenas um som forte de quem precisava de sono e um cheiro intenso de bebida.

Uma garrafa vazia de tequila.

O jornal *Corren*, ao lado da cabeça.

Ajoelhados ao seu lado, os dois se olham. Não precisam perguntar o que lhes passa pela cabeça.

“O que vamos fazer agora?”

“Droga de chuva, ela não para. Faz frio demais. A chuva castiga e bate na pele de uma maneira extremamente irritante. O que é isso

que bate nas minhas pernas?

“Eu não quero saber de nada. Quem é que está falando?

“Janne?”

Grita:

— Daniel, deixe disso!

“Calma, não ligue.

“Mas as gotas caem e são geladas. O que estou fazendo aqui, nua, com este tempo? O que eles dizem?

“Sven. Zeke.

“Droga, o que estão fazendo aqui?”

— Segure-a.

— Sente-se. Fique quieta.

“O tecido contra o meu corpo. O rosto de Zeke. Sua cabeça raspada. Parece decidido. Sven, está aqui? E, agora, vejo que estou no banheiro. A ducha. Estou sentindo a água caindo sobre a minha cabeça. Droga! Como a água está gelada! Vejo os dois. Estou sentada na banheira. Estão me dando um banho de água fria com a mangueira da ducha. A camiseta colada ao corpo. E a calcinha. Ridículo, dá para ver os meus pelos. Parem...”

— Parem! Eu sei muito bem o que vocês estão fazendo comigo!

Ela agita os braços.

Tenta afastar o chuveirinho.

Os pingos. A água gelada. Os pequenos pingos afiados batem nela, obrigam-na a ficar no lugar.

— Deixem-me dormir, desgraçados!

O roupão de banho aquece o corpo. O café que desce pela garganta está quente. A cabeça parece um chocalho. Malin acha que está vendo tudo em dobro. Vê dois Svens e dois Zekes. Quer gritar ou beber mais. Mas o olhar deles contém o seu desejo.

Sven Sjöman está sentado perto da janela. Zeke está em pé, junto da bancada da cozinha. Olha para o relógio da Ikea que não funciona. E, depois, para um pombo que pousou alguns segundos do lado de fora da janela, antes de voar em direção à torre da igreja.

“Falem agora.

“Condenem-me.

“Digam que eu sou uma pessoa horrível.

“Uma gralha de alma fraca. Uma daquelas pessoas que não conseguem resistir aos seus pequenos demônios interiores.

“Digam que sou uma merda. Uma idiota.”

Nenhum dos seus dois colegas diz qualquer coisa.

Sven e Zeke deram aspirina para ela; agora esperam que beba o café.

Os dois vão até o hall. Ela tenta ouvir. Estão conversando. Escuta Sven que diz: “Vou ficar atento. Colocá-la novamente em boa forma. Não podemos dispensá-la”.

Zeke:

— Temos de mantê-la sem beber nem uma gota.

“Será verdade o que ele diz? Devo ter ouvido mal. Zeke jamais poderia dizer uma coisa dessas.”

Eles voltam. Em silêncio, ficam ao seu lado na cozinha.

Quando termina o café, Sven fala:

— Vista-se. Você e Zeke vão imediatamente para Söderköping. Têm uma tarefa a cumprir.

De alguma forma, Malin aguentou a viagem de carro, embora nem ela saiba como. Antes mesmo do almoço, ela e Zeke estão em uma sala, de paredes floridas, na unidade de reabilitação em Söderköping. Diante deles, está sentada Ingeborg Sandsten, em uma poltrona rosa, meio avermelhada. Ao seu lado está Jasmin Sandsten, em

uma cadeira de rodas azul. Por baixo de um cobertor esverdeado, é possível ver um corpo magro, desfigurado por anos de contrações musculares involuntárias. Um dos seus olhos castanhos está aberto. O outro, fechado. A expressão é de quem não tem vida consciente. Jasmin Sandsten respira com dificuldade e ruidosamente. De vez em quando, solta um som estranho e, quando isso acontece, a sua mãe estende o braço e limpa o excesso de saliva que sai da boca de Jasmin.

Há uma janela, no fundo, que dá para uma árvore atacada pelo vento e o frio e uma pista deserta, ao longo de um canal, que parece esperar pelos seus ciclistas de veraneio. Os velhos barcos brancos da empresa do canal também parecem aguardar os turistas norte-americanos que sempre aparecem no verão.

"Uma mãe que nunca deixou de estar ao lado da filha", pensa Malin, sentindo um profundo respeito pelas duas pessoas, para ela estranhas, ali presentes. Ainda que Jasmin não possa entender o que se passa à sua volta, certamente ela sabe que nunca foi abandonada. "Você sabe", pensa Malin, olhando para a moça na cadeira de rodas, "que recebe um amor puro da pessoa ao seu lado. Sua mãe é uma pessoa que todo mundo devia ter como exemplo. Não é verdade?

"Se a Tove terminasse dessa maneira...

"O que eu teria feito? Não consigo nem imaginar."

— Nós devíamos ter ido para Tenerife — diz Ingeborg Sandsten, apoiando as mãos magras nas coxas também muito magras. — A ideia era ficar no Vintersol, mas eles não quiseram recebê-la no último instante, ao saber do nível de deficiência de Jasmin. De modo que acabamos ficando aqui. Também é um lugar muito bom.

Malin pensou em dizer: "Que coincidência, eu cheguei de Tenerife há alguns dias". Mas isso seria um desaforo para uma mãe e uma filha que não conseguiram viajar.

O rosto de Ingeborg Sandsten é fino e com muitas rugas. Um rosto infinitamente cansado. E o cansaço da senhora fez com que Malin se sentisse mais desperta e viva.

— Tenho cuidado de Jasmin desde o acidente, e dessa forma vivo com o dinheiro que recebo como funcionária do município.

— Ela pode nos ouvir? — pergunta Zeke.

— Os médicos dizem que não, mas eu não sei. Às vezes, acho que sim.

— Os nossos colegas falaram ontem com o seu ex-marido — diz Malin.

— Ele continua com raiva.

— Você falou com ele? Ouviu falar do que suspeitamos que aconteceu na noite do acidente?

— Sim, ele me telefonou.

— O que você acha?

— Pode ter acontecido como dizem, mas isso agora já não tem importância, não é?

— Você não sabia de nada?

— Eu entendo aonde querem chegar. Eu não sabia disso. E estive aqui na unidade de recuperação, com Jasmin, durante toda a semana passada.

Nesse momento, novo som estranho sai da boca de Jasmin, cujo rosto se contorce num espasmo de dor. Ela devia ser muito bonita e simpática antes do acidente. Ingeborg estende a mão para enxugar a saliva da filha.

— Sabe se Jasmin conhecia Jerry Petersson antes daquela noite do acidente? Você se lembra? — pergunta Malin, consciente de que lançou uma rede ou anzóis, para depois puxar e tentar pescar vozes submarinas.

— Acho que não. Ela nunca mencionou o nome dele. Mas, quem sabe, a vida de uma adolescente nunca é um livro aberto.

— E a família Fågelsjö? Ela os conhecia?

— Ela estudou na mesma classe de Katarina Fågelsjö, mas não acredito que fossem amigas.

— Você não sabia de nada sobre aquela noite? — pergunta Zeke novamente. — De que talvez fosse Jerry Petersson que estava ao volante?

— O que você acha? — reage Ingeborg Sandsten. — Que Jasmin me contou alguma coisa?

Grossas gotas de chuva atingem a janela da sala, como se quisessem abri-la.

— Bem fundo, nos seus sonhos, talvez Jasmin se lembre do que aconteceu — diz Ingeborg, mais calma. — Bem fundo, muito fundo.

O carro segue rápido pela paisagem plana da província de Östergötland. Florestas sem folhas, prados isolados, habitações brancas, já acinzentadas.

As mãos de Zeke estão firmes ao volante.

Malin respira fundo duas vezes seguidas.

— Foi você que pediu ao Sven que falasse comigo, não foi? — pergunta ela, depois.

Zeke tirou os olhos da estrada. Olhou para ela. Acenou que sim.

— Vai ficar zangada, Malin? Eu tinha de fazer alguma coisa.

— Podia falar diretamente comigo.

— E teria escutado? Sério, Malin, sério.

— Falou às minhas costas.

— Para seu próprio bem.

— Você fala às costas de muitas pessoas, Zeke. Pense no que pode perder.

Mais uma vez, Zeke tira os olhos da estrada. Olha para ela, antes de deixar que seus olhos esverdeados e duros fossem afetados pela comoção.

— Nenhum de nós se considera o melhor filho de Deus — diz ele.

— Diga-me com quem anda, e eu lhe direi quem é — completa Malin, deixando, depois, que o barulho do motor preenchesse o silêncio dentro do carro. Engole a saliva para tentar dominar o que ainda resta de mal-estar presente no seu corpo.

O telefone de Malin toca quando já estavam a uns dez quilômetros de Linköping.

É um número que ela desconhece, mas atende.

— É Stina Ekström, a mãe de Andreas.

— Olá, como está?

— Como estou?

— Desculpe — diz Malin.

— Você me perguntou se eu me lembrava de alguma coisa em especial da época do acidente. Não sei o que isso poderá significar, mas me lembrei de um dos amigos de Andreas, antes de ele entrar para o curso secundário. Anders Dalström. Ele e Andreas eram amigos. A amizade começou quando nós nos mudamos para Linghem e, se me lembro bem, Andreas tomava conta dele. Não conviveram muito depois que mudaram de escola, mas me recordo dele durante o funeral. Pareceu-me sentir bastante a morte de Andreas.

— Você sabe onde ele está agora?

— Acho que ainda mora aqui, em Linköping. Mas há muito tempo que não o vejo.

— Eles eram amigos?

— Sim, desde a escola.

Stina Ekström fica em silêncio, mas alguma coisa faz Malin não desligar.

— Nós estávamos cheios de raiva — acrescenta Stina Ekström. — Os pais de Jasmin estavam com muito ódio. Tínhamos perdido os nossos filhos, de maneiras diferentes, mas a raiva não leva a lugar nenhum. Aprendi que, ao final, a única coisa positiva nas nossas vidas é a maneira como agimos em relação ao próximo. Podemos escolher. Empatia ou antipatia. É muito simples.

45

“Escute as vozes da investigação, Malin.

“Escute-as nas florestas mais escuras de Östergötland, se é lá que você pode ouvi-las sussurrar. Não se esqueça de nenhum detalhe nas investigações mais difíceis.”

A floresta densa em torno de Malin e Zeke sofre da mesma falta de cor que o céu, como se o mundo se adaptasse aos que são daltônicos. Aqui, as folhas secas no chão são negras, não conservam nenhuma de suas cores vivas. O cheiro da decomposição quase chega a entrar no carro, fresco e, ao mesmo tempo, sinistro.

Então, Malin vê a pequena casa de um andar à beira da floresta, a alguns quilômetros ao sul de Björsäter, em que a pintura vermelha parece se fundir com a chuva e matar a pouca luz do entardecer.

A última voz da investigação pertence a Anders Dalström. Malin ainda não sabe como ele se encaixa no caso.

Escuta as vozes da investigação até que elas fiquem em silêncio.

Depois, segue-as por algum tempo, vai mais longe e, de repente, às vezes, chega uma recompensa na forma de uma ligação, uma conexão, a verdade.

“É isso que as pessoas esperam de nós, a verdade”, pensa Malin.

“Nem mais, nem menos.

“Como se a verdade as fizesse sentir menos medo.”

Eles param o Volvo em uma área plana, de brita, em frente à casa. Há um Golf estacionado diante de uma oficina. “Se Skogså fosse uma caixa”, pensa Malin, “seria possível colocar umas 30 casas deste tipo.”

Na porta da frente, há um cartaz escrito à mão com o nome de Anders Dalström. A porta abre-se, e aparece um homem de jeans e uma camiseta com o retrato de Bob Dylan no peito. O rosto é pequeno, o nariz redondo, e as faces cobertas de cicatrizes de acne.

— Anders Dalström? — pergunta Zeke.

O homem faz que sim, enquanto seus cabelos longos e negros esvoaçam ao vento.

— Por favor, você tem um copo de água? — pergunta Malin ao entrar na cozinha desgastada pelo uso.

Anders Dalström sorri:

— Claro.

A voz é grave e rouca, cautelosa, mas forte e amistosa. Ele oferece a ela o copo de água com a mão direita.

Cartazes de shows da EMA Telstar cobrem as paredes da cozinha. Springsteen no Estádio de Estocolmo, Clapton no Scandinavium, Dylan no Hovet.

— Os deuses — diz Anders Dalström. — Iguais a eles, nunca mais tivemos.

Malin e Zeke estão sentados em um sofá de cozinha à moda antiga, bebem lentamente um café acabado de fazer.

— Você também toca? — pergunta Malin.

— Tocava mais — responde Anders Dalström.

— Você queria se tornar uma estrela de rock? — pergunta Zeke.

Anders Dalström senta-se diante dos dois, bebe um gole do seu café e sorri de novo, um sorriso que faz com que o seu nariz redondo pareça ainda menor. E responde:

— Não, não uma estrela de rock. Quando eu era mais novo, queria ser músico.

— Como Lars Winnerbäck? — interrompe Malin, lembrando-se de um concerto que ela viu no salão de concertos do Cloetta Center, no dia em que o grande filho da cidade de Linköping atuou.

— Gostaria de ter sido como Lars Winnerbäck, mas nunca cheguei perto.

“Mas ainda tem esperança, não é?”, pensa Malin.

— Tenho um estúdio lá embaixo, na oficina. Um estúdio que eu construí. É lá que gravo as minhas canções, porém isso não acontece com tanta frequência. O emprego consome todas as minhas forças.

— O que você faz?

— Eu trabalho durante as noites em um asilo em Björsäter e acabo exausto todos os dias. Hoje, trabalhei durante toda a noite até amanhecer. E logo à noite vou voltar.

Malin explica, então, o motivo da visita, contando para Anders Dalström o que conseguiram saber a respeito de Jerry Petersson e o que aconteceu na noite do acidente. Falou sobre a conversa com a mãe de Andreas Ekström e do que ela lhes contou. “Talvez eu devesse guardar essas informações”, pensa Malin, mas o cérebro ainda estava muito lento para que chegasse a essa conclusão antes de falar. E também não há razão nenhuma para suspeitar de Anders Dalström.

— Tem tido sucesso? — pergunta Zeke. — Na música?

— Não muito. Na escola secundária, cheguei a ter alguma popularidade em todas as festas durante o meu último ano, mas a carreira esfriou assim que eu entrei na universidade.

— Foi então que você conheceu Jerry Petersson?

— De jeito nenhum.

— Vocês não estudaram na mesma escola?

— Não, ele e Andreas estudaram na Escola Katedral. Eu estudei na Escola Ljungstedt.

— Você não conhecia Jerry? — pergunta Malin.

— Acabei de responder a isso.

— E Andreas? A mãe dele disse que vocês eram muito amigos.

— Éramos, sim. Andávamos muito juntos. Tomávamos conta um do outro.

— Como assim? — pergunta Malin.

— Fazíamos coisas juntos. Sentávamos um ao lado do outro na aula.

— Vocês cresceram juntos?

— Estudamos na mesma classe, em Linghem, só a partir do sétimo ano, quando Andreas se mudou para o bairro.

Malin lembra-se de si mesma no pátio da escola em Sturefors, com os seus colegas de classe, a maioria deles agora espalhados pelo país. Os valentões tinham o hábito de agredir os mais fracos. Ainda hoje, ela se lembra dos nomes deles: Johan, Lasse e Johnny. Ainda hoje, lembra-se de sua própria covardia, de como queria dizer-lhes para parar, mas sempre encontrava alguma razão para ficar quieta.

— Durante o curso secundário, vocês ficaram separados?

— Não ficamos, não.

— Não? — questiona Malin. — Eu fiquei com essa impressão, segundo as palavras de Stina Ekström.

— Nós continuamos a conviver. Já se passou muito tempo. Ela deve ter se esquecido.

— Mas você não estava na festa de Ano-Novo?

É a voz de Zeke, rouca, persistente como a chuva lá fora.

— Não, eu não fui convidado.

Malin inclina-se sobre a mesa da cozinha. Olha calmamente para Anders Dalström, que parece querer esconder o rosto por trás dos seus finos cabelos negros.

— Você ficou muito abatido com a morte dele, não é? Deve ter sido um choque ter perdido o melhor amigo.

— Na época, eu andava muito preocupado com a minha música. Mas é claro que fiquei muito triste.

— E agora? Tem muitos amigos?

— O que os meus amigos têm a ver com isso? Tenho mais amigos do que tempo para encontrá-los.

— O que você fez na noite entre quinta e sexta-feira da semana passada? — pergunta Zeke, enquanto coloca a xícara de café em cima da mesa.

— Trabalhando. Podem perguntar ao meu chefe de departamento. Posso dar-lhes o número de telefone.

— Vamos ter de verificar — diz Malin. — Faz parte da rotina.

— Nenhum problema — diz Anders Dalström. — Façam o que deve ser feito para encontrar o assassino de Jerry Petersson. É claro que ele parece ter sido um grande canalha, e se dirigia o carro naquela noite, merecia uma punição. Mas ser assassinado? Isso não, nunca.

— Você sabia?

— Sabia o quê?

— Que Jerry Petersson dirigia o carro?

— Não fazia a menor ideia. Foram vocês que me contaram — disse Anders.

— Tem o número de telefone do trabalho? — pergunta Malin, enquanto olha para Zeke e bebe o que resta da sua água.

A noite havia descido sobre Linköping quando Zeke deixa Malin na porta do seu prédio, na rua Ågatan.

"Vem luz de dentro do *pub* Pull & Bear. Ouve-se gente conversando. Em segundos, posso sentar ao balcão, com uma boa dose de tequila na minha frente."

— Suba já! — exclama Zeke, antes de ir embora.

De pé, no portão, Malin escuta uma mensagem no celular. Era Tove dizendo que ia dormir na casa de Janne. "Já se passou uma semana desde a última vez que nos vimos", pensa Malin. "Como é possível?"

Durante o caminho de volta para casa, Malin telefonou para o chefe da equipe do asilo de Björsäter, e o álibi de Anders Dalström foi confirmado. O chefe consultou a escala de serviço e afirmou que ele trabalhou naquela noite.

Malin guarda o celular, dá um passo em frente, para a rua, e olha para o letreiro do *pub* ao lado, que brilha com uma luz suave e atraente. A ressaca ainda está presente no corpo, tão violenta quanto antes, mas agora fortalecida, ainda mais, pelo remorso, o desejo e a carência. Apesar de tudo, ela quer ir ao *pub*, sentar-se junto ao balcão e ver o que acontece.

Então, surge o conhecido toque do celular.

O número é do seu pai.

Atende.

— Olá, papai!

— Chegou em casa sem problemas?

— Estou em casa. Já trabalhei ontem e hoje.

— Como pode prever, sua mãe perguntou por você.

— Você lhe explicou?

— Disse que recebeu um telefonema do trabalho e teve de ir embora correndo.

Mentiras necessárias.

Segredos.

Tão próximos.

— Como está Tove?

— Está bem, obrigada. Está me esperando no apartamento. Acabo de chegar, estou no portão. Vamos comer alguma coisa, um sanduíche com ovo.

— Beijinhos para Tove — completa o pai.

— Darei. Estarei com ela em um minuto. Estou recebendo outra chamada, vou ter de desligar. Tchau.

Malin coloca a chave na fechadura.

Abre a porta.

Cartas no chão. Folhetos de vários supermercados.

Por baixo dos folhetos, um envelope branco com o seu nome escrito com letras grandes, em tinta azul.

Sem indicação de que chegou pelo correio.

Malin leva toda a correspondência para a cozinha, atira a propaganda em cima da mesa, pega uma faca e abre o envelope. Retira o que tem dentro.

Fotografias.

Muitas fotografias.

Fotografias em preto e branco. Malin congela, sente como o medo se transforma em raiva e como a raiva volta a se transformar em medo.

O pai em frente ao prédio, em Tenerife.

A mãe, desfocada, na varanda.

Ambos em um supermercado, atrás de um carrinho de compras, com alimentos.

O pai na praia. Em um campo de golfe.

A mãe num terraço, sozinha com um copo de vinho branco na sua frente. Ela parece calma e descontraída.

Fotografias feitas com uma câmera Super-8.

Fotografias feitas por alguém que espiona. Documenta, persegue.

Fotografias em preto e branco.

Uma mensagem.

“Uma saudação de boas-vindas.”

“Goldman”, pensa Malin. “Canalha maldito!”

46

Sven Sjöman recosta-se no sofá na sala de sua casa de campo. Aponta para uma das fotos espalhadas pela mesa de centro na sua frente. O relógio Mora, em um canto da sala, acaba de anunciar oito horas, as badaladas sonoras e perfeitamente repetidas pela máquina que ele próprio montou. Os tapetes no chão da sala tinham sido tecidos em casa, alguns vasos com plantas bem tratadas escondem um pouco a vista para o jardim, agora escuro.

Sven olha para Malin, inclinada para a frente e sentada na poltrona Lamino, do outro lado da mesa.

Ela telefonara e Sven recomendava que fosse imediatamente à sua casa.

As fotos em cima da mesa, devidamente deslocadas com uma pinça e com o dedo de Sven no ar, sem tocar em nenhuma.

— Ele quer meter medo em você, Malin. Ele quer apenas assustar você.

Malin está mesmo em pânico:

— Tove. Quem é que me garante que eles não querem apanhar Tove?

— Calma, Malin, calma.

— Não pode acontecer mais uma vez.

— Pense, Malin, pense. Quem você acha que fez as fotos? Qual é a resposta lógica?

Ela respira fundo.

No carro, a caminho da casa de Sven, Malin tentou pensar com clareza, afastar o medo.

Chegou à mesma conclusão...

— Foi Goldman.

Sven concorda:

— Isto aqui não se pode ignorar. Mas acho que não há razão para grandes preocupações. É apenas o Goldman fazendo uma brincadeira daquelas que ele adora fazer.

— Então, é isso que acha?

— Que outra pessoa poderia ser? Só pode ser Goldman. Ele está brincando conosco. Certamente, está gostando de meter medo em você. Sem mencionar que todas as fotos são de Tenerife.

— Mas para quê?

— Foi você que falou com ele, Malin. O que acha?

Jochen Goldman na piscina. O mar e o céu disputando quem é mais azul. O seu corpo na praia. Como brincou comigo. “Colocou-me onde queria. E, aqui, a chuva como se fossem castanholas batendo no telhado de plástico na varanda da casa de Sven Sjöman.”

— Eu acho que ele está entediado. Quer mostrar apenas que controla a situação.

Sven concorda.

— No entanto, se existe um pouco de verdade nos rumores a respeito do que ele faz com aqueles que aparecem no seu caminho, nós temos de ter certo cuidado. Encarar o assunto a sério.

— O que podemos fazer? — pergunta Malin, resignada.

— Vamos mandar as fotos para Karin Johannison. Ela verificará se existem impressões digitais ou alguma outra coisa. Duvido que encontre. — Sven faz uma pausa antes de acrescentar: — Acha que há alguma outra pessoa por trás dessas fotos? Alguém que você mandou ficar no seu lugar e que agora só quer chateá-la?

No carro, a caminho da casa de Sven, Malin pensou em todos aqueles que, eventualmente, poderiam lhe querer mal. Eram muitos, mas ninguém que quisesse ir tão longe a ponto de atacar a policial que o prendeu.

Assassinos.

Estupradores.

Ladrões.

Algum gângster? Quase impossível.

Era melhor verificar se alguém saiu da prisão há pouco tempo e, eventualmente, planejou algum tipo de vingança.

— Ninguém de quem eu possa me lembrar — responde Malin. — É bom verificarmos se alguém que eu prendi resolveu ficar zangado.

— Vamos verificar — diz Sven, no momento em que sua mulher entra na sala para cumprimentar Malin.

— Você quer um chá bem quentinho? Parece estar com frio.

— Não, obrigada. Estou bem. Costumo dormir mal depois de um chá.

Sven sorri disfarçadamente e a esposa fica intrigada. Depois, ele fala:

— Eu quero o chá, sim. — E ela, então, segue para a cozinha. Sven Sjöman pergunta a Malin como ela se sente. A pergunta é feita, compassadamente, com um tom de voz que Malin reconhece como sendo de intimidade e de esperança. Ela responde:

— Ontem à noite tive um ataque de depressão. Lamento que vocês tenham me visto esta manhã naquele estado.

— Compreende que eu tinha de fazer alguma coisa?

— O quê?

Malin inclina ainda mais o corpo para a frente. Repete a pergunta:

— Fazer o quê, Sven? Mandar-me para alguma unidade de reabilitação?

— Talvez seja disso que você, de fato, esteja precisando.

Malin levanta-se da poltrona e, irritada, replica:

— Acabei de receber umas fotografias que podem representar uma ameaça, e você vem me falar de reabilitação?!

— Eu não falo apenas disso, Malin. Na realidade, quero que saiba que, se não se recuperar rapidamente, vou ser obrigado a suspender você e a recomendar algum tipo de tratamento, antes que volte a trabalhar. Tenho razões mais do que suficientes para obrigá-la a isso.

E a voz de Sven, desta vez, está sem qualquer condescendência. Revela, antes, autoridade, comando. Malin se senta de novo:

— O que acha que devo fazer em relação aos meus pais?

— Seria bom para você, e também para eles, que volte a andar na linha.

— Devo contar a eles?

— Pense nisso quando o caso estiver esclarecido.

— Podemos pedir à polícia de Tenerife para colocá-los sob vigilância? E Goldman também?

— Vamos fazer isso, Malin.

— Como?

— Vamos esperar para ver o que acontece com você. Quanto aos seus pais e Goldman, entraremos em contato com a polícia local

das Ilhas Canárias. Você tem algum contato lá, não?

Malin sente os últimos indícios da indisposição do dia saindo do seu corpo: unidade de reabilitação.

“Só por cima do meu cadáver.

“Só faltava isso, Sven.

“Jamais, nesta desgraçada vida. Eu estava apenas um pouco por baixo. Mas vou sair dessa. Pode acreditar nisso, Sven.”

Uma mão no ombro de Sven, um chá na mesa:

— Aqui está o chá, Earl Grey, extraforte, exatamente como gosta.

A chuva cai insistentemente sobre o teto do carro.

O mau hálito ainda enche o interior do veículo. Ela pega o celular e digita o número de Jochen Goldman. No entanto, apenas um toque e uma mensagem em espanhol indicando que o assinante não podia atender naquele momento ou que não existia assinante com esse número ou qualquer outra mensagem idiota. Malin desliga, deixa o aparelho em cima do banco do passageiro. Não sabe se é ela ou a umidade que faz com que o interior do carro cheire a mofo.

Liga o motor.

“Não vou contar nada ao pai, nem à mãe.”

Segue para o apartamento vazio, esperando que, ao chegar, possa dormir e descansar.

Malin não consegue dormir. Olha pela janela e vê a chuva cair, desenhando linhas irregulares em contraste com o escuro da noite.

Seu corpo está quente por baixo do edredom. Está calma, o corpo não grita por bebida alcoólica, nem por nada. Ousa desejar a presença de Janne e de Tove no quarto.

Cobre a cabeça com o edredom.

Janne está ali. Tove também, com cinco, seis, sete, oito, nove anos. Todos os anos que já viveu.

"Adoro a ideia do nosso amor. É essa ideia que eu adoro. Ou não?"

Uma batida na janela.

Doze metros acima do chão.

Impossível.

Mais uma batida. E o som conhecido do vidro a vibrar.

Ela continua deitada. Há alguém lá fora? Escutado o som da batida, tira o edredom e percorre os poucos metros até a janela.

Chuva e escuridão. Há algo invisível que flutua no espaço por cima do telhado?

Beba. Beba.

A palavra parece martelar suas têmporas. E, de novo, a batida no vidro da janela, três batidas longas, três curtas, como se fosse um pedido de socorro de um planeta longínquo.

"Sou eu que estou gritando", pensa Malin, enquanto volta para a cama, para debaixo do edredom, à espera de mais batidas que nunca mais vieram.

Eu já estou longe, Malin.

Mas, ao mesmo tempo, muito próximo.

Sabe quem bateu no vidro da sua janela, não? Talvez tenha sido eu, ou então foi o seu cérebro embriagado que lhe pregou uma peça.

Beba, Malin.

A escuridão vai arranhar a sua garganta se se mostrar fraca.

Fraca apenas diante da bebida, do dinheiro e do amor.

Eu próprio desisti do amor naquela noite de Ano-Novo. Depois, concentrei os meus esforços para ganhar dinheiro. Eu sabia, desde

então, desde as salas de aula de Lund, onde ainda me vejo debruçado sobre os livros de direito, que o dinheiro era a minha única possibilidade de algum dia conquistar o amor. É por isso que, com os meus dedos, pego persistentemente os livros jurídicos, de folhas de papel finas, lisas e tranquilizantes.

47

Lund, 1986 em diante

O jovem toca com os dedos o papel sedoso dos livros jurídicos.

Colocou tampões nos ouvidos para não ouvir o som que vem do corredor dos estudantes da república Östgöta em Lund. Utiliza os implacáveis olhos azuis para fotografar as páginas do livro. Olhar, ver, depositar na mente. A jurisprudência é para ele a mais simples das ciências, letras a fixar no consciente. Depois, usá-las conforme a necessidade.

Ele ficará em Lund durante três anos. Não é necessário mais tempo para obter todos os créditos exigidos para conseguir o diploma, para ter lugar no tribunal de Estocolmo. São três anos para esquecer a mesquinhez repressiva de uma cidade como Linköping, de uma escola como a Katedral. Para esquecer uma vida como foi a sua, até então.

É claro que aqui também existem aqueles cujos sobrenomes estão escritos com ponta de pluma nos livros de registro da nobreza sueca, mas em Lund não se presta tanta atenção a eles.

Uma noite, o jovem sobe pela fachada do pomposo edifício da Associação Acadêmica. Embaixo, as garotas olham e gritam. Os rapazes também gritam. Ele vai a Copenhague para comprar

anfetaminas e poder manter-se acordado por mais tempo e estudar. Contrabandeia as pílulas na cueca e sorri para os guardas alfandegários em Malmö.

Afasta-se dos festejos do carnaval, do segundo ano de estudos. Chega atrasado aos restaurantes e bares e é sempre notado. Deixa correr o rumor de que é o mais inteligente dos inteligentes e que se deita com as mulheres mais bonitas.

Ele é “o corpo” em Lund. E ainda mais, objeto de sussurros e especulações. Quem é ele? De onde vem? Uma noite, ele ataca e deixa um cara de Linköping sangrando em um estacionamento atrás da república de Malmö. O cara contara, para quem quisesse ouvir, quem realmente era Jerry Petersson: um zé-ninguém que vivia num apartamento de zés-ninguém, numa área de zés-ninguém, de uma cidade de zés-ninguém.

— Você não sabe nada sobre mim — grita ele, debruçado por cima do corpo do rapaz que jaz no chão e que não é mais do que o contorno de uma figura escura, vagamente iluminada por um único poste de iluminação. — Portanto, não tem nada para contar. Vai deixar que eu seja o que eu quiser ser. Caso contrário, você será, sim, um homem morto. — Curva-se e apanha um pedaço de metal que encontrou no chão. Pega como se fosse uma faca e o encosta no pescoço do rapaz: — Escutou bem o que eu lhe disse? Escutou? Escutou as lâminas do cortador de grama, idiota?

Ele aprende tudo sobre as mulheres. A textura macia, o calor. E que o sexo delas é totalmente diferente e transforma-se de maneiras diferentes. Pode deixá-lo em um estado de excitação saudável, e saciar as suas necessidades fisiológicas.

Ele sabe o que as necessidades fisiológicas representam, quando está deitado na cama, no seu quarto de estudante, e sonha com

aquela mulher que devia ser sua e um dia ainda será.

Esses sonhos são o seu segredo.

Um segredo que o faz se sentir homem.

48

“Aproxime-se, Malin.

“Você pode sentir isso, nos seus sonhos negros, ressoando segredos.

“Pessoas que não sabem harmonizar suas vidas. Que nunca chegam a dominar seus medos. Que gritam por ajuda com vozes que acabam por não sair da garganta.

“Que ficam condenadas a vagar, melancolicamente.

“Há exemplos delas todas nos seus sonhos, Malin. E é lá que ele está, o rapaz.

“Malin.”

Quem é que sussurra o seu nome?

O mundo, toda a vida humana, todos os sentimentos, cremados. Todas as serpentes que se arrastam, em volta das ratazanas inchadas e sem pelos, pelos esgotos inundados da cidade.

Apenas resta o pavor.

O mais pálido de todos os sentimentos.

“Quero acordar agora.

“Maria.

“Adormeci cedo demais.”

Acordado, Fredrik Fågelsjö está refletindo enquanto olha para o pequeno relógio de pêndulo, colocado na prateleira em cima da lareira. Os pequenos pilares laterais do relógio, em mármore escuro, parecem se diluir entre as pedras escurecidas da lareira. Falta pouco para as 23h30.

Tempo frio e úmido lá fora, quente e seco aqui dentro. O lago Roxen, selvagem, a apenas algumas centenas de metros de distância.

O fogo solta estalidos, os pedaços de lenha mudam de cor, de tons alaranjados para vermelhos e escuros. Toda a sala cheira a lenha queimada, é tranquila e segura.

Fredrik pega levemente o copo de conhaque, sente o aroma doce e acha que nunca mais vai beber outra coisa que não seja Delamain. Que a última coisa que beberá nesta vida será uma dose de Delamain.

Foi bom o Ehrenstierna fazer os contatos certos. As noites na prisão foram horrorosas. Solitárias e com tempo demais para pensar. Ele teve, então, uma ideia que lhe veio à mente quando aquele superintendente, parvo e velho, começou a perguntar sobre a sua família, sobre Christina e as crianças. Compreendeu que o dinheiro, Skogså e toda a porcaria restante não tinham a menor importância. Tudo o que tinha significado para ele estava ali. Era Christina e o seu amor recíproco, além das crianças, que representavam tudo. Que tudo o que tem, funciona; apesar de Christina nunca ter se dado bem com o pai dele, com o passar dos anos se comporta de maneira aceitável.

As crianças. Ele se esqueceu delas para conseguir aquilo que achava que queria ter. E que o pai queria ter.

“Vou passar um mês na prisão de Skänninge, no verão. Vou aguentar. Agora eu sei que vou conseguir.”

Christina e as crianças estão na casa dos sogros. Isso já estava decidido há muito tempo, e os dias na prisão não mudariam nada, todos os envolvidos concordaram com isso. Mas ele próprio preferiu ficar sozinho em casa. Curtir a Vila Itália no escuro do outono.

Eles iriam voltar para casa em breve.

Fredrik Fågelsjö adora a tranquilidade da sua casa em uma noite como aquela, mas gostaria que o seu carro também voltasse logo.

Gostaria de ouvir as crianças subir correndo a escada, sob a chuva. Ouvir os seus passos.

Fågelsjö põe mais uma dose de conhaque.

Estão demorando, e Fredrik chegou a pensar em telefonar para a mulher, mas conseguiu controlar o impulso. Com certeza, ficaram mais tempo para ver um filme ou brincar com algum novo jogo, um daqueles jogos da ralé para entretenimento geral, que a sua sogra, uma mulher horrível, adora.

O castelo.

É parte do espólio administrado, agora, pelo pai de Jerry Petersson. A polícia não encontrou quaisquer outros herdeiros. Mas eles já estão com dinheiro, novamente, graças a uma velha de uma linhagem da família com a qual nunca tiveram contato. Dinheiro vindo das origens da sua história.

O pai vai apresentar uma proposta de compra do castelo para o administrador do espólio.

A ordem deve ser restabelecida.

“Afinal, quem deve morar em Skogså senão nós? Eu, as crianças. Porque, embora isso não seja tão importante, na realidade, o castelo é nosso. E nós queremos que continue conosco.”

Jerry Petersson.

Um viajante. Uma pessoa que não sabe qual é o seu lugar, que nunca soube qual é o seu lugar. Simplesmente, pode-se expressar o seu comportamento da seguinte maneira, segundo Fredrik Fågelsjö:

“Jerry afogou-se nas suas próprias ambições.

“O advogado Stekänger é quem cuida do espólio. Uma boa oferta, feita rapidamente, e a questão é resolvida, desde que o pai de Petersson concorde. Se ele se opuser, nós aumentamos um pouco a oferta. A propriedade passa a ser nossa e nenhuma outra criança vai brincar lá, a não ser as minhas. Já sinto esse sentimento de posse, mesmo que seja contra a minha própria vontade.

“Depois, vou tratar de pôr em ordem a agricultura. Cultivar plantas para se fazer biocombustível e conquistar para a família uma nova fortuna. Vou mostrar ao meu pai que sei fazer as coisas, que sei como criar coisas e fazê-las funcionar.

“E que posso ser implacável. Exatamente como ele.

“Que eu não sou apenas um bancário que só serve para perder dinheiro, mas que, de fato, sei como garantir o futuro da família.”

Fredrik Fågelsjö sente as faces vermelhas só de pensar nas ações da Bolsa, nos prejuízos, na sua falha.

Já existe dinheiro novamente.

“Vou mostrar para o pai que mereço ter o meu retrato pendurado na parede de Skogså. Quando eu lhe provar isso, vou dizer para ele que a sua opinião sobre mim não significa nada, e que ele poderá ir para inferno e levar o seu retrato consigo.”

Fredrik Fågelsjö levanta-se.

Sente o chão balançar sob seus pés. O conhaque subiu-lhe à cabeça.

Senta-se novamente. Olha para o retrato da mãe, Bettina, que está pendurado ao lado do relógio de pêndulo. Seu rosto suave está enquadrado numa moldura dourada. Como o pai mudou desde que ela faleceu. Como ele quase se esqueceu de como era.

Fredrik Fågelsjö ficou escondido do lado de fora do quarto da mãe doente, no castelo, durante a sua última noite de vida. Ouviu quando ela conseguiu que seu pai prometesse que sempre tomaria conta dele, que ajudaria o filho fraco.

A mãe nada se parecia com aquela detetive que o prendeu quando ele tentou fugir da polícia, mas, por alguma razão, Fredrik se lembra dela.

“Malin Fors.

“Muito bonita.

“Mas malvestida. Mau gosto para roupas, muito velhas e fora de moda para a sua idade. Além disso, roupas baratas, usadas, principalmente, pelas garotas do interior. Aquilo que a diferencia das outras é o fato de parecer, por completo, consciente de quem é, da sua personalidade. E isso a perturba. Ela talvez seja inteligente, porém não deve ser esperta.

“Vocês vão chegar ou não?”

A antiga casa parece estar cheia de segredos que pairam por todos os cantos. Com a umidade e a chuva fazendo a casa estalar como se quisesse mandar uma mensagem em código para ele.

Fredrik Fågelsjö parece ter escutado alguma coisa.

É um carro que chega e para. O Volvo preto da esposa. O relógio de pêndulo solta uma batida, a da meia-noite. É claro que só podem ser eles. As crianças devem estar dormindo no carro. Se tivessem ficado na casa dos sogros, Christina teria telefonado.

Ele se levanta.

Vai cambaleando para a entrada da casa, abre a porta dupla.

A chuva bate no seu rosto, mas ele não consegue ver nenhum carro na rampa da garagem.

A escuridão é densa.

A chuva também.

De repente, acendem-se os faróis de um carro perto do celeiro.

Logo se apagam.

Acendem-se de novo, mas ele não consegue ver o carro com nitidez, não consegue ver a marca. É um carro preto, com certeza. Acha estranho que a mulher não tenha parado junto da casa, com o tempo que faz. Talvez o motor tenha falhado por causa da umidade. Ele sai, faz sinal para o carro, cujos faróis piscam novamente, várias vezes. A esposa e as crianças. “Será que eles querem que eu me aproxime com um guarda-chuva? Ou é o meu pai? A minha irmã?”

Faróis piscando.

Piscando.

Fredrik Fågelsjö veste uma capa impermeável.

Abre o guarda-chuva.

Os faróis piscam de novo.

Depois, a escuridão.

Ele sai em direção ao carro, que fica de faróis apagados, a 50 metros de distância.

Está muito escuro.

Quase sente as suas pupilas abrindo, os olhos trabalhando febrilmente para ajudar o cérebro a interpretar o mundo. Como se o mundo desaparecesse com a ausência dos sinais corretos.

“Devia ter ligado a iluminação do jardim. Não seria melhor voltar?

“Não. É melhor continuar andando ao encontro de minha mulher e de meus filhos.”

Aproxima-se do carro.

O carro da esposa?

Não.

Janelas com películas escuras. Impossível ver quem está dentro.

Há um movimento junto ao carro.

Um animal?

Uma raposa ou um lobo?

Um som curto daquilo que está em movimento.

Fredrik Fågelsjö sente um frio pelo corpo e fica paralisado. Quer fugir como nunca havia desejado antes.

“É apenas um sonho”, pensa Malin. “Mas parece que nunca termina.

“É apenas no sonho que o medo existe.

“As batidas que chegam, bem dentro do meu corpo.

“O forno, aquele do crematório em que um dia irei entrar. Não há do que ter medo.

“Eu cedi. E isso é que me faz ter medo.

“Quem sou eu? Uma mulher com medos. Ou não?”

PARTE 3

OS NEGLIGENTES E OS MEDROSOS

Östergötland, outubro

O filme parece não chegar ao fim, só porque eu quero que termine.

É infindável, e as imagens ficam cada vez menos nítidas, cada vez mais difusas, cada vez mais pálidas, além de queimadas nos cantos.

Seja o que for que aconteça, elas não vão me conter.

Vou me defender.

Vou respirar.

Não vou restringir os meus ataques de fúria. Quero sentir as serpentes, as últimas, saírem do meu corpo.

Devo confessar que me senti bem dessa vez. Não houve nenhuma explosão repentina. Sabia o que devia fazer. Existiam mil motivos para isso. Vi o seu rosto no dele, papai. Vi todos os rapazes no pátio da escola no seu rosto. Eu o despi como eles me despiram. Coloquei-o num altar de serpentes.

Isso fez com que a violência me deixasse tranquilo. Feliz. E infinitamente desesperado.

A escuridão fica cada vez mais densa. As gotas da chuva transformam-se em balas de chumbo que caem sobre os campos e

as pessoas.

Agora é a minha vez. Sou o mais poderoso.

Ninguém mais vai me virar as costas. E quem é que, na realidade, precisa da porcaria dos seus antepassados, de ter um nome, de chamar a atenção para a sua superioridade ancestral, adquirida de berço. As imagens tremem, em preto e branco, com cifras amareladas. A história a meu respeito, a cuspida pelo projetor, está chegando ao fim.

Ainda existo.

Papai abraça-me, novamente, no filme. Está magro. A mãe não vai sobreviver ao câncer por muito mais tempo. “Venha, meu filho, fique quieto para que eu possa bater em você.”

Tenho um amigo.

Dá para escapar da solidão, da falta de liberdade. Evitar os estranhos e o medo. A vida pode ser um mar azul, um espelho de águas tranquilas.

Dinheiro.

Tudo custa dinheiro.

Tudo tem o seu preço.

O rapaz que corre pelo jardim nas imagens projetadas na tela branca ainda não sabe, mas já suspeita.

Dinheiro. Deveria ser a minha vez.

Papai, você não tem nenhum dinheiro. Nunca teve. Mas por que eu não podia ter? A sua amargura não é a minha. E talvez pudéssemos ter feito alguma coisa juntos. Alguma coisa boa.

Aconteceu o que aconteceu.

Um contrato de aluguel, uma casa geminada, pobres habitações humanas.

Corro sozinho pelo jardim nas imagens. Que vão para o inferno aqueles que criam a solidão e o medo que vem com ela.

Que vão para inferno.

Rapazes. Vivos e mortos, homens com papéis a que tentam se adaptar.

O rolo de imagens, o filme, chega ao fim. O projetor só mostra uma luz branca. Nem o rapaz, nem o homem existem mais.

Aonde devo ir? Estou com medo e sozinho, um ser humano que não aparece nas imagens. Resta apenas a sensação de haver serpentes que se arrastam sob a minha pele.

49

Sexta-feira, 31 de outubro

O advogado Johan Stekänger pisa ainda mais no acelerador do carro e aumenta a velocidade do para-brisa. As palhetas voam como se fossem aves a bater as asas.

O Jaguar corresponde aos seus comandos e ultrapassa um ônibus, a tempo de evitar a batida de frente contra uma picape Volvo, tristemente preta.

O aquecimento no banco deixa as nádegas em uma temperatura muito agradável. Lá fora, em contrapartida, o tempo estava extremamente desagradável naquela manhã. O carro ainda cheira a novo, revelando os produtos químicos usados, e a decoração cinza do interior parece querer estar de acordo com o ambiente lá fora, da natureza, nesta época do ano.

No castelo de Skogså, há arte espalhada pelas paredes, quase todas cobertas de quadros que, aparentemente, não significam nada, mas que ele entende que valem muito dinheiro.

Por isso, aqui está aquele tipo vaidoso com terno de tweed, Paul Böglöv,***** perdão, Boglöv, que é perito em arte moderna e que viajou de trem, sem cobrar, de Estocolmo, para documentar e avaliar a coleção de arte de Jerry Petersson.

“Boglöv espera, claro, ser escolhido para vender essa porcaria”, pensa Johan Stekänger, no momento em que param na subida da entrada para o castelo, depois de ter atravessado a ponte sobre o fosso, agora vazio.

Durante o caminho, não trocaram muitas palavras.

“Já notou, talvez, o meu desprezo”, pensa Stekänger. Esse foi, aliás, um dos motivos pelos quais tinha resolvido se mudar de volta para Linköping, depois de terminado em Estocolmo o curso de direito. Os habitantes em Linköping são mais homogêneos e os homossexuais, com quem ele sempre teve problema de conviver, são raros, quase nunca se veem nas ruas bem tratadas da cidade.

O relógio no painel do carro marca 10h12.

Para Boglöv, era um inventário de patrimônio grandioso, o maior que já fez. Vai render uns bons honorários no final. Com certeza.

E, portanto, é preciso aguentar essa presença, a de um maricas especialista em arte, vindo da terra dos maricas.

“Ele me despreza”, pensa Boglöv no momento em que o advogado provinciano e retardado, de terno verde barato, e com os cabelos louros, longos demais, caídos sobre a nuca, digita o código para desativar o alarme do castelo.

“Mas por que eu deveria me preocupar com seu desprezo?

“Grosso.

“Vá, entre logo no seu paraíso esplendoroso!

“Ridículo!”

As palavras quase saíram da boca de Paul Boglöv, mas, no último instante, conteve-se. E quando finalmente conseguiu desviar o olhar da enorme pintura que decora a parede do hall de entrada do castelo, viu a seu lado o sorriso do advogado arrogante.

— Aí está. Quanto vale?

— É um quadro de Cecília Edefalk, de sua série mais conhecida.

— Não parece nada de extraordinário para o mundo, se você me perguntar, um homem que passa bronzeador nas costas de uma mulher. Ele bem que poderia passar o bronzeador no peito!

“Eu não vou nem responder”, pensa Paul Boglöv.

Em vez disso, pega a câmera e começa a fotografar a pintura e a fazer anotações no seu pequeno bloco de capa preta.

— Existem pinturas como esta em quase todas as salas.

Paul Boglöv vai de sala em sala, fotografa, calcula, anota e fica espantado como se fosse uma criança. A cada sala, cresce a sensação de ter feito uma grande descoberta. Deve ter sido assim que eles se sentiram quando descobriram aquele exército chinês de terracota.

Mamma Andersson, Annika von Hausswolf, Bjarne Mellgaard, Torsten Andersson, um bonito Maria Miesenberger, Martin Wickström, Clay Ketter, Ulf Rollof, a cabeça escura de Tony Oursler.

“Muito bom gosto, sem restrições. Atualíssimo. Tudo deve ter sido comprado na última década.

“Seria o próprio Jerry Petersson que escolhia as obras de arte?

“O sentido de qualidade, isso é uma coisa que nasce com a pessoa.

“O grosso do advogado.

“E seus comentários idiotas.”

— Para mim, parece uma fotografia normal.

Em relação a uma pequena obra de Miesenberger.

— Um pedaço de vidro, com buracos.

Em relação a Ulf Rollof, em cima da cama, naquele que deve ter sido o quarto de Jerry Petersson.

Arte para uns 30 milhões. No mínimo.

Depois de passar por todas as salas, Paul Boglöv bebe um copo de água na cozinha e relê todas as suas anotações do bloco, além de repassar as fotografias das pinturas na câmera.

Olho de mestre.

Petersson, ou seja quem for, deve ter tido um olho perfeito.

Vocês se movimentam pelas minhas salas.

Você abre a boca, ele zomba.

Vocês nem sabem o que vão encontrar em seguida. E que eu acabei de ver.

Havia uma razão para eu ser atraído pela arte, isso é verdade.

Mas acho que não vou contar agora. Deixo que Malin Fors descubra.

Fui conquistado pela arte. Consegui muito mais do que imaginava. Primeiro, estava sem recursos, mas bem depressa fui avançando.

Nas minhas imagens, eu vi, ainda vejo, todas aquelas sensações de que não sei o nome. Vejam, por exemplo, o vidro azul perfurado, por cima da minha cama, onde há beleza e dor. Ou os macacos debatendo-se, de Mellgaard: o medo mal disfarçado deles, do que são, do que se tornaram, do amor que deixaram para trás, em algum lugar.

Ou as sombras vazias de seres humanos, de Maria Miesenberger, como pecados que jamais podem ser esquecidos.

— Existe também uma capela — diz o advogado. — Há várias pinturas de Jesus Cristo em ouro. Talvez você também queira vê-las, não?

"Ícones", pensa Paul Boglöv. "Ele nem sequer sabe que essas pinturas são designadas por ícones."

— Onde está a capela?

— Atrás do castelo, em direção à floresta.

Paul Boglöv põe o copo em cima da bancada da cozinha.

Lá fora, chove o tempo todo. O dia está escuro, apesar de o relógio indicar apenas meio-dia.

Ambos seguem a passos rápidos em volta do castelo. A capela está isolada e abandonada, na beira de uma floresta de abetos.

Uma chave na mão do advogado.

Ícones. Paul Boglöv pensa: “Será que Jerry Petersson tinha o mesmo bom gosto para ícones?”.

— Estranho, a porta não está trancada — comenta o advogado.

Então, abre as portas da capela.

Que deslizam lentamente, rangendo.

Dentro, uma luz fraca que vem de pequenas aberturas nas paredes.

E ambos soltam cada um o seu grito descomunal, assim que veem o que jaz nu e mal coberto em cima da pedra elevada que marca o lugar do túmulo dos membros da família Fågelsjö.

***** Em sueco, a palavra *bög* designa homossexual, daí o pedido irônico de perdão pelo engano. A palavra *löv* (folha de árvore) é uma terminação normal para sobrenomes suecos. [N. T.]

50

A morte, aqui, não tem cheiro. A tonalidade podre que chega ao nariz de Malin não vem do cadáver, mas das folhas mortas da floresta que rodeia a capela.

A terra está bem molhada, mas não há perigo de ficar alagada.

O corpo de Fredrik Fågelsjö está nu.

Malin sabe disso, embora o cadáver já esteja dentro de um saco preto, no qual será transportado.

Ela está na entrada da capela de Skogså, tentando evitar a chuva que o vento empurra para cima dela. Olha para as imagens douradas de Jesus Cristo nas paredes, a aura da santidade em volta da sua cabeça, uma santidade que, neste outono, ninguém ainda vivo parece ter.

Os abutres jornalistas foram mantidos a distância. Malin podia ver a expectativa em seus olhos, quando passou por eles, ainda há pouco, ao chegar. Seus pequenos blocos de anotações, suas câmeras esfomeadas, seus instintos acordados para a vida. Finalmente, acontecera de novo algo. Daniel não estava lá. Mas talvez viesse.

Sven Sjöman e Zeke estavam a seu lado, em silêncio, concentrados e pensativos.

Fredrik Fågelsjö.

Assassinado. Sacrificado por alguma razão, no túmulo da família.

Mais uma vítima outonal.

Mas por quê? Por quem?

A ligação com o assassinato de Jerry Petersson é uma conclusão aceita pelos três membros da polícia de Linköping. Eles sabem que não podem falar disso abertamente. Nada de facadas desta vez, mas uma clara mensagem: um corpo nu em cima de um túmulo.

Precisam manter abertas todas as hipóteses na investigação. Não é certo que os dois assassinatos estejam ligados só porque o local dos crimes é, praticamente, o mesmo. Ou porque as vítimas têm uma história em comum. “Quem sabe”, pensa Malin, “como os caminhos errantes da violência se apresentam? Caminhos cegos, obscuros e solitários. Naturalmente, a maneira de agir pode divergir, mas é mito dizer que qualquer assassino sempre mata do mesmo jeito.”

O advogado e o perito em arte.

Estavam transtornados quando Malin, Sven e Zeke chegaram uma hora antes, mas tiveram o bom senso em não passar da entrada da capela e de se afastar, cautelosamente, dos arredores.

O motivo da presença deles era bem claro. E não tinham visto nem ouvido nada.

Nenhuma razão para mantê-los no lugar.

Karin Johannison e seus dois colegas do Instituto de Medicina Legal movimentam-se em volta do túmulo, procuram por impressões digitais, recolhem em sacos plásticos coisas que são invisíveis a olho nu.

As palavras de Karin a respeito de Fredrik Fågelsjö, depois de seu corpo ter sido fechado em um saco preto:

— Ele morreu, quase com certeza, de uma pancada na cabeça. A ferida parece ter sido feita por um martelo. A pancada atingiu a cabeça em linha reta e, portanto, não vai ser possível definir se o infrator é destro ou canhoto. Não existem outras marcas no corpo. Não há sinais de nenhum ferimento nos órgãos genitais, pelo que posso constatar à primeira vista.

— Ele foi morto aqui ou foi trazido depois de morto?

— Com certeza, ele foi trazido. Existem marcas de sangue, bem claras, na entrada. E, embora as roupas tenham sido levadas daqui, acho que despiram o corpo nesta capela. Por uma análise preliminar, parece que as fibras encontradas no chão são do mesmo tipo que encontrei no cadáver.

— Portanto, foi assassinado em outro lugar e trazido para cá.

— Provavelmente, sim.

— E o que pode dizer sobre como o deitaram na capela, em cima da sepultura?

— Do túmulo.

— Dá no mesmo. O que acha?

— Isso é problema seu, Malin. Eu não acho nada.

— E da maneira como o criminoso agiu?

— Deve ter sido uma senhora pancada.

— De raiva?

— Talvez, mas provavelmente não estava com muita raiva no momento, caso contrário seriam dadas várias pancadas.

Karin faz sinal para seus colegas.

Os dois homens saem da capela com o corpo de Fredrik Fågelsjö.

Malin fica pensando no que ele ou eles terão para lhe dizer.

“O que vocês estão tentando me dizer?”

Diante dela, o túmulo da família.

“Fredrik Fågelsjö, que especulou e perdeu dinheiro e as propriedades da família. Foram o pai, Axel, e a irmã, Katarina, que se vingaram? Por que teriam feito isso agora, depois de a família ter recebido uma herança, com a qual podem recuperar as propriedades do espólio? Ou foi a família que resolveu acabar com Jerry Petersson e, agora, fazer o mesmo com Fredrik, porque ele, por algum motivo, podia não conseguir manter a boca fechada e porque sabia demais?

“Ou será que foi uma coisa completamente diferente o que aconteceu aqui? Será que Fredrik Fågelsjö tinha ligações com Goldman? Parece extremamente rebuscado. Ou será que Fredrik teve um papel mais importante na tragédia da noite de Ano-Novo, além de ter organizado a festa? Ou será ainda que Fredrik Fågelsjö foi assassinado por ter matado Petersson?

“Por que acontece tudo isso agora? Se é Jochen Goldman que está mexendo os pauzinhos, será que, simplesmente, não teve tempo antes? Quem sabe o que um homem como ele ainda tem de limpar do seu passado. Será que já mandou muitos para o fundo do mar? E enviou muitas fotografias semelhantes às que recebi?

“Ou o assassinato não tem nada a ver com isso? Quem são os inimigos de Fredrik Fågelsjö? Os camponeses arrendatários?

“Jerry, Fredrik. Será que alguém tem algum motivo para odiar vocês dois?”

Os ícones nas paredes parecem luzir, como se quisessem incitá-la a prosseguir.

Malin sente que, apesar do frio e da chuva e de todas as contrariedades, está gostando de voltar à atividade, de fazer o cérebro trabalhar novamente, de tentar colocar em ordem todas as probabilidades que um duplo assassinato oferece.

A alma da detetive está palpitando novamente.

Já não existem mais hesitações, nem tristezas. Resta apenas focalizar todas as atenções no caso que precisa ter uma solução.

— Não é melhor voltar para o castelo e tentar rever o que temos pela frente?

A voz de Sven não mostra cansaço, é antes esperançosa, como se o seu espírito policial tivesse de novo acordado.

— Vamos — diz Zeke, dando as costas para o lugar da morte violenta.

Malin, Zeke e Sven estão na cozinha do castelo e pensam nas possibilidades, tal como Malin já fizera antes na capela, e pensam em mais algumas.

— A maneira de agir são incontestavelmente diferentes — diz Sven Sjöman. — Mas eu ainda tenho a impressão que estamos lidando com o mesmo assassino.

Malin concorda:

— Há muita coisa ligando os dois assassinatos. O local, a história das vítimas. Seria uma grande surpresa para mim se não se tratasse do mesmo criminoso.

— Talvez o primeiro assassinato tenha sido resultado da raiva do momento, mas o segundo foi planejado — comenta Zeke.

— Também pode ser que Fredrik Fågelsjö tenha assassinado Jerry Petersson e, depois, sido morto por vingança — diz Sven. — Simplesmente, não sabemos. Contudo, existe a maior probabilidade de que seja um e o mesmo assassino.

— Nesse caso, já podemos remover da lista os pais dos jovens que sofreram o acidente de carro — diz Malin. — Não teriam motivo nenhum para querer matar Fredrik Fågelsjö. Se quisessem tirar a vida dele, já o teriam feito há muito tempo.

Quanto a Jochen Goldman, chegam à conclusão de que a ligação com esse novo assassinato é muito confusa, mas, de qualquer forma, não podem removê-lo da lista.

Os três ficam em silêncio durante alguns momentos, pensam em todas as possibilidades, reconhecem como a verdade é difícil de ser encontrada.

— Vocês têm de fazer mais uma visita a Axel Fågelsjö — diz Sven Sjöman, depois. — Johan e Waldemar devem informar a morte para Katarina Fågelsjö.

— E interrogá-los. Vamos interrogar novamente o velho — diz Zeke. — Apesar de tudo, eles podem ter algo a ver com o que aconteceu.

— Sem dúvida — concorda Sven. — Podem ter desejado afastar Fredrik do caminho, por causa de seus negócios. Ou estão implicados na morte de Petersson e acharam que Fredrik estava a ponto de fraquejar e entregá-los.

Malin balança a cabeça, com dúvida, mas não diz nada.

— Além disso, vamos ter de fazer uma investigação profunda na vida de Fredrik Fågelsjö e dos seus negócios no banco — acrescenta Sven. — Talvez não tenha desviado apenas o dinheiro da família. Ele pode ter outros inimigos. Mais um trabalho para Johan, Waldemar e Lovisa, com os papéis em Hades.

— Que confusão! — comenta Zeke. — Como é que podemos avançar desse jeito?

— O Hades vai ter de rever os negócios feitos. Um mau negócio raramente aparece isolado, sozinho — diz Sven Sjöman, que, em seguida, olha para Malin, com uma expressão de compaixão, deixando-a irritada e com vontade de dizer: “Pare de se preocupar comigo dessa maneira. Eu vou me sair bem”. Mas pensa: “Imagine

se eu não consigo, se não me saio bem dessa, o que vai acontecer?". Então, pensa no conceito difuso de reabilitação, uma desintoxicação que explode na sua mente.

— Vamos ter de falar, também, com a esposa de Fredrik Fågelsjö — diz Zeke. — Ela ainda não fez queixa do seu desaparecimento.

— Façam isso — diz Sven. — Talvez ele tenha lhe dito que ia viajar. Mais alguma ideia? O acidente de carro?

— Duvido. Vamos ter de pensar, também, na razão pela qual ele foi colocado em cima do túmulo da família — diz Malin. — Quase como se fosse um ato de sacrifício.

— Acha que o criminoso quer dar algum recado para nós?

— Não sei. Talvez. Ou, então, ele ou ela quer que acreditemos que existe alguma coisa para informar. Quer que olhemos em uma direção. Talvez para a própria família Fågelsjö. Afinal, está tudo descrito nos jornais.

— Pode ser alguém na família querendo ser descoberto, inconscientemente, é isso que quer dizer?

É Zeke, a seu lado, que faz a pergunta.

— Acho mais provável o contrário — afirma Malin.

— Como assim?

— Não sei — responde Malin. — Sinto apenas que algo não está se encaixando.

— Tem toda a razão. Existe aí alguma coisa que não se encaixa. Vamos receber o relatório de Karin amanhã, a partir daí seguiremos — diz Sven. — Vamos montar também os passos do último dia de vida de Fredrik Fågelsjö. Ainda não chegamos tão longe quanto com o caso de Petersson. Ou também, simplesmente, não há nada para acrescentar ao que já sabemos, acerca do seu encontro com o assassino.

— Afinal, como é que Fredrik Fågelsjö chegou aqui? — questiona Zeke.

— O departamento técnico vai analisar as marcas dos pneus que subiram a rampa do castelo. Verificar se existem algumas que não correspondem aos pneus do carro do advogado. Nada indica que alguém tenha entrado no castelo, que estava com o alarme ativado quando o advogado chegou. Vão agora para casa de Katarina Fågelsjö, antes que a notícia chegue à mídia.

— Eles já estão aí — diz Zeke.

Era o pessoal do *Corren* e das rádios locais, da televisão sueca, do canal 4 e do canal local.

Os furiosos abutres. Mesmo que não mencionem nenhum nome, há sempre a possibilidade de os parentes ligarem uma coisa à outra. E ninguém merece receber a notícia de uma morte pela imprensa.

Daniel ainda não chegou.

Em vez dele, veio um repórter mais velho, que Malin, por estranho que pareça, não conhece, além da fotógrafa, a jovem com tranças que sabe tirar boas fotografias. Ela, Malin conhece. “O que ela estará fotografando?

“A morte?

“A violência? A maldade? Ou o medo?

“Pode fazer o que quiser, mas nada de tirar fotografias de mim. Devo estar horrível.”

O telefone de Sven toca.

Atende. Hum para lá, hum para cá. Desliga.

— Era o Groth, da perícia — informa Sven Sjöman, virando-se para Malin. — As análises das fotografias que recebeu, infelizmente, não deram nenhum resultado.

Malin acena com a cabeça. Entendeu.

— Merda — diz Zeke, em voz baixa. Ficou furioso quando recebeu a notícia das fotografias, pela manhã. — Será que as fotografias têm alguma coisa a ver com isto aqui?

— De certa maneira, está tudo relacionado, não é? — pergunta Malin. — A questão é saber como.

Malin sai da cozinha, segue para a saída e para, olha para a enorme pintura do homem que passa bronzeador nas costas de uma mulher.

Acha que o quadro é bonito e, ao mesmo tempo, uma porcaria.

Diante dele, sente qualquer coisa de indefinido, não sabe o que é.

Sven passa por ela.

— Gostaria que eu e Zeke falássemos com Katarina Fågelsjö — diz Malin.

— Faça o que achar melhor — responde Sven. — Waldemar e Johan vão conversar, então, com a mulher de Fredrik Fågelsjö. Mas comece pelo pai, e sem trocar uma palavra com a imprensa.

51

Axel Fågelsjö está parado em frente à janela do salão. A neblina que desceu, assim que a chuva parou, torna a vista para o parque da Associação de Jardinagem turva, com as árvores desfolhadas aparecendo em finas silhuetas. Axel Fågelsjö parece procurar alguma coisa, como se tivesse a sensação de que alguém estava observando-o a distância, no parque, e à espera de uma oportunidade para cair sobre ele.

Era como se ele já soubesse a razão de eles terem chegado, como se já soubesse o que acontecera. Logo na entrada, pediu a Malin e Zeke para “despejar o que tinham a dizer”. Era como se tivesse esperado por eles durante toda a noite. Pediram para entrar, ir até a sala de estar e se sentar. Mas o velho recusou-se a atender ao pedido:

— Digam o que têm a dizer aqui mesmo. — Malin sentou-se em um velho banco rococó, perto da porta, e foi direto ao ponto:

— Seu filho foi encontrado morto, esta manhã, na capela de Skogså.

Suas palavras horríveis acabaram por completo com a sua insegurança.

— Ele se suicidou? Enforcou-se?

No rosto de Axel Fågelsjö, na pele rosa, cheia de rugas por cima da gordura, Malin viu uma expressão dura, mas também muito determinada.

“Eu desprezava o meu filho. Eu o amava.

“Está morto. E talvez já esteja perdoado por todos os seus pecados cometidos contra mim, contra a memória da sua mãe e dos seus ancestrais.”

Bem fundo, nas suas pupilas brilhantes, por trás de camadas e camadas de autocontrole, é possível ver tristeza.

— Ele foi assassinado — concluiu Zeke. — Seu filho foi assassinado.

Era como se ele quisesse provocar alguma reação em Axel Fågelsjö, mas este apenas deu as costas, saiu para o salão e voltou para a janela, onde ficou de pé e de costas voltadas para eles, respondendo às suas perguntas. Parece não se preocupar com as circunstâncias. Malin gostaria de poder ver o seu rosto agora. Em especial, seus olhos. Ela está certa de que não há lágrimas escorrendo pelas faces de Axel Fågelsjö.

— Nós podemos contar detalhes da morte do seu filho, se o senhor quiser — diz Malin. — A parte que nós já conhecemos.

— Como foi encontrado? É isso?

— Por exemplo.

— Tudo a seu tempo, vou poder ler sobre isso nos jornais, não é verdade?

Mesmo assim, Malin conta o que eles sabem, omitindo alguns detalhes. Axel Fågelsjö continua sem se mexer, perto da janela.

— Fredrik teria inimigos?

— Não, mas vocês sabem muito bem que eu não fiquei nada satisfeito após o nosso fracasso financeiro provocado por ele. Isso

vocês já sabem.

— Existe alguém que queira atingir o senhor?

Axel Fågelsjö balança a cabeça.

— O que o senhor fez ontem à noite e durante a madrugada? — pergunta Zeke.

— Fiquei com Katarina, na casa dela. Falamos sobre a possibilidade de recuperar Skogså do espólio. Estávamos apenas os dois na casa. Depois, mais tarde, voltei para casa a pé.

"Pai e filha", pensa Malin. "Estavam juntos, justamente na noite em que Fredrik, o irmão, o filho, foi assassinado. Por quê?"

— Há mais alguma coisa sobre Fredrik que possa nos interessar? Sobre outros negócios que tenham fracassado?

— Ele não tinha tanta autonomia assim no banco.

— Não?

— Era apenas um auxiliar.

— Ele tinha alguma relação com Jochen Goldman?

— Jochen Goldman? Que Goldman?

— O estelionatário — completa Zeke.

— Eu não conheço nenhum Goldman. Muito menos acho que Fredrik tivesse negócios com um estelionatário.

— Por que não?

— Era covarde demais para isso.

Malin e Zeke olham um para o outro.

— E a mulher de Fredrik. Como era o relacionamento deles?

— Isso é melhor perguntarem a ela.

— O senhor quer que chamemos alguém? Achamos melhor que não fique sozinho.

Axel Fågelsjö reage insolentemente às palavras de Malin.

— Quem vocês enviariam? Um padre? Se não tiverem mais perguntas, podem ir embora. Está na hora de deixar um velho como eu em paz. Preciso telefonar para alguma funerária.

Malin perde a paciência com o velho:

— Será que vocês todos não mandaram matar Jerry Petersson? E com Fredrik prestes a entrar em colapso e confessar, será que vocês não mandaram matá-lo?

Axel Fågelsjö solta uma gargalhada:

— Vocês estão doidos!

Malin reflete e acha que sua fala soou como teoria da conspiração.

— Vamos falar com Katarina — diz Malin. — Talvez queira telefonar para ela antes, não?

— Essas notícias são vocês que devem dar — diz Axel Fågelsjö. — Ela deixou de me ouvir há muito tempo.

Malin e Zeke descem as escadas, com os passos ecoando por toda a parte. No meio da descida, encontram pela frente um negro que limpa os degraus de pedra com um esfregão molhado.

— O senhor Fågelsjö é de uma frieza espantosa — diz Zeke, ao se aproximar do portão de saída.

— Ele consegue se desligar completamente — concorda Malin. — Ou, melhor, consegue se fechar por completo.

— Parece não ter ficado nem um pouco chocado. Nem preocupado em saber quem teria matado o seu filho.

— Muito menos pareceu se importar com a mulher de Fredrik. — acrescentou Malin.

— E os netos. Pareceu também ignorar os netos — completa Zeke.

— Já está velho demais para sentir raiva — acrescenta Malin.

— Ele? Jamais vai ficar velho para isso. Ninguém perde essa capacidade.

Axel Fågelsjö senta-se em uma poltrona diante da lareira.

Une as mãos enormes, sente os olhos úmidos e, então, as lágrimas escorrem pelas faces.

Fredrik.

Assassinado.

Como é que isso pôde acontecer?

Os detetives.

“Não devo falar. Quanto menos eu lhes disser, melhor.”

Revê os netos correndo pelas salas de Vila Itália. Fredrik atrás deles, perseguindo-os. Continuam a correr, mas as imagens desaparecem da sua mente. Voltam a seguir, mas, com os pés descalços, a pisar o chão de pedra de Skogså. Quem são essas crianças? Fredrik, Katarina? Victoria? Leopold?

“Eu quero ficar com meus netos, mas o que devo fazer para me aproximar dela. Bettina? Christina, a mãe, nunca me tolerou, nem eu a tolerei.

“Na realidade, o que vou fazer com eles na minha casa?

“A verdade”, pensa Axel Fågelsjö, “só existe para quem sabe mais. Sou eu que tenho de agir.”

“Você está viúva.

“Seus dois filhos, órfãos.”

Johan Jakobsson olha para a mulher a sua frente, sentada em um sofá, no grande salão da mansão Vila Itália. Está encolhida e cansada de chorar, mas, apesar disso, irradia uma espécie de confiança no futuro. É claro que está economicamente bem amparada. Johan já viu isso antes, em mulheres com crianças, a quem deu a notícia da morte do marido. Como elas parecem olhar,

de imediato, com todas as suas forças, para as suas crianças, no sentido de fazer delas seres humanos completos.

Johan recosta-se na poltrona.

Christina Fågelsjö desvia os olhos para Waldemar Ekenberg, sentado no banco do piano. Ele mantém uma das mãos, imóvel, sobre o teclado, enquanto, com a outra, afaga a marca ainda roxa na face.

Christina Fågelsjö acabou de contar que preferiu dormir com as crianças mais uma noite na casa dos pais, visto ter bebido vinho durante o jantar. Ela e as crianças iam para lá com frequência sem a presença de Fredrik, “porque eles nunca se deram bem, ele e os meus pais”. Tudo isso poderia ser confirmado.

— Você não telefonou para a sua casa? — pergunta Waldemar.

— Não.

— Ele não estava em casa quando você chegou? — questiona Johan, pensando na hipótese de Christina Fågelsjö ter matado o marido para pôr as mãos na nova herança, antes que o dinheiro fosse gasto com a compra do castelo de Skogså.

“Muito estranho”, pensou ele, depois. A mulher na sua frente não é nenhuma assassina. E a herança, quase certeza, pertence inicialmente a Axel. No entanto, ela parece ser destra, como quase todo mundo.

— No momento, achei que ele tinha ido para o banco.

— Ele tinha inimigos? — pergunta Waldemar, uma questão que Johan acha que foi colocada no momento certo. Embora contra a vontade, acha também que ele e Waldemar fazem uma boa dupla como detetives. Está convencido de que Christina Fågelsjö está falando a verdade ao responder:

— Que eu saiba, ninguém.

— O pai? A irmã?

— Vocês querem saber sobre a perda do dinheiro?

Christina Fågelsjö encolhe os ombros.

Waldemar Ekenberg pressiona, lentamente, uma das teclas do piano. A luz aparece no olhar de Christina Fågelsjö.

— Nós já fizemos essa pergunta antes — diz Johan. — Mas você sabe por que ele fugiu de nós? Isso tem a ver...

— Conversamos sobre isso no dia em que ele saiu da prisão. Fredrik estava com medo, entrou em pânico. Qualquer um ficaria no lugar dele. Ele sabe que é ilegal e perigoso dirigir automóvel embriagado. Às vezes, ele se achava acima da lei, e que as regras eram feitas para os outros, não para ele.

— Como era o casamento de vocês? — pergunta Johan.

Christina Fågelsjö responde, diretamente, sem refletir:

— O nosso casamento ia muito bem. Fredrik era um homem generoso. A família Fågelsjö sabe amar.

No momento em que Christina Fågelsjö dizia a palavra amar, entraram correndo pela sala uma pequena menina e um menino, ainda menor. As crianças vão em direção à mãe e fazem a mesma pergunta ao mesmo tempo:

— Mamãe, mamãe, o que aconteceu? Mamãe, conte.

— Mamãe? É você? A ligação está ruim.

Tove.

São 14h30 e já começa a escurecer no horizonte, sobre a planície arada, mas encharcada, da província de Östgötland. Malin está no seu Volvo, com Zeke, a caminho da casa de Katarina Fågelsjö.

Malin quer que Tove confirme que vai à sua casa, que dormirá no apartamento na cidade, e não na casa de Janne.

Eles passam pela loja Ikea, cujo estacionamento está cheio. Passam também pelos postos de gasolina na saída de Skäggetorp, onde as pessoas enchem o tanque dos carros vistosos e bem tratados. Malin olha para o lugar em que estacionou na última vez que esteve ali, quando comprou roupas. Parece ter visto dois homens gesticulando junto de um carro.

Malin pisca.

Quando volta a abrir os olhos, os dois homens tinham desaparecido.

Perto da lagoa Stångån e do Cloetta Center estão construindo um novo edifício, chamado Tornet, a Torre. É um miniarranha-céu, uma construção pretensiosa, para que mais um dos ridículos empreiteiros da cidade tenha o seu nome registrado na história de Linköping.

— Mamãe? É você? A ligação está ruim.

— Estou aqui — diz Malin. — Você vai hoje à noite lá para casa? Podemos fazer sanduíches gostosos.

— Talvez amanhã, pode ser?

Depois, as duas, mãe e filha, se perguntam como se sentem, o que fizeram e o que vão fazer.

Malin escuta as próprias palavras, mas é como se elas não existissem. Como se a voz de Tove não existisse. E as vozes ausentes transformam-se em solidão, que, por sua vez, se transforma em incapacidade de conciliação. Tudo acaba em tristeza.

O carro estaciona em frente à casa de Katarina Fågelsjö, perto da lagoa. Malin nota que as maçãs estão caídas embaixo das árvores do jardim e que a casa está precisando de manutenção. Aliás, todo o jardim precisa ser limpo e algumas árvores, replantadas.

Malin e Tove desligam.

O para-brisa trabalha freneticamente.

“O movimento das palhetas forma um coração”, pensa Malin, um coração pintado que espalha bronzeador na pele de uma mulher.

“Como o sinal de um amor indecifrável.”

Ela sabe qual a pergunta que deve fazer a Katarina Fågelsjö.

52

Como se ela já esperasse o que acabara de acontecer.

Malin e Zeke estão sentados no sofá da Svensk Tenn. Na poltrona em frente, Katarina Fågelsjö. Seu rosto não revela nenhuma perturbação, nenhuma tristeza, nenhum desespero. Acaba de receber a notícia da morte.

Seu irmão foi assassinado.

E Katarina Fågelsjö parece até encolher os ombros, limpar a poeira e seguir em frente. “Mas, afinal, ele era seu irmão”, pensa Malin, “apesar de todas as restrições que pudessem ser feitas.”

Malin desvia o olhar, fixa-o no quadro da conhecida pintora Anna Ancher, pendurado em uma das paredes, que representa uma mulher junto de uma janela, de costas para o observador. A posição da mulher faz pensar na atitude do pai de Katarina diante da janela com vista para o parque da Associação de Jardinagem, como se ambos, a todo o custo, quisessem esconder os rostos para evitar demonstrar seus sentimentos.

“É assim que as pessoas devem agir? Fingir que o mundo ao redor e os sentimentos não existem? Ou será que você tem mais alguma coisa para esconder?”

Malin, por enquanto, limita-se a ouvir as perguntas de Zeke e as respostas de Katarina:

— Sim, meu pai estava aqui. Depois, foi para casa. Eu fui me deitar. Ninguém poderá confirmar nada, mas será preciso?

Katarina acrescentou:

— Eu não matei o meu próprio irmão, se é que vocês pensam nessa possibilidade. Nós não estamos por trás de nenhum assassinato. Ponto final. Inimigos? Fredrik era inofensivo. Não tinha inimigos. Sim, no dia em que meu pai morrer, sou eu quem vai herdar quase tudo, mas eu há muito tempo já tenho tudo de que preciso.

Irônicas, as últimas palavras de Katarina são afiadas como lâminas.

As perguntas de Zeke terminam.

Katarina Fågelsjö junta as mãos em cima do joelho, deixa os dedos descansando sobre o tecido de seda azul da saia curta. Malin acha que ela demonstra aquela espécie de inquietude que se nota apenas em certas mulheres sem filhos. Um desejo triste que assume uma expressão de ansiedade e de instabilidade crônica, intercalada com tentativas repentinas de calor humano.

Katarina Fågelsjö franze a testa, enquanto Malin pensa que um único sentimento bem forte pode definir a vida de uma pessoa e faz com que ela queira descansar nesse sentimento, embora este nunca mais volte.

Outro quadro em outra parede. Uma mulher sozinha, em tonalidades de azul, segundo o estilo impressionista, voltada para uma janela enevoada. Mais uma mulher que deseja ardentemente alguma coisa.

— Você e Jerry Petersson — começa Malin —, tiveram algum tipo de relacionamento, não é?

Malin escuta como as palavras soam duras, atrapalhadas, inadequadas, e vê como o rosto de Katarina Fågelsjö se contorce, antes de falar:

— Não é hora de fantasiar, detetive.

Estou vendo quando deixa a casa de Katarina, Malin. Depois, vejo você entrar na delegacia.

Tenta confirmar suas próprias fraquezas nos outros, não é? Quer tanto acreditar que a sua dor diminuirá só porque as outras pessoas as sentem também.

Isso é arrogância, Malin.

Mas você sabe como arejar as ideias, devo confessar. Como ousa seguir seus pressentimentos, as pistas das sensações que ficam pairando no ar, a maneira pela qual nós respiramos o amor uns dos outros.

Somos parasitas do amor, uns dos outros, Malin. Tentamos levar o amor para onde queremos. Tentamos, desesperadamente, entender o que ele quer de nós. O que nós iremos fazer com todo esse amor, todas essas amizades, com todos os medos e desesperos?

Achava que a Katarina iria responder à sua pergunta?

Ou que eu vou sussurrar a resposta, enquanto flutuo com a minha boca a apenas alguns centímetros do seu ouvido?

Dificilmente.

Não se conseguem as vitórias assim tão fácil.

Você pode fazer melhor, Malin.

Neste momento, está cumprimentando seu chefe, Karim Akbar.

Ele não vai lhe contar, mas há pouco agradeceu e declinou um convite para trabalhar no Departamento de Imigração. Também não

vai lhe dizer que se sente muito bem onde está, olhando todo o departamento da polícia de Linköping e todos os inspetores e detetives que nele trabalham, e que, nos momentos de reflexão, descobriu que aprecia e estima todos mais do poderia imaginar.

Karim também pensa muito no livro que está escrevendo sobre problemas de integração, um trabalho posto de lado há algum tempo.

E em relação a você, Malin.

O que vamos fazer com você?

O que vamos fazer com todas essas vidas, todas paradas dentro de si mesma?

A sala Pappershades na delegacia estava mais claustrofóbica do que nunca.

Lovisa Segerberg, Waldemar Ekenberg e Johan Jakobsson estiveram no Östgötabanken, recolhendo papéis e computadores da sala de Fredrik Fågelsjö. Também confiscaram os computadores e papéis particulares encontrados na sua casa, a Vila Itália.

Já eram 15h30.

Na recepção, estão os abutres da imprensa à espera de alguma declaração, mas, além de uma nota com o nome da vítima, não conseguiram absolutamente nada. Karim recusou-se a dar uma entrevista coletiva, quer tranquilidade para as investigações, como disse há pouco no refeitório.

Johan esfrega os olhos e pensa na mulher que, a essa hora, com toda a certeza, já deve estar em casa, brincando com as crianças.

Os papéis de Fredrik Fågelsjö.

Os documentos de Jerry Petersson. Antes mesmo de terem conseguido examinar dez por cento dos papéis de Petersson, já se viam obrigados a examinar também os da nova vítima.

Apesar do silêncio da polícia, as rádios e televisões dão grande destaque ao assassinato de Fredrik Fågelsjö, mostrando o seu perfil e voltando a apresentar, também, o de Jerry Petersson. Naturalmente, o *Corren* ocupou todo o seu *site* com notícias do crime e com um artigo escrito por aquele jornalista que Johan está convencido de que tem um caso com Malin, ou que, pelo menos, vai para a cama com ela de vez em quando. Ele escreve que o segundo assassinato poderia ter sido evitado, caso a polícia tivesse sido mais eficiente na solução do primeiro. Será que ele, ao menos, esteve no castelo?

Waldemar está sentado na ponta da mesa e bebe uma xícara de café preto e forte. Parece seriamente entediado. Lamenta-se e bufa. Não quer começar a trabalhar. Lovisa, em contrapartida, dedica-se por inteiro ao exame dos computadores de Fredrik Fågelsjö, pulando de documento em documento. Talvez esteja com a esperança de encontrar uma ligação de Fredrik com Jochen Goldman. Será que consegue?

Waldemar se aproxima por trás de Lovisa e começa a massagear os ombros dela.

— Está gostando, não é?

Lovisa levanta-se.

Vira-se para ele e diz, em um tom de voz congelante:

— Pare de encostar em mim. Não me importa com quantas policiais você já fez sexo. Agora, comigo, não me toque. Entendido?

Waldemar vê-se obrigado a recuar.

Abre os braços e sorri, disfarçadamente.

— Mas, minha querida, onde está o seu senso de humor?

— Recebi uma mensagem eletrônica da Interpol, de Estocolmo — diz Sven Sjöman, ao se aproximar da mesa de Malin.

Uma dor de cabeça se anuncia. Abstinência. Mas, de qualquer maneira, nenhuma ressaca.

— Jochen Goldman saiu de Tenerife há três dias — diz Sven.

— Para onde foi? — pergunta Malin.

— Para Estocolmo, via Madri. Desde que desembarcou no aeroporto de Arlanda, ninguém sabe dizer para onde seguiu.

— Portanto, poderia ter sido ele quem enfiou os retratos na minha caixa de correio, não?

— Improvável, mas pode ter mandado alguém fazer o serviço. Talvez fosse mais simples para ele contatar alguém, diretamente, em Estocolmo.

— Quer dizer que já estava no país quando Fredrik Fågelsjö foi assassinado — diz Malin.

— Por enquanto, nós não conseguimos encontrar nenhuma ligação entre os dois, mas vamos ter de verificar os papéis — diz Sven.

— Não temos nada contra ele — confirma Malin. — Goldman tem direito a fazer o que quiser. As fotografias talvez sejam apenas uma brincadeira de mau gosto.

— De qualquer forma, fico completamente confuso — insiste Sven. — O que será que Goldman veio fazer na Suécia justamente agora?

— Acho que ninguém sabe — comenta Malin. — Mas estou convencida de que Jochen Goldman está por trás das fotografias. Não pode ser mais ninguém. Aronsson deu-me há pouco o resultado das suas verificações: nenhuma pessoa que eu prendi e que, eventualmente, quisesse se vingar, foi solta recentemente.

Sven encolhe a barriga e avisa que dali a cinco minutos vai começar a reunião.

— Está na hora de chegarmos a algum lugar com esta investigação, Malin. E os abutres no saguão da entrada já exigem algum resultado.

Policiais cansados em volta da mesa de reunião.

Palavras que voam pelo ar, resumos e novas ideias. Uma investigação que continua a caminhar, em que cada conversa e troca de ideias traz o risco de conduzir os trabalhos mais pela emoção do que na direção lógica.

O parque infantil da creche em frente continua vazio.

Sven Sjöman faz um resumo da situação:

— Vamos continuar a analisar os documentos de Petersson. Por enquanto, nada de importante surgiu, como também não apareceu nenhum outro parente, nem qualquer outra pessoa que tenha feito parte da vida dele. Também não encontramos a arma do crime, que, ao que tudo indica, deve ser uma faca. Vamos continuar a investigar as relações de Petersson com a família Fågelsjö e, em especial, Fredrik e Katarina Fågelsjö. Tentar saber mais sobre seu relacionamento com Jochen Goldman, assim como sobre as circunstâncias do acidente de automóvel.

Sven Sjöman fica alguns instantes em silêncio.

Olha para Lovisa Segerberg:

— Alguma coisa de novo?

Ela balança a cabeça, negativamente:

— *So far nothing*.

— É uma porrada de papéis.

— Avancem ainda mais nessa papelada, ok? — intervém Karim Akbar, mas Malin acha que ele disse aquilo na tentativa de convencer a si mesmo, mais do que incentivar os detetives.

— Temos de avançar — continua Karim. — Ainda não chegamos a lugar nenhum.

— Tem toda a razão — concorda Malin.

— E a imprensa está louca. Vai haver uma entrevista coletiva em duas horas.

— As fotografias que recebeu dos seus pais, Malin, nós presumimos que foram enviadas por Goldman, sim. — Malin tenta ignorar as explicações que Sven dá, na frente dos outros, sobre o caso das fotografias.

Em seguida, Sven resume a situação relativa ao novo crime cometido, dessa vez contra Fredrik Fågelsjö. Fala sobre os álibis duvidosos de Axel e Katarina Fågelsjö e que os sogros de Fredrik confirmaram o álibi da filha e esposa da vítima.

— A maior parte dos crimes é cometida por familiares das vítimas — diz Waldemar. — Axel e sua filha tinham razões suficientes para se livrar da ovelha negra da família, depois dos maus negócios. Ou talvez estivessem com medo de que o fraco Fredrik abrisse a boca e os denunciasse, não?

— Você acredita mesmo que eles tenham feito isso? — pergunta Malin. — Matar o próprio filho e irmão por esse motivo?

— Mesmo que Axel e Katarina não tenham cometido o crime — diz Waldemar —, pode ser que o tenham encomendado. Aliás, pode ser até que tenham encomendado os dois crimes.

— É tudo muito trágico, não? — diz Zeke.

— Talvez para desviar a atenção para outros lugares — completa Waldemar.

— Vamos ter de trabalhar com todas as hipóteses. E essa, por enquanto, é a nossa principal — afirma Sven Sjöman. —

Investiguem os antecedentes da família e os últimos telefonemas que fizeram.

— E os *e-mails*? — pergunta Johan Jakobsson.

— Precisaremos de um mandado para confiscar os computadores — diz Sven. — Vamos começar pelos telefones. Pode ser que isso seja suficiente.

— Cedo demais para os computadores — completa Karim. — Em princípio, não temos nada de concreto contra os dois.

— Durante um dia, investigamos de porta em porta ao redor do castelo — conta Sven — e da casa de Fredrik Fågelsjö, onde ele deve ter passado a última noite antes de ser assassinado. Mas ninguém viu nada. Dessa vez, até Linnea Sjöstedt não se preocupou em apontar a espingarda.

Todo mundo riu.

— E o relatório de Karin? — perguntou Zeke.

Sven acenou com a cabeça e diz:

— Ela foi rápida. O relatório acabou de chegar, antes do prazo final que era amanhã. Fredrik Fågelsjö morreu em consequência de uma forte pancada na nuca, feita com algo redondo, uma pedra ou um instrumento similar. A pancada foi forte, mas não deu para definir se foi feita por homem ou mulher. Tal como ela já disse na cena do crime, é impossível definir se o infrator é destro ou canhoto. Não houve grande derramamento de sangue. A lesão provocou uma hemorragia craniana e a vítima deve ter perdido logo os sentidos. A morte deve ter ocorrido entre as dez horas de quinta-feira e as duas horas da madrugada de sexta-feira, o que, em princípio, exclui Axel e Katarina Fågelsjö, por terem álibi, a não ser que tenham agido juntos. Axel diz ter saído de casa da filha só às duas da madrugada.

— Goldman — menciona Zeke. — Ele poderia estar lá.

Sven faz uma pausa antes de prosseguir:

— Fredrik Fågelsjö, com toda a certeza, só foi despido na capela, depois de ter morrido. O corpo não tinha sinais de terra ou de qualquer outra sujeira, o que indica que não o despiram em outro lugar. No entanto, as roupas não foram encontradas, mas Karin identificou fibras do mesmo tecido no corpo da vítima e no chão da capela que, provavelmente, são de uma calça jeans e que podem ser do criminoso.

— Karin poderá dizer se ele foi morto na capela? — pergunta Zeke.

— Amostras de sangue encontradas na capela são de Fredrik Fågelsjö, mas se o ferimento foi provocado ou não na capela é impossível definir.

— Pelo que diz — comenta Malin, limpando a garganta —, alguém pode ter agredido Fredrik Fågelsjö na sua casa e, depois, levado o corpo para a capela. Porém, também é possível que a agressão tenha sido feita em qualquer outro lugar ou que ele tenha sido levado para a capela e morto lá, não é verdade?

— Sim.

— Também pode ser que Fredrik Fågelsjö já estivesse na capela ou do lado de fora, perto do castelo, por vontade própria — diz Malin. — E foi, então, surpreendido por alguém no local. Também pode ter marcado um encontro com esse alguém. Tudo isso nos dá milhares de cenários. Presumo que a perícia técnica também já esteve na Vila Itália, não?

— Os técnicos não encontraram sinais de violência na casa ou do lado de fora — diz Sven. — Existem muitas pedras na encosta que leva ao celeiro que podem ter sido usadas para bater na cabeça da

vítima. Entretanto, como choveu sem parar durante, no mínimo, dez horas, todas as eventuais pistas desapareceram.

— E em torno do castelo e da capela? — pergunta Zeke.

— A porta da capela estava aberta — informa Malin. A família Fågelsjö é que tem as chaves. Portanto, o assassino poderá ter usado a da vítima, se a vítima a levava consigo.

— Não encontramos nenhuma chave — acrescenta Sven. — Podemos perguntar a Christina Fågelsjö se ela sabe onde está a chave do marido.

— O local do crime talvez não tenha vestígios — diz Malin —, mas ainda pode nos contar uma história. Fredrik Fågelsjö estava em cima de um túmulo como se fosse uma oferenda. Seria uma oferenda da família aos deuses? Seria alguma maneira usada na antiguidade nórdica para reabilitar a honra da família?

— Nesse caso, a honra dos Fågelsjö vivos — completa Karim.

— Pensem se alguém quer desviar a nossa atenção para a família Fågelsjö — diz Malin expressando a dúvida que ela teve já no local do crime.

— Quer dizer que o criminoso fez isso para se defender? — questiona Zeke.

— Muito confuso — diz Waldemar. — Mas talvez tenha sido o próprio Fredrik Fågelsjö quem matou Petersson. E, agora, sabendo disso, alguém quis se vingar. Quem poderia querer se vingar da morte de Jerry Petersson?

— O pai dele — diz Johan.

— Ele é muito velho e quase incapaz de fazer uma coisa dessas — responde Malin.

— Quem gostava de Petersson? — pergunta Sven.

— Ninguém. Pelo menos que eu saiba — responde Zeke.

— Acho que Katarina Fågelsjö gostava muito dele — comenta Malin.

Todos ficam em silêncio e lançam olhares indagadores em direção a ela.

Malin abre os braços:

— É só um pressentimento, ok? Deixem-me continuar. Quero apenas sair do círculo vicioso em que esta maldita investigação entrou e no qual estamos presos até o pescoço.

— Tente apresentar fatos, Malin — diz Karim. — Não temos mais tempo para pressentimentos.

Malin olha fixamente para o quadro branco em que estão as anotações de Sven, tenta ordenar as palavras, os traços e as cores.

Mas as ligações fogem da sua mente. Toda a investigação é como se fosse uma paleta de artista com todas as tintas misturadas, uma massa de tonalidade indefinida.

— Nenhum dos dois era, propriamente, o senhor popularidade — diz Zeke. — Fredrik Fågelsjö era um fracassado. E Jerry Petersson era um pequeno interesseiro que se transformou em um grande oportunista.

Vocês estão sentados nessa sala deprimente, tentando esclarecer a verdade.

Eu, um grande oportunista!

Talvez, de fato, o fosse antigamente, se vocês querem dizer com isso que eu era implacável nos negócios.

Mas de onde é que acham que veio a minha obstinação?

Por que eu metia medo nos colegas do ótimo escritório de advocacia no qual trabalhei, a ponto de eles terem me posto na rua, apesar de eu faturar mais para a firma do que eles todos?

Por que eu perdi esse teste de popularidade?

Aquele que está sozinho em um escritório na rua Kungsgatan, perto da praça Stureplan, no centro de Estocolmo, e que sente o vento ameno de um aparelho de ar-condicionado acabado de instalar afagando o rosto, não se importa com isso. Ele olha em frente, está satisfeito, sob todos os aspectos, menos um.

53

Estocolmo, 1997 em diante

Jerry Petersson sente o ar frio afagando seu rosto. Do outro lado da janela, da sala onde se encontra, lá embaixo, estende-se a Kungsgatan, a rua do rei, descendo para a praça Stureplan, sob o sol de um verão tardio. É o centro da capital sueca. No jardim Humlegården, as máquinas vermelhas estão em movimento, aparando uma grama alta e quase sem viço. As lâminas também existem nos seus sonhos como lembranças do que ele acha ter deixado para trás. As lâminas obrigam-no a ir em frente, não o deixam descansar, mas ele sabe que um dia vai ter de enfrentá-las.

Ele está ali para ganhar dinheiro. Pelo menos, é o que acha. Ou para causar melhor impressão, ali perto, no bar superior do sofisticado e bem frequentado restaurante Sturehof. Ele ainda não tem certeza, mas também não quer saber.

As caixas da mudança ainda estão por abrir, e o primeiro cliente acabou de chegar à firma Petersson Advokat AB. A conversa é com Jochen Goldman, que quer ajuda para aplicar um capital em Liechtenstein.

Sua sala. Linhas retas e limpas. A oportunidade que lhe foi dada para criar sua própria realidade. Um sofá no canto, de tecido branco

e brilhante.

Os clientes entram e saem da sala. As pessoas, os ônibus e os carros passam apressados pela Kungsgatan. Um jovem, com pouco mais de 20 anos, está sentado na sua frente e conta uma ideia, uma possibilidade, uma técnica avançada, que poderá vir a ser útil na economia moderna.

Divertido, Jerry escuta o jovem e oferece-lhe, a ele e à sua ideia, dois milhões de coroas suecas. Três anos mais tarde, um ano depois do assassinato de Anna Lindt,****** a empresa é vendida. E o homem da sala da rua do rei torna-se centenas de milhões de coroas mais rico.

Um apartamento maior, bem alto, em um prédio construído no início do século passado em uma área sofisticada, a Tegnérlunden, onde a arte ficaria no lugar certo. Isso é tudo o que ele compra. Já podia ter comprado antes, mas só então, pela primeira vez, resolve satisfazer suas ambições.

Na varanda, uma cadeira de balanço para quando quiser refletir. Um parque em frente, como uma miragem da vida que tinha sido a sua, em Linköping, com andorinhas que voam por perto, mas a uma distância infinita das suas sombras.

Às vezes, ele acha que a viu em outras mulheres. Os seus cabelos, os movimentos, um odor no NK em um sábado. Ele se mantém em dia com os dados sobre a vida dela. As oportunidades existem, mas ele nunca decide se aproximar. Acha que o que está sentindo vai desaparecer com o passar dos anos, mas não. Fica cada vez mais forte.

Mesmo assim, conhece outras mulheres.

As caçadoras de ouro, já maduras, no restaurante Sturehof, com o sexo tristemente bem usado. As prostitutas russas do bairro

Bandhagen, a ocasional aventura que parece surgir por toda a parte, um corpo a corpo, intenso e rápido, talvez com os braços amarrados na cabeceira da cama. Às vezes, faz de conta que “ela” é uma das outras com quem ele está, troca os rostos, mas ele já nem sabe mais qual é, agora, o rosto dela. Ela se tornou uma lembrança enevoada.

Então, seu corretor de imóveis, que o ajuda na manutenção do apartamento na Tegnérlunden, lhe telefona e diz que há um castelo à venda, a sudoeste de Linköping. “Você não veio de lá? Talvez esteja interessado.”

As memórias vêm à tona.

Revolvem o corpo.

Jerry percorre todas as salas do apartamento e sente todas as mãos frias que ali acariciaram a sua face e o seu peito. Ao mesmo tempo, sente que sempre esteve voltado para aquele lugar. “Vou ter de ir lá, talvez em uma noite escura de outono, cheia de sombras oscilantes. Mas tenho de ir lá.”

****** Anna Lindt (1957-2003), ministra das Relações Exteriores de um governo sueco social-democrata, foi assassinada a facadas enquanto fazia compras, sem guarda-costas, no Nordiska Kompaniet (NK), o mais conceituado e requintado *shopping* de Estocolmo. O assassino, nascido na Suécia, filho de pais sérvios, imigrantes, está preso. [N. T.]

54

Axel Fågelsjö procura e encontra um velho álbum de fotografias no antigo armário de carvalho, na sala de jantar. Senta-se na poltrona de couro, e começa a folhear as páginas plastificadas que envolvem as imagens em preto e branco.

Bettina com as crianças, ainda em idade pré-escolar, abraçadas diante da capela.

Katarina com uma bola de piscina, à beira da lagoa.

Fredrik, hesitante, em frente de uma plantação de morangos.

Uma fotografia do pessoal do castelo. De homens e mulheres que trabalhavam para ele. E daquele homem que bateu o trator contra a porta da capela, de tal maneira que teve de ser substituída.

Fredrik e Katarina correndo por um prado, a caminho da floresta, em outra fotografia. “Foi você que tirou esta foto, não foi, Bettina?”

“Ele está com você, agora, Bettina? Fredrik está contigo?”

Axel fecha os olhos. Sente-se mais cansado do que nunca. “Queria ter Fredrik com você, não é? Fale com ele. Diga-lhe alguma coisa agradável.”

De repente, o cérebro deixa de funcionar, fica vazio, todos os pensamentos param, estancados. Axel Fågelsjö acha que vai morrer, que seu coração ou algum vaso sanguíneo no cérebro

cedeu, mas sente que ainda respira. Quer abrir os olhos, mas eles permanecem fechados.

Parece ouvir a voz de Fredrik:

“Papai, eu vejo o senhor na poltrona do salão.

“Vejo-me também nas fotos. Sinto saudades desse tempo, quando ainda era pequeno e não sabia do peso que a história coloca em cima de pessoas como eu.

“Eu era pequeno, mas ainda me lembro do pessoal da fotografia.

“Que você, meu pai, os chamava de criados e criadas.

“E como era violento com eles.

“Agora está só, meu querido pai, porém ainda não entende a situação.

“Compre de volta Skogså. More lá de novo.

“Agora, no apartamento, olha em volta. Vê a mãe, eu e Katarina nas imagens em preto e branco.

“Papai, jamais vai entender: as únicas três coisas que significam algo na vida são o nascimento, o amor.

“E a terceira?

“A morte, papai, a morte!

“E é onde estou agora. Não quer se juntar a nós?”

Com essas palavras, a voz desaparece. E os pensamentos de Axel Fågelsjö voltam, novamente, para o cérebro. Quer chamar a voz de volta, mas sabe que ela foi embora e nunca mais vai voltar. Restam as fotos. Como se fossem um filme estragado, a espalhar-se por um álbum.

Você não me ouve, não é, pai? Não me vê, a mim, Fredrik. Só nas fotografias. Lamenta, pelo menos? Ou lamenta apenas a sua própria situação, o futuro, a incapacidade de se entender?

Ainda não está tarde demais, pai. Tem ainda Katarina. Tem seus netos. E Christina gostaria até de deixá-lo entrar na vida dela e na dos seus netos, se ao menos você desse o primeiro passo e admitisse que ela, realmente, é digna.

Nada de um convite sem convicção.

Deve tornar-se maior do que seu próprio instinto. Tem de se transformar em uma pessoa adulta. Caso contrário, vai ficar sozinho. Tem de entender que nós, os seus filhos, somos como somos e que não existe nada que possa fazer a esse respeito.

Pai, deve saber de uma coisa: eu sempre tentei fazer o meu melhor.

Eu flutuo atrás de você, Fredrik. Está tão confuso na morte e, no fundo, sozinho, como na vida.

A neblina fica cada vez mais cerrada nas florestas, sobre a cidade e o castelo.

O que acontece nessa escuridão em que estamos? No espaço entre o que vemos e o que ouvimos?

Na delegacia, Lovisa Segerberg e Waldemar Ekenberg continuam analisando papéis e documentos digitais, tentando descobrir quem fomos e o que pode estar escondido na vida que deixamos.

Zeke Martinsson está falando com seu filho ao telefone.

Eles não têm muita coisa a dizer um ao outro, mas Zeke pergunta pelo neto.

Johan Jakobsson chegou em casa e abraça os filhos e a mulher cansada.

Karim Akbar acaba de discutir mais uma vez com a ex-mulher por telefone.

Sven Sjöman está comendo os últimos picles em conserva, que ele colheu este ano no seu jardim, olhando para a mulher com quem

viveu a vida inteira e ainda ama.

Börje Svärd está tentando extrair um ossinho encravado da boca do cachorro Howie, no jardim. No maior quarto da casa, sua mulher, Anna, agarra-se à vida o mais forte possível. Os tubos de oxigênio ao lado da cama ajudam-na a viver.

Estou agora bem pertinho de você, Fredrik, flutuando. Alguma vez chegou a perceber que poderia ter tomado o meu partido, naquela festa que durou uma tarde, uma noite e uma madrugada?

Pode ver, agora, lá embaixo, Malin Fors.

Ela está alegre.

Tove está no seu apartamento. Finalmente, Tove chegou. Vão comer uma pizza. E, nesta noite, a filha vai dormir na casa da mãe.

Mãe e filha estão juntas, como deve ser.

55

Tove chega, finalmente.

Senta-se em frente à mãe, à mesa da cozinha. Malin está cansada por causa do trabalho, de tanto pensar na bebida e na falta dela, e da maldita chuva que não dá uma trégua.

“Será que você, Tove, vai conseguir que eu fique mais alerta?

“Está mais bonita do que nunca. Você é a única coisa pura, clara, imaculada, que existe na minha vida. Quando telefonou e disse que vinha para jantar, eu gritei de alegria ao telefone. E você mandou eu me calar, que a minha atitude a envergonhava.”

Tique-taque. O ponteiro dos segundos do relógio da Ikea não funciona mais, fica no mesmo lugar. A luminária em cima da bancada está acesa, mas a luz pisca a cada 20 segundos.

“Como a Tove parece mais velha, mais adulta, em apenas uma semana?

“A pele está mais firme em cima dos maxilares, os traços estão mais definidos, porém os olhos são os mesmos, embora me pareçam estranhos. A idade lhe cai bem.”

— Senti a sua falta — diz Malin, mas Tove continua olhando para o pedaço de pizza e bebe mais um gole de água.

Uma pizza pronta, entregue em domicílio.

“Não aguento fazer compras, não tinha nada em casa, e Tove gosta de pizza, sem dúvida.”

Tove procura os cogumelos com o garfo.

— Alguma coisa errada com a pizza?

— Não.

— Você gostava de pizza.

— Não há nada de errado com a pizza.

— Mas não está comendo nada.

— Mamãe, é muita gordura. Quero emagrecer. Não quero ficar gorda. Já comi uma na semana passada.

— Você não tem tendência para engordar. Nem eu, nem o seu pai...

— Não podia ter feito alguma coisa mais leve?

Tove olha como se quisesse lhe dizer mais alguma coisa: “Eu sei o que está fazendo, mamãe, eu sei como é ser adulta. Tente não mentir.”

Malin serve-se de mais vinho, não de uma garrafa, mas de uma caixa que comprou dias antes, quando voltava para casa. Terceiro ou quarto, não, quinto copo. E Malin vê que a filha torceu o nariz.

— Mamãe, por que precisa beber esta noite, se eu, afinal, vim como você queria?

A pergunta surpreende Malin. Uma pergunta clara e direta.

— Estou festejando... — responde Malin — ... a sua presença.

— Mamãe, está louca?

— Eu, louca?

— Não, é uma alcoólatra.

— O que está dizendo?

Tove fica em silêncio, pescando pedacinhos de pizza.

— Saiba, Tove, que eu bebo de vez em quando. Não sou alcoólatra, de maneira nenhuma. Entendido?

Os olhos de Tove ficam cheios de raiva.

— Mas, então, pare de beber!

— Não se trata disso.

— Trata-se, então, de quê?

— Você é jovem demais para entender.

Os olhos de Tove, agora, estão cheios de desgosto. Malin quer afastar a vergonha da sua cara, procurando palavras que diriam: “Tem razão, Tove”. Então, sua mão começa a tremer. Tove nota, fica com medo, e não diz mais nada.

— Como é que vai a escola? — pergunta Malin, depois.

— O papai diz que você...

— O que ele diz?

— Nada.

— Fale! O que ele diz?

A voz zangada, apesar do cansaço. A luz por cima da bancada pisca duas vezes, antes de se estabilizar, novamente.

— Nada.

— Já vi que vocês dois se juntaram contra mim, não é verdade?

Tove fica paralisada, não responde.

— Janne está contra mim, não é?

— Mamãe, já está bêbada. Foi o pai que pediu para eu vir aqui.

— Quer dizer que você, na realidade, não queria vir?

— Já está bêbada, mamãe.

— Eu não estou bêbada, não. E bebo o quanto eu quiser, ok?

— Devia...

— Eu sei muito bem o que eu devia. Eu devia beber todo vinho. E você já decidiu que quer ficar com o seu pai, não é verdade? Não é?

Paralisada, Tove apenas olha para a mãe.

— Não é verdade? — grita Malin. — Confesse!

Malin levanta e olha zangada para a filha, mas também com uma expressão de quem pede ajuda.

Então, Tove também se levanta e sem tirar os olhos da mãe, com uma expressão de firmeza, diz:

— Sim, eu já me decidi. Eu não venho morar aqui. Não posso vir.

— Claro que pode. Por que não?

Tove vai em direção à entrada do apartamento. Veste a capa, abre a porta e sai.

Malin pega a caixa de vinho, enche o copo mais uma vez.

Ao ouvir os passos de Tove descendo a escada, joga o copo contra a parede do hall e grita:

— Espere. Volte, Tove. Volte para mim.

Tove corre pela rua Storgatan, descendo para a lagoa Stångån. Passa pelo supermercado Hemköp e o complexo de boliche. Sente o vento e a chuva bater no seu rosto. Sente como o frio se torna agradável, afastando os maus pensamentos, e como a água da chuva torna as suas lágrimas invisíveis.

“Maldita mãe, idiota, estúpida. Só pensa nela.

“O pai está trabalhando hoje à noite. Eu podia estar em casa sozinha. Queria estar sozinha, devia estar.

“Espero que ele esteja no quartel dos bombeiros. Minha mãe é uma idiota!”

O coração parece sair pela boca. Quer ir embora dali. Aperta o estômago. Quer ir para longe, do outono e desta merda de cidade.

Mais à frente, do outro lado da ponte, vê o quartel dos bombeiros. A luz dos candeeiros da rua ilumina fracamente a área.

Ela corre em direção ao quartel.

Gudrun, na recepção, reconhece-a, olha, vê que ela está aborrecida.

— Tove, o que foi que aconteceu?

— Meu pai está?

— Está lá em cima. Pode subir.

Cinco minutos depois, está no escuro, com a cabeça sobre os joelhos do pai, na cama. Ele acaricia seu rosto, diz que tudo vai acabar bem. De repente, acende-se uma luz, o alarme começa a tocar.

— Que inferno! — diz Janne. — Com certeza, mais uma inundação. Tenho de ir. Não quero, mas sou obrigado.

— Eu fico aqui — diz Tove, assim que o pai lhe dá um beijo no rosto.

Logo o lugar fica escuro e em silêncio de novo. Ela tenta não pensar em nada.

Imagina-se na beira de uma enorme planície escura. Não tem nenhum mapa, nenhuma luz à vista, mas sabe para onde tem de ir, corre em frente. Sabe o que deve fazer. Essa certeza soa como uma intimação na sua mente, uma voz sem qualquer tom de infantilidade. O olhar já perturbado pelo vinho barato.

Malin está deitada na sua cama, escuta o bater insistente na janela por trás da persiana fechada. Telefona para Tove, mas o celular está desligado.

Fecha os olhos.

Os rostos flutuam diante de si.

O de Tove, da mãe, do pai, de Janne.

“Vá, Tove. Vá morar onde quiser. Não me importo.”

Malin não aguenta mais aqueles sorrisos de escárnio. Pisca. Afasta-os. Mas vê o rosto de Daniel Högfeldt. Os lábios dele estão

úmidos. E o sexo dela excitado, por dentro da calça jeans. Excitação de bêbada. Difícil de conter, mas não impossível. Depois, vê Maria Murvall entrar no quarto, no hospício.

Fågelsjö.

Os mortos e os vivos.

Jochen Goldman.

As travessuras de que Waldemar falava no início.

A mãe de Andreas Ekström. A mãe de Jasmin Sandsten, em uma outra sala, cheia de tristezas.

"Jonas Karlsson. Quis arrancar dinheiro de Petersson? Quer ser como ele? No entanto, como deve ser o mesmo assassino em ambos os casos, você não é suspeito. Não pode ser você. Já verificamos, e tem um álibi perfeito para a noite do segundo assassinato.

"Anders Dalström, o amigo de Andreas Ekström. Será que ele soube quem estava dirigindo o carro e matou para vingar a amizade perdida?

"Fredrik Fågelsjö. Como é que os dois casos se encaixam? As cordas da guitarra da vida tocam, tristemente. Na chuva, berram aves negras."

A cama. O mundo gira, gira. "Qual o fio da meada que eu perdi? O que eu não estou vendo?"

"Quanto é que eu já bebi? Dois copos? Ou cinco? Certamente, ainda vou conseguir dirigir. É claro que posso. E, a esta hora, nenhum dos colegas, com certeza, está de serviço nas ruas."

Está saindo do carro na subida para a entrada do castelo, Malin.

Um castelo bonito, mas que não compreende o seu olhar de bêbada.

Ele nunca seria o meu castelo, mas eu o queria, de qualquer maneira, pelo que significava.

Os postes de luz verde continuam apagados ao longo do fosso. As almas dos prisioneiros de guerra sussurram, com as suas bocas a brilhar.

Teve sorte ao sair e chegar até aqui.

Nenhuma desgraça, nenhum pedestre no caminho, nenhuma viatura que pedisse para fazer o teste do bafômetro.

Sinto por você, Malin. Tem uma vida estilhaçada. Você, que nem sequer aguenta explicar o amor que tem pela filha.

Os portões do castelo estão trancados.

Malin trouxe consigo uma garrafa de vodca que comprou junto com o vinho. Bebe direto da garrafa, enquanto dá a volta pelo castelo e segue em direção à capela.

As gotas de chuva parecem pular do céu como se pulassem de cima de um edifício em chamas.

A capa de algodão, muito fina, que ela por algum motivo vestiu, logo fica ensopada. Está frio. Ela tosse. Corre ao longo da beira do bosque escuro rumo à capela.

Um filho assassinado e colocado nu em cima do túmulo da família. Um novo-rico no fosso. Privilégios. Negativas. Degeneração. E uma festa em uma noite fria de Ano-Novo. A história como uma panela de pressão para as almas.

A porta da capela também está trancada. Ela não tem a chave, assim fica em pé, sob a arcada. Não consegue ver os ícones nem o lugar onde o cadáver foi deixado. Novamente, leva a garrafa à boca. Dois goles para aquecer, mas sente a falta do sabor adocicado e rico da tequila.

A amargura da vodca reflete melhor este momento.

O bosque por trás da capela parece se mexer. A maldade arrasta-se e todas as janelas do castelo parecem acesas, as caveiras riem dissimuladamente pelas frestas e soltam gargalhadas diante de todas as trapalhadas de Malin. Sabem que os mortos e a morte sempre vencem.

“O que estou fazendo aqui?

“Estou procurando a verdade e fugindo de outra.”

Malin joga a garrafa ainda com vodca no fosso.

Bêbada de novo.

A água escura engole, gananciosamente, a garrafa. Não há mais peixes.

Veem-se luzes verdes lá embaixo, entre as pedras. “De onde vêm essas luzes?”

Ela sente como se perdesse o chão, mas a chuva a mantém na realidade. Aproveita para dar várias voltas ao redor do castelo, a fim de clarear a mente. Depois, senta-se no carro onde fica escutando música, acordes suaves, anestesiantes, que quase a fazem dormir. Olha para a floresta. Entre as árvores, quase indistinguíveis na escuridão, rastejam de novo as serpentes. Elas estão lá, mas Malin não consegue ouvir a sua voz coletiva, se é que existe. “Talvez tenham dito tudo o que pensam, não?”

— Eu não tenho medo de vocês! — grita Malin em direção à floresta. — Malditas serpentes!

Ao olhar novamente para a floresta, as serpentes desapareceram. Só resta a escuridão, e ela quase chega a sentir a sua falta. Não quer ficar sem elas. Então, ouve o barulho de um cortador de grama, dos pés que tentam evitar as lâminas da máquina.

Aguça o ouvido, mas o barulho desaparece.

Horas mais tarde, ela se sente quase sóbria, gira a chave de ignição e deixa para trás o castelo, com os seus fantasmas e as suas almas penadas.

Passa pelo lugar onde deve ter ocorrido o acidente. Para, mas não sai do carro.

A escuridão e a chuva parecem mostrar as figuras do passado, almas negras que se arrastam pela grama, a lama e as pedras parecem tentar evitar ser o que são.

Ela continua seu caminho.

Aumenta a velocidade.

Antes da entrada para Sturefors, vê um triângulo na estrada. Cem metros adiante, um veículo iluminado.

Um policial fardado, que ela não sabe quem é, faz-lhe sinal.

Malin chega a pensar em pisar ainda mais no acelerador.

Fazer como Fredrik Fågelsjö.

Fugir. Mas para.

O policial levanta uma das sobrancelhas, assim que ela baixa o vidro da janela. Mostra-se preocupado.

— Detetive Fors — diz ele. — O que está fazendo aqui a esta hora?

“Ele é um verme”, pensa Malin. “Um verme falante, com a pele fina cobrindo o maxilar.”

O policial franze a testa.

— Lamento, mas terá de fazer o teste do bafômetro.

56

Sábado, primeiro de novembro

O implacável Sven Sjöman está na sala dele, diante da porta que acabou de fechar à chave, depois de ter ido buscar Malin, que estava vestida com uma blusa branca, toda pudica, que ela própria havia engomado naquela manhã. Ainda não sabe para onde Tove foi. Com certeza, apanhou o primeiro ônibus para Malmslätt. Ainda não teve tempo de ligar para ela ou para Janne. Não quer acordá-los numa manhã de sábado nem responder a perguntas constrangedoras. Se ela não tivesse voltado para casa, Janne teria telefonado. Não haviam combinado de ela passar a noite no apartamento, mesmo considerando que isso fosse o que Malin queria que acontecesse. Ou haviam? Ela não falou com Janne antes de Tove chegar, mas achou que os dois falaram sobre o assunto. “Eu devia ter telefonado novamente para Tove ou para Janne. E se ela não voltou para casa?”

O olhar de Sven.

“Tenho de falar com ele primeiro.

“Ele deve saber que eu fui lá.”

Quando pensa no momento em que Tove foi embora, chega a sentir vontade de vomitar sobre si mesma, fugir dez mil quilômetros

de distância e nunca mais voltar.

Na sala de Sven, o relógio de parede marca um pouco mais de dez horas. Nada de reunião matinal dos investigadores hoje, já que houve uma reunião na tarde do dia anterior. E, além disso, era sábado. Mesmo assim, havia trabalho a fazer: dois assassinatos recentes por desvendar.

Sven olha para Malin durante um longo momento antes de falar em alto e bom som:

— Espero que compreenda a situação desgraçada em que colocou todos nós. Principalmente você mesma.

Malin quer se levantar e gritar que está se lixando para isso, que não pediu nenhum tratamento especial, mas se conteve, está arrependida. Arrepende-se de tudo. Quer manter-se no lugar que ainda é o dela.

— Não sei o que deu em mim.

— Um vírgula cinco por mil, Malin. Embriaguez ao volante. A marca mais nítida de alcoolismo. E o que foi fazer lá?

— Não sou alcoólatra, de jeito nenhum.

— Não sabe quem você é, nem o que está fazendo.

— Então, deixem que me processem.

— Não sabe o que está falando. Além de mim, são muitos os que estão arriscando o emprego por sua causa.

Na voz de Sven não há aquele tom protecionista que costuma existir. Agora, está dando ordens. E espera que ela assuma as suas responsabilidades e faça o que deve fazer.

Na noite anterior, ao voltar do castelo, o bafômetro ficou vermelho que nem um tomate maduro.

O policial e seu colega entreolharam-se. Resolveram telefonar, como se alguma coisa mais importante pudesse acontecer, como se

tivessem de fazer algo mais importante, e voltaram, depois, dizendo que haviam falado com Sven Sjöman e que ambos tinham concordado em fingir que nada acontecera. Ela pensou em dizer-lhes que fossem para o inferno, naquela noite escura e chuvosa, mas preferiu calar-se, apesar da bebedeira. Sabia que eles estavam se arriscando e que lutavam contra a própria responsabilidade.

No entanto, o corporativismo e o companheirismo falaram mais alto, acima da lei.

— Todos podem errar uma vez — disse um dos policiais.

Acabaram levando Malin e o carro para a casa dela. Disseram-lhe que essa fora a vontade de Sven Sjöman.

Malin acordou bem cedo, apenas com uma pequena sensação de ressaca, foi para o departamento, sentou-se à sua mesa e ficou esperando que Sven a chamasse à sua sala.

— Tentei escutar as vozes — diz ela, enquanto Sven voltava para a sua mesa, sentava-se e olhava para ela de novo.

— Que vozes, Malin?

— As vozes da investigação, aquelas de que costuma falar. Elas estão lá no castelo, a verdade está lá, eu sei. Só não consigo ouvi-las.

— Ah, sim, as vozes.

— Sim, as suas vozes. Aquelas que você me ensinou a ouvir.

Sven murmura qualquer coisa. Ela pensa se não vai compará-la com Fredrik Fågelsjö, que também foi pego dirigindo embriagado. Acha que ele não iria descer a esse ponto. Sven olha para ela longamente e, por fim, diz:

— Desse jeito, não vamos chegar a solução nenhuma deste caso.

— A chuva contribui para tornar a verdade escorregadia — diz Malin.

— O que aconteceu será esquecido. Falei com Larsson e Alman. Para eles, nada aconteceu. Mas haverá falatório, e você terá de ficar em silêncio.

— Todos sabem que eu bebo bastante de vez em quando.

— Sério?

— Oh, sim, ontem notei isso nos guardas, pois tiveram certeza de que eu bebo.

Sven não responde, apenas respira fundo e diz:

— No momento, eu preciso da sua intuição nesta investigação. Sabe que é a melhor detetive que tenho. Se a situação não fosse tão ruim, eu seria obrigado a demiti-la. Mas, como eu disse, preciso de você.

— Obrigada.

— Não me agradeça. Controle-se.

— É o que vou fazer.

— Sem falsas promessas, Malin. Ouviu bem? Só entre no carro para conduzir se estiver bem sóbria. Assim que o caso estiver resolvido, vou mandá-la fazer um tratamento. E vai ter de aceitar. Entendido?

Malin concorda.

Olha em volta da sala, com um olhar perdido.

No momento em que Malin ia sair da sala, Sven chamou-a de volta.

— A palestra — diz ele. Ela para, vira-se.

— Que palestra?

— Aquela que ia dar para os alunos do último ano da escola de Sturefors, na segunda-feira, às dez horas. Já esqueceu?

Então, ela se lembra. Tinham falado nisso alguns meses atrás. E aceitou. Teve uma sensação estranha ao pensar que iria voltar à escola da sua infância.

— Não tenho coisas mais importantes para fazer? Talvez possamos adiar?

— Não. Você vai mesmo dar essa palestra, Malin.

Sven, então, desvia o olhar para o papel na sua frente. Mas acrescenta:

— E será perfeita. É um bom exemplo para os jovens. É do que eles estão precisando, de bons exemplos. E mais uma coisa: amanhã, domingo, está livre. Fique em casa descansando. Descanse bastante. E não pegue uma garrafa.

Malin bate à porta da Pappershades e escuta uma voz cheia de resignação:

— Entre.

É a voz rouca de Waldemar. E, depois, mais duas vozes como um eco fraco, uma bem viva, de uma moça, e outra, de um homem também jovem.

Papéis do chão ao teto. Livros de capas negras, pastas.

Em quantidade suficiente para derreter cérebros, desorientá-los. A sala cheira a mofo e a suor, a loção de barba e a perfume barato, a cansaço, diante de uma missão impossível.

Apesar disso, os três policiais trabalham febrilmente, verificando discos rígidos, livros e pastas. Malin fica feliz ao ver a energia suave, mas consciente que existe na sala.

— Nada de novo — diz Johan Jakobsson, sem sequer olhar para ela.

Lovisa Segerberg balança a sua cabeça, com os cabelos louros.

Waldemar olha para Malin. “O que significa aquele olhar? Será que ele sabe, que eles sabem a respeito do que aconteceu na noite anterior?

“Não. Ou talvez sim?

“Quem se importa?”

— Mais alguma coisa? Precisa de ajuda? — pergunta Waldemar.

— Quer saber se eu posso tirá-lo do Hades?

— Exatamente.

— Sonhe com isso.

— E você?

— Eu e Zeke?

— Não. Você e o rei da Suécia.

— Eu vou falar agora com Zeke. Vamos ver. Faremos uma reunião esta tarde para ver o que temos.

— Se tiver surgido alguma coisa de novo — diz Johan.

— Divirtam-se — diz Malin, despedindo-se.

— Feche a porta quando sair — pede Johan.

— Não queremos perder o aroma do suor aqui dentro — diz Lovisa, dando uma risadinha.

Waldemar abre as narinas, parece tentar encontrar um comentário esmagador. E abre um sorriso cheio de dentes amarelados pela nicotina, ao dizer:

— Dirija com cuidado, Malin.

O telefone de Malin toca quando ela se aproxima de sua mesa.

Ela atende, sem ver o número de quem ligava.

— Malin.

— Sou eu.

Há dez dias ela saíra de casa, há dez dias falara com ele. E a única coisa que gostaria de fazer, agora, era desligar.

— Janne, agora estou muito ocupada, pode telefonar...

Malin para. A raiva na voz dele faz com que ela perca até a capacidade de dar um passo após o outro.

— Não, Malin. Vai ter de ouvir. E vai ser agora. Como é que pôde deixar Tove sair ontem à noite? O que você lhe disse? O que fez a ela? Tove estava completamente confusa e nervosa. Quando chegou ao quartel, estava totalmente desesperada. Bater em mim é uma coisa, mas fazer com que Tove fique completamente desequilibrada é outra...

Palavras. Ela não quer ouvi-las. Não quer pensar no assunto. Pôs tudo de lado até aquele instante.

— Eu...

— Cale a boca! A questão é a seguinte: Tove mora comigo. Não venha aqui. Se quiser, telefone, mas tenha muito cuidado com o que vai dizer. E vai ser assim até que ponha a sua vida em ordem. Entendido?

“Será que ele pode fazer isso?”, pensa Malin. “Claro, não vai ser muito difícil provar às autoridades que eu sou uma alcoólatra.”

— Vá para o inferno — diz ela. — Vá para bem longe, longe, longe! Afunde no inferno, está bem?

“Diga que você me ama”, pensa ela, depois.

— Malin — diz Janne, agora sem raiva. — Controle-se. Tove precisa de você. Procure ajuda.

Zeke não está à sua mesa, quando ela volta para o escritório.

As mãos tremem, e Malin bate várias vez em cima da mesa para que fiquem paradas, para que toda a raiva desapareça.

“Até onde eu afundei? Deixei que Tove saísse no meio da noite, na escuridão. E ninguém sabe o que pode sair do escuro. Depois, fiquei bebendo.”

Malin olha em volta da grande sala cheia de mesas. Obriga-se a afastar todas as sensações e pensamentos. Quer voltar à estaca zero.

— Fui buscar café — esclarece Zeke, ao chegar à sua mesa. Malin está sentada. Espera. Quer discutir com ele o que vão fazer no restante do dia. Trabalho. Quer que o trabalho ocupe o seu cérebro, não deixar espaço para mais nada.

Zeke olha para Malin, exatamente da mesma maneira como fez, pela manhã, quando ela chegou ao departamento.

Amistosamente. Cheio de boas intenções. Preocupado. Nem um pouco irritado, mas sem compaixão. E, então, ela virou a cara.

Zeke sabe.

Ele pensa como Sven. Deixar que ela trabalhe na investigação e, depois, que procure ajuda.

O olhar dele está ainda mais preocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta ele. — Parece...

— Não diga nada. Vamos trabalhar.

“Eu não quero ajuda nenhuma”, pensa Malin. “Quero Janne. Tove. Não é verdade?

“A nossa vida.

“Ou quero ajuda?”

O rosto da psicanalista Viveka Crafoord. Suas palavras: “Você será sempre bem-vinda, Malin.”

A assistente Aronsson vem ao encontro deles com um papel na mão.

— Acabei de receber isto do arquivo — diz ela. — Demorou bastante, mas parece que conseguiram alcançar alguns pontos obscuros. É a única coisa que encontraram a respeito da família Fågelsjö. Há registro de que Axel Fågelsjö maltratou um dos seus funcionários, na década de 1970, de tal maneira que o trabalhador ficou cego de um olho.

57

— Ele me derrubou no chão e me chicoteou. As minhas costas ficaram ardendo de tanta dor, dos golpes. Virei-me para me levantar e foi, então, que o seu chicote atingiu o meu olho.

Mais uma voz no coral da investigação.

Malin e Zeke estão sentados, cada um numa poltrona, no apartamento de Sixten Eriksson do asilo para idosos, Serafen. A sala de estar tem vista para o parque da Associação de Jardinagem, onde as copas das árvores balançam ao sabor do vento. Por enquanto, a chuva parou.

Sixten Eriksson. O homem que Axel Fågelsjö maltratou em 1973. As circunstâncias estavam descritas na pasta que receberam do arquivo. Sixten Eriksson era funcionário de Skogså e foi quem bateu com um trator na porta da capela. Axel Fågelsjö ficou furioso e o agrediu de modo que o homem ficou cego de um olho. O chefe foi sentenciado a pagar apenas uma pequena multa e uma indenização ainda menor para o já então ex-empregado.

Sixten Eriksson está sentado diante deles, em um sofá de tecido azul, com um olho tapado e o outro, esverdeado, quase transparente e com catarata. Atrás dele, na parede, está pendurada a reprodução de um quadro do famoso pintor sueco Bruno Liljefors:

Raposas na neve e tetrazes na floresta. A sala inteira cheira a tabaco, e Malin acha que o cheiro vem dos poros de Eriksson.

— Era como se eu estivesse dentro de um ovo arrebentado — diz Sixten. — Ainda hoje, continuo a ter pesadelos por causa da dor. Chego a senti-la de vez em quando.

A enfermeira que os deixou entrar conta que Sixten Eriksson está completamente cego. A catarata já dominou o outro olho e é impossível eliminá-la.

Malin olha-o, achando que existe uma expressão clara e firme na sua figura, apesar da cegueira.

— É claro que fiquei bravo com Axel Fågelsjö por ele não ter recebido uma pena mais dura, mas é sempre assim. Os que têm poder não são perturbados tão facilmente. Tiraram-me um olho, prejudicaram o outro, e ficou tudo por isso mesmo.

O tribunal condenou Axel Fågelsjö a pagar uma multa, levando em consideração o motivo da sua fúria. Sixten Eriksson teria sido descuidado ao manobrar o trator e bater na porta da capela.

O velho jamais poderia se vingar de Axel Fågelsjö e matar o filho dele, tanto tempo depois. “Isso é claro”, pensa Malin. “Mas Axel Fågelsjö agrediu o empregado com extrema brutalidade. Será que usou da mesma brutalidade, agora, contra o próprio filho?”

— O que fez depois? — pergunta Zeke.

— Consegui trabalho na NAF e fiquei lá até a empresa ser desativada.

— E conseguiu acabar com o rancor?

— Não havia nada a fazer.

— E as dores? — pergunta Malin. — Terminaram?

— Não, mas a gente aprende a conviver com tudo.

Sixten Eriksson faz uma pausa, antes de acrescentar:

— Aprendemos a viver com a dor quando não se pode acabar com ela. Há que transferi-la para qualquer outro lugar, extraí-la de si mesmo.

Malin acha que alguma coisa está diferente na sala.

O aquecimento diminuiu. A temperatura baixou. Começa a fazer frio. Hora de dormir.

Uma voz interior avisa Malin que está na hora de perguntar:

— Sua esposa ainda está viva?

— Nunca fomos casados, mas vivemos juntos desde que tínhamos 18 anos. Ela morreu de câncer no fígado.

— Tiveram filhos?

Antes de Sixten Eriksson responder, a porta da sala se abre e entra uma jovem loura, enfermeira-assistente, de avental azul-claro.

— Hora de tomar os remédios — diz ela. E enquanto a enfermeira se dirige ao sofá, Sixten Eriksson responde:

— Um filho.

— Um filho?

— Sim.

— Qual é o nome dele?

A enfermeira já fecha cautelosamente a porta, depois de sair.

Sixten Eriksson sorri, espera alguns longos segundos, antes de responder:

— Ele tem o nome da mãe. Chama-se Sven Evaldsson. Mora em Chicago há muitos anos.

Um ônibus sobe devagar a rua Djurgårdsgatan e, por trás das suas janelas, encolhidos nos assentos, veem-se habitantes de Linköping fazendo caretas diante da umidade e da chuva que voltou a cair.

Malin e Zeke estão sob a chuva, refletindo sobre o que devem fazer.

— Os camponeses de Skogså conheceram os maus-tratos de Axel Fågelsjö, não acha? Ainda hoje devem se lembrar disso — diz Zeke.

— Mesmo que conheçam, não vão entender por que falar sobre isso — comenta Malin. — Ou, então, não vão querer falar sobre o assunto. Na perspectiva deles, será sempre impossível saber se a família Fågelsjö vai ou não readquirir o castelo. De modo que vão preferir o silêncio.

Ao entrarem no carro, o telefone de Malin toca.

Ainda sob a chuva, ela atende, mas o número é desconhecido.

— Malin Fors.

— É a mãe de Jasmin.

“De Jasmin?

“Quem será entre as amigas de Tove?”

Mas Malin logo se lembra da mulher no quarto da unidade de reabilitação, em Söderköping, ao lado da filha em cadeira de rodas. Voltou a sensação de que o amor daquela mãe pela filha era infinito. “Se acontecesse a mesma coisa com Tove, eu aguentaria?” A questão surge mais uma vez.

Pingos de chuva do rosto de Malin escorrem pela capa. A expressão impaciente de Zeke dentro do carro.

— Olá. Posso ajudar em alguma coisa?

— Esta noite sonhei — diz a mãe de Jasmin Sandsten.

“Não, de novo, mais uma sonhadora”, pensa Malin, relembrando o rosto de Linnea Sjöstedt. “Precisamos, agora, é de informações concretas. Não de sonhos.”

— Você sonhou com o quê?

— Sonhei com um cara de cabelos longos e escuros. Eu não me lembro de como ele se chama. Passou a visitar Jasmin logo depois

do acidente. Disse que mal se conheciam, mas que era amigo de Andreas, que faleceu. Os amigos de Jasmin não sabiam nada sobre ele. Eu me lembro de que achei estranho, mas era uma pessoa agradável. O esquisito é que os amigos dela não a visitavam. Achei, na época, que talvez as vozes de pessoas da mesma idade de Jasmin pudessem ajudá-la a se recuperar.

— E agora você sonhou com ele. É isso?

Malin não espera pela resposta da mãe de Jasmin Sandsten. Lembra-se de Anders Dalström, o músico na floresta, o de cabelos longos e pretos.

“Quem sabe, ele não volta para a investigação por causa de um sonho.”

— Cabelos longos e pretos. Não se lembra do seu nome?

— Não, infelizmente. Mas, no sonho, pareceu um homem muito bem-vestido, sem rosto. Ele mostrava um filme de um jovem que costumava visitar Jasmin. Um filme em preto e branco. Com falhas. Antigo. Espere. Acho que ele se chama Anders. Talvez de sobrenome Fahlström.

58

Anders Dalström bebe mais um gole do seu café no Roberts Coffee, perto da livraria Akademi, logo abaixo do Stadium e da praça Gyllentorget. É uma das cafeterias norte-americanas que se estabeleceram no país servindo *fast food*. Verdadeiros centros para preguiçosos, segundo Malin.

Muita gente, em um sábado. O dinheiro fervendo nas carteiras.

A livraria deve ir muito bem numa época como esta, em que as pessoas, normalmente, se escondem dentro de casa.

— Estou na cidade — disse Anders Dalström, quando Malin lhe telefonou. Eles não queriam se arriscar a ir até a floresta de Björsäter para, depois, não o encontrar em casa. — Estou comprando livros. Podemos nos ver aqui, se você quiser.

Ele já está sentado diante de Malin e Zeke, vestindo um agasalho e uma camiseta amarela, com o rosto do cantor Bruce Springsteen esverdeado. Anders Dalström parece cansado, com olheiras. Os longos cabelos escuros, gordurosos e sujos.

"Você parece dez anos mais velho do que na casa de campo, na sua *stuga*", pensa Malin. "Será que realmente precisamos incomodá-lo novamente?" Mas ela queria seguir o fio da conversa

que teve com a mãe de Jasmin Sandsten. Cita o nome dela e pergunta:

— Por que você a visitou depois do acidente? Você não a conhecia, não é verdade?

— Não conhecia antes, mas as visitas me faziam bem.

— Bem, como? — pergunta Zeke.

Anders Dalström fecha os olhos e suspira.

— Trabalhei a noite inteira. Estou cansado demais para esta conversa.

— Mas, então, explique logo. Bem, como? — insiste Zeke, com tom autoritário. Malin nota que Zeke está assumindo o lugar dela. Faz as perguntas de acordo com a intuição que ela tem, talvez à frente de sua própria intuição.

— Não sei. Fez bem. Já se passou tanto tempo.

— Você não tinha qualquer ligação com Jasmin, não é?

— Não. Eu nem a conhecia. De maneira nenhuma. Mas, mesmo assim, fiquei com pena dela. Quase nem me recordo mais do caso. Era como se a sua mudez, de alguma forma, fosse também a minha. Eu gostava daquele silêncio.

— Você não sabia que fora Jerry Petersson quem guiava o carro naquela noite de Ano-Novo?

— Eu já respondi “não” a essa pergunta, na última vez.

Havia uma caixa com livros ao lado da cadeira de Anders Dalström, além de vários DVDs.

— O que você comprou?

— Uma nova biografia de Bruce Springsteen, vários romances policiais, dois *shows* do Bob Dylan e mais o filme *Lord of the Flies*.*******

— A minha filha também adora ler — diz Malin. — Mas lê, normalmente, romances. De preferência, com muito amor. Mas *Flugornas herre* é muito bom, tanto o livro como o filme.

Anders Dalström olha nos olhos dela, longamente, antes de dizer:

— Por falar em amor, vocês certamente já ouviram de outras fontes que correu o boato na escola, na época do acidente, que Jerry Petersson mantinha um relacionamento com Katarina Fågelsjö.

"Posso cheirar a infelicidade no amor a mil quilômetros de distância", pensa Malin. "Posso cheirá-la, aqui e agora, na sala de estar de Katarina Fågelsjö. A infelicidade transpira por todos os poros desta amargurada mulher. Você está pronta para falar, não é? De certa maneira, você é a mulher no quadro de Anna Ancher pendurado na sua parede. Uma mulher que quer se virar e contar a sua história."

— Vou visitá-la sozinha. Talvez assim eu consiga fazê-la falar.

Zeke concorda. Deixa que ela vá ao encontro com Katarina Fågelsjö. Talvez seja perigoso, talvez não.

— Vá e tente tirar dela o que queremos saber.

Meia-calça branca. Saia azul. Pernas cruzadas. De saltos altos, mesmo em casa.

"Abra a alma. Conte-me tudo. Se quiser, posso revelar o que Anders Dalström nos contou. Os rumores. Uma história de amor. Como você deve ter sofrido."

— Você está sofrendo pela perda de Jerry Petersson, não é?

Aconchegantes almofadas da Svenskt Tenn estão atrás dela. Tecidos, de Josef Frank, com serpentes sorridentes.

E, então, a máscara de Katarina Fågelsjö cai. Ela explode, faz uma careta e começa a chorar.

— Não me toque — exclama Katarina Fågelsjö, quando Malin tenta pôr o braço, carinhosamente, sobre seus ombros. — Sente-se novamente e escute. Vou lhe contar tudo.

Logo as palavras começam a sair pela boca de um rosto ruborizado pelo choro.

— Eu estava apaixonada por Jerry Petersson naquele outono em que o acidente aconteceu. Via-o nos corredores da escola, mas sabia que ele era *off limits* para uma garota como eu. Malin, devia ver como Jerry era formidavelmente bonito. Então, nos encontramos na festa da juventude do Partido Moderado, por acaso, e eu não me lembro mais por quê, mas ficamos sentados no jardim da igreja toda a noite. E, depois, descemos até a lagoa Stångån. Lá, havia uma casa abandonada, onde antes se guardava uma bomba de sucção de água. Não existe mais.

Katarina Fågelsjö levanta-se. Vai até a janela que dá para a lagoa e, de costas para Malin, aponta para um lugar distante. Espera que Malin se aproxime, antes de continuar:

— Lá fora, naquela pequena ilha no meio da lagoa, era onde havia a casa. Fazia frio, mas, apesar disso, eu me sentia mais quente do que nunca naquele outono. Eu e Jerry Petersson passamos a nos encontrar sem que ninguém soubesse. Eu estava apaixonadíssima, mas meu pai não iria aceitá-lo. E foi o que aconteceu.

Katarina Fågelsjö fica, então, em silêncio. Parece querer conservar aqueles momentos apenas para si, na sua mente.

Malin quer abrir a boca, quer dizer alguma coisa, mas Katarina faz sinal para não dizer nada. Lança um olhar que diz: “Agora você vai ouvir o que tenho para dizer”.

— Então, ele desapareceu. Foi para Lund, no sul. Mas não saiu da minha cabeça. Continuei a acompanhar a sua vida, os seus passos,

durante todos esses anos, durante o meu casamento fracassado com um cara que o meu pai adorava. Eu nunca esqueci Jerry Petersson. Queria me encontrar com ele novamente, mas não cheguei a fazê-lo. Em vez disso, dediquei-me à arte. Enterrei-me na pintura. Por que, por que, por que ele voltou? Por que quis o castelo? Nunca cheguei a entender. Se queria alguma coisa comigo, bastava ter telefonado, não é? É claro que bastava ele ter telefonado.

"Você também poderia ter telefonado", pensa Malin.

— Eu devia ter telefonado. Ou ido lá. Mandar todos os amantes para o inferno. Ele, afinal, estava lá. Talvez tivesse chegado a hora de fazer alguma coisa a favor daquele amor que teimava em existir.

"Você sempre o amou. Assim como eu sempre amei Janne. Será que um dia o nosso amor vai acabar?"

— Alguma vez Jerry se encontrou com o seu pai? — pergunta Malin, em seguida.

Katarina Fågelsjö não responde. Em vez disso, sai da janela e da sala.

Katarina Fågelsjö está diante do espelho, no banheiro. Não reconhece o próprio rosto.

Acha que alguém segura imagens diante dos seus olhos, fotografias em preto e branco que nunca foram tiradas, mas que existem.

Fotos de dois jovens que passeiam ao longo da margem de uma lagoa.

De uma casa abandonada.

Da lenha a arder. E há vozes. A dele. Uma voz que há muito tempo ela tinha esperança de ouvir.

“Lembra-se de como era bonita, Katarina? Lembra-se daquele outono? De quando nós passeávamos ao longo da lagoa, com toda a cautela para que ninguém nos visse? De quando nos deitávamos na casa abandonada, aquecidos pelo fogo que fazíamos em um grande e esquecido fogareiro de ferro? Então, eu passava minhas mãos nas suas costas, acariciava você. Nós fazíamos de conta que era verão, e eu passava creme nas suas costas para evitar que ficassem queimadas demais.”

Novas fotografias.

Neve a cair. Ela no seu quarto no castelo. Uma figura que passa entre as árvores da floresta, no frio. O portão do castelo fechado.

“Na época”, continua a voz, “contra a minha vontade, você queria que eu conhecesse seu pai e sua mãe. Então, eu cheguei ao castelo na tarde da véspera de Ano-Novo, como combinado. Fui de ônibus e percorri, depois, o resto do percurso pela floresta e o prado, no frio gelado, até ver o castelo que parecia sobrepujar a floresta, rodeado por aquele fosso embaixo.

“Passei por sobre o fosso, atravessando uma ponte que dava acesso à entrada do castelo. Vi aquelas estranhas luzes verdes.

“Seu pai veio abrir o portão. Vi logo que ele entendeu por que eu estava ali. Você chegou logo a seguir. Pelos seus olhos, ele viu tudo. E gritou que jamais iria permitir que *esse aí* passasse daquela porta. Logo a seguir, levantou a mão e me deu uma pancada nas costas.

“Seu pai me perseguiu ao longo da descida pela ponte sobre o fosso. Bateu-me várias vezes com o guarda-chuva, enquanto você gritava que me amava: ‘Eu o amo, pai!’. E eu corri, corri, achando que você viria atrás de mim. Mas quando me virei, já na beira da floresta, vi que ficou no castelo. O portão não estava fechado. Sua

mãe, Bettina, estava ainda do lado de fora. Achei que estava sorrindo.

“Há também imagens suas no momento em que vira as costas na entrada do castelo. De quando sobe as escadas. De quando se deita na cama. De quando está de pé, junto ao pai. De quando conserta a maquilagem, diante de um espelho.”

“Cale a boca!”, ela quer gritar para a voz. Mas a voz prossegue:

“Eu voltei para a festa. Você estava lá. Fredrik. Ele já tinha bebido demais. Foi arrogante com todos e tudo. Era como se eu não existisse para você. Nem sequer dirigiu o olhar para mim. Isso me deixou louco. Bebi, engoli tudo, dancei de rosto colado com dezenas de garotas, todas que me queriam. Senti-me invencível. Escolhi Jasmin, que estudava com você, apenas para provocar ciúmes em você. Sentei-me ao volante daquele carro, a fim de mostrar ao mundo quem é que mandava. E que o amor, afinal, não tinha qualquer importância. Era eu quem mandava e nem o amor poderia me tornar impotente.

“Depois, você sabe, no prado cheio de neve, de sangue e de silêncio, olhei para Jonas Karlsson, pedi-lhe para dizer que era ele quem conduzia, prometi-lhe um mundo de coisas.

“Como você sabe, ele fez o que eu pedi, fez o que eu lhe disse para fazer. Naquele momento, entendi profundamente que eu poderia ter tudo o que quisesse neste mundo. Desde que fosse suficientemente duro e até cruel. A partir de então, poderia silenciar para sempre as lâminas do cortador de grama.

“Mas não teria você, Katarina. Eu nunca teria você. Não a teria por ser quem é.

“Foi assim que eu morri naquela noite de Ano-Novo. E, ao mesmo tempo, renasci.”

Imagens de um carro destroçado. Funerais. Uma cadeira de rodas com um corpo inválido. Um homem de costas voltadas para ela em uma cadeira de escritório. Um contínuo fluxo de imagens de uma vida que ela nunca conheceu.

“E quando comprei Skogså quis fazer renascer a vida que morrera”, continuou a voz.

“Foi a vaidade extrema: pior do que a dos alquimistas.

“Logo passei pelo portão, cuja entrada me fora proibida durante tantos anos. Andei sem camisa por todas as salas e divisões, sentindo a aspereza das paredes de pedra na minha pele.”

As imagens desapareceram. Ficou apenas o espelho. E, nos seus olhos, as lágrimas lá dentro, em algum lugar.

******* Filme baseado no livro de William Golding, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura. A obra, publicada em 1954 com o título original *Lord of the Flies,* foi lançada no Brasil em 2006 com o título *O senhor das moscas*. Na Suécia foi publicado em 1959 com o título *Flugornas herre*. [N. T.]

59

Linköping, março em diante

Jerry esfrega o corpo nas paredes de uma sala iluminada por uma centena de luzes do candelabro pendurado em uma altura de cinco metros. A superfície das pedras é irregular e áspera no contato com seu peito e suas costas, como se fosse a superfície de um planeta ainda por descobrir.

O quadro da mulher e do homem, que passa bronzeador, está pendurado na sua frente.

As salas do castelo. Como elas estão ligadas umas às outras.

Os telefones. Ela está longe, a distância apenas de uma ligação. Ele se senta por baixo das suas pinturas e recita o número como se fosse um mantra.

Jamais lhe passa pela cabeça que ela poderá estar zangada por aquilo que ele fez. Que, na visão dela, ele arrancou a história das mãos da sua família.

Mas ele jamais chega a digitar o número do telefone dela. Em vez disso, lança-se à administração de uma propriedade que agora é sua. Procura animar os camponeses arrendatários e os artesãos, além de visitar as prostitutas que procura e encontra pela internet, pois essas também existem até em Linköping e não raro são

mulheres de meia-idade, com uma necessidade anormal de fazer sexo e que tanto podem receber para praticá-lo como também pagar para satisfazer seus desejos mais ardentes. Pensa em telefonar para aquela jovem advogada, com quem transou quando oficializou a compra da propriedade, mas acha que ainda é cedo demais.

Durante certas noites e manhãs, ele sai para fazer rondas por sua propriedade. Percorre de carro as florestas negras, passa por casas e árvores e pelos prados. O campo que parece reunir as três unidades de tempo: o passado, o presente e o futuro.

Ao achar que havia uma luz verde vindo do fosso, resolve instalar outras luzes verdes ao redor do mesmo, como uma resposta ao fenômeno ótico que vinha da água.

Ele está de pé do outro lado do portão, descansa e espera por uma chamada, por um carro que ele quer que chegue e pare na subida da entrada do castelo, mas o carro nunca chega. Ele fica parado, quieto, pensando nos desvios de um amor que parece nunca mais se abrir e florescer uma segunda vez.

Em vez da visita, recebe uma carta pelo correio. Escrita à mão.

Lê a carta à mesa da cozinha, em uma manhã outonal em que os céus pareciam despejar jatos de água corrosiva no mundo dos homens.

Dobra novamente a carta, acha que terá de encerrar o assunto definitivamente, para sempre.

60

Sábado, primeiro — domingo, 2 de novembro

Pressiona a barra para cima.

Está sozinha embaixo, no ginásio. Se não aguentar, Malin, a barra vai cair em cima da sua laringe e, assim, todos os seus problemas terão acabado.

Fim da sua respiração. Fim dos seus amores.

Uns 70 quilos na barra, mais do que o peso do próprio corpo. Mas ela levanta a barra dez vezes, antes de pousá-la no suporte e descansar.

"Janne. Agora é ele que me diz o que devo ou não devo fazer.

"Que vá para o inferno.

"Ou talvez tenha razão.

"Tove. Quero pedir desculpa. Mas o certo é me deixar em paz, por algum tempo, não é?

"Como é que eu pude fazer aquilo?"

O corpo está molhado de suor. Era como se tivesse corrido na chuva que ela vê cair através das pequenas janelas junto ao teto do ginásio.

Trocaram o papel das paredes do salão de ginástica. Do verde cor de vômito para rosa com pequenas flores lilases, piorando o que já

era ruim.

“Isto aqui é um ginásio”, pensa Malin. “Não um salão para garotas.”

Ela volta a se deitar no aparelho.

Mais dez repetições. Sente os músculos trabalhando e que o esforço serve para afastar a vontade de beber. “O centro de reabilitação que se dane. Não preciso disso.”

Cada vez que eleva a barra em direção ao teto branco, mas empoeirado, ela pensa em ficar mais perto do núcleo central da investigação.

O ácido lático se entranha nos músculos do corpo. Ela se levanta, finge socar o ar, excita a vida nos tecidos já quase esgotados e diz de maneira entrecortada:

— Eu. Estou. Perdendo. Alguma. Coisa. Mas. O. Quê?

Na sauna, depois de uma ducha bem demorada, primeiro de água fria e, então, de água quente, Malin lê o último artigo de Daniel Högfeldt a respeito dos assassinatos. Até as páginas do *Corren* ficam quentes na sauna.

Ele levanta o problema das ligações entre os dois assassinatos. Cita fontes da polícia que estão convencidas de que existe relação, mas ainda não têm certeza.

Em outro artigo, faz um relato dos maus negócios realizados por Fredrik Fågelsjö e de como a família acabou perdendo o castelo de Skogså. Termina comentando: “Talvez agora as suspeitas passem a ser centralizada nos Fågelsjö que, segundo alguns, fariam tudo para ter Skogså de volta”.

Daniel Högfeldt nada menciona sobre a herança que a família acaba de receber, mas o jornal inclui fotografias dos prédios onde os

Fågelsjö moram. Imagens recentes. Os abutres não deixam em paz nem quem está de luto.

Há também uma fotografia de Linnea Sjöstedt tirada em frente à casa da curva, perto de Skogså. Daniel cita o comentário: “É claro que eles se vingaram de Fredrik por causa da perda do castelo. A propriedade significava tudo para eles”.

Noventa graus aqui dentro.

Dez minutos e o corpo começa a gritar, o suor sai por todos os poros, mas Malin gosta desse mal-estar.

Daniel ainda não sabe nada sobre a agressão cometida por Axel Fågelsjö, nem sobre o fato de Jerry Petersson dirigir o carro no acidente do Ano-Novo. Isso é bom. Significa que os vazamentos de informações da polícia diminuíram. E que, na realidade, Daniel Högfeldt é um jornalista decente. Nunca a pressionou por informações quando ela estava embriagada, nunca tentou transformá-la em informante.

Malin está nua no vestiário.

Uma mensagem no celular.

O número é de Daniel Högfeldt. Que coincidência. Ela acha que Daniel deseja marcar um encontro à noite. Liga para a caixa postal para ouvir a mensagem.

“Aqui é Daniel. Queria apenas dizer que eu recebi uma denúncia anônima a respeito da investigação. Pode telefonar para mim?”

Daniel.

“Não costuma dar nada para nós. Segura todas as denúncias que recebe para si próprio. E, atualmente, as pessoas excitadas pela mídia e querendo ganhar dinheiro preferem telefonar mais para os jornais com denúncias e palpites do que para a polícia.

“Como é que isso pode estar acontecendo?”

— Daniel.

— Sou eu. Ouvi a sua mensagem.

— Ah, sim. Queria apenas dizer que recebi uma denúncia anônima por telefone em relação aos Fågelsjö. Que devem ter sido o pai e a irmã que mataram Fredrik. Por vingança. Que eles estão por trás do crime.

— Já estamos trabalhando nessa pista há muito tempo.

— É claro, Malin, mas esta pessoa estava muitíssimo ansiosa. Só relaxou quando eu disse que já pensara em escrever sobre o assunto.

— Um desequilibrado?

— Não, mas havia algo de estranho com ele. Alguma coisa esquisita.

— Sabe o nome dele? O número do telefone?

— Não. Não apareceu nenhum número no visor. Nenhum nome. Uma coisa que também não é normal.

“Daniel usou esse truque apenas para falar comigo”, pensa Malin.

“Não arranjou motivo melhor. Os denunciantes telefonam aos montes.

“Anonimamente.

“A respeito de tudo o que é possível e imaginável.”

— Eu sei o que está pensando, Malin. Mas desta vez é importante. A persistência do cara me deu medo.

— Ele tinha alguma coisa de novo para contar?

— Não.

— Ok — diz Malin. — Você pode vir para minha casa esta noite, às nove horas. E terá o que quer.

Daniel fica em silêncio.

Malin olha-se no espelho do vestiário, desvia o olhar do rosto. Prefere analisar o corpo bem formado e treinado.

— Malin Fors, você é realmente extraordinária. Pela primeira vez achei que poderia ajudar você.

— Como assim? Com isso aí?

— Por exemplo, que foi um homem e não uma mulher que telefonou para mim.

— Você vem?

A ligação é interrompida. Silêncio.

“Ele está vindo.

“Diga que vem. E aí, tudo ficará bem, mesmo que seja apenas por meia hora, mais ou menos. Será suficiente.”

Malin está deitada na cama, de roupão. Espera que Daniel chegue. Sente o desejo de recebê-lo dentro de si.

São nove horas.

Nove e meia.

Dez. Ela quer telefonar para ele, mas sabe que se ceder a esse ponto não acontecerá nada. Sabe, agora, que ele de fato não queria estar com ela. Queria apenas ajudá-la.

À sua maneira desajeitada. Com uma denúncia insignificante.

Alguém quer que as coisas aconteçam de certo modo. Alguém quer desviar as atenções para determinada direção, quando, na realidade, deviam se concentrar em outro lugar. Essa ideia surge, de novo, em sua mente.

No caminho do ginásio para casa, Malin resolveu telefonar para o pai.

Aparentemente, seu pai não notou nenhuma movimentação especial da polícia espanhola vigiando ele e a mãe, mas também não havia notado quando foi fotografado.

Ele contou, então, que estavam pensando em passar o Natal na Suécia. Malin respondeu que Tove ficaria contente, mas que, de uma maneira geral, era de esperar que as relações familiares nessa época ainda estivessem sob certa tensão.

— Está com muito trabalho? — pergunta o pai.

— Não, é que este outono tem sido terrível — diz ela, enquanto pensa: “Pai, no meu planeta, estamos lutando pela vida.”

É o que está fazendo, Malin? Lutando pela vida?

Acho que o meu pai está fazendo o mesmo, lutando pela vida no seu planeta.

Axel Fågelsjö.

O pai.

Estou vendo os dois, nitidamente, ele e você. Você está deitada na cama, dormindo um sono sem sonhos. Um descanso que merece depois de todo o trabalho para manter a vontade de beber sob controle.

Axel está sentado à mesa da cozinha, na rua Drottninggatan. Tirou do armário do quarto a sua adorada espingarda de caça.

Ele cheira a arma. Já o vi fazendo isso antes. Não sei por que ele faz isso, já que, depois, volta a guardá-la no armário do quarto.

Também não sei o que me aconteceu, Malin. Não me lembro de nada. Isso é esquisito, segundo o que entendi das conversas que tive com outros, aqui, no lugar onde estou.

Mas não importa.

Já que eu conto com você.

É você que vai me dizer qual foi o meu destino.

Fala do seu destino, Fredrik Fågelsjö, mas o que você sabe, nascido em berço de ouro, sobre o destino?

Não existe nenhum destino, apenas acontecimentos resultantes de ações conscientes.

Quando caí no fosso, isso foi apenas consequência de um erro que eu cometi. E de mais ninguém.

Fui eu que, da maneira mais direta possível, provoquei o acontecido.

Está convencida, Malin, que vai fazer por mim algum tipo de justiça ou reabilitação na morte. Como se eu precisasse de uma coisa dessas.

Eu não preciso de mais nada de vocês.

Eu já tenho tudo.

Domingo. A chuva cai forte sobre o solo e as pessoas.

Malin está à janela do seu apartamento, olha para a torre da igreja e repara que até os corvos parecem sofrer com o vento.

Ela gostaria de ouvir a voz de Tove, encontrar-se com ela. Teriam todo o dia disponível para ficar juntas, visto que Sven Sjöman resolveu obrigá-la a ficar em casa, a ter o dia livre.

Mas ela não telefona para a filha, faz o que Janne disse ou aquilo que ela achou que ele queria dizer. Mantém distância. Evita ver sua imagem no espelho. Se tivesse 14 anos, cortaria os próprios pulsos.

Em vez disso, resolve vestir a roupa de treino e correr uns 20 quilômetros pelas diversas ruas e avenidas de Linköping. Logo começa a suar por baixo da roupa justa. A cidade parece desaparecer sob seus pés. Ela sente o coração batendo e que continua confiando na força desse músculo tão especial.

Novamente em casa, telefona para o departamento. Waldemar Ekenberg informa que nada de novo aconteceu.

Então, Malin volta a folhear a papelada sobre Maria Murvall. Prepara a sua palestra, à mesa da cozinha. A escuridão da noite já

começa a baixar lá fora.

Malin olha em volta na cozinha e pensa: “Eu não tenho nada, nem mesmo Tove eu consigo ter ao meu lado. Se é que algum dia vou tê-la de novo”.

61

Segunda-feira, 3 de novembro

“Devem ser 400 olhos”, pensa Malin. “E todos estão me encarando. Espero que o colarinho da blusa bege, por baixo do meu suéter de algodão, esteja bem alinhado. Mas por que estou preocupada com o que essa multidão acha sobre a maneira como eu me visto?”

A sala de aula da escola de Sturefors está completamente cheia. Os alunos ainda continuam a falar, inclusive aos seus celulares. Malin está por detrás de um púlpito, observa todos os jovens na sala onde ela também já se sentou.

A diretora, Birgitta Svensson, com seus 50 anos e rugas provocadas pelo tabaco, veste um terninho cinza e está ao lado de Malin. Concentra-se e bate com os dedos, levemente, no pequeno microfone escuro à sua frente.

— Muito bem. Vamos desligar os celulares.

Para espanto de Malin, todo o salão fez o que foi pedido.

Clique atrás de clique, todos os aparelhos foram desligados. As vozes foram diminuindo, passaram a ser um murmúrio e, logo em seguida, silêncio.

No ar, um cheiro de tecido suado, hálito adocicado de adolescentes e restos de produtos de limpeza. A diretora fala:

— Ao meu lado está Malin Fors, detetive da polícia de Linköping, que vai falar sobre o trabalho da polícia. Vamos recebê-la com aplausos.

Todos aplaudiram. Alguns assobiaram. E quando o silêncio voltou a imperar, Malin se desconcentra, não sabe por onde começar, sente o mal-estar da abstinência se espalhar por todo o corpo. Tenta fixar o olhar no relógio de parede.

9h09.

Terá de falar por uma hora, mas o quê?

Os jovens na sua frente parecem já saber de tudo no mundo e, ao mesmo tempo, de nada. Chamá-los de inocentes seria um grave exagero, mas, ao mesmo tempo, uma boa parte deles certamente já viu mais do que devia em termos de frustração entre adultos em seus lares.

“Como Tove. O soco na boca de Janne. Como é que eu pude?”

Silêncio.

Dos lábios de Malin não sai uma palavra sequer. Por um minuto. Dois.

Os alunos se acomodam na cadeira, esperando.

— Violência — diz Malin, finalmente. — Eu trabalho com o que nós chamamos de crimes violentos. Estupros. Maus-tratos.

Novamente, faz uma pausa.

Os jovens esperam.

— E também assassinatos. Como vocês sabem, até isso acontece em uma cidade tão tranquila como Linköping.

A partir daí, as palavras começam a sair dos lábios naturalmente. Ela conta como se investiga um caso típico de maus-tratos e até cita alguns casos reais de assaltos, mas não os piores.

— Nós fazemos todo o possível — diz Malin. — Sempre esperamos que seja o suficiente.

O mal-estar permaneceu durante toda a palestra. Apesar de a adrenalina e a concentração terem feito com que ela se sentisse melhor, assim que os estudantes começaram a perguntar a respeito dos assassinatos que estão sendo investigados no momento, o gás de Malin acabou.

— Agradeço a atenção de vocês todos — diz ela. E sai de cena antes que venham mais perguntas.

Aplausos e assobios começam de novo.

Há uma espécie de ritual em toda a situação.

“Eles iriam aplaudir e assobiar mesmo se eu falasse do Holocausto”, pensa Malin.

Fora da sala, a diretora vem ao encontro de Malin.

— Foi muito bom, correu tudo bem — diz ela. — Até se ouviram algumas perguntas, o que é raro acontecer. Eles acham, com certeza, que é excitante o que está acontecendo.

— Senti que todos estavam atentos — comenta Malin. — Será que aprenderam alguma coisa? O que eu poderia lhes ensinar?

A diretora toca no braço de Malin.

— Você não devia ser tão dura consigo mesma.

Malin quer se retirar, mas o olhar da mulher é estranhamente intenso ao encarar os olhos de Malin. A diretora acrescenta:

— Seguramente, aprenderam alguma coisa, pode acreditar. E você merece de nós um muito obrigado. Quer tomar um café conosco, na sala dos professores?

Para sua própria surpresa, Malin aceita.

Lovisa Segerberg está sozinha na sala da papelada, na Pappershades.

Waldemar e Johan estão no refeitório.

Lovisa pensa se deve ligar o computador de Fredrik Fågelsjö ou meter as mãos em alguma das centenas de pastas ainda por abrir.

Em vez de fazer qualquer uma dessas coisas, pensa em Malin Fors.

Gostaria de saber se é verdade o boato de que ela foi pega conduzindo um carro embriagada e que o caso foi abafado. E se ela vai para a reabilitação, assim que o caso for encerrado.

“As pessoas são apenas seres humanos, e até mesmo os policiais devem poder se safar de vez em quando. Caso contrário, ficarão apenas no quadro policial os justos e os absolutamente honestos. Policiais como esses ninguém quer. Como seria esta equipe de investigação sem Malin Fors?

“Seria algo diferente, visto que Malin é quem estabelece o tom da investigação. Os outros, inconscientemente, dependem dela.

“Será que eu deveria tomar um café com ela, para ter uma conversa só entre mulheres? Ouvir como ela se sente?”

Lovisa afasta esse pensamento. Levanta-se.

Em uma das prateleiras, perto da porta, vê uma pasta escura, isolada das demais. Só Deus sabe como a pasta foi parar ali.

Ela a pega. Senta-se no seu lugar.

Dentro, três folhas em branco.

Por baixo delas, um envelope sem selo ou carimbo de correio. A seguir, mais uma nova folha branca de papel com palavras escritas à mão.

Lovisa sente que o tempo parou, que uma estranha sensação de calor passa por seu corpo.

“Será esta carta que eles, sem saber, procuravam?”

Birgitta Svensson senta-se em um sofá de tecido esverdeado, saboreando um pedaço de bolo de amêndoas.

Malin segura uma caneca de café bem quente entre as mãos, para aquecê-las.

Estão sozinhas na sala dos professores. Malin sente que o lugar é tranquilo, uma tranquilidade que cheira a chá, a café, a livros e a papéis.

— Temos apenas um problema nesta escola — diz Birgitta Svensson. — Os valentões. O problema não é pequeno, mas, por mais que façamos, não conseguimos acabar com esse tal de *bullying*.

— São alguns alunos ou alunas em especial que estão por trás disso?

Malin lembra-se de alguns rapazes que teve de enfrentar por causa de uma investigação de crime, anos atrás. E de como eles mantinham toda a escola de Ljungsbro apavorada.

— Se fosse assim, tão simples — diz Birgitta. — Mas não são apenas alguns poucos valentões. Eles mudam a toda a hora. A vítima de ontem, passa a atacar hoje.

— O que vocês têm feito até agora para resolver o problema?

— Palestras sobre o assunto, juntando várias turmas. Conversas em particular. Mas é como se fosse um vírus difícil de enfrentar. Quando pensamos que, finalmente, resolvemos o problema, acontece um novo caso.

— Isso talvez se resolva quando o ano letivo acabar. Talvez o problema se resolva sozinho.

— Mas a escola precisa funcionar. Para todos.

Tove.

“Você nunca foi vítima de qualquer valentão”, pensa Malin. “O que eu faria se você fosse atacada por uma dessas pessoas?

“Nem quero saber.”

— Na semana passada — conta Birgitta —, um rapaz do oitavo ano teve o rosto arranhado com uma lixa, na aula de artesanato, por outro rapaz. Depois, foi revelado que o agressor teria sido vítima de uma grande gangue de rapazes do oitavo e nono anos, que o haviam seguido e atacado porque os pais tinham apenas um carro velho e enferrujado. Consegue imaginar? Era como se fosse certo atacar só porque outros o atacaram. Não conseguimos encontrar o pior dos agressores. Ninguém se responsabilizou. Todos se disseram “um pouco participantes”.

Birgitta Svensson fez um sinal no ar com os dedos, demonstrando um entre aspas.

Depois, esticou o braço e pegou o restante do bolo de amêndoas.

— Arranhado com uma lixa — repete Malin. — Imagine como ele deve ter se sentido.

— Lixa grossa, ainda por cima. De fato, a imagem do rosto era pavorosa. Era como se ele usasse uma máscara de feridas.

Fora do refeitório da escola, há um cartaz da fundação Friends.

Estimula a amizade entre todos, que não se deve deixar ninguém de fora. Que todos devem ver as qualidades e capacidades únicas de cada um.

“Uma utopia”, pensa Malin. “Mostre a garganta e logo pode estar certo de que alguém vai enfiar a faca nela.

“Será que Jerry Petersson mostrou a garganta para alguém?

“Fredrik Fågelsjö?

“Seriam os dois pessoas abertas e fracas, nem que fosse apenas por alguns segundos, e logo apareceu alguém que os mordeu, com

os seus dentes esfomeados?”

Um dos cartazes mostra uma menina sozinha em um canto, à distância de cinco metros de um grupo de garotas. No texto, no canto inferior do cartaz, uma frase: “Todas precisam de um amigo. Você é um deles?”.

Malin vai para o carro. Finalmente a chuva parou.

Na sua mente, revê a figura de Anders Dalström e relembra as palavras da mãe de Andreas Ekström. Que Andreas talvez fosse o único amigo de Anders. Que Andreas tomava conta dele.

As visitas de Anders Dalström a Jasmin, sem que antes a tivesse conhecido.

Uma esmola.

O senhor das moscas. Por que justamente aquele filme, entre tantos outros? Um filme sobre *bullying* que bate em todos os outros filmes de *bullying*. Ou não?

A chave colocada na porta do carro e, em 20 minutos, Malin já está na sala Pappershades com Zeke, Johan Jakobsson, Lovisa Segerberg, Waldemar Ekenberg e Sven Sjöman.

Diante deles e em cima da mesa, numa pasta de plástico, há uma carta. Letras trêmulas, escritas com um giz de cera preta.

O texto:

“Eu sei tudo sobre a noite de Ano-Novo. Está na hora de pagar. Em breve, entrarei em contato. Prepare-se.”

— Quer dizer que Jerry Petersson estava sendo chantageado — diz Sven. — Por quem?

— Jonas Karlsson? — sugere Waldemar.

— Talvez — diz Zeke. — Mas ele tem álibi para a noite e a manhã em que Jerry Petersson foi assassinado. Temos de analisar a caligrafia e se há alguma impressão digital na carta. Quem mais

poderia saber que era Petersson quem guiava o carro? Só ele sabia. E, segundo ele, nunca contou nada a ninguém.

— Jonas Karlsson bebe bastante, segundo confessou. Talvez tenha contado para alguém durante alguma bebedeira, não? — diz Waldemar, fazendo uma careta significativa em direção a Malin.

— Jochen Goldman — diz Malin. — Ele sabia. E parece que tem o hábito de mandar cartas. Talvez precisasse de dinheiro. O que nós sabemos a respeito da sua situação econômica? Na realidade, apenas que é riquíssimo.

— E a família Fågelsjö? — diz Lovisa. — Talvez quisessem pressioná-lo para se mudar do castelo, não?

— É claro — diz Sven. — Já recebemos as listas de telefonemas feitos por todos os membros da família. Não encontramos nada. Nenhuma chamada para Jerry Petersson. Não acredito que fossem eles os autores da carta. Não me parece ser o estilo deles.

— Vocês se lembram de que Petersson recebeu um telefonema de um mercado perto da loja Ikea? — pergunta Malin. — Talvez esse telefonema tenha ligação com esta carta.

Ela pensa em Daniel Högfeldt e no denunciante por ele mencionado, que telefonou de um número desconhecido. Um telefone público? Difícil verificar sem pedir quebra do sigilo telefônico de Daniel. Como ele é jornalista, é quase uma missão impossível.

— Vamos deixar que a perícia técnica analise a carta — acrescenta Sven. — Talvez eles encontrem alguma coisa. Vamos esperar pelo resultado antes de interrogar alguém. Assim, teremos uma ideia do que fazer.

— Eu gostaria de voltar a falar com Anders Dalström, se não houver impedimento.

— Por quê? — pergunta Johan.
— Apenas intuição.

62

Malin acelera e troca de marchas. Avança cada vez mais rápido. Pensa que talvez devesse ter trazido Zeke consigo, mas queria investigar ela própria esse faro, seguindo para o lugar que sua intuição mandava.

Zeke não protestou, mas ela sabe que Sven deve ter subentendido que os dois iriam sair juntos. Se ela estiver perto de alguma solução, poderá se colocar em perigo, mas, afinal, o que isso importa?

Ao investigar um crime, é natural encontrar a violência, mas certas coisas, certas vozes, só podem ser ouvidas quando se está só.

A chuva que caiu durante todo o caminho parou agora, quando ela chega ao seu destino. A casa na floresta parece abandonada. Não há luz vindo de dentro das janelas que dão para a clareira onde ficam a habitação e a oficina. A pequena clareira é, na realidade, um prado, cercado por uma floresta composta de diversas espécies. Todo o conjunto lembra um Skogså em miniatura, em que a magnificência e o poder foram substituídos por humildade e um notório medo dos sortilégios que a escuridão da densa floresta pode oferecer.

“Anders Dalström não está em casa”, pensa Malin. “Com certeza, está no trabalho, no lar de repouso para idosos. Mas ele não trabalha à noite?”

Malin sai do carro. Abotoa a capa negra à prova d’água.

O Golf vermelho de Anders Dalström não está em frente à casa dele.

Ela avança pelo caminho de brita até os degraus que dão acesso à porta de entrada. Olha para dentro da casa, chegando a ver os cartazes nas paredes.

Tudo tranquilo, aqui, no meio da floresta.

“Ele deve sentir falta, provavelmente, de uma garota ou de uma família. O músico fracassado. Como deve ser difícil seguir a carreira vitoriosa de outro músico, o Lars Winnerbäck? Quase com 40 anos e trabalhando em um lar de repouso. Uma pequena carreira profissional. Será que ele aproveita esta tranquilidade para compor? Foi por isso que você se mudou para cá? Ou está ressentido com a atitude dos outros seres humanos?

“Onde você está? Quero apenas fazer algumas perguntas muito simples.”

Malin bate à porta, toca a campainha, mas ele não aparece.

Tenta olhar por outra janela, mas as persianas estão fechadas.

“Bom. O carro também não está aqui.”

Ela se vira, olha para a floresta, tenta imaginar onde Anders Dalström pode estar. Na oficina? Malin vai até lá, o portão está fechado. “Abri-lo? Não. Será que devo? Não, isso seria invasão.”

Ela volta a olhar para a floresta.

Anders está à beira da floresta. Olha para a policial, que está só. Por quê? Ele achava que sempre andavam em duplas, por uma questão de segurança. O que ela quer na oficina? Acredita que o

Golf está lá? Ela vai até lá, mas o portão está fechado. Estará procurando outro veículo?

“Será que devo correr em direção a ela?

“O que está fazendo? Devia estar procurando em outros lugares. Deve ter vindo apenas para fazer algumas perguntas, não?

“Está olhando novamente para a floresta, na minha direção. É melhor me abaixar.” Ele se abaixa, fica agachado. Sente os ramos dos abetos envolver seu corpo. E, ao mesmo tempo, seus longos cabelos caem sobre a testa e os olhos.

“Será que ela me viu? Não pode e nem deve me ver. O que ela está fazendo agora? Parece estar fotografando a placa da minha porta com o celular.”

“Parece que há alguém ali, à beira da floresta, não?”

Malin não está certa. E, enquanto mete o telefone no bolso, pensa: “Será que Anders Dalström foi para a floresta caçar? Ou colher cogumelos? Ou fazer qualquer outra coisa? E, ao voltar para casa, me viu e não quer se encontrar comigo.”

A pistola.

A arma está consigo. Mostrou-a aos garotos e às garotas, pela manhã, na escola. Sabe que a visão de uma arma de verdade sempre excita os jovens.

Há algo verde no meio do escuro.

Ela avança em direção à floresta, caminha sobre o solo molhado pela chuva, sente como os sapatos de outono começam a ficar encharcados, mas quer saber o que ela viu.

De repente, um movimento, há algo que começa a fugir para dentro da floresta.

Uma pessoa? Uma raposa?

Impossível dizer. Malin retira a pistola do coldre suspenso no ombro. Continua a avançar para a floresta, para a escuridão entre os ramos das árvores.

Anders Dalström esgueira-se pela floresta. Os longos cabelos começam a ficar encharcados pela chuva.

“Ela não pode me ver. O que estará fazendo aqui? Como é que eu vou poder explicar esta minha fuga?”

Ele sabe para onde deve ir. Existe um monte de troncos de madeira, uns 20 metros adiante. Lá, existe um buraco, invisível para quem não conhece o lugar.

“Estou me arrastando pelo chão como se fosse uma serpente. E todo molhado.

“Está frio, mas isso não importa agora. É só entrar no buraco e esperar que os troncos não desabem. É melhor puxar este ramo de árvore e me esconder ainda melhor. É melhor nem respirar.”

“Onde ele está? Ou seja lá o que for?”

Malin procura pistas na floresta, mas é impossível encontrar alguma por causa da chuva que jogou toda a vegetação no chão, criando uma confusão total.

A floresta está silenciosa, a ponto de ela ouvir a própria respiração e o vento batendo na copa das árvores.

Um monte de troncos.

Ela segue até as árvores derrubadas.

“Alguém já esteve aqui? Tem alguém aqui?” Neste momento, caem duas enormes gotas de água da chuva de uma árvore no seu pescoço. Ela olha para cima. Há uma coruja voando entre os abetos.

“Devo ter visto mal.

“Não há ninguém aqui.”

Assim que ouve o carro de Malin partir, Anders Dalström sai do esconderijo, segue de volta à beira da floresta e assegura-se de que está novamente sozinho.

Corre para casa.

Já tinha calculado os prós e os contras. Tentara entender o que estava acontecendo. Desejava que ainda houvesse uma maneira de parar com tudo. Quer terminar com tudo, de uma vez para sempre. Quer acabar com as serpentes que circulam no seu sangue. Voltar a ter tranquilidade, aquela que vem do céu.

A chave na porta.

Mãos que tremem.

A fechadura chia. Tem de colocar óleo nela. Devia ter feito isso há muito tempo.

Abre a porta e corre para a sala de estar. Fica diante do armário de armas.

Olha para a espingarda do pai que ele guarda, a que o pai deixou de usar havia muitos anos e que ele, de qualquer maneira, nunca deixaria seu filho usar.

Malin segura o volante com uma das mãos e, com a outra, envia a imagem da placa escrita à mão, pregada na porta da casa de Anders Dalström, para Karin Johannison, com uma mensagem:

“Por favor, compare esta caligrafia com a da carta do chantagista. O mais breve possível. Ligue-me assim que souber alguma coisa. M. F.”

A chuva bate forte no para-brisa.

Logo ela começa a ver a sua frente a silhueta de Linköping. A cidade parece estar se afundando nas águas da chuva que escoam pelos bueiros e pelas tubulações de esgoto, que até as ratazanas já abandonaram.

63

Zeke está sentado à sua mesa, no escritório da polícia de Linköping. Os cabelos começam a renascer aos poucos em sua cabeça. São pontas negras, pequenos espinhos que aparecem por todos os lados.

— Conseguiu alguma coisa? — pergunta ele no momento em que Malin se senta à mesa dela.

— Não sei ainda — responde Malin. — Aguenta ouvir o que eu estou pensando?

— Aguento.

O celular de Malin toca. Será Karin? Tão rápido!

A mensagem aparece: “Vou comparar imediatamente. Karin.”

Zeke sorri.

— É Karin?

Malin, por sua vez, também sorri.

— Como é que você sabe?

— São as vias de Deus...

— Vamos tomar um café.

Sentam-se a um canto, à mesa do refeitório.

— Deixe-me dizer, primeiro, que Christina Fågelsjö não encontrou as chaves de Fredrik — informa Zeke. — Portanto, com toda a

certeza, o assassino usou as chaves da vítima para abrir a capela. As chaves estão com ele.

Malin concorda.

— Anders Dalström — diz Malin, depois. — Andreas Ekström, que morreu no acidente, era o seu único amigo. Cuidava dele, segundo disse a mãe de Andreas. Agora, pense bem. Ao que parece, a vida de Anders Dalström foi para o espaço quando Andreas morreu no acidente. Pense na possibilidade de ele ter tido conhecimento de que era Jerry Petersson que estava ao volante. Que ele, Anders, e Jonas Karlsson se encontraram em um bar qualquer, e que Jonas lhe contou a verdadeira história do acidente na noite de Ano-Novo. E que Jonas, por causa da bebedeira, nunca mais se lembrou disso. Ou que Anders soube da verdade de qualquer outra maneira. Que ele aceitou que foi um acidente, porém mais tarde veio a saber da verdadeira história. Que tudo fora culpa de Jerry Petersson, por estar embriagado. O que transformava o acidente em ato criminoso.

— E, então, Anders Dalström quis se vingar.

— Sim, talvez. Digamos que Anders foi vítima de valentões na escola antes de Andreas entrar para a sua classe. Será que, a partir de tudo isso, começou a transbordar da sua cabeça uma grande massa de violência reprimida? No entanto, de início, e dadas as circunstâncias, resolveu pressionar Jerry Petersson por dinheiro. Talvez tenha ido a Skogså naquela manhã para pressionar Petersson ainda mais. E, de repente, o tumulto. Algo saiu errado. E Anders matou Petersson. Pode ser que Anders Dalström tenha sentido que a violência o fez mais forte e que sentiu uma espécie de prazer em acabar com o culpado pela morte de Andreas, de esfaqueá-lo repetidamente, uma vez que começara? Que a agressão...

Zeke está cético:

— Mas por que só agora? Petersson já morava em Skogså havia mais de um ano e meio. E, mesmo que Karlsson só tenha falado demais recentemente, Dalström não faz o tipo do vingador, Malin. Ele não parece ter a energia ou a coragem de pressionar alguém por dinheiro. Além disso, deu-me a impressão de ter boa índole.

— Pode ser que sim — diz Malin. — Mas os chantagistas, se é que ele é um deles, costumam ficar violentos com a idade, segundo os analistas. Afinal, o que nós sabemos a respeito das porcarias que ele faz?

Zeke concorda.

— Pode estar certa — diz ele. — Mas e quanto a Fredrik Fågelsjö? Como é que você explica a morte dele? Ou será que outra pessoa está por trás desse crime?

— Já pensei nessa hipótese — responde Malin. — Pensei também que talvez Anders Dalström tenha matado Fredrik Fågelsjö pelo simples motivo de querer desviar as suspeitas de cima de si mesmo para a família de Fredrik. A família, claro, teria todas as razões para estar zangada com ele. Além disso, temos ainda a explicação para a insistência do denunciante que conversou com Daniel Högfeldt.

— Agora, até Daniel está nessa?

— Cale a boca!

— Ok. Mas que conversa foi essa?

Malin conta para Zeke que apenas levanta as sobrancelhas.

— Ainda assim acho muito vago — diz ele. — Alguém pode cometer dois crimes por motivos tão tolos?

— As pessoas podem matar por muito menos do que isso. E ele pode ter tomado gosto pela violência ao cometer o primeiro crime. A violência pode ter se tornado a válvula de escape de que precisava.

Talvez a mudança de método ao matar possa ser explicada por ele ter ficado mais corajoso depois de escapar da primeira vez.

— Quer dizer, então, que Anders Dalström matou Fredrik Fågelsjö com todo aquele ritual só para salvar a própria pele? Talvez por ter encontrado em si mesmo uma necessidade de ser violento. Por pura violência.

Malin concorda.

— Mas tudo isso basta, Malin? O cadáver estava nu em cima do túmulo. Nunca vimos um caso tão bárbaro como esse.

— Ainda falta um pedaço do quebra-cabeça — acrescenta Malin. — Talvez, também, eu esteja completamente errada. Tenho a sensação de que ainda tenho muita dificuldade em pensar. É porcaria demais.

— De fato, existe uma pequena possibilidade de que seja a família Fågelsjö. Fredrik pode ter matado Jerry, e Axel e Katarina podem ter contratado alguém para matar Fredrik. Ou talvez Goldman tenha mandado um matador profissional. Ou ainda poderá ser outra porra qualquer.

— Eu sei — diz Malin.

— Anders Dalström tem álibi. Disse ter trabalhado nas noites dos dois crimes.

— Vou telefonar novamente — diz Malin.

— Acho melhor irmos lá — sugere Zeke. — E pedir ao departamento para que faça uma verificação mais profunda.

A enfermeira no hospital de Björsäter recebe Malin e Zeke na recepção, uma sala bem iluminada com vista para uma floresta de abetos ainda em crescimento. Em uma das paredes, está pendurada uma tapeçaria bordada, certamente feita pelos idosos, como terapia de trabalho.

— Não — responde a enfermeira. — Anders Dalström não está trabalhando hoje. Normalmente, trabalha à noite.

Malin faz que sim.

A enfermeira anda de um lado para o outro, no cubículo da recepção, e olha para os potes de pílulas, alinhados atrás de portas de vidro fechadas.

— Eu havia telefonado antes para verificar — diz Malin —, mas volto a perguntar, agora, se ele trabalhou aqui na noite de quinta-feira, do dia 23 de outubro, para sexta-feira, 24. E se também trabalhou na noite entre quinta e sexta-feira da semana passada.

A enfermeira pega uma pasta de uma prateleira embaixo do balcão.

Abre e lê atentamente para mostrar que está atendendo à pergunta de Malin com a maior seriedade.

— Segundo a escala, ele trabalhou em ambas as noites.

— Segundo a escala?

— Sim. Às vezes, eles trocam sem me informar. Isso é contra o regulamento, mas até aqui sempre funcionou assim...

— Você pode me fazer um favor — pede Malin. — Verifique se ele não trocou nesses dias.

A enfermeira concorda.

— Vou ter de telefonar para os outros funcionário da noite. Mas, agora, a maior parte deles deve estar dormindo. É urgente?

— É, sim — diz Zeke.

Cinco minutos depois, a enfermeira volta, desanimada, abre os braços e diz:

— Lamento, ninguém atendeu. Estão todos dormindo. Posso telefonar para você mais tarde?

— Por favor — responde Malin. E acrescenta: — Você sabe onde Anders Dalström pode estar agora?

— Ele não trabalhou na noite passada. Deve estar em casa.

— Eu estive lá faz uma hora, mas ele não estava.

— Já tentou ligar para o celular dele?

— Não atende — diz Malin.

— Não? Vocês podem tentar encontrá-lo com o pai, que mora em um lar para idosos na cidade. O pai é cego, e Anders costuma ir até lá.

— Qual é o nome do lugar? — pergunta Zeke.

— Serafen.

O mesmo lugar em que está Sixten Eriksson, também cego, o funcionário que Axel Fågelsjö maltratou. Malin e Zeke olham um para o outro.

— Você sabe como o pai dele se chama?

— O nome dele é Sixten — diz a enfermeira. — Sixten Eriksson.

64

Sixten Eriksson está sentado em um sofá, no seu quarto, no Serafen. Olha fixamente em frente, no escuro, sem ser obrigado a ver as reproduções baratas que estão penduradas nas paredes. O cheiro de tabaco está ainda mais forte do que estava na visita anterior.

“Ele evita se virar para nós”, pensa Malin, “embora não consiga ver nada.”

No carro, a caminho da casa de Anders Dalström e depois da visita ao hospital de Björsäter, os dois tiveram uma conversa:

— Sem dúvida, isso dá a ele um duplo motivo — diz Zeke.

— Vingar-se da agressão que seu pai sofrera matando Fredrik Fågelsjö, o filho do agressor.

— Mas por que só agora? — questiona Zeke.

— Ele pode ter tomado o gosto pela violência, como já disse, se o assassinato de Petersson foi mesmo uma tentativa de chantagem que saiu do controle. Se matou uma vez, pode matar novamente. Já foi ultrapassada uma fronteira. E ele achou, talvez, que poderia nos confundir na investigação e que, dessa maneira, conseguiria escapar.

— *Don’t you just love humans?*******[1] — diz Zeke.

— Ninguém sabe onde ele pode estar agora.

Anders Dalström não estava em casa. Tinham telefonado para o departamento. Sven Sjöman disse que ia enviar um mandado de busca, visto que precisavam falar com ele, mesmo que não houvesse nenhuma acusação.

E, agora, Sixten Eriksson, no escuro. Só. Anders Dalström também não está em Serafen.

— Evaldsson, eu escolhi. Sven, também — diz Sixten Eriksson. — Anders adotou o nome da mãe, Dalström. Não sei nada sobre o que ele possa ter feito ou deixado de fazer, mas nunca mandaria a polícia atrás dele, seja lá o que foi que aconteceu. É claro que defendo o garoto. Eu sempre o defendi.

— Você acha que seu filho matou Fredrik Fågelsjö para vingar os maus-tratos que o senhor sofreu?

Malin tenta fazer com que sua voz soe curiosa, suave.

Sixten Eriksson não responde.

— Foi ele que matou Jerry Petersson? Você acha isso?

Zeke soa agressivo, força a barra.

— A dor precisa acabar de alguma maneira — diz Sixten Eriksson.

— Ele falou alguma coisa? — pergunta Malin.

— Não. Ele não me disse nada.

— Sabe onde ele pode estar?

Sixten Eriksson ri diante da pergunta de Zeke:

— Se soubesse onde ele está, eu não iria dizer para vocês. Por que faria isso? Ele tem vindo aqui muitas vezes. Não é extraordinário o que se passa com as crianças? Os pais, façam o que fizerem a elas, acabam sendo procurados pelos filhos, que correm à procura de amor e de reconhecimento.

Malin e Zeke observam atentamente os olhos cegos do velho. Malin acha que ele vê melhor do que os olhos dela. É como se visse mais pelas suas pupilas embaçadas e sua mente soubesse como o espetáculo da maldade, neste outono, iria terminar. Era como se o homem diante deles tivesse se aprofundado no ódio e na maldade através do próprio sofrimento.

— Quer dizer que você batia nele? — pergunta Malin. — Você bateu em Anders quando ele era pequeno?

— Vocês sabem como é quando não se tem um ponto de vista mais aprofundado? — pergunta Sixten Eriksson. — Dores nervosas que queimam dentro do cérebro, sempre, o dia inteiro? Eu espero — diz ele depois — que Axel Fågelsjö tenha todas as dores do inferno, agora que o filho morreu. Só assim sentirá, finalmente, como são as dores da vida.

— Você pediu ao seu filho para que matasse alguém da família Fågelsjö? Fredrik? Axel?

— Não, mas confesso que cheguei a pensar nisso.

“Procurando nas prateleiras. As minhas mãos, o pai costumava bater nelas com uma régua.”

“Vê o meu olho, garoto?

“Do que eu preciso?”

Anders Dalström anda pelos corredores da loja de ferragens no centro de Ekholmen. O espeto misto que acabou de comer ainda está no estômago.

Uma corda.

Fita adesiva.

“As pessoas olham para mim. O que elas querem? A espingarda já está no carro. Agora, vou até o fim. E vai ser um prazer fazê-lo. A

polícia vai encontrá-lo. Ficará imaginando o que aconteceu. Confusa.

“Vou matá-lo. Tudo começou por causa dele, não é verdade? Talvez o meu pai goste disso.”

Anders Dalström sente que a última serpente está para sair em breve do seu corpo. Tudo ficará, então, como deve ser. Como devia ter sido. “Andreas”, pensa ele, “você me vê agora?

“Vou arrancar a raiz de todos os males.

“Ele vai pagar.”

Anders senta-se no carro e parte em direção à rua Drottninggatan. “Certas vozes são como chicotadas”, pensa Malin. “Cortam as partes mais fracas de cada um.”

— Jochen Goldman falando — diz a voz pela segunda vez.

“O desgraçado.”

Malin leva o telefone até a orelha e sente a chuva na mão. Está na rua Djurgårdsgatan, diante do lar Serafen.

Ela sente, também, um ar caloroso ao ouvir a voz dele, um calor em um lugar estranho do seu corpo.

O rosto bronzeado no canto da piscina. A dureza e a brandura em homens como ele e Petersson.

— O que você deseja?

Com a mão livre, Malin abre a porta do carro, deixa-se cair no banco, mantendo o telefone bem junto do ouvido. Escuta até a respiração de Jochen Goldman.

— As fotografias — acrescenta ela. — Foi você que as tirou e as mandou entregar a mim, não é verdade? Ou mandou que alguém as tirasse.

— Que fotografias?

Ela imagina o sorriso de Jochen Goldman na sua frente. E a brincadeira que esse sorriso revela. “Nós, você e eu, podemos nos divertir um pouco, não acha?”

— Você sabe muito bem que as fotos são dos meus pais...

— Não me lembro de foto nenhuma. Dos seus pais? Por que eu iria mandar tirar fotografias dos seus pais? Nem sei onde eles moram.

— Você está na Suécia?

— Estou.

— Já esteve em Linköping?

— Para fazer o quê?

— Você mandou, também, uma carta para Petersson para chantageá-lo? Tentou conseguir dinheiro dele?

— Dinheiro, eu já tenho, mais do que preciso. Se é que isso faz alguma diferença.

O céu abriu as comportas novamente. Granizo. Pequenos grãos brancos que caem, ritmadamente, em cima da carroceria do carro.

— Está ouvindo música? Batucada?

— Granizo.

— Se tivesse alguma coisa a fazer em Linköping, acho muito pouco provável que eu próprio fizesse a viagem.

As insinuações, a lábia.

— Então, o que você quer?

— Eu estou no Grand Hotel, em Estocolmo. Estou em uma suíte. Pensei que talvez você quisesse vir. Podíamos nos divertir um pouco. Beber champanhe. Tirar algumas fotos, mas só nossas. O que acha?

Malin desliga o telefone na cara dele.

Fecha os olhos.

Duvida até que Jochen Goldman exista. Que a mãe e o pai existam. Que haja alguma explicação para as ações de certas pessoas.

Estão passando em frente do portão do edifício onde mora Axel Fågelsjö, na Drottninggatan. Nem um, nem outro, nota a presença de uma figura de cabelos longos que se esgueira pelo portão como uma sombra.

Jochen.

Você e suas brincadeiras malditas. No final, você me pegou, não foi? Jamais perdoa uma traição. Apesar de a cometer muitas vezes.

Estou flutuando sobre os prados e as florestas, sobre o castelo e o lugar onde ocorreu o acidente. Flutuo sobre a casa do arrendatário Lindman e vejo que sua mulher russa está fazendo as malas com a maior rapidez. Vai viajar com outro homem para outro lugar. Vai levar consigo metade ou mais do que Lindman possui, tal como havia planejado desde o início.

Lindman.

Fui eu que tive um caso com a primeira mulher dele, quando ela viajou para uma conferência em Estocolmo. Encontrei-a no balcão do bar Baldakinen. Como ela gemia e gritava no meu escritório da Kungsgatan. Depois, nunca mais consegui aguentar o cheiro de esterco.

Fui contatado. Como prometido na carta de chantagem.

Lembro-me que o toque de telefone, que adiantou o teor da conversa que aconteceria no estacionamento da loja Ikea, me fez recordar aqueles gritos. Era como se os toques, com toda a sua simplicidade, quisessem romper os meus tímpanos.

******** Em inglês, no original: “Você não gosta de humanos?”. [N. T.]

65

Linköping, setembro

Jerry Petersson está ao lado do Range Rover, no meio do estacionamento da Ikea, em Tornby. Ouve os pingos de chuva batendo no teto do carro. A teimosa, exigente e repetitiva batida lhe faz lembrar os toques do telefone que o chamavam a vir aqui. O estacionamento deve ter vagas para mil carros, mas, nesta noite chuvosa, está quase vazio. As vitrinas de outras lojas — Ica Maxi, Siba, Coop Fórum — brilham no meio da noite.

A distância, vê a torre da catedral e suas placas esverdeadas de cobre, além do relógio cujos números brilham entre a neblina da noite e as nuvens baixas e escuras do céu.

"Espere ao lado do carro. Vou chegar às 11 horas."

Jerry Petersson olha para o relógio, enxuga os olhos molhados pela água da chuva. Sabe como lidar com esse problema.

Então, vê um carro que chega e entra no estacionamento. Um Golf vermelho que logo para ao seu lado. Um homem mais ou menos da sua idade sai do carro.

"É você, Jonas", pensa Jerry. Jonas Karlsson, o homem que o salvou muitos anos atrás.

Não. Não sou Jonas.

Em vez de esperar que o homem de capa verde se anuncie e comece a falar, Jerry joga-se para cima dele, empurra-o contra a porta da frente do Range Rover, coloca a mão no pescoço dele e sussurra:

— O que você acha que está fazendo? Seja quem for, acha que vou aceitar qualquer merda que queira atirar em mim?

O homem da capa verde cai em si, o corpo se contrai. E diz:

— Não queria fazer nada. Desculpe. Não tenho nada em mente.

— O que você escreveu sobre a noite de Ano-Novo não é verdade.

— Sim. Não é verdade.

— Quem lhe contou essa mentira?

— Uma carta.

— De quem?

A força em cima da garganta daquele estranho era cada vez maior. A sua voz, cada vez mais fraca.

— Não sei, mas a carta veio de Tenerife.

Jochen.

— Quem é você?

— Alguém que apareceu no seu caminho. Você nem sabia da minha existência.

O homem da capa verde diz o nome, e Jerry procura em sua mente, mas nenhuma lembrança lhe sugere quem possa ser.

— Estou me lixando para quem você é.

Com toda a força, Jerry atira o homem da capa verde para o chão e o atinge com vários pontapés, insistindo:

— Afinal, quem é você?

O homem gagueja, novamente, o nome. E diz:

— Andreas Ekström foi o único amigo que eu tive na vida.

Jochen.

Punta del Este. Eu devia ter ficado calado. Só Deus sabe onde foi buscar esse triste indivíduo. Mas, se quisermos, sempre se consegue saber de tudo.

Não é verdade?

Mais alguns pontapés, que atingem a carne por baixo da capa verde. Sente prazer.

— Você quer dinheiro, não é? O meu dinheiro, não é? Fique longe de mim. Caso contrário, tudo terminará muito mal.

Novas batidas da chuva em cima do teto do carro. Uma grande massa de água cai do céu, riscos em preto e branco na atmosfera.

Jerry Petersson deixa o homem para trás. Pelo retrovisor, vê que ele se vira no asfalto, fazendo esforço para se levantar.

De volta ao seu castelo deserto digita um número no celular. Quer falar com aquela mulher que espera ouvir a sua voz.

Mas a chamada não é completada. Transforma-se em imaginação de inaudíveis sussurros na sua cabeça, o som de uma máquina, um cortador de grama, com as suas lâminas rotativas, esfomeadas, além de passos na grama, de pés que jamais vão levar o seu corpo muito longe ou suficientemente perto.

66

Axel Fågelsjö ouve a campainha da porta, um som vago, como um pedido de socorro, num sonho há muito esquecido.

“Quem será o desgraçado a esta hora?”, pensa ele, ao avançar pelo salão decorado com os retratos dos seus ancestrais.

“A polícia, de novo? Será que eles não podem me deixar em paz? Em paz, com todos os meus erros e fracassos, com todo o amor que perdi.

“Serão os jornalistas, os abutres?”

Ele foi obrigado a desligar o telefone, a cortar o fio da campainha. Mas, depois, ligou-o novamente. Pensara que o quarto poder já tinha se esquecido dele.

É uma tristeza.

“Depois de você, Bettina, depois do nosso filho, é tudo o que me resta.

“Eu só quero ficar em paz com a minha tristeza.”

O som da campainha agora é insistente. Um vendedor? Uma testemunha de Jeová?

Axel Fågelsjö olha pelo olho mágico, mas não vê ninguém.

“Maldição!”

Olha de novo.

Corredor vazio e em silêncio. “Será alguém que quer me matar?” Isso é tudo o que ele consegue pensar antes de a porta explodir, atingindo-o na testa. Axel Fågelsjö cai para trás, de costas.

Deitado no chão, vê diante de si o cano de uma espingarda. Vê alguém de cabelos longos e escuros e um par de olhos, cheios de desejo, de desespero e de solidão.

A casa na clareira continua no escuro e em silêncio.

Sem a luz do dia batendo na fachada, a casa parece ainda mais sombria, como se estivesse para ir abaixo com o peso de tantas tristezas e amarguras.

Malin e Zeke param o carro. O Golf vermelho de Anders Dalström não está lá.

Eles saem do automóvel. Malin procura sentir a atmosfera em volta da casa, respira fundo, tenta ver se há mais alguém além deles.

— Ele não está aqui — diz ela. — Onde será que se meteu?

Sobem os degraus da entrada, olham pela janela da porta.

O computador está ligado, a tela do monitor descansa em cima da mesa da sala de estar.

Malin segura a maçaneta. A porta está aberta.

— Não podemos entrar — diz Zeke. — Temos de ter um mandado de busca.

— Está brincando?

— É claro. Estou brincando, sim, Fors — confirma Zeke. — A porta está aberta, e suspeitamos de arrombamento.

Eles entram na casa.

O armário de armas na sala de estar.

Malin toca de leve na porta no armário, que não está fechada, mas foi o suficiente para verificar que há um espaço para uma

espingarda de caça lá dentro. Embaixo, há munição, mas a arma não está lá.

“Será que ele tem mais de uma arma?”, imagina Malin. E diz:

— Esteja onde estiver, ele pode estar armado.

Ela entra no quarto de Anders Dalström. As persianas estão fechadas e o quarto está escuro, frio, cheio de umidade.

Há um projetor de filmes montado em um banco, rolos de filmes espalhados pelo chão.

Um rolo de filme está no projetor. Sem pensar, Malin aperta um botão, e o filme começa a rodar na parede branca. Um garoto que se movimenta na grama, corre, grita... gritos que não se escutam. É como se quisesse fugir de alguma coisa, como se a câmera estivesse nas mãos de um monstro, pronto para engoli-lo, se ele caísse ou corresse devagar demais.

De repente, o rapaz para. Vira-se para a câmera e procura ver por detrás da lente. Abaixa-se e prepara-se para receber um golpe. As pupilas negras dos seus olhos se transformam em planetas de medo.

O filme termina.

Zeke veio por trás de Malin, em silêncio. Põe a mão no seu ombro e diz:

— Eu gostaria de não ter visto aquele olhar.

Os dois saem do quarto. Na cozinha, outro computador ligado. Zeke mexe no *mouse* e as páginas amarelas aparecem. Zeke lê em voz alta o que está na tela do monitor:

— Axel Fågelsjö, Drottninggatan, 18. Afinal, o que ele está fazendo?

— Axel Fågelsjö — repete Malin. — Será que agora ele vai direto para aquele que acha ser a origem de todos os males? O homem

que maltratou o seu pai e fez dele um pai agressivo?

A cara de Zeke está, em parte, iluminada pela luz do computador. Ainda há pingos de chuva na sua cabeça raspada.

— Então, tem certeza, não é?

— Claro que tenho. Você, não?

Zeke concorda, com uma aceno de cabeça.

— Vamos pedir reforço para o apartamento de Axel?

— Vamos — diz Malin.

— Eu ligo — diz Zeke. Malin o ouve falar primeiro com a Central e, depois, pedir para ser transferido para Sven Sjöman.

— Achamos que é isso mesmo — diz Zeke. Malin escuta como ele tenta fazer com que a voz soe importante e convincente. — Foi rápido. Não tivemos nem tempo de telefonar. Karin está comparando a caligrafia de ambos os documentos.

Silêncio.

Provavelmente, os parabéns e as reclamações de Sven. Deviam ter telefonado antes, logo que souberam que Sixten Eriksson é o pai de Anders Dalström.

— Quem sabe como ele pensa — diz Zeke. — A esta altura, deve estar desesperado.

Malin sai da casa e vai até a oficina.

A porta está entreaberta. Zeke vai atrás dela.

“Será que ele está lá dentro?” Ela empunha a arma. Abre a porta com o pé.

Um velho Mercedes preto.

Ela espia por dentro. Silêncio. Vazio.

— Esse deve ser o carro preto que Linnea Sjöstedt viu — diz Zeke.

Malin faz que sim.

Um minuto mais tarde, os dois voltam a se sentar no carro e se põem a caminho da cidade.

A velocidade parece misturar floresta e chuva numa só matéria. Será que Anders Dalström já está no apartamento de Axel Fågelsjö? Ou em outro lugar qualquer?

Jerry Petersson.

Fredrik Fågelsjö.

Foi a arrogância que os apanhou de surpresa? Foram suas ações? As vaidades? Os medos? Ou foi outra coisa qualquer?

Sven Sjöman e mais quatro policiais fardados já estão no apartamento de Axel Fågelsjö, na Drottninggatan. Abriram a porta com uma chave mestra. O apartamento estava vazio. Nada de Axel Fågelsjö, nem sinais de luta.

Malin e Zeke se apresentam 15 minutos depois.

— Bom trabalho — diz Sven para Malin, quando já estavam todos no salão com os retratos nas paredes. — Muito bom trabalho.

— Agora, resta encontrar Anders Dalström — diz Malin. — E as provas para a condenação.

— Essas, vamos encontrar, claro — completa Sven. — Todos os indícios apontam na mesma direção.

— Onde ele estará? — pergunta Zeke. — E para onde foi Axel Fågelsjö?

— Estão juntos — afirma Malin. — Acho que já estavam juntos há muito tempo, sem que se dessem conta disso — completa. E pensa: "Se Axel Fågelsjö está nas mãos de Anders Dalström, é meu dever tentar salvá-lo. Mas será que ele merece que eu o ajude? Como é que posso ter compaixão por alguém que, por vários motivos, considero repugnante."

Seu celular toca. É a voz calma e segura de Karin Johannison:

— A caligrafia da placa da porta e da carta é a mesma. Foi a mesma pessoa que escreveu a placa e a carta.

67

ANDERS DALSTRÖM, IMAGENS DE UMA VIDA

Não existem explicações.

Seriam infrutíferas, e também ninguém aguentaria escutá-las.

Esta é a minha história. Escute, se quiser.

Pai.

O único olho que funciona, por trás da lente da câmera. Diz que as imagens vistas são iguais à maneira como vê o mundo, sem profundidade e, na verdade, sem esperança. Será que eu herdei a sua desesperança, a sua hesitação diante da vida?

Deve ter sido o homem mais amargo e mais frustrado do planeta. E descontou essa raiva em mim. Eu aprendi a me esquivar, a desaparecer do apartamento em Linghem e a ficar longe até ele se acalmar.

As pessoas viam-me. E falavam de como você, na sua amargura por causa do olho perdido, das suas dores, me batia, assim como batia em mamãe.

Eu o via por trás da câmera, e, apesar de sua raiva, corria para você, mas hesitava, instintivamente. E essa hesitação era aquela com que eu me apresentava diante das outras pessoas.

Na escola, primeiro, isolava-me. Depois, a garotada resolveu me atacar. E nenhum dos professores se incomodava com isso. Os rapazes perseguiam-me, batiam e zombavam de mim. Eu me encolhia em um canto para me defender. Um dia, no quarto ano, os monstros tiraram as minhas roupas e eu tive de correr nu pelo pátio coberto de neve. Eles me perseguiram diante de todos os alunos. Eu caí, fiquei estendido na neve, e eles deram vários pontapés em mim.

Depois, me arrastaram para dentro da escola.

Pressionaram a minha cabeça em um vaso sanitário cheio de excremento e urina.

Fizeram isso várias vezes e, por fim, eu já nem tentava escapar. Faziam o que queriam, e a minha submissão parecia deixá-los ainda mais bravos, mais selvagens, mais sedentos por sangue.

“O que eu fiz? Por que eu?”

Por causa do corpo curvado que herdei de você, meu pai? O corpo que nós dois temos?

“Parem”, gritou alguém um dia. O grito foi dado por alguém, confiante, que se atirou contra os que me perseguiam, deixou o nariz deles sangrando e gritou: “Vocês nunca mais se atrevam a atacá-lo, nunca mais!”.

E eles nunca mais se atreveram.

Finalmente, eu tinha um anjo da guarda.

Andreas, que recentemente chegara de Vreta Kloster.

Desde o primeiro dia na escola, ele se tornou meu amigo. Na verdade, eu nunca compreendi por que ele quis me presentear com sua amizade, mas acho que a amizade é assim mesmo. Tal como a maldade, ela surge de repente, quando menos se espera.

Eu vivi sob as graças de Andreas durante todos aqueles anos da escola. E a família dele me abria as portas de sua casa de vez em quando. Ainda me lembro do cheiro bom dos bolos e do suco recém-feito de amoras silvestres. Da sua mãe que nos deixava brincar em paz. O que nós fazíamos? Aquilo que os rapazes sempre fazem. Transformávamos um pequeno mundo em um ainda maior. E nunca mais voltei para casa, de verdade. Você não conseguia me encontrar, meu pai. Graças a Andreas.

Sua amargura não se fixou em mim. Ou fixou? Sim, já tinha tomado conta do meu ser.

Você batia em mim, e eu procurava por alguma coisa fora das surras. Ou achava que procurava por alguma coisa que devia existir além das surras.

A música. Encontrei a música. Não me perguntem como foi. Acho que já existia dentro de mim. Lá bem no fundo. E Andreas puxou por mim. Comprou-me um violão com o dinheiro que ganhou durante o verão, colhendo morangos.

Mas, então, quando fomos para o ensino médio, alguma coisa aconteceu. Andreas se afastou. Queria conviver com outras pessoas, além de mim. Ele me atirou para longe enquanto o mundo crescia. Mas eu nunca perdi a esperança, porque ele era meu amigo. Eu jamais consegui me aproximar de qualquer outra pessoa dessa mesma forma.

Ele bajulava Jerry Petersson, o mais frio de todos os homens frios. Bajulava, também, os estudantes mais ricos.

Esses nem existiam no meu mapa, nem nos meus sonhos diários. Eu sabia que jamais seria um deles.

E, então, Andreas morreu em uma noite de Ano-Novo.

Talvez, nesse momento, eu tenha desistido, pai.

Encontrei uma fuga na música.

Cantei na festa de encerramento do curso. Cantei uma canção que falava de como é ter nascido em Linköping e crescer à sombra de todos os sonhos possíveis, de como é atirar a angústia para longe nas festas da Associação de Jardinagem, nas últimas noites da vida do curso secundário. Eu devia estar inspirado, porque os aplausos no salão me pareceram intermináveis. Diante dos bis gritados, fui obrigado a cantar a mesma canção duas vezes. E, à noite, todos pediram para eu voltar a cantar no gramado do parque em frente à Associação, até mesmo as garotas das mais finas famílias.

Pai, você não estava com a sua câmera para filmar o público na festa no grande salão da escola.

Comecei a trabalhar, então, em enfermagem. Aluguei uma propriedade no meio da floresta para ter a tranquilidade necessária para criar. Acabei ficando por lá. Mandei mais de uma centena de clipes para Estocolmo, mas não recebi nenhuma resposta para as minhas cartas, enviadas para Sonet, Polar, Metronome e ainda outras gravadoras.

Passaram-se os anos. Comecei a trabalhar no hospital de Björsäter. Muitas vezes, éramos apenas dois por noite e dormíamos por turnos. Tudo corria ainda melhor para mim quando não precisava acordar os pacientes. E você, meu pai, continuava a não dispensar qualquer oportunidade para bater em mim, apesar de quase cego por causa da catarata no olho que ainda via alguma coisa.

Eu podia ter revidado, mas nunca fiz isso.

Por quê? Porque, então, eu seria como você. A violência e a amargura me transformariam num ser como você.

Nessa altura, minha mãe já havia morrido e você foi parar num lar para idosos, agora já completamente cego. Sua câmera ficou em silêncio para sempre. Sua raiva acalmou-se, sua amargura tranquilizou-se, sua vida se transformou em uma espera pela morte.

Às vezes, eu lia artigos a respeito de Petersson e dos seus sucessos.

Era como se alguma coisa crescesse em mim, uma espécie de tumor invisível cada vez maior, até que se rompeu e dele saíram milhões de serpentes amarelas que se espalharam pelo sangue. Todas tinham os rostos dos meus opositores. O seu, meu pai, os dos rapazes na escola e até mesmo o de Axel Fågelsjö. Eu sabia muito bem quem ele era e o que tinha feito contra mim.

Eu queria me livrar das serpentes, mas elas circulavam livremente.

Então, Petersson voltou para Linköping. Comprou o castelo e as terras de Fågelsjö, e eu recebi uma carta, só Deus sabe de quem, onde estava descrita a verdade sobre a noite de Ano-Novo. Eu nunca pensara nisso, que fora Jerry Petersson quem conduzira o carro. Havia fotografias dele em preto e branco dentro do envelope, com ele em pé no meio do prado, quieto, de olhos fechados, como se estivesse meditando.

Então, escrevi a carta, mas a coragem me abandonou lá no estacionamento. Ele, que conseguira tudo na vida, que tirara tudo de mim, me deu vários pontapés como se eu fosse, de novo, um miserável inseto.

Mas eu consegui me levantar. Ele não iria derrubar a mim e Andreas de novo. Eu iria exigir dele dinheiro que, aliás, eu nem sabia como usaria.

Então um dia, bem cedo pela manhã, peguei meu carro e fui lá.

As serpentes chiavam, quase podia vê-las arrastando-se dentro de mim, mostrando o rosto de escárnio.

Esperei por ele na subida para os portões do castelo, com uma grande pedra na mão como defesa e com uma faca que era sua, meu pai. A violência estava embutida no cabo da faca que empunhara tantas vezes e que tinha o emblema de Skogså bem no meio. Aliás, meu pai deve ter roubado a faca enquanto trabalhava lá.

Eu tinha um papel na minha mão.

As serpentes, então, começaram a se agitar.

Arrastavam-se dentro de mim. Eram a raiva e o medo embutidos num só ser.

Eu sabia que alguma coisa havia chegado ao ponto final. E que alguma coisa de novo começaria.

68

Eu olho para baixo, para a terra. Todos os diversos mundos que a história ofereceu a esta cidade e as estas terras em volta. Vejo a chuva caindo sobre as árvores, a grama, os musgos e as primitivas rochas. E sei que ainda vai cair muito mais. Vejo também um carro que se aproxima de um castelo, uma figura negra está à espera, junto do fosso.

Sou eu mesmo que eu vejo. Estou muito próximo da minha própria morte, mas disso não sei ainda. E quando souber, naturalmente, já será tarde demais. Neste momento que pode abarcar todos os tempos, sinto como o volante treme em minhas mãos.

69

Skogså, sexta-feira, 24 de outubro

Jerry vê na sua frente a neblina. Segura bem o volante que estremece. O Range Rover transporta-o pelos campos.

“Quem está lá na frente à espera? É você, Katarina, que finalmente resolveu voltar para mim?

“Ou é outra pessoa? Algum diabo persistente? Diga que é você, Katarina. É, claro que é, não?

“Não é você, Katarina.

“Nunca será.”

Saio do carro e vejo que é Anders Dalström quem está na minha frente. Seu rosto é de desespero, os cabelos negros estão molhados, e está com uma pedra na mão. Ele se recusa a desistir. Encaro-o, mas nada acontece. Ele não recua.

— Eu quero cinco milhões — grita Anders Dalström.

Solto uma gargalhada e digo:

— Você não vai receber nada. Eu vou esmagá-lo como se esmaga um ratinho caso não saia agora daqui. Vai ser pior do que no estacionamento.

Anders Dalström estende um papel em minha direção, com a mão que está livre.

— Este é o número da minha conta bancária — grita ele. A chuva logo torna ilegíveis as letras e os números. E solto nova gargalhada.

Ele passa o papel para mim:

— Cinco milhões, dentro de uma semana.

Logo chega um sorriso divertido aos meus lábios, mas acabo por me cansar da brincadeira. Amasso o papel e atiro-o no chão. Ignoro a maldita pedra que Anders Dalström segura.

Ele apanha o papel do chão com a mão livre e enfia-o no bolso da capa.

Eu lhe dou as costas para seguir o meu caminho. Mas, depois, ouço um rugido tremendo, visceral.

Vejo uma coisa negra vindo em minha direção, sinto uma dor enorme e caio. Depois, cai em cima de mim toda a raiva de uma década e sinto um ardor enorme e insistente na barriga. Anders Dalström, então, afasta-se. Porém, sinto o cérebro e o raciocínio desfalecendo por causa da dor.

Arrasto-me de joelhos no chão, pela encosta de acesso ao castelo, mas as dores na cabeça e na barriga são terríveis e se espalham por todo o corpo como um vento maligno.

Chego ainda a pensar: “Ele vai me matar”. Tento me arrastar um pouco mais, passo por baixo da corrente grossa na ponte, por cima do fosso. Acho ainda que vi uma pedra caindo na superfície da água.

É sangue que escorre diante dos meus olhos?

Volto a ser um garoto. Não, sou um homem. E estou com Katarina à beira de águas tranquilas. Deve ser uma lagoa. Afago as suas costas com bronzeador. E ela sussurra, no meu ouvido, palavras de uma língua morta.

O vento se apoderou de mim. Eu caio. Já havia deixado de respirar quando bati com o corpo nas águas do fosso. E, finalmente, as lâminas do cortador de grama pararam de circular, ficaram em silêncio. E foi então que abri os meus novos olhos.

70

— Eu matei o seu filho — grita Anders Dalström. — E agora vou matar você!

Ele acaba de amarrar Axel Fågelsjö em uma cadeira e vê como o velho tenta se soltar, com uma estranha expressão de ódio, desespero e resignação nos olhos. Olhos que também revelam medo. Medo que surge pelo fato de não entender o que está acontecendo.

— Da mesma maneira que uma vez você matou o meu pai.

— Eu nunca matei ninguém.

— Você o matou, sim.

Anders Dalström nota que Axel Fågelsjö tenta dizer mais alguma coisa, talvez gritar, mas nenhum som sai da sua boca.

Resolve pegar um trapo que trazia na maleta e amarra-o com força na cabeça do velho. Desce-o, depois, para a boca, sentindo prazer em esticar o laço e ver nos olhos do velho a dor provocada. Ao mesmo tempo, sente a calmaria voltar ao seu corpo, como as ondas do mar a bater, suavemente, na praia.

Quer dar ao velho uma explicação.

Obrigá-lo a escutar.

— Como acha que ele foi como pai, depois de você o ter matado? Ele me perseguia com a sua câmera e queria acabar comigo como se me odiasse, só porque eu tinha toda a minha vida pela frente, como se eu fosse a dor que ele sentia.

Axel Fågelsjö deixa-se afundar na cadeira. Quer soltar-se ou, então, quer dizer alguma coisa. Pedir compreensão?

Com certeza não.

E Anders Dalström bate na cara dele com o punho fechado. Sente a dor se espalhar pelos nós dos dedos e pela mão. Mas a violência torna-se agradável e suave à medida que a maldade desaparece.

Então, ele bate novamente, mais uma vez, e outra. As serpentes movimentam-se. Os rapazes no pátio da escola, as surras recebidas do pai. As serpentes têm agora os rostos deles. O excremento no vaso sanitário. Além da dor de nunca ter encontrado um amor confiável.

Dores, dores, dores.

Todas as dores do mundo. Todas as raivas do mundo reunidas em um golpe. A raiva que valeu a Jerry Petersson 40 buracos na barriga. “Quantas facadas eu vou receber?”

“Quem é ele?”, pergunta-se Axel Fågelsjö.

“Bettina, quem é ele?

“Sua conversa é confusa. Sobre serpentes, sobre rostos, mas no meio de toda a loucura parece que ele sabe o que quer, quem quer que ele seja.”

Axel Fågelsjö, bem contra sua vontade, cede de novo diante do medo e tenta se soltar. Quer correr, fugir, mas está preso. Não consegue sair do lugar. É melhor se preparar para receber os golpes. “Mas vou tentar estabelecer ordem na situação. Se foi ele

quem matou meu filho, vai ter troco. Isso eu prometo a mim mesmo e a todos os que me antecederam.”

A sala.

É bonita e bem conhecida. É uma das minhas salas. De mais ninguém.

Bettina. As suas cinzas foram espalhadas na floresta.

Ele parou de bater. Está sentado em uma cadeira, junto à parede. Parece juntar forças para falar alguma coisa.

— Escute aqui, velho.

Anders Dalström se levanta e anda em direção a Axel Fågelsjö, no meio da sala fria.

— Apenas aquilo que você fez contra mim, contra o meu pai, seria o suficiente para eu matar o seu filho.

Então, mete os dedos nas narinas de Axel Fågelsjö e empurra-as para cima. O velho geme de dor. Anders Dalström quer arrancar o nariz, sentir o sangue quente nos dedos, sentir aquelas figuras duras, cegas e de sangue frio rastejarem de seu corpo.

— E você sabe? — grita Anders. — Estou gostando de usar o corpo para mostrar o meu poder. A violência me faz renascer. Você pode entender uma coisa dessas? Peguei seu filho perto da casa dele, do lado de fora. Matei-o com uma pedra e, depois, levei-o de carro para a capela. Quero que você saiba disso. Você alguma vez se importou comigo? Quis saber o que o meu pai fazia comigo quando as dores no olho e na cabeça o atormentavam?

Anders Dalström voltou a bater, mas ficou com medo quando sentiu o queixo do velho tocando os nós dos seus dedos.

As serpentes estão novamente em movimento. São ainda em maior número e nadam por suas veias, bebem o seu sangue.

“Ele é louco”, pensa Axel Fågelsjö, enquanto tenta fugir mentalmente das dores, tentando se manter alerta.

Por um momento, chega a pensar que quer ser morto por aquele louco. “Finalmente, eu vou para você, Bettina. Eu já estive com você na floresta, na primeira manhã do crime.

“Pode me bater.

“Faça com que eu volte para aquela que eu sempre amei.”

E Axel sabe agora quem é aquele jovem na sua frente.

“É o filho daquele criado desgraçado de quem eu acabei com um dos olhos.

“Fiquei com pena do homem, mas essas coisas acontecem.

“Era um desajeitado da pior espécie e talvez tenha recebido o que merecia.

“E Fredrik? Será que ele recebeu o que merecia?

“Ninguém tem o direito de dizer para mim, ou para qualquer um dos meus, o que nós merecemos ou não.”

As surras voltam. Agora, com a coronha da espingarda. Uma dor terrível. “Sinto os dentes se soltarem, e meus olhos parecem querer saltar das órbitas.

“O que aconteceu com o criado? Ficou sentado em silêncio durante o julgamento, disso eu me lembro, mas o que aconteceu com ele depois? Terá tido dores como aquelas que eu sinto agora? Ficou cego de um olho, mas esse não é o tipo de deficiência que mereça tanta discussão, não é verdade? Deve ter ficado amargurado, mas, para aqueles que sabem qual é a sua posição, a vida passa a ser mais simples, independentemente de qual seja o lugar.

“Agora, ele vem com uma faca. Uma faca! E me mostra o emblema no cabo: Skogså! Depois, faz um corte na minha face.

“A dor é como a de pele queimada. E eu grito.

“Bettina, posso voltar para você, agora? Está orgulhosa de mim? Não quero descansar na capela. Quero ficar com você na floresta.

“Afinal, o que significa um castelo? Alguns hectares de florestas? Memórias com que ninguém mais se importa?”

“Vou terminar agora com isso”, pensa Anders Dalström. “Vou fazer o que eu quiser, precisamente como ele sempre fez.

“O rosto dele parece, agora, ser o seu, meu pai.

“Será que vocês são a mesma pessoa?

“Mas não há motivo nenhum para hesitar. Como eles sempre fizeram, quando me agarravam lá no pátio da escola.”

O sangue escorre pelas faces de Axel Fågelsjö, enquanto Anders Dalström avalia qual o melhor momento para enfiar a faca no seu gordo ventre. Mas não se decide, alguma coisa o detém, sussurrando um não no seu ouvido. Acaba atirando a faca para um canto e mete novamente os dedos nas narinas de Axel Fågelsjö. Impede-lhe a respiração pelo nariz e pressiona o trapo na boca dele com a outra mão. Tapa a boca. Calcula que o velho não deve estar conseguindo respirar. Acha que ele vai gritar por ar, um grito sufocado. Acha que aquela expressão autoritária, de superioridade, que ele tinha nos olhos ainda há pouco, vai desaparecer, substituída por algo diferente, talvez uma expressão de puro medo.

Vibrações em preto e branco.

“Alguma coisa sai do meu corpo, arrastando-se. Vai desaparecer para sempre.

“Alguém sussurra alguma coisa. É você, Andreas? É você que está aí?”

“Ar! Quero ar, deixe-me respirar!

“Quero mais ar.

“Quero me encontrar com você, Bettina. Com Fredrik. Mas ainda não. Katarina. Onde você está?

“Eu errei, confesso. Diminua a pressão. Perdoe-me. Eu errei, mas não acabe comigo agora. Quero viver mais um pouco. Estou com medo. Sinto calor nos meus tornozelos. Tento gritar por perdão. Gritar que posso amar você e todos os outros, que deve diminuir a pressão, que essa é a sua única esperança. O sangue escorre, mas continua a enfiar seus dedos nas minhas narinas.

“Eu preciso de ar. Dê-me ar, por favor.”

71

— Mamãe?

A voz de Tove chega como uma martelada no coração, no momento em que Malin abre o portão para sair do prédio da Drottninggatan.

Zeke está ao lado dela, irrequieto, quer correr para o carro.

— Tove.

“Não posso falar agora, meu amor.”

Acaba de passar rapidamente no apartamento de Axel Fågelsjö.

“Onde podem estar Axel Fågelsjö e Anders Dalström? Com certeza, juntos.”

As palavras de Sven Sjöman:

— Se Anders Dalström levou Fredrik Fågelsjö para o castelo, ele também poderá ter levado Axel Fågelsjö para lá. Zeke e Malin, corram o mais rápido possível. Falem com Katarina Fågelsjö e com outros envolvidos. Anders Dalström pode ser muito perigoso, e nós precisamos prendê-lo logo.

— Mamãe, gostaria de saber se...

Malin escuta a voz da filha enquanto corre para o carro. Não chega a ouvir o que ela diz, mas fala:

— Tove, vou ter de desligar.

Desliga o telefone na cara de Tove. Segundos depois, quer voltar a ligar. Tem de se desculpar por tudo o que aconteceu naquela noite em que ela foi ao apartamento e Malin deixou que ela fosse embora. Quer dizer que se sente a pior mãe do mundo. Quer pedir perdão por não conseguir ser uma pessoa normal.

Do outro lado da Drottninggatan, está o parque da Associação de Jardinagem no escuro e sob uma chuva torrencial. A visão do horizonte está limitada. Ela pensa em Tove, gostaria de saber o que ela queria. Sabe que tem de ligar de volta. “Talvez ela precise de mim agora.” Mas, em vez de telefonar, Malin diz:

— Pisa no acelerador, rápido. Estamos com pressa.

Os faróis do carro procuram persistentemente pelo asfalto encharcado, ao longo da Drottninggatan.

O celular de Malin toca novamente. “Tove? Não agora.” Mas o número no visor é diferente.

— Malin!

— Aqui é Johan Stekänger.

O advogado. O administrador do espólio de Jerry Petersson. Aquele que encontrou o corpo de Fredrik Fågelsjö.

— Quero apenas contar que o castelo foi vendido ontem, pelo dobro do preço que Jerry Petersson pagou. O pai dele aceitou a oferta.

— Quem comprou?

— Isso eu não posso...

— Você não está impedido de dizer nada.

— Eu...

— Vamos, diga logo — insiste Malin. — Caso contrário, vou ficar no seu pé enquanto você viver, está bem? Vamos lá, quem comprou?

— O próprio Axel Fågelsjö. Quem mais poderia ser? Nós assinamos ontem. Ele recebeu as chaves do portão de entrada como um gesto simbólico. Já recolhemos todos os pertences de Jerry Petersson em um depósito e as peças de arte foram para a galeria Bukowski. Fågelsjö riu ao receber as chaves, dizendo que guardara consigo vários pares de chaves. Não creio que Petersson tenha trocado as fechaduras.

— Ele comprou de volta o castelo — diz Malin.

Zeke não tira as mãos do volante. Olha fixamente em frente, para a estrada. Estão saindo do centro da cidade e entrando na escuridão do campo.

— As negociações andaram rápido.

— Um velho guerreiro — diz Malin, à medida que o carro avançava bem acima de todos os limites de velocidade, em direção ao castelo.

Eles devem estar lá.

Prados.

Florestas.

O que estará acontecendo por lá? O que faz escurecer a mente das pessoas? O que leva as pessoas a fazer coisas difíceis de serem descritas? Como os assassinatos por honra que tiveram de investigar antes deste caso.

O que leva uma pessoa a desligar uma chamada da sua filha? Malin fecha os olhos. Recorda a figura de Tove deitada no chão de uma sala, nas mãos de uma louca. Vê uma vítima de estupro, sentada numa cadeira, num canto escuro de um quarto esquecido por Deus, num hospital esquecido por Deus.

Tove Fors.

Fredrik Fågelsjö.

Anders Dalström.

Jerry Petersson.

“Eu sei o que une vocês.

“Posso fazer alguma coisa por você, Tove. Por mim. Por nós.

“Se eu não conseguir amá-la, então, ninguém vai conseguir amar na vida.”

O carro deles é o primeiro a chegar ao local. O castelo ergue-se do solo escuro como uma arca de todos os sentimentos que os seres humanos já viveram.

Os postes de luz esverdeada estão acesos, iluminando com uma mancha verde as águas do fosso. Ou será que a mancha vem das próprias águas?

Não há carro nenhum na encosta da entrada.

Malin corre para os portões, tenta abri-los, mas estão trancados.

“Que inferno!

“Eles não estão aqui.”

Zeke chega logo depois.

— Parece que eles não estão aqui — sussurra ele. E Malin pergunta-se por que ele está falando tão baixo.

— Que inferno! Tinha certeza de que eles estariam aqui.

O silêncio em volta é total, com exceção do som da brisa batendo nas árvores.

— Ele poderá ter aberto os portões e, depois, fechado com as chaves de Fågelsjö — diz Malin.

— Vamos dar uma volta — diz Zeke.

Eles aceleram, apressam o passo pelos fundos da construção e chegam à capela, que está deserta e também trancada. A chuva cai forte sobre suas capas, mas Zeke movimenta-se devagar, sem fazer muito ruído, à frente de Malin.

Ambos andam em frente, sem fazer barulho.

“Onde está o carro?”, pensa Malin. “Eles têm de estar aqui.”

Contornam a esquina do castelo e, de repente, ouvem o barulho de um carro que chega. Talvez seja uma viatura subindo a encosta de entrada. Mas, no mesmo momento, veem uma luz, um pequeno facho de luz que vem de uma fenda quase coberta que deve dar para o porão.

Os dois se entreolham.

Fazem um sinal, enxugam os rostos da água da chuva e correm para a frente do complexo, ouvindo o barulho dos seus pés batendo no cascalho do caminho.

Logo veem três policiais de uniforme saindo de um carro, iluminando uma porta.

— A porta! — grita Malin. — Eles podem estar lá dentro. No porão.

Em segundos, os três homens se lançam contra o portão, mas todos os esforços se revelam infrutíferos.

— Impossível — diz um deles.

Malin dá ordem para recuarem, tira a pistola do coldre do ombro e abaixa-se ao lado da escada de acesso à porta. Não se preocupa com os ricochetes e dispara contra a fechadura escura de ferro, que já tem, certamente, vários séculos de vida. Despeja alguns cartuchos da arma e a fechadura se despedaça, cai nas pedras da escada.

Malin é a primeira a entrar.

Corre pelas diversas salas.

A cozinha brilha como um matadouro branco até mesmo no escuro.

Desce até o porão. Espera ver Axel Fågelsjö lá embaixo, junto com Anders Dalström. Especula: “Como estará a cena do crime?”.

O porão está escuro e gelado. Ela tem dificuldade em respirar. Sente a presença dos outros atrás de si. Sente seus medos. Ouve seus passos batendo com ritmo no chão de pedra. Ela avança, agachada, empurra com um pontapé a porta do que deve ter sido antes uma prisão. “Foi aqui que os soldados russos ficaram presos antes de serem emparedados no fosso?”

Passam por uma, duas, três salas. Todas vazias.

Então, uma quarta porta.

Luz vinda de dentro.

Malin gira a maçaneta.

“O que será que eu vou ver agora?”

Abre a porta.

72

“Ele ainda está aqui?

“Bettina, é você?

“Não, mas será que ele ainda está aqui?

“O que ele disse?

“Não entendi.

“Alguém está se aproximando. É ele que está voltando?

“Tirou seus dedos malcheirosos das minhas narinas, mas o trapo na minha boca ainda está no mesmo lugar. Já não corta mais os meus lábios.

“As cordas prendem meus pulsos e braços. Mexo o corpo para lá e para cá e quero que ele volte logo. Quero me encontrar com você, Bettina.

“Mas será que é isso mesmo que eu quero?

“Quero ficar. Sei o que tenho de fazer. Sinto que a luz está voltando agora aos meus olhos. Ouço que há uma porta que se abre. É a morte ou a vida que chega?

“Poupem-me. Sou uma boa pessoa.”

A sala está banhada com a luz de um holofote pendurado do teto.

Malin olha para ele.

Está sentado em uma cadeira, quieto, no meio da sala. O sangue escorre da sua cabeça e das suas narinas.

Axel Fågelsjö.

Sozinho. Nada de Anders Dalström.

Axel Fågelsjö. Não tão imponente agora. Malin acha que não importa se ele está vivo ou morto, mas ainda hesita, diante dele. Avança cautelosamente. Estará morto? Ou ainda vive?

O corpo de Axel Fågelsjö parece estar se derretendo e se fundindo com as pedras que estão abaixo dele. O sangue parece estar sendo sugado pelas paredes do castelo. Ela pode sentir o coração da história batendo e bombeando uma estranha canção para as suas veias.

Está diante de Axel Fågelsjö.

Baixa a mão no seu ombro.

Ele olha, com um olhar que parece tentar enxergar.

Malin faz sinal para os outros entrarem na sala. Não há mais ninguém. Onde estará Anders Dalström?

Axel Fågelsjö estremece.

Tosse. Quer que lhe tirem o trapo da boca.

Malin olha em volta para se certificar de que não há mais ninguém. Coloca a pistola sobre uma pedra. Zeke está ao seu lado, quase respira no seu pescoço.

Ela tira o trapo da boca de Axel Fågelsjö, enquanto um dos policiais fardados corta as cordas dos pulsos e dos tornozelos.

Ele levanta os braços como se tivesse adquirido, estranhamente, uma nova força.

Balança as pernas.

Sua blusa ensanguentada está rasgada. Malin nota como a gordura do seu corpo balança.

Ele se levanta, fica em pé.

Olha Malin de cima para baixo.

— Aquele maldito não se atreveu — diz Axel Fågelsjö. — Ele não se atreveu.

Ele se atreveu, sim, meu pai.

Mas não pôde, não quis.

Estou vendo você, sentado de novo. Sem ação. Não faz muito tempo estava sofrendo de todos os pavores, com aquela sensação especial que é tudo o que existe na fronteira entre a vida e a morte.

Estava lá há pouco tempo. E agora foi chamado, novamente, à vida. Mas aprendeu alguma coisa, pai?

Não creio.

Fui enterrado há alguns dias, pai, mas com isso você não se importa. Nem pensa nisso. Ou pensa? O túmulo da família está pronto, na capela.

Há tanta coisa que eu não sei a seu respeito, pai. Neste momento, Malin Fors e Zacharias Martinsson estão à porta, falando com o chefe e discutindo onde pode estar Anders Dalström.

Vocês estão perto, Malin, mas o espetáculo ainda não terminou. Restam apenas mais alguns momentos de escuridão e claridade.

Já encontraram a faca com o emblema no cabo. A faca que encheu de buracos o meu corpo. Karin Johannison vai relatar, dentro de alguns dias, que foi essa mesma faca que causou os meus ferimentos.

Eu fico no meu espaço, caindo de um lado para o outro, divertindo-me com o desenrolar inevitável dos acontecimentos, e vendo o seu final se aproximando. É bom que chegue ao fim, para que um novo começo possa surgir.

Existe uma justiça na minha situação. Destruí amizades e muitos amores. E não assumi nenhuma responsabilidade por isso.

Mas, agora, onde estará ele? Anders Dalström?

Você sabe onde ele está, Malin, não sabe?

Malin agacha-se diante de Axel Fågelsjö, que voltou a se sentar na cadeira, no mesmo momento em que Waldemar Ekenberg e Johan Jakobsson chegam ao porão.

Axel Fågelsjö limpa cautelosa, mas resolutamente, o sangue do seu rosto com movimentos lentos. E declara:

— Ele não se atreveu. O monstro. Mas me quebrou alguns dentes.

— Ele disse alguma coisa quando foi embora?

— Não.

— Você sabe para onde ele foi?

— Não. Mas para onde um cara como ele pode ter ido?

O homem na frente dela ocupa um espaço enorme na cadeira. O olhar é de cansaço, mas, mesmo assim, a voz é firme ao dizer:

— Quando os animais estão para morrer, eles vão para os lugares onde estiveram antes e que acham ter significado especial.

— Ele estava com uma espingarda?

— Como é que você acha que ele conseguiu me trazer aqui embaixo?

— Quer dizer que você estava aqui quando ele chegou?

— Não, eu estava no apartamento, mas tencionava vir para cá quando ele chegou. Estava na hora de voltar para casa.

Malin levanta-se, vai para junto de Zeke e, sem falar com Johan, Sven ou Waldemar, grita:

— Zeke, venha comigo! Eu sei onde ele está.

Zeke segue-a, sem perguntar nada. Ambos correm para o carro, passando por cima do fosso, no qual a água parece ferver com

bolhas esverdeadas na superfície. A chuva continua a cair torrencialmente, mas logo eles estão sentados no Volvo e partem a toda a velocidade, atravessando a escuridão entre as propriedades laterais. Imaginam ver fantasmas flutuando irrequietos do lado de fora das janelas do carro.

Malin e Zeke seguem em silêncio.

Atrás deles, outros carros com as luzes vermelhas ligadas.

A sirene está desligada.

O barulho da chuva, do vento e dos motores domina a floresta e o prado laterais.

Passam pela casa de Linnea Sjöstedt, de cuja janela sai uma luz fraca.

Passam pela casa da festa de Ano-Novo. Viram uma, duas, três vezes. Chegam à curva íngreme e passam pelo prado, onde o carro guiado por Petersson e com os outros ocupantes capotou. Dois corpos voando pelos ares. A tranquilidade daquela noite deve ter sido interrompida com o som de metais e ferragens se contorcendo e os dois corpos sendo retalhados, sem condições de recuperação e salvação.

Um carro sai do asfalto e entra em uma estrada de terra batida.

A chuva cai incessante, quase uma parede branca diante da luz dos faróis.

Lá longe, dentro do campo, entre a luz e as trevas, está um homem com uma espingarda nas mãos.

73

A luz e o som.

Os carros, um jogo de cascatas de cores.

“Eu não consegui matar o velho, mas matei o filho dele. Isso eu consegui e me fez sentir maravilhosamente bem.

“Fiz isso.

“Jerry Petersson. Não era minha intenção matá-lo. Mas será que alguém poderá dizer qualquer outra coisa senão que ele merecia acabar como acabou?

“Está na hora de eu desaparecer. Isso é tudo o que me resta fazer. E este é um bom lugar para eu me esconder, não acha, Andreas?

“Se está aqui, então, nada melhor. Mostre-me. Então, eu fico. A ver, direto, os rostos das serpentes amarelas.”

A luz.

Os carros.

“Gritos e pessoas. Aquela que se movimenta em minha direção, como uma silhueta na campina encharcada.

“Não consigo ver o rosto dela.

“Mas sei que não é você, Andreas.”

Saem do carro.

— Eu vou assumir daqui pra frente, Zeke.

A figura lá fora no campo parece tremer, exatamente como nas imagens da sua vida. Os longos cabelos negros, como um chicote ao vento.

Na mão, a arma. Uma espingarda.

Malin já empunha a pistola, pela segunda vez nesse mesmo dia.

Estão bem perto daquele que caçam.

Maldade, confusão, medo, tudo à vista.

Ele mantém a arma ao longo do corpo.

Os outros dão cobertura atrás dos carros. A voz de Sven, preocupado, excitado, mas também cheio de certeza:

— Não posso detê-la, impedir que faça o que sabe fazer.

Malin avança pelo campo em direção ao homem. Quanto mais se aproxima, mais contorcida fica sua expressão facial, o sofrimento nos seus olhos. “É como se ele não estivesse me vendo”, pensa Malin. “Sozinho, sob a chuva e ao vento, é como se o seu olhar procurasse por alguma coisa de que, há muito tempo, sente falta.”
“Vejo apenas tudo escuro.

“Sinto apenas as serpentes arrastando-se dentro de mim, ouço apenas seus chiados. Sinto as surras do meu pai, ouço seus silvos quando me perseguem.

“Você não está aqui, Andreas.

“Para mim, já chega, não tenho mais nada a fazer aqui. E a chuva gelada que encharcou as minhas roupas nunca mais vai parar, nem tampouco a escuridão.

“Olho para a luz e para a pessoa que vem em minha direção. Ela parece estar gritando, mas eu escuto apenas um agitado sussurro. Como se ela quisesse me dizer alguma coisa importante.

“Eu estou me lixando para ela. Acho melhor enfiar o cano da espingarda na minha boca e apertar o gatilho, tal qual você fez

tantas vezes com o seu dedo, pai, antes do seu olho estragar.

“Eu a vejo, agora, na minha frente.

“Mas eu não vejo você, Andreas. Você não está aqui.”

Ele levantou a arma para a sua boca.

O dedo está no gatilho. Colocado cautelosamente, mas sem hesitação.

— Não faça isso! — grita Malin. — Isso não vai melhorar em nada a situação.

Quando grita, passa um forte golpe de vento pelo prado, produzindo ruídos secos.

“Ele vai disparar”, pensa Malin.

Mas Anders Dalström não pressiona o gatilho. Em vez disso, encara-a, e os seus olhos adquirem uma expressão calma, tranquila, diante do que vai acontecer. Malin grita, novamente:

— Existem outros caminhos. Sempre existem.

De repente, o tempo volta para trás. Ela vê Tove e Janne diante de si. Os dois estão sentados em frente à televisão, em casa, perto de Malmslätt, e esperam que ela chegue para amá-los. Deve ser isso. “Eles sentem falta desse meu amor. Eu gostaria de saber o que me impede de lhes dar todo esse amor que sinto.”

— Não faça isso.

“A minha voz é agora uma oração.

“Não faça isso.

“Existe sempre um caminho pela frente.”

“‘Não faça isso’, grita ela para mim. Agora, eu escuto.

“Mas eu quero fazer isso, sim. Vejo tudo escuro. E, no meio da escuridão, há um carro que capota, dá muitas voltas, um desastre que termina em morte.

“Diga-me, por que devo ficar por aqui?

“O cano está frio, duro. Gosto de metal e de ferro.

“Vou fazer o mesmo agora.

“E a boca da mulher continua a se mexer, mas não sai nenhuma palavra. O que eu estou ouvindo? De quem é essa voz? O que diz?”

Faça isso, sim. Faça.

Maldito covarde! Faça!

Aperte o gatilho e termine logo esta história.

Claro que era eu que guiava o carro, mas o que importa agora? A sua vida não existia antes. E, depois, arranjou um motivo para acreditar na sua própria miséria e nunca mais saiu da casca.

Uma situação sem esperanças. Um caso perdido.

Portanto, faça, faça, faça isso agora, agora, agora.

“Vá, vá, vá embora.”

Anders Dalström passa a sacudir os braços no ar, quer afastar aquela voz sem esperanças e tudo o que ela diz, apesar de isso ser exatamente o que ele mais quer ouvir.

“Faça isso.”

“Quieto aí, agora, sentado na cadeira. Sou eu que mando, tenho a régua na mão. Abra os dedos.”

“Peguem-no agora. Peguem-no!”

“Faça isso.”

“Vou fazer, vou fazer. Mas será que consigo?

“Desapareça!

“Eu quero fazer por vontade própria.”

“Faça isso”, diz a voz. “Não faça”, diz outra, “não faça. Mas de quem é o rosto à minha frente?”

“Ele olha para o nada, como se olhasse dez centímetros ao lado do meu rosto”, pensa Malin.

“Já sei o que você procura”, pensa. E diz:

— Ele está aqui. Quer que você pare.

Anders Dalström fica quieto, para de tremer, exatamente como se o filme da sua vida tivesse terminado. Mexe os lábios, mas Malin não consegue entender as palavras. O som inarticulado que parece vir do cano da espingarda está dirigido para outro alguém.

O dedo ainda continua no gatilho.

As trevas atrás dele é como se formassem uma parede.

O que existe nessas trevas?

“Andreas? É você aí? É você aí?

“É mesmo o seu rosto que flutua diante do dela? No rosto dela? Como o rosto dela.

“O que está dizendo?”

“Anders, sou eu, mas muito mais do que isso”, diz a voz. “É a mim que deve ouvir. A ninguém mais.

“Eu não quero vê-lo aqui.

“Não.

“Você ainda não está pronto. As serpentes vão desaparecer. Eu prometo.

“A vida que vai viver talvez não seja tão fácil, nem será uma vida invejável, mas vai ser a sua vida.

“Está vendo o meu rosto. Sou eu. Não é verdade? Tire esse cano da boca. Caso contrário, sou eu que vou desaparecer.”

“É você, Andreas.

“E você me pede para não fazer isso.

“Vou fazer o que diz. Como poderia fazer outra coisa?”

Não faça isso. As lâminas do cortador de grama, enfim, já pararam, ficaram em silêncio. Deixaram de me perseguir. E um dia, por alguma razão, o amor voltará a habitar o meu coração, o amor que eu sempre procurei ter e do qual sempre fugi.

Então, não faça isso.

Para o meu bem. Para o bem de Katarina. Para o bem de todos.

Malin vê como Anders Dalström, lentamente, retira o cano da boca. Depois, com um gesto brusco, joga a espingarda no chão, para a terra encharcada do prado. Ergue os braços e olha nos olhos de Malin.

“O que você está vendo?”, pensa Malin.

“Eu?

“Ou outra pessoa?”

Então, ela aponta a pistola para o homem à sua frente.

Sente a chuva entrar pelo colarinho, chegar às suas costas. Escuta passos atrás de si.

Vê dois policiais fardados se aproximando de Anders Dalström, puxando seus braços para trás e sorrindo. Um sorriso, enfim, de tranquilidade.

Um braço pousa no ombro dela.

A voz de Zeke ao seu ouvido:

— Você é louca, Malin. Louca mesmo.

EPÍLOGO

Linköping, Sävsjö, novembro

Aquele que vê e ouve pode nos ouvir.

Estamos todos aqui, todos nós, rapazes, capturados pelo tempo.

Flutuamos ao redor de vocês.

Existimos em toda a parte e em lugar nenhum.

Temos a mesma voz, Jerry, Andreas e Fredrik. Somos um coral, que está além do seu entendimento.

O homem lá embaixo, na cela da cadeia, está sozinho. Em breve, será levado ao tribunal para ouvir a sua condenação.

Ele jamais poderá se sentir só, visto que sabe quem ele é. E por que fez o que fez.

O assassino poderá ser invejável. Por estranho que pareça.

Mas muitas coisas são estranhas.

E poucos são aqueles que sabem ver e ouvir.

Poucos são aqueles que se atrevem a acreditar.

Malin olha em volta da sala. Um sentimento de instituição domina o jardim do centro de estudos transformado em lar de reabilitação para os alcoólatras que ultrapassaram uma espécie de fronteira da decência.

Seis semanas lá.

Sven Sjöman foi irredutível.

— Vou tirá-la do serviço ativo. Pedirá licença médica e, depois, vai para essa casa de reabilitação.

Ele apontou para uma brochura em cima da mesa, aquele horrível livrinho virado para ela.

Como se fosse a publicidade de uma viagem de recreio.

Bancos pintados de amarelo em torno de uma casa secular bem cuidada. Na foto, bétulas em flor.

Neste momento, só há neve. A chuva do fim do outono foi transformada em bonitos cristais de gelo.

— Eu vou.

— Não tem escolha, se quiser continuar na polícia.

Ela telefonou para Janne. Explicou-lhe a situação, o que Sven queria que ela fizesse. Ele não pareceu surpreso. Talvez ele e Sven

tenham conversado a respeito.

— Sabe que está com um problema, não é?

— Sim, eu sei.

— Que é uma alcoólatra.

— Eu sei que não posso controlar a bebida, sim. E que eu devo...

— Tem de parar de beber, Malin. Não pode beber nem mesmo uma gota.

Janne deixou que ela se encontrasse com Tove. Foram comer qualquer coisa em Tornby. Depois, correram para a loja H&M e compraram roupas novas para as duas. Na hora do café, Malin pediu desculpas. Disse que ficara louca nos últimos tempos. Contou que iria procurar ajuda, como se isso fosse uma novidade para Tove.

— Ficará fora tanto tempo?

— Poderia ser ainda pior.

Malin quis chorar, mas viu que Tove se manteve firme. Foi assim mesmo?

Era como se houvesse uma pessoa já adulta na frente de Malin. Uma pessoa conhecida, mas estranha, uma pessoa que se modificou. Ambas enfrentaram o caos da loja, compraram o que queriam e tentaram não ficar tristes. Nesse dia, elas fizeram todas as coisas que mãe e filha podem fazer juntas.

Tove diz:

— Vai ser bom para você, mamãe. Precisa de ajuda.

“É assim que fala uma menina de 15 anos?”

— Eu vou ficar bem. Você também precisa tentar ficar bem.

Doente, aos olhos de Tove. Mas, de fato, existe algo de doentio naqueles pais que abandonam os seus filhos.

— Vou voltar para casa antes do Natal.

Mas o lugar...

Sentar-se em grupo e falar de como se pode ficar com sede, com vontade de beber.

Ter uma conversa particular com alguém que não consegue fazer com que uma pessoa se abra.

Confessar que é uma “alcoólatra”.

Sentir a falta de Tove em um nível que dá para enlouquecer. Sentir tanta vergonha que dá vontade de arrancar a própria pele. Tentar arranjar uma maneira de dominar a vergonha.

Abraços de despedida diante da casa de Malmslätt ao deixar Tove na porta. Janne atrás do vidro da janela da cozinha, no escuro.

— Cuidado. Não deixe que nada aconteça com você. Isso me mataria.

— Não diga isso, mãe. Não diga uma coisa dessas. Eu sei me cuidar.

Malin não sente a falta de Janne. A falta de não sentir falta é a melhor coisa que lhe poderia acontecer no momento.

Quem quer ficar sentado falando dos seus comportamentos destrutivos? Os seus monstros, aquilo que dispara a sua sede. As suas recordações.

Esqueça as recordações.

“Não quero, não quero, não quero saber.”

Sonhos de um rapaz sem rosto. De segredos.

Mentiras. Ditas justo na cara de pessoas bem-intencionadas. Noites de insônia, sonhos de serpentes perseguidas pelas lâminas de cortadores de grama em cloacas cheias de cadáveres de ratos de barrigas azuladas.

“Isso significa um fim para os mortos, mas não para mim. Ou significa?”

As imagens nos sonhos são em preto e branco, tiradas por uma câmera Super-8. De vez em quando, surge um garoto nas imagens, um garoto que corre em um outro gramado, não aquele que ela viu, na parede do quarto de Anders Dalström.

“Ontem, fiquei sentada com os outros. Disse, claramente, as palavras certas:

“Eu sou uma alcoólatra.

“Meu pai telefonou.

“Ele soube por Janne onde eu estava. Preocupou-se. Ninguém atendeu no apartamento nem no celular. Mas agora não se mostrou preocupado, antes pareceu aliviado. Até ele.”

— Você não estava bem durante a sua visita.

“O que você esconde de mim? O que vocês escondem? O que eu não sei? Vocês vão levar esse segredo para o túmulo? É isso?

“Vocês escondem o motivo de eu estar aqui sentada em uma sala de uma instituição de reabilitação, olhando para um tapete limpo?”

Malin encolhe-se na cama encostada à parede. Encolhe as pernas e pensa em Maria Murvall, vendo-a deitada em outra cama, em outro quarto.

“O que este mundo quer de nós, Maria?

“Eu vou voltar para casa antes do Natal. Sei que vou deixar de beber. Vamos ter um Natal tranquilo. Preciso me manter calma.”

O sofá na sala de televisão é de tecido esverdeado.

Malin está sozinha. Nenhuma das outras mulheres com o mesmo problema está interessada nos grandes acontecimentos do dia.

O julgamento de Anders Dalström começa hoje. Com o interrogatório do réu. Ele falou das serpentes que existiam dentro de si, de como elas saíram do seu corpo quando matou Jerry Petersson. Falou da tranquilidade que sentiu e que tornou tudo fácil

na hora de matar Fredrik Fågelsjö, mas que as serpentes se recusaram a agir com violência contra Axel Fågelsjö.

Anna, a mulher de Börje Svärd, morreu no início da semana, acabou sem forças para respirar. Malin telefonou para Börje, mas ninguém atendeu. Não tentou mais. Sabia que ele iria manter consigo o cachorro de Jerry Petersson. Só Deus sabe qual era o nome dele.

Ela bebe mais um gole de chá que acabou de buscar na cozinha.

Olha pela janela. A mesma escuridão de antes.

Então, apareceu uma vinheta do programa *Rapport* e a voz de uma mulher anuncia enquanto aparecem algumas imagens:

“O homem que confessou o crime de duas pessoas em Linköping, no outono passado, e o sequestro de uma terceira, foi assassinado hoje durante um ataque ao tribunal da cidade. Um homem identificado como vítima do sequestro e pai de um dos assassinados conseguiu entrar, de forma ainda desconhecida, no tribunal, com uma espingarda de caça de cano cortado e...”

Malin fica pálida.

Deixa cair o chá sobre os joelhos, mas nem sente o calor do líquido. Não tira os olhos do monitor.

Vê as imagens do tribunal.

O tumulto.

Ouve o disparo. Os gritos.

Depois, vê o rosto de Axel Fågelsjö com as cicatrizes recentes.

A cabeça pressionada contra o chão do tribunal por dois policiais.

A expressão do rosto é de convicção, força de ação, solidão e tristeza.

É um rosto. Não uma máscara.

“Você fez isso”, pensa Malin. “Eu compreendo a sua atitude.”

Relembra o monstro sobre Tove. Prestes a asfixiá-la.

“Se um pai não age em defesa da criança que viu nascer, quem poderá fazê-lo?

“A minha missão é defender Tove.

“Existe um lugar neste mundo para mim”, pensa Malin. Por fim, sente que tudo se resolverá e ficará bem.

© Mons Kallentoft, 2009
© da tradução: Jaime Bernardes
Título original: Höstoffer
Publicado originalmente por Bokförlaget Natur och Kultur, Suécia.
Publicado mediante acordo com Nordin Agency, Suécia.
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte e capa: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix
Preparação: Maísa Kawata
Revisão: Mônica Reis e Tulio Kawata
Diagramação: Antônio Kehl
Capa: adaptada do projeto original de Niklas Lindblad
Imagem da capa: Eva Lindblad/1001bild.se
Versão Digital: Cristina Figueira
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
K22s
Kallentoft, Mons, 1968-
Sangue no outono / Mons Kallentoft ; tradução do sueco Jaime Bernardes. - 1.
ed. - São Paulo : Benvirá, 2013.
496 p. ; 23 cm.
Tradução de: Höstoffer
ISBN 978-85-8240-052-4
1. Romance sueco. I. Bernardes, Jaime. II. Título.
13-00889 CDD: 839.73
CDU: 821.113.6-3
1a edição, 2013
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.
Todos os direitos desta edição reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.